



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA – UFPB  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – CCSA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – PPGCI  
DOUTORADO

**HISTORIOGRAFIA E EPISTEMOLOGIA NO CAMPO DA CIÊNCIA DA  
INFORMAÇÃO: Um olhar sobre a literatura brasileira**

TIAGO JOSÉ DA SILVA

João Pessoa-PB

2019

TIAGO JOSÉ DA SILVA

**HISTORIOGRAFIA E EPISTEMOLOGIA NO CAMPO DA CIÊNCIA DA  
INFORMAÇÃO: Um olhar sobre a literatura brasileira**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em  
Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba  
como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em  
Ciência da Informação.

**Linha de Pesquisa:** Ética, Gestão e Políticas de  
Informação

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Isa Maria Freire

João Pessoa-PB

2019

**Catálogo na publicação**  
**Seção de Catalogação e Classificação**

S586h Silva, Tiago José da.

HISTORIOGRAFIA E EPISTEMOLOGIA NO CAMPO DA CIÊNCIA DA  
INFORMAÇÃO: Um olhar sobre a literatura brasileira /  
Tiago José da Silva. - João Pessoa, 2019.  
206 f. : il.

Orientação: Isa Maria Freire.  
Tese (Doutorado) - UFPB/CCSA.

1. Ciência da Informação - Epistemologia. 2. Ciência da  
Informação - Historiografia. 3. Ciência da Informação -  
Estudos métricos. 4. Ciência da Informação -  
Comunicação científica. 5. Estudos históricos e  
epistemológicos. I. Freire, Isa Maria. II. Título.

UFPB/BC

TIAGO JOSÉ DA SILVA

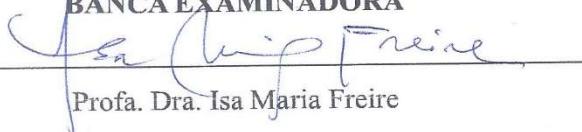
**HISTORIOGRAFIA E EPISTEMOLOGIA NO CAMPO DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO:**  
Um olhar sobre a literatura brasileira

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Ciência da Informação.

Linha de Pesquisa: Ética, Gestão e Políticas de Informação

Aprovada em: 20/05/2019

**BANCA EXAMINADORA**



---

Profa. Dra. Isa Maria Freire

Orientadora – UFPB

---

Prof. Dr. Edivânio Duarte de Souza

Membro interno – UFPB

---

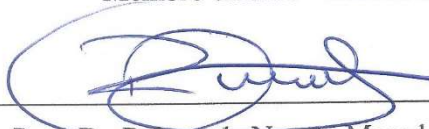
Prof. Dr. Gustavo Henrique de Araújo Freire

Membro interno – UFPB

---

Prof. Dr.<sup>a</sup> Lena Vania Ribeiro Pinheiro

Membro externo – IBICT/UFRJ



---

Prof. Dr. Raimundo Nonato Macedo dos Santos

Membro externo - UFPE

A Deus, que me indicou qual caminho seguir: sem Ele eu nada seria.

À minha família, que sempre esteve comigo em todo estágio da minha vida, dando-me incentivos em tudo.

À minha mãe, Edneuza Anacleto, que me apoiou incondicionalmente em todas as decisões de minha vida.

Ao meu pai, José Silva, que se orgulha do primeiro filho que entrou na faculdade apesar de todas as adversidades.

Aos meus irmãos Tatiane, Tânia, Raquel, Edna e Timóteo.

Às minhas avós Emília e Maria, que nunca se cansaram de orar por mim.

**Dedico!**

## **AGRADECIMENTOS**

Para realizar um sonho, objetivo de vida, contamos com pessoas iluminadas, colocadas na nossa vida por Deus, pois sozinho é praticamente impossível atingir os alvos que delimitamos como realização pessoal, profissional e emocional. Nessa perspectiva, fazer uma pesquisa de doutorado não é uma tarefa fácil, exige várias contribuições de pessoas que estão ao nosso redor. Algumas ajudas partem de indivíduos que menos esperamos, demonstrando o amor de Deus para conosco nos momentos mais atribulados. Dessa forma, meu coração se irradia para agradecer a algumas pessoas que foram deveras importantes na realização dessa tese, sem contar com a ajuda do Ser Supremo regendo toda a orquestra de nossas vidas.

Primeiramente, quero agradecer ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba – PPGCI/UFPB pela oportunidade de desenvolver essa pesquisa, pela formação a mim fornecida nas pessoas de seus docentes e ao apoio técnico por meio de seus servidores.

Dentro desse contexto, agradeço a minha querida orientadora, Dr.<sup>a</sup> Isa Maria Freire, pela paciência, pelos ensinamentos, pela experiência vivida ao longo desses quatro anos de curso, fatos que me fizeram mudar quanto pessoa, fortalecendo-me a partir das minhas convicções: – Obrigado, professora Isa, pelo aprendizado!

Quero agradecer a banca avaliadora que disponibilizou horas de seu valioso tempo para contribuir com sugestões, aprimorando os resultados alcançados. Banca esta composta pelos professores Dr. Edivânio Souza e Dr. Raimundo Santos que também participaram da banca de qualificação dessa pesquisa, dando contribuições a essa pesquisa, as quais poderão ser percebidas nessa tese. Sinto-me honrado também em poder contar com a colaboração dos professores Dr. Gustavo Freire e Dr.<sup>a</sup> Lena Vânia Pinheiro. Ainda pude contar com a disponibilização da professora Dr.<sup>a</sup> Vania Mara Rodrigues Hermes de Araújo e Murilo Artur Araújo da Silveira. Uma banca composta por professores que são referências acadêmicas para a minha pessoa.

Agradeço ao professor Henry Pôncio, coordenador do PPGCI-UFPB, pela presteza que sempre me atendeu, além do valioso aprendizado em disciplina cursada no âmbito do programa. Aproveito para reforçar minhas estimas aos demais membros do corpo docente do referido programa. Ao secretário do programa, Franklin Kobayashi, pois sempre atenciosamente me atendeu, dirimindo as dificuldades administrativas que apareceram ao longo do curso.

Fazer o doutorado e trabalhar ao mesmo tempo, quando não se conseguiu a liberação por questões administrativas da entidade à qual se está vinculado, envolve um esforço muito

grande, o que leva, em alguns momentos, à exaustão física, cognitiva e emocional. No entanto, para superar essas dificuldades, alguns amigos foram de suma importância para mim, cujas contribuições permitiram que eu desenvolvesse essa pesquisa, principalmente no último ano.

Sendo assim, agradeço a Flavia Lima pelas imensas cooperações dadas, sem as quais o gerenciamento do tempo seria indiscutivelmente difícil para mim: – Minha amiga, agradeço a Deus pela sua vida! Muito obrigado por tudo!

Agradeço a alguns amigos de lutas que deram apoio indispensável em todos os momentos que eu precisei: Ana Lúcia Eustáquio, Marcilania Barbosa, Juliana de Fátima, Sônia Coimbra (Meu Amor), Marisa Moreira, Maria José de Andrade e Valéria Pires, assim como os meus colegas da Escola Monsenhor Fabrício e Escola Coronel Valeriano Eugênio de Melo. – Sou muito agradecido ao apoio de todos vocês!!!

Nessa jornada, pude contar com o apoio dos meus amigos Gabriela Ortega, Liana Lopes e Erinaldo Dias, amigos-irmãos que com suas palavras me mantiveram motivados durante esse período: – Amo vocês do fundo do meu coração! Nesse intuito, agradeço a minha turma de curso, 2015, em especial a Geysa Flavia Nascimento e a Ana Cláudia Medeiros. Sou grato também a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Fátima Lucena pelo apoio dado durante esse tempo.

Agradecer nominalmente é um ato perigoso que pode nos causar prejuízos pessoais com os demais amigos de nossos círculos que não foram mencionados, contudo é ato indispensável em respeito a essas pessoas, sem as quais essa pesquisa não se realizaria com o afinho. Sendo assim, agradeço a todos que de forma direta ou indiretamente colaboram com a realização dessa pesquisa.

Portanto, dai a cada um o que deveis: a quem tributo, tributo, a quem imposto, imposto, a quem temor, temor, a quem honra, honra.  
(Romanos: 13.7)

### **Aguenta Firme**

Aguenta firme, não desista!  
Continue a lutar  
As crises e as dores acontecem  
Mas chega uma hora  
Aonde elas têm seu fim

Se você não desistir  
É pra minha inspiração  
Pra também permanecer  
Fiel e firme

Eu tô contando contigo  
Deus tá contando com a gente  
O céu inteiro se move  
Pra ver a gente vencer

Eu só peço ao meu senhor  
Que entre bem na minha frente  
E abençoe tua vida  
E te faça tão feliz  
Agarrado em sua presença  
Cure as tuas feridas  
E te faça vencedor  
E te dê a alegria  
De ver toda tua casa  
Derramada aos seus pés

Aguenta firme, não desista!  
Aguenta firme, não desista!

Ludimila Ferber



## RESUMO

Investiga a produção científica na temática Epistemologia e Historiografia da Ciência da Informação a partir dos Anais do Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB), de dados da Plataforma Lattes e da literatura indexada na Base de Dados da Ciência das Informação (Brapci). Identifica o coletivo de pesquisadores que dão suporte, continuidade e consistência ao trabalho epistemológico e historiográfico da área. Descreve o contexto de criação e desenvolvimento da Ciência da Informação a partir das comunicações científicas dos estudiosos desse campo científico. Verifica as relações literárias entre os pesquisadores. Trabalha os conceitos das temáticas epistemologia e historiografia da Ciência da Informação, remetendo aos autores consagrados desse domínio. Para tanto, usa o método indiciário proposto por Ginzburg (1989) e a técnica do brauseio de Araújo (1994). Também se aplicam as técnicas dos estudos métricos da informação desenvolvidos na área, para ranquear e traduzir os indícios da produção e comunicação da área. Destaca, na temática abordada, um pequeno grupo que consegue produzir mais que a maioria dos demais pesquisadores. Os resultados indicam que as relações de colaboração em artigos são feitas, na maioria das vezes, a partir da relação orientando e orientador. Pesquisadores com alunos na pós-graduação tendem a publicar mais artigos em colaboração do que os outros autores que se não encaixam nesse perfil. Projetos de pesquisa de Pós-Graduação *strictu sensu*, em sua maioria, trabalharam especificamente a temática em tela. Os resultados permitiram a descrição de perfis de pesquisadores a partir de um recorte. Conclui que as pesquisas sobre a referida temática, alinhadas aos preceitos dos estudos métricos, podem permitir o desenvolvimento de teias conceituais e metodológicas da Ciência da Informação.

**Palavras-chave:** Ciência da Informação – Epistemologia. Ciência da Informação – Historiografia. Ciência da Informação – Estudos históricos e epistemológicos. Ciência da Informação – Comunicação científica.

## ABSTRACT

This thesis research investigates the scientific production about the Epistemology and Historiography of Information Science from the communications of Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB), datas from Plataforma Lattes and the indexed literature in the Base de Dados da Ciência das Informação (Brapci). It identifies the collective of researchers who provide support, continuity and consistency to the epistemological and historiographic works of the area. It describes the context of creation and development of Information Science from the scientific communications of researchers in this field. It verifies the literary relations between the these teachers. It works on the concepts of the epistemology and historiography of Information Science, referring to the established authors of this domain. To do so, it uses the index method proposed by Ginzburg (1989) and Araújo's technique of brauseio (1994). The techniques of the metric studies of the information developed in the area are also applied, to rank and translate the indications of the production and communication of the area. In this area, a small group can produce more than most researchers. The results indicate that collaborative relationships in articles are made, most of the times, from the guiding and guiding relationship. Researchers with graduate students tend to publish more articles in collaboration than other authors who do not fit this profile. Most strictu sensu graduate research projects have mostly worked on the subject matter on the screen. The results allowed the description of the profiles of researchers from a clipping. It concludes that the research on this subject aligned with the precepts of the metric studies can allow the development of conceptual and methodological webs of Information Science.

**Keywords:** Information Science - Epistemology. Information Science - Historiography. Information Science - Historical and epistemological studies. Information Science - Scientific Communication.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> - Adaptação dos modelos de Garvey, Griffith e Hurd para um ambiente baseado nos meios impresso e eletrônico e no acesso aberto.....	<b>45</b>
---	-----------

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1</b> – Indexação de artigos por ano na Brapci .....	<b>64</b>
<b>Gráfico 2</b> – Frequência de trabalhos publicados no GT-1 no recorte temporal de 2003- 2018	<b>69</b>
<b>Gráfico 3</b> – Frequência e representação dos artigos acerca da temática indexados na Brapci no recorte temporal (2003-2018)	<b>76</b>
<b>Gráfico 4</b> – Percentual de Publicação de artigos de acordo com Estrato Qualis 2013-2016 dos periódicos	<b>87</b>
<b>Gráfico 5</b> – AUTOR A – Dispersão dos trabalhos publicados em periódicos no intervalo de 2008-2018	<b>138</b>
<b>Gráfico 6</b> – AUTOR B – Dispersão dos trabalhos publicados em periódicos no intervalo de 2004-2018	<b>139</b>
<b>Gráfico 7</b> – AUTOR C – Dispersão dos trabalhos publicados em periódicos no intervalo de 1981-2018	<b>139</b>
<b>Gráfico 8</b> – AUTOR D – Dispersão dos trabalhos publicados em periódicos no intervalo de 1969-2018	<b>139</b>
<b>Gráfico 9</b> – AUTOR E – Dispersão dos trabalhos publicados em periódicos no intervalo de 1984-2018	<b>140</b>
<b>Gráfico 10</b> – AUTOR F – Dispersão dos trabalhos publicados em periódicos no intervalo de 2005-2018	<b>140</b>
<b>Gráfico 11</b> – AUTOR G – Dispersão dos trabalhos publicados em periódicos no intervalo de 1998-2018	<b>140</b>
<b>Gráfico 12</b> – AUTOR H – Dispersão dos trabalhos publicados em periódicos no intervalo de 1995-2018	<b>141</b>
<b>Gráfico 13</b> – AUTOR I – Dispersão dos trabalhos publicados em periódicos no intervalo de 2008-2018	<b>141</b>
<b>Gráfico 14</b> – AUTOR J – Dispersão dos trabalhos publicados em periódicos no intervalo de 1999-2018	<b>141</b>
<b>Gráfico 15</b> – AUTOR K – Dispersão dos trabalhos publicados em periódicos no intervalo de 1984-2018	<b>142</b>
<b>Gráfico 16</b> – AUTOR L – Dispersão dos trabalhos publicados em periódicos no intervalo de 2007-2018	<b>142</b>
<b>Gráfico 17</b> – Publicação de artigos pelos pesquisadores na <i>timeline</i>	<b>142</b>

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> – As Edições do ENANCIB (1994-2018) .....	<b>61</b>
<b>Quadro 2</b> – Evolução histórica do GT-1 .....	<b>62</b>
<b>Quadro 3</b> – Pesquisadores mais atuantes no GT-1 (2005-2018) .....	<b>72</b>
<b>Quadro 4</b> – <i>Timeline</i> (2003-2018) de criação de periódicos indexados na Brapci ..	<b>77</b>
<b>Quadro 5</b> – Publicações por periódicos no recorte temporal de 2003-2018 .....	<b>78</b>
<b>Quadro 6</b> – Periódicos em <i>Cluster</i> .....	<b>81</b>
<b>Quadro 7</b> – Valores representativos dos periódicos de acordo com suas publicações acerca da temática .....	<b>83</b>
<b>Quadro 8</b> – Estratos Qualis 2013-2016 dos periódicos recuperados .....	<b>86</b>
<b>Quadro 9</b> – Pesquisadores mais frequentes com a temática epistemologia e historiografia nos artigos publicados em periódicos indexados na Brapci (2003-2018) .....	<b>93</b>
<b>Quadro 10</b> – Autores internacionais mais citados nos Anais do GT-1 .....	<b>101</b>
<b>Quadro 11</b> – Autores internacionais mais citados nos artigos de periódicos indexados na Brapci .....	<b>104</b>
<b>Quadro 12</b> – Orientadores dos Mestrados .....	<b>117</b>
<b>Quadro 13</b> – Orientadores de Doutorado .....	<b>120</b>
<b>Quadro 14</b> – Instituições de estágios de pós-doutorado .....	<b>121</b>

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b> – ENANCIB Trabalhos comunicados e publicados (2003-2018)	<b>68</b>
<b>Tabela 2</b> - Publicação por Instituição no GT-1 (2003-2018)	<b>70</b>
<b>Tabela 3</b> – Publicações artigos acerca da epistemologia e historiografia da Ciência da Informação	<b>75</b>
<b>Tabela 4</b> – Publicações por instituições nos periódicos (2003-2018)	<b>89</b>
<b>Tabela 5</b> – Autores mais atuantes da Ciência da Informação a partir do GT-1 e da Brapci	<b>96</b>
<b>Tabela 6</b> – Frente brasileira de pesquisa sobre a temática a partir do GT-1 e dos artigos de periódicos indexados na Brapci	<b>106</b>
<b>Tabela 7</b> – Instituições de vinculação atual dos 50 pesquisadores	<b>111</b>
<b>Tabela 8</b> – Instituições responsáveis pela graduação dos 50 pesquisadores	<b>112</b>
<b>Tabela 9</b> – Graduação dos pesquisadores do recorte	<b>113</b>
<b>Tabela 10</b> – Mestrados cursados pelos pesquisadores	<b>115</b>
<b>Tabela 11</b> – Instituições responsáveis pela titulação de mestrados dos pesquisadores	<b>116</b>
<b>Tabela 12</b> – Doutorados cursados pelos pesquisadores	<b>118</b>
<b>Tabela 13</b> – Instituições concedentes de título de doutorado	<b>119</b>
<b>Tabela 14</b> – Quantidade de pesquisadores que tiveram bolsas de pesquisa por órgão de fomento	<b>122</b>
<b>Tabela 15</b> – Artigos em regime de colaboração e autoria única no GT-1 (2003-2018)	<b>124</b>
<b>Tabela 16</b> – Artigos em regime de colaboração e autoria única nos periódicos da Brapci (2003-2018)	<b>125</b>
<b>Tabela 17</b> – Parceria entre pesquisadores no GT-1 (2003-2018)	<b>126</b>
<b>Tabela 18</b> – Parceria entre pesquisadores na Brapci (2003-2018)	<b>127</b>
<b>Tabela 19</b> – Trabalhos em regime de colaboração com orientandos	<b>128</b>
<b>Tabela 20</b> – Publicações dos 12 autores do recorte	<b>137</b>
<b>Tabela 21</b> – Abrangência dos periódicos sobre os autores do recorte	<b>144</b>
<b>Tabela 22</b> – Percentual de artigos do AUTOR A por Estrato Qualis 2016 para Periódicos	<b>146</b>
<b>Tabela 23</b> – Percentual de artigos do AUTOR B por Estrato Qualis 2016 para Periódicos	<b>146</b>
<b>Tabela 24</b> – Percentual de artigos do AUTOR C por Estrato Qualis 2016 para Periódicos	<b>147</b>
<b>Tabela 25</b> – Percentual de artigos do AUTOR D por Estrato Qualis 2016 para Periódicos	<b>148</b>
<b>Tabela 26</b> – Percentual de artigos do AUTOR E por Estrato Qualis 2016 para Periódicos	<b>148</b>
<b>Tabela 27</b> – Percentual de artigos do AUTOR F por Estrato Qualis 2016 para Periódicos	<b>149</b>
<b>Tabela 28</b> – Percentual de artigos do AUTOR G por Estrato Qualis 2016 para Periódicos	<b>150</b>
<b>Tabela 29</b> – Percentual de artigos do AUTOR H por Estrato Qualis 2016 para Periódicos	<b>150</b>
<b>Tabela 30</b> – Percentual de artigos do AUTOR I por Estrato Qualis 2016 para Periódicos	<b>151</b>
<b>Tabela 31</b> – Percentual de artigos do AUTOR J por Estrato Qualis 2016 para Periódicos	<b>152</b>
<b>Tabela 32</b> – Percentual de artigos do AUTOR K por Estrato Qualis 2016 para Periódicos	<b>152</b>

Periódicos	
<b>Tabela 33</b> – Percentual de artigos do AUTOR L por Estrato Qualis 2016 para Periódicos	<b>153</b>
<b>Tabela 34</b> – Percentual de artigos dos autores por Estrato Qualis 2016 para Periódicos	<b>154</b>
<b>Tabela 35</b> – Produção de livros	<b>155</b>
<b>Tabela 36</b> – Publicações em Anais de eventos	<b>156</b>
<b>Tabela 37</b> – Participação em bancas de avaliação	<b>157</b>
<b>Tabela 38</b> – Orientações concedidas pelos 12 pesquisadores	<b>159</b>
<b>Tabela 39</b> – Artigos em colaboração e em autoria única	<b>160</b>
<b>Tabela 40</b> – Publicações de artigos em coautoria – identificação de relação à época da publicação	<b>161</b>

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ANCIB – Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação  
BRAPCI – Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação  
Capes – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior  
CDD - Classificação Decimal de Dewey  
CDU – *Classification Décimale Universél*  
CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico  
DGP – Diretório dos Grupos de Pesquisas do Brasil (DGP)  
DRTC – *Documentation Research and Training Centre*  
EBBC – Encontro Brasileiro de Bibliometria e Cientometria  
ENANCIB – Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação  
FGV – Fundação Getúlio Vargas  
GT – Grupo de Trabalho  
IBBD – Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação  
IBICT – *Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia*  
IETEC – Instituto de Educação Tecnológica  
IFPB – Instituto Federal da Paraíba  
IIB – Instituto Internacional de Bibliografia  
ISSN – *International Standard Serial Number*  
MAST – Museu de Astronomia e Ciências Afins  
PUC-Campinas – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
PUC-PR – Pontifícia Universidade Católica do Paraná  
PUC-SP – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
RBU – *Repertoire Bibliographique Universel (RBU)*  
SciELO – *Scientific Electronic Library Online*  
UDESC – Universidade do Estado de Santa Catarina  
UEL – Universidade Estadual de Londrina  
UFAL – Universidade Federal de Alagoas  
UFBA – Universidade Federal da Bahia  
UFC – Universidade Federal do Ceará  
UFCA - Universidade Federal do Cariri  
UFES – Universidade Federal do Espírito Santo  
UFF – Universidade Federal Fluminense  
UFG – Universidade Federal de Goiás  
UFJF – Universidade Federal de Juiz de Fora  
UFMA – Universidade Federal do Maranhão  
UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais  
UFPA – Universidade Federal do Pará  
UFPB – Universidade Federal da Paraíba  
UFPE – Universidade Federal de Pernambuco  
UFPR – Universidade Federal do Paraná  
UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro  
UFRN – Universidade Federal do rio Grande do Norte  
UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina  
UFSCar – Universidade Federal de São Carlos  
UNA – Centro Universitário Uma  
UnB – Universidade de Brasília  
UNESP – Universidade Estadual de São Paulo



UNICAMP – Universidade de Campinas  
UNIRIO – Universidade do Rio de Janeiro  
UNIVALI – Universidade do Vale do Itajaí  
USP – Universidade de São Paulo

## LISTA DE SÍMBOLOS

$f/x$  – Frequência

**R** - Referência

% - Por cento

$\Sigma$  - Soma

$\sqrt{\phantom{x}}$  - Raiz quadrada

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>20</b>
<b>2 ENTRETECENDO OS FIOS CONCEITUAIS .....</b>	<b>27</b>
2.1 SOBRE EPISTEMOLOGIA E HISTORIOGRAFIA .....	27
2.2 EPISTEMOLOGIA E HISTORIOGRAFIA NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO .....	31
2.2.1 A Historiografia da Ciência da Informação .....	32
2.2.2 A Epistemologia da Ciência da Informação .....	36
2.3 A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO POR SEUS CONCEITOS .....	38
2.4 O CAMPO CIENTÍFICO .....	43
2.4.1 Comunicação científica .....	43
2.4.1.1 Periódicos científicos .....	47
2.4.1.2 Estudos bibliométricos, cientométricos e informétricos .....	49
<b>3 TECNOLOGIAS INTELECTUAIS, PARADIGMAS E INDÍCIOS .....</b>	<b>55</b>
3.1 BUSCANDO OS INDÍCIOS .....	55
3.1.1 Percurso metodológico .....	57
3.2 FONTES DE INFORMAÇÃO .....	60
3.2.1 História do GT-1 no ENANCIB .....	60
3.2.2 Brapci – Base de dados referenciais de artigos de periódicos em da Ciência da Informação .....	63
3.2.3 Plataforma Lattes – Currículos .....	65
<b>4 “O CIENTISTA É UM CAÇADOR DO INVISÍVEL” .....</b>	<b>66</b>
4.1 A BUSCA NOS ANAIS DOS ENANCIB .....	67
4.1.1 As Instituições no GT-1 .....	69
4.1.2 Os Autores do GT-1 .....	71
4.2 A BUSCA NA BRAPCI .....	74
4.2.1 Os Periódicos Indexados na Brapci que publicaram sobre epistemologia e historiografia da Ciência da Informação .....	78
4.2.2 As Instituições na Brapci .....	88
4.2.3 Os Autores na Brapci .....	93
4.3 O GRUPO DE ELITE A PARTIR DO GT-1 E DOS PERIÓDICOS INDEXADOS NA BRAPCI .....	95
4.4 O GRUPO FRENTE DE PESQUISA A PARTIR DO GT-1 E DOS PERIÓDICOS INDEXADOS NA BRAPCI .....	100
4.5 PERFIS DOS PESQUISADORES .....	110
4.6 RELAÇÕES ENTRE OS PESQUISADORES .....	124
4.7 PERFIS DOS PESQUISADORES MAIS ATUANTES DA ÁREA .....	130
4.7.1 Descrição dos autores .....	130
4.7.1.1 Descrição do AUTOR A .....	130
4.7.1.2 Descrição do AUTOR B .....	131
4.7.1.3 Descrição do AUTOR C .....	131
4.7.1.4 Descrição do AUTOR D .....	132
4.7.1.5 Descrição do AUTOR E .....	132

4.7.1.6 Descrição do AUTOR F .....	133
4.7.1.7 Descrição do AUTOR G .....	133
4.7.1.8 Descrição do AUTOR H .....	134
4.7.1.9 Descrição do AUTOR I .....	134
4.7.1.10 Descrição do AUTOR J .....	135
4.7.1.11 Descrição do AUTOR K .....	135
4.7.1.12 Descrição do AUTOR L .....	136
4.7.2 A caçada: a produção dos autores .....	136
4.7.3 A caçada: a epistemologia e historiografia na produção dos 12 autores .....	154
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>164</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>170</b>
<b>APÊNDICE .....</b>	<b>179</b>
<b>APÊNDICE A – Ocorrências de publicações por instituição nos ENANCIB de 2003 a 2018 .....</b>	<b>180</b>
<b>APÊNDICE B – Autores que publicaram nos anais do GT-1 do ENANCIB (2003-2018) .....</b>	<b>183</b>
<b>APÊNDICE C – Periódicos – Ano de Fundação e Ano de Extinção .....</b>	<b>190</b>
<b>APÊNDICE D – Ocorrências de publicações por instituição nos artigos recuperados pela Brapci de 2003 a 2018 .....</b>	<b>192</b>
<b>APÊNDICE E – Autores por ordem de produtividade a partir GT-1 e Brapci .....</b>	<b>195</b>
<b>APÊNDICE F – Relação dos periódicos e frequência de artigos dos 12 autores do recorte .....</b>	<b>203</b>

## 1 INTRODUÇÃO

“[...] Nada a temer/ Senão o correr da luta/  
Nada a fazer/ Senão esquecer o medo/  
Abrir o peito à força/ Numa procura/  
Fugir às armadilhas da mata escura/  
[...] Longe se vai sonhando demais/  
Mas onde se chega assim/  
Vou descobrir o que me faz sentir/  
Eu, caçador de mim”

(Sergio Magão; Luiz Carlos)

As áreas científicas estabelecem, dentro de seu escopo de abrangência, o interesse por metainformações acerca de seus próprios preceitos epistemológicos, no intuito de perceber como, ao longo do tempo, os movimentos culturais, sociais, políticos e científicos constituíram seus objetos, teorias, sujeitos e metodologias. Em outras palavras, as ciências formam grupos de pesquisa/trabalho que evidenciem a importância de conhecer a sua episteme.

A Ciência da Informação, como as demais áreas humanas e sociais, teve um processo difícil na sua aceitação como ciência devido a não identificação com os conceitos classificatórios da visão positivista das ciências. Diante disso, alguns autores ainda afirmam que tal ciência não tem uma estrutura teórico-metodológica consolidada que consiga lidar com os problemas da área, sendo necessário recorrer à ajuda de disciplinas afins.

Assim, a Ciência da Informação, considerada uma ciência relativamente nova e classificada como uma ciência social, tem em seu escopo uma discussão interna em relação ao seu enquadramento dentro dos moldes científicos. Pois há uma vertente que segue a linha positivista, a qual, por sua vez, internaliza todas as características desse modelo como a “a explicação como sinônimo de simplificação, a quantificação, a busca por regularidades e leis e o consequente apagamento das singularidades” como apontou Araújo (2009, p. 203). Mas, ao seguir essa linha de raciocínio, têm-se certas limitações quanto às reflexões teóricas, discussões acerca do conceito de informação e percepções empíricas das pesquisas. Diante do exposto, surge outra corrente teórica que tenta incorporar a complexidade, permitindo capturar “aquilo que o método não dá conta de apreender: a informação subjetiva, dotada de sentidos diversos e inserida no terreno da experiência histórico-cultural” (ARAÚJO, 2009, p. 203).

Sendo dessa maneira, o estudo sobre a epistemologia é muito importante para a Ciência da Informação, pois, segundo Rendón Rojas (2008), permite encontrar a identidade, criar um corpo conceitual claro e definido, mantendo relações interdisciplinares. Toda epistemologia

envolve identificação de objeto, metodologia e teorias, partes que compõem o que vem a ser ciência. A Ciência da Informação constrói seu conhecimento observando a informação, muitas vezes de forma interdisciplinar, como pode ser visto na área de Organização do Conhecimento, que recorre à Linguística e à Terminologia, entre outras, para elaborar normas que regem as atividades relacionadas àquela disciplina. A interdisciplinaridade é tida por Rendón Rojas (2008) como uma realidade que compreende a construção da estrutura teórica acerca do estudo completo sobre um determinado objeto, entre outros aspectos.

Para observar o campo científico da Ciência da Informação, surgiu pela Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB) o Grupo de Trabalho 1 (GT-1), denominado de Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação, grupo esse que se preocupa com a constituição do referido campo e de suas questões epistemológicas. Outro instrumento utilizado pelas instituições hegemônicas da área é constituído pelos periódicos científicos especializados que, no caso desta pesquisa, são aqueles indexados na Base de dados da Ciência da Informação (Brapci). Todos esses dispositivos são responsáveis pela disseminação discursiva, como diz Foucault (1999), em prol do que consideram certo e compatível com os interesses da área, decretando seu conceito e quem pode falar em nome dessa área.

Tanto os periódicos quanto os anais do GT-1 fazem parte de uma construção coletiva de conteúdo/informação/conhecimento que pode estimular à competição entre seus colaboradores, mas que objetiva consolidar parcerias e relações de interdependência, ou seja, uma cooperação entre os atores que atendam interesses individuais, institucionais e/ou coletivos. Esses dispositivos podem ser considerados como espaços de discussão e debate, onde os atores se oportunizam a discutir pressupostos teóricos e metodológicos, podendo construir e/ou reconstruí-los com defesa pública.

Saber como toda essa cadeia de produção literária acerca da temática epistemológica e historiográfica da Ciência da Informação se comporta, torna-se necessário para identificar os elementos que mais se destacam na referida área e, assim, traçar políticas que evidenciem tanto as questões positivas quanto corrijam algumas desconformidades situacionais presentes em todo o sistema de produção e comunicação científica. Além da possibilidade de se ter artefatos que consigam descrever a área com grande profundidade, permitindo, assim, que os pesquisadores possam ter uma visão de como se dão as relações no processo dessas produções científicas.

Quando se trata de epistemologia, estuda-se a construção do conhecimento e essa ação dentro da Ciência da Informação permite conhecer o pensamento científico da área e a construção dos conceitos, levando à concepção de como as bases teóricas foram fundadas e quais foram os métodos que permitiram as definições conceituais. Dessa forma, ainda dentro dos objetivos desta pesquisa, visa-se estudar as particularidades dos elementos que intervêm na produção científica acerca da Epistemologia da Ciência da Informação, no território brasileiro, tomando como partida o núcleo de pesquisadores que publicaram nos anais do GT-1 – Historiografia e Epistemologia da Ciência da Informação, nos Encontros Nacionais de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB), núcleo de pesquisadores que publicaram sob o domínio da epistemologia e historiografia da Ciência da Informação, e nos artigos indexados na Base de Dados da Ciência da Informação (Brapci), caçando os indícios que permitam identificar o núcleo geral epistemológico e historiográfico da Ciência da Informação no Brasil.

Para tanto, tomam-se como campo dessa pesquisa os anais do GT-1 dos ENANCIB (ANCIB); o Diretório dos Grupos de Pesquisas do Brasil (DGP) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq); os currículos dos pesquisadores na Plataforma Lattes (CNPq); e os sítios virtuais dos Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação no Brasil.

Para a descrição desses espaços de discussão, tomam-se os estudos acerca da produção e comunicação científica (MEADOWS, 1999; MUELLER, 2000) e os estudos métricos da informação (MACIAS-CHAPULA, 1998; VANTI, 2002; SANTOS; KOBASHI, 2009) como norteadores das estruturas conceituais da comunidade científica.

O problema da pesquisa está direcionado à existência, na literatura da área, de poucos trabalhos no nível de dissertação e/ou tese que façam uma diagnose, pelos quais se permita a identificação dos movimentos que giram em torno da produção da temática epistemologia e historiografia da Ciência da Informação. Essa observação é tomada como forma de conhecimento e avaliação da relevância de termos, impacto de produção, repercussão, abrangência, pessoas e instituições, recursos e articulações.

As pesquisas do gênero dissertação sobre o GT-1 da ANCIB estão restritas a dois trabalhos. O primeiro é o de Nunes (2009), que reflete sobre o desenvolvimento das pesquisas e o avanço do pensamento científico da área da Ciência da informação a partir da fragmentação da ementa do GT-1 em sete categorias, nas quais foram classificados os 98 trabalhos até então publicados no referido GT, levando a autora a concluir que o GT-1 é um espaço propiciador de

avanços sobre o pensamento científico da área e desempenha um papel fundamental no desenvolvimento do campo.

O referido trabalho motiva essa pesquisa no sentido de dedicar a atenção às necessidades que o campo demonstra e a percepção dos rumos tomados pelas pesquisas publicadas nos anais do referido GT.

O segundo trabalho foi desenvolvido por Lima (2017), que faz uma análise discursiva a partir do GT-1 do ENANCIB. A autora conclui que a institucionalização cognitiva e social tem o poderio de ressaltar a opacidade da institucionalização científica, sendo essa responsável e refém das próprias enunciações. A autora motiva esse trabalho ao defender que para tirar o tema epistemologia da periferia da Ciência da Informação é preciso investigar uma nova camada da comunicação científica, levando em consideração de que os anais de eventos representam um nível de formalidade equivalente aos dos periódicos científicos devido à sua institucionalização pelas sociedades científicas.

Freire (2008), ao fazer uma pesquisa exploratória sobre a produção científica brasileira, na temática “Epistemologia da Ciência da Informação” a partir dos anais do GT-1 e periódicos indexados na Brapci, conclui que a temática do GT-1 é um padrão que permite o elo entre os fios conceituais e institucionais da Ciência da Informação. Esse trabalho é um dos raros trabalhos encontrados que utilizam a Brapci na procura de artigos epistemológicos e historiográficos da área. O trabalho da autora justifica esta pesquisa, ao dizer que é necessário desvendar as redes de relações institucionais e interpessoais “subjacentes aos processos de produção e comunicação científica, as fontes de informação que alimentam os processos de construção e reconstrução do conhecimento, as redes de citações, que reúnem e entrelaçam antigos e novos conceitos” (FREIRE, 2008, p. 28-29).

Na literatura epistêmica da área, percebe-se que a Ciência da Informação consegue penetrar nas produções das outras áreas sem nenhuma dificuldade e os questionamentos atualmente estão voltados para a construção de uma filosofia específica da Ciência da Informação, como já aponta Rabello (2012), pois por meio dessa filosofia se chegaria a algumas reflexões para possíveis soluções das problemáticas dentro dessa ciência. Ainda, questionam-se quais seriam os resultados que estimulariam uma discussão com base no papel da Ciência da Informação no contexto social, quais são os impactos concretos dos produtos da Ciência da Informação na sociedade e, principalmente, se esses impactos são percebidos pela área.

Os estudos sobre como os cientistas da informação produzem conhecimento não receberam um aprofundamento de análise numa visão epistemológica a partir da percepção de



como se dá a construção das relações sociais e da produção científica, numa espécie de estudo “metaepistemológico”. Percebe-se que os estudos estão voltados para a formulação de teorias, técnicas, métodos e conceitos ou até mesmo à aplicação dessas em uma determinada realidade ou, ainda, voltada às classificações paradigmáticas. Essas pesquisas ainda trabalham os aspectos bibliométricos – cientométricos nos contextos de publicações de periódicos relacionados ao tema epistemologia da Ciência da Informação.

A produção científica sobre o tema está restrita à regularidade de um grupo de pesquisadores, mesmo tendo passado 312 pesquisadores no Grupo de Trabalho 1 (GT-1 da ANCIB) no Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB), segundo pesquisa *in loco*. Nesse sentido, González de Gómez (2007) já havia apontado que há uma rotatividade no referido GT-1.

Em outra pesquisa *in loco*, fez-se uma busca na Brapci com os seguintes descritores temáticos: Historiografia, Historiografia e Ciência da Informação, Epistemologia, Epistemologia e Ciência da Informação. Nos resultados apresentados, apenas um autor transita entre historiografia e epistemologia da Ciência da Informação. Percebeu-se também que há uma grande dispersão de autores, além de problemas na recuperação com os referidos descritores, trazendo trabalhos que não tratam de fato da temática, ou apresentando falta de pesquisadores que trabalham a temática, mas que não foram recuperados.

Diante dessas situações, é necessário entender o porquê de apenas um pequeno grupo de pesquisadores manter regularidade nas publicações em anais do ENANCIB e em periódicos indexados pela Brapci e como se dão as relações entre os pesquisadores dessa temática. Assim, tomam-se como indagações norteadoras da pesquisa, os seguintes pontos:

- Quais pesquisadores mantêm regularidade na publicação sobre a temática Epistemologia e Historiografia da Ciência da Informação em anais do GT-1 do ENANCIB e em periódicos indexados pela Brapci?
- Conforme essas fontes, quantos artigos foram escritos por um autor e em coautoria, quais autores escreveram e em quais circunstâncias?
- Quais periódicos indexados pela Brapci publicaram trabalhos desses pesquisadores acerca da temática Epistemologia e Historiografia da Ciência da Informação?
- Os pesquisadores que publicaram nos anais do GT-1 DO ENANCIB e nos periódicos indexados na Brapci estão vinculados a programas de pós-graduação em Ciência da Informação?
- Como se estabelecem as relações entre os pesquisadores da temática?

Acredita-se que respondendo a essas questões, possivelmente será possível desenhar um panorama de como se relacionam os estudos acerca da epistemologia e historiografia na Ciência da Informação no Brasil.

Nas palavras de Martins (2013), ao se analisar a produção científica de uma determinada área do conhecimento tem-se um instrumento que permite perceber, ou não, ocorrências de estruturas, dinâmicas, tendências e movimentos sociais. Essa pesquisa se justifica, também, nas palavras de Duarte (2003), quando aponta para importância da realização de estudos que evidenciem a produção científica, pois permitem que se faça um mapeamento das contribuições, dos déficits e das necessidades nas diversas áreas do conhecimento científico, além de permitir a formulação de indicadores que subsidiam políticas de pós-graduação.

Sabe-se que o avanço das tecnologias da informação marcou a comunidade acadêmica, uma vez que a estrutura de acesso e disseminação da informação mudou, tornando-se um processo mais aberto e direto, possibilitando, de acordo com Meadows (1999), o exponencial da produção científica. A investigação acerca desse núcleo de pesquisadores da episteme da Ciência da Informação permitirá perceber como a produção colaborativa dessa temática tem sido construída e promovida, no Brasil. Nas palavras de Corrêa (2012), é importante estudar a construção, publicação e disseminação de artigos de forma coletiva, uma vez que possibilita o desenvolvimento em diversas áreas, como econômica, tecnológica e social, já que os relatos de experiências permitem o aperfeiçoamento de técnicas, produtos e serviços em vários domínios do conhecimento.

Mas, nessa estrutura de produção e comunicação científica, há uma luta coletiva pelo domínio do discurso, como abordado por Bourdieu (1983), de modo que existem as relações de poder institucionalizadas na organização de grupos de pesquisa, programas de pós-graduação, corpos editoriais e redes de colaboração científica. Entender como essas relações se estabelecem no campo dos estudos da temática da epistemologia e historiografia da Ciência da Informação parece ser uma proposta interessante para um estudo da dinâmica desses estudos. Para compreender essa estrutura, adota-se uma abordagem que indaga acerca da unicidade ou pluralidade das verdades disseminadas dentro da estrutura do campo.

Diante disso, acredita-se que a pesquisa poderá contribuir para identificar o grupo de pesquisadores que trabalham nessa temática com certa regularidade e descrever as relações estabelecidas na rede de colaboração.

A partir dos pressupostos apresentados, formularam-se três hipóteses sobre a problemática, as quais foram verificadas, tendo as constatações encontradas no capítulo 4 dessa tese:

**H1** - Os indícios de produção científica acerca da temática historiografia e epistemologia no campo da literatura da Ciência da Informação permitem inferir que há um grupo pequeno de pesquisadores que trabalha regularmente o tema no Brasil;

**H2** – Nesse grupo, alguns pesquisadores têm seus trabalhos de tese e dissertação relacionados a essa temática; outros pesquisadores passaram a trabalhar a temática com a publicação de artigos derivados de grupos de pesquisa, bem como nos anais do GT-1 do ENANCIB, ou por meio de outros canais de comunicação científica reconhecidos;

**H3** – O núcleo de pesquisadores/autores que mais publicam no GT-1 tem uma composição diferente do núcleo de pesquisadores/autores mais evidentes nos artigos indexados na Brapci.

Dessa forma, esta pesquisa tem como objetivo geral investigar a produção e o desenvolvimento da Ciência da Informação, a partir das comunicações científicas dos grandes estudiosos da temática epistemologia e historiografia da área. Os objetivos específicos são:

- a) Identificar o coletivo de pesquisadores que dão suporte, continuidade e consistência ao trabalho epistemológico e historiográfico da Ciência da Informação;
- b) Analisar, nos anais do GT-1 dos ENANCIB, na Plataforma Lattes e na literatura indexada na Brapci, a produção científica sobre a temática epistemológico e historiográfico da área;
- c) Descrever as relações literárias entre os pesquisadores do tema em tela.

A estrutura desta tese se constitui por esta *Introdução*, denominada de seção 1, e que expõe a contextualização, o problema, a problemática, as hipóteses e os objetivos que nortearão essa pesquisa.

A segunda seção, intitulada *Entretecendo os Fios Conceituais*, apresenta os pressupostos teóricos que fundamentam os conceitos aqui trabalhados. Já na seção 3, com o título de *Tecnologias Intelectuais, Paradigmas e Indícios*, tem-se a descrição dos percursos metodológicos. A seção 4, “*O Cientista é Um Caçador do Invisível*”, traz os resultados dos estudos bibliométricos aplicados ao corpus dessa pesquisa. Por fim, a última seção consiste das considerações finais, seguindo-se as referências e os apêndices (compostos por tabelas e quadros completos utilizadas para demonstrar os resultados).

## 2 ENTRETECENDO OS FIOS CONCEITUAIS

“Não conheço seu nome ou paradeiro  
Adivinho seu rastro e cheiro  
Vou armado de dentes e coragem  
Vou morder sua carne selvagem  
Varo a noite sem cochilar, aflito  
Amanheço imitando o seu grito  
Me aproximo rondando a sua toca  
[...]  
De tocaia fico a espreitar a fera  
Logo dou-lhe o bote certo  
[...]  
Dominante, não se desembaraça  
Ofegante, é dona do seu senhor  
Hoje é o dia da graça  
Hoje é o dia da caça e do caçador”

(Chico Buarque de Holanda)

Nesta seção, apresentam-se os fios conceituais disponíveis na academia sobre epistemologia, historiografia, tanto na literatura geral quanto na especificidade da Ciência da Informação, destacando a comunicação científica, os estudos bibliométricos, cientométricos e informétricos. Os conceitos aqui entrelaçados servirão para a produção do tecido textual que, por sua vez, mediará a exposição dos elementos dentro da estrutura da comunicação científica da Ciência da Informação.

Para tratar do tema comunicação científica, descreve-se, com o auxílio da literatura da área, como se dá o processo dessa comunicação e como se caracterizam os principais canais formais e informais, além de verificar como se formam as redes sociais científicas na Ciência da Informação, especificamente no GT-1 e nos artigos indexados na Brapci. Na caçada aos dados, será necessário abordar os estudos bibliométricos, cientométricos e informétricos, a fim de utilizá-los como método de tratamento de dados.

### 2.1 SOBRE EPISTEMOLOGIA E HISTORIOGRAFIA

Apesar de caminharem juntos nos constructos teóricos e metodológicos de uma ciência, os termos epistemologia e historiografia têm valores semânticos diferenciados. A base etimológica do primeiro é de origem grega, *episteme*, que se refere aos preceitos reflexivos acerca da verificação da verdade, da natureza científica, das relações entre os atores sociais e os objetos da matéria disciplinar. Segundo o dicionário Aurélio (2017, *on line*), é o ramo

filosófico “que se ocupa dos problemas que se relacionam com o conhecimento humano, refletindo sobre a sua natureza e validade”.

Já historiografia é um termo que remete à descrição de eventos ocorridos e que, de acordo com o dicionário Aurélio (2017, *on line*), está relacionado à “arte de escrever a história”, ou estudo crítico acerca dos historiadores. Sua origem etimológica vem da composição “história + grafia”, o que significa, denotativamente, *história escrita*.

Para adentrar na verificação conceitual desses termos no campo da Ciência da Informação, é mister a compreensão das discussões acadêmicas acerca deles no âmbito mais geral. Dessa forma, tomam-se como empréstimos os conceitos trabalhados em algumas áreas do conhecimento, como a filosofia e a história.

Sendo assim, parte-se do ponto em que a epistemologia é um ramo da Filosofia e estuda o conhecimento humano, utilizando Grayling (1996) para verificar quais são as questões de interesse dessa área. Nesse sentido, segundo o autor, tem-se: O que é conhecimento? Como se pode alcançá-lo? Podem-se construir meios que permitam defendê-lo diante do ceticismo? O trabalho epistemológico caminha para responder a essas e a outras questões derivadas destas.

O termo epistemologia foi cunhado pelo filósofo James Ferrier, em 1854, com o intuito, segundo Mazzotti (2013), de substituir a Filosofia da Ciência, mesmo sendo esses dois termos usados como sinônimos em muitas situações, principalmente pelos britânicos e pelos seguidores destes. Essa pesquisa se aproxima de Mazzotti (2013) quando se concebe a epistemologia como estudo do modo de criação do conhecimento, já que o referido autor argumenta que os problemas epistemológicos têm origem e são consequentes de alguma metodologia de pesquisa. Vale salientar que o referido autor direciona a discussão para a constituição de uma epistemologia das ciências da educação. Por isso, a epistemologia viabiliza a produção de algum conhecimento confiável sobre alguma temática, além de examinar as crenças com intuito de corroborar ou rejeitá-las. Com efeito, há a apresentação das próprias insuficiências, tentando elaborar proposições que sejam compostas por vias de soluções (MAZZOTTI, 2013).

Para o filósofo Dancy (1985), na perspectiva cognitiva, a epistemologia é o estudo do direito às crenças de que se dispõem. Dessa forma, para o autor, posturas cognitivas são a crença e o conhecimento. Ainda são, por outro, as atitudes em relação às estratégias e métodos de que se fazem uso para obter novas crenças, ou abandonar as antigas, o que pode permitir ter novos produtos e métodos oriundos dessas ações.

As crenças expostas por Dancy (1985) estão descritas em duas categorias, sendo a primeira a *mediata* e a segunda a *não mediata*. As crenças mediatas são definidas como as que se adquirem por meio de alguma estratégia que se inicia nas nossas próprias crenças, enquanto as crenças não mediatas estão relacionadas às que se adotam sem necessariamente partir de outras crenças. Uma questão epistemológica para verificação seria: em quais circunstâncias se adota uma teoria, abandonando outra?

Na abordagem de Fumerton (2014, p. 16), a crença também pode ser vista como uma ação e “podemos ter razões para crer de modo análogo ao qual temos razões para agir de determinada maneira. [...] Crer parece ser também o tipo de coisa que pode levar aquele que crê a alcançar determinado objetivo ou fim”. Dessa maneira, a razão que pode estimular o epistemólogo da Ciência da Informação, por exemplo, é a tentativa de tornar provável uma proposição que acredite ser verdadeira.

Trazendo essas concepções para mais próximo da Ciência da Informação, tem-se a visão de Wilson (2008), quando conceitua epistemologia como uma questão de acreditar em algo verdadeiro sobre o mundo, de modo que toda pesquisa tem uma posição epistemológica, ainda que o pesquisador não esteja consciente disso. A partir desse conceito, Silva, Freire e Oliveira (2017) acreditam que, dentro das ciências, a epistemologia está associada às técnicas, métodos, teorias e conceitos de que se fazem uso para a construção do conhecimento. Já para Souza (2011), epistemologia oferece a possibilidade de realizar o estudo e desenvolver a compreensão do progresso do conhecimento da ciência, em seu dinamismo e complexidade.

Para Freire e Silva (2012, p. 162), “entender a configuração do campo científico de uma disciplina do conhecimento é deliberar propostas sobre sua essência e/ou sobre mecanismos que atestam essa essência”. Assim, estudar a epistemologia de uma área de domínio da ciência é conhecer sua identidade e suas funções como campo científico.

Nesse percurso expositivo, Japiassu (1988, p. 16), um dos autores que a Ciência da Informação mais se aproxima no tocante a suas perspectivas epistemológicas, define epistemologia como “estudo metódico e reflexivo do saber, de sua organização, de sua formação, de seu desenvolvimento, de seu funcionamento e de seus produtos intelectuais”. O autor apresenta três denominações epistemológicas, sendo a primeira a *epistemologia específica*, que se refere à historiografia da construção e aplicação de teorias no contexto científico; a segunda é a *epistemologia particular*, que objetiva fazer uma análise crítica e intrínseca dos fundamentos teóricos e metodológicos da referida disciplina; a última é a

*epistemologia global*, que analisa o comportamento natural de uma ciência, no intuito de determinar o que cabe ao sujeito e ao objeto, recorrendo a outras ciências e epistemologias.

Já a classificação proposta por Hjørland (2002), autor da área da Ciência da Informação, oferece um modelo com quatro escolas epistemológicas, a saber: Empirismo, Racionalismo, Historicismo e o Pragmatismo. O Empirismo atenta para os dados, fazendo a percepção hermenêutica da problemática; o Racionalismo se fundamenta na lógica, nos modelos matemáticos, nos modelos computacionais e sistemas de axiomas, definições e teoremas, de forma que os dados devem estar organizados segundo esse fundamento, não podendo advir de experiência; no Historicismo, há o conhecimento prévio da pré-compreensão, das teorias, dos conceitos, dos contextos, dos desenvolvimentos históricos e perspectivas de evolução; no Pragmatismo, as informações são vistas quanto aos seus objetivos, valores e consequências que envolvem o sujeito e o objeto de pesquisa.

A partir dessas percepções conceituais acerca da epistemologia, cabe agora a exposição de algumas posições conceituais sobre a historiografia. No primeiro momento, é necessário fazer a distinção entre história e historiografia.

Para Martins (2004), a história se configura como conjunto de acontecimentos, situações e fatos acontecidos, já o conceito de historiografia está relacionado à produção dos historiadores. Diante disso, pode-se considerar a historiografia como a escrita da história, o que para Morris *et al* (1990), tem como função evitar a repetição de erros do passado, sendo importante na resolução de problemas de ordem metodológica e conceituais enfrentados no presente. Segundo esses autores, através da análise dos primórdios de determinadas questões tem-se a possibilidade de reconstruir as trilhas percorridas nas áreas do conhecimento. Outro ponto importante abordado por Morris *et al* (1990) diz respeito à identificação, por parte da historiografia, das influências sociais, políticas, econômicas e pessoais sofridas por um cientista ou uma área da ciência.

Nos argumentos de Cruz (2006, p. 163), “a historiografia é uma disciplina preocupada com a pesquisa histórica em si; em como fazer a coleta de dados; quais os critérios de escolha dos dados; como analisar; qual orientação teórica utilizar”. Pode-se considerar a historiografia como a observação crítica da história por meio de fatos e marcos enaltecidos de determinados momentos na história da humanidade. Dessa forma,

A história se encarrega de situar em qual medida a produção científica responde as questões do seu tempo. E a difusão da história da ciência e da tecnologia torna-se um campo de conhecimento que se atualiza, ao dialogar com uma nova temporalidade, resultado [...]. Cada época intitula os seus problemas e os seus objetos, sem comparação a difusão no mundo

contemporâneo, enriquecida a diversidade social e epistemológica, aos valores e aos meios de acesso a produção de saber, que é quase simultânea. (BELENS; PORTO, 2009, p. 25-26).

Belens e Porto (2009) ainda argumentam que a ciência desempenha uma função estratégica de compreender os processos de modernização da sociedade, sendo que o historiador da ciência deve explorar as relações estabelecidas entre ciência, cultura e o seu tempo, e apresentando a verdade sob diversas formas, ressaltando que nem todas as formas são compatíveis entre si.

Nesse contexto, a historiografia da Ciência da informação se direciona para os relatos dos fatos a partir da perspectiva de quem investiga a sua história. Ou seja, a cultura da comunidade científica é parte intrínseca da composição do universo histórico e cultural dos atores sociais das áreas de domínio desse campo.

## 2.2 EPISTEMOLOGIA E HISTORIOGRAFIA NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Ao longo de sua história, a Ciência da Informação vem construindo sua própria identidade, que gira em torno de sua estrutura teórico-metodológica. Foucault (1999) aponta para a identidade como um construto de relações de forças em um determinado período histórico. A identidade, assim, está relacionada a um sujeito, neste caso a Ciência da Informação, e não a um objeto. Desse modo, a identidade da Ciência da Informação pode ser vista como uma complexidade inerente às novas ciências surgidas no século XX, o que lhes permite um comportamento camaleônico, como pode ser visto nos paradigmas da Ciência da Informação apontados por Capurro (2003), que sugerem que esta ciência se comporta, em relação ao seu objeto de estudo, de acordo com o momento histórico.

No século XX, a Ciência da Informação está diretamente ligada ao fenômeno da explosão informacional, o qual possibilitou grandes transformações na sociedade com a evolução das ciências e da tecnologia. Silva (2014, p. 23) entende a explosão informacional

[...] como o crescimento da informação disponibilizada, ou seja, quando o processo de geração, disseminação, acesso e uso da informação foi impulsionado por meio da tecnologia, o que se somando a outros fatores acarretou numa inefável produção de informação. A informação, na sua grande parte, não estava mais restrita aos pequenos seletos grupos, agora ela pode ser acessada por outros indivíduos que podem produzir outras informações a partir daquela.

Assim, com relação ao objeto *informação*, conforme Capurro e Hjørland (2007), a Ciência da Informação tem se voltado para a observação da relevância do fenômeno e a sua



interpretação como aspectos básicos do seu conceito. No entanto, no seu percurso teórico-conceitual, a Ciência da Informação passa pela complexidade dos problemas relacionados ao seu objeto de estudo, pois esse é trabalhado em várias áreas dos domínios, cabendo à Ciência da Informação, segundo Kobashi e Tálamo (2003), determinar qual o seu papel frente à relevância sociopolítico econômica da informação, elaborando conceitos que contribuam para o entendimento do seu objeto de estudo e proposição de alternativas compreensivas do fenômeno informação.

No processo de compreensão do que se constitui a Ciência da Informação, faz-se necessário perceber os processos sociais, políticos, históricos, econômicos e ideológicos subjacentes ao seu desenvolvimento. Dessa forma, pode-se verificar sua estruturação, institucionalização e suas contribuições para o desenvolvimento da sociedade e da ciência.

Isso posto, passa-se a investigar os contextos históricos e conceituais para a Ciência da Informação, com intuito de estabelecer relação entre seus momentos históricos e sua epistemologia.

### **2.2.1 Historiografia da Ciência da Informação**

Quanto à sua gênese, existe um embate na Ciência da Informação. Para alguns autores, esta ciência surgiu no período da Segunda Guerra Mundial (BARRETO, 2002; RABELLO, 2008; SARACEVIC, 1996); para outros (MATTELART, 2002; FIGUEIREDO, 1996; ORTEGA, 2004; RAYWARD, 1997), a preocupação com o processo informacional já existia bem antes do fenômeno da explosão informacional.

Para os que remontam o início da disciplina aos meados do século XIX, tem-se como marco o início dos estudos sobre os métodos para o tratamento informacional. Assim, têm-se o Sistema de Classificação Decimal de Mevil Dewey e o Movimento de Documentação de Paul Otlet e Henri La Fontaine, datados de 1876 e 1890 respectivamente.

Considerado o pai da documentação, Paul Otlet, juntamente com La Fontaine, estudou em detalhes as tecnologias e os serviços bibliográficos disponíveis à sua época, o que resultou, conforme Rayward (1997), no aumento da cooperação e padronização na preparação de publicações bibliográficas.

Em 1895, os dois visionários fundaram o Instituto Internacional de Bibliografia - IIB que, segundo Mattelart (2002), tinha o intuito de estudar os pontos concernentes ao Livro e à organização sistemática da Documentação em bases internacionais e universais. O que faz Figueiredo (1996) defender que o Tratado de Documentação, sendo documentação um

neologismo da época inserido por Otlet, um dos primeiros textos da Ciência da Informação. O conceito de documentação está relacionado a todos os produtos informacionais surgidos e expandidos com a revolução industrial, que não eram considerados material de biblioteca.

A partir da fundação do IIB, um catálogo começou a ser construído através cooperação internacional. Esse catálogo, que em 1934 havia atingido a marca de 16 milhões de fichas bibliográficas, foi denominado *Repertoire Bibliographique Universel* (RBU) (NUNES, 2009). Para o catálogo, um sistema de classificação facetada foi criado pelos próprios Otlet e La Fontaine: o CDU – Classification Décimale Universél, baseado na Classificação Decimal de Mevil Dewey.

Otlet entendia que as informações extraídas do conteúdo de um livro, de seu autor e de sua intenção autoral, poderiam ser acumuladas em fichas e essas fichas agrupadas de maneira a refletir as afinidades envolvidas em cada assunto (RAYWARD, 1997). Segundo Freire (2006, p.10), ele acreditava que a ação de recuperar uma informação era capaz de operar a “comunicação intelectual, mudança social e paz mundial”, esperando que o acesso à informação “viesse a formar uma nova opinião pública internacional e democrática, recomendando, para a preparação dessa opinião, uma organização mundial da informação”.

Anteposto a isso, Rayward (1997) entende que o campo científico que viria a ser a Ciência da Informação já estava presente nas ideias de Otlet, uma vez que, ao conceituar a documentação, ele sugeria uma nova disciplina intelectual à qual associa a uma série de práticas novas e técnicas específicas. Outra vertente aponta a gênese da Ciência da Informação na Biblioteconomia. Seguindo essa linha, Silva e Freire (2012) argumentam que quando a biblioteca pública ganha o status de instituição socializadora e de acesso ao público, cria-se uma marca identitária do que viria ser a Ciência da Informação, uma vez que, com a alfabetização dos cidadãos, havia a necessidade de técnicas organizacionais e de difusão da informação contida nos acervos bibliográficos.

À vista disso, surgiram os catálogos, as bibliografias e outros instrumentos de organização da informação, que visavam aprimorar e ampliar seu acesso aos usuários. Os autores elencam Gabriel Naudé e Melvil Dewey como idealizadores iniciais dos preceitos conceituais da Ciência da Informação. Para justificar essa concepção, entendem Naudé como visionário que imagina uma biblioteca que agregue todo o conhecimento do mundo, o que se assemelha aos objetivos de Otlet. Sua aproximação com o campo da Ciência da Informação está relacionada à organização, difusão e acesso irrestrito da informação, além do processo de recuperação de informação, quantidade e qualidade de livros em uma biblioteca.

Quando se procura em Melvil Dewey indícios para a Ciência da Informação, pode-se reapresentar a CDD – Classificação Decimal de Dewey, criada em 1876 e que influenciou os processos de organização da informação até Otlet. A CDD é um amplo instrumento de organização do conhecimento, utilizado até atualidade nas diversas bibliotecas espalhadas pelo mundo (SILVA; FREIRE, 2012). Nesse contexto, Souza (2015) defende que a Ciência da Informação se configura como ambiente de aprofundamento e atualização de alguns estudos e práticas bibliotecárias. No entanto, acrescenta-se que as perspectivas da Ciência da Informação também incorporam outras áreas como a documentação, arquivologia, museologia e gestão da informação.

Somando-se a essas concepções, tem-se a argumentação integradora de Ortega (2004, p. 10) de que a Ciência da Informação tem origem na bifurcação da Documentação/Bibliografia e da Recuperação da Informação: “É uma ciência social cujo objeto é a informação, tendo início no campo da informação científica e tecnológica, passando a atuar também com a informação para fins educacionais, sociais e culturais”. Outro discurso acerca da origem da Ciência da Informação existente é o de Pinheiro e Loureiro (1995), que diz que Nobert Wiener, na obra *Cybernetics or Control and Communication in The Animal and Machine*, em 1948, e no ano seguinte o livro de Claude Shannon e Warren Weaver, *The Mathematical Theory of Communication*, prenunciavam o que viria a ser Ciência da Informação. Ainda em Pinheiro e Loureiro (1995), verifica-se que, em 1959, dá-se o primeiro uso do termo e que na década de 1960 iniciam-se as exposições e formulações acerca dos conceitos e definições fundamentais para o construto teórico do novo domínio.

Um discurso que se materializa no percurso diferente do embate entre a Documentação e a Biblioteconomia é de que a Ciência da Informação surgiu durante a Segunda Guerra Mundial, com uma imensa influência de cientistas norte-americanos. Esse quarto discurso pode ser remetido a Saracevic (1996) e a Barreto (2002), que dizem que o marco inicial dessa nova disciplina foi com a publicação do artigo *As we may think*, de Vannevar Bush, em 1945, no qual o autor apontou os entraves existentes para organizar e repassar à sociedade as informações sigilosas durante a Segunda Guerra Mundial.

O artigo de Bush apareceu primeiro em 1939, em uma carta ao editor da revista *Fortune*, teve sua histórica versão no periódico *Atlantic Monthly* e posteriormente a revista *Life* fez várias observações e chamadas sobre o trabalho. Isso era o máximo de exposição, que uma questão, nesse caso um problema de informação, poderia ter na mídia da época. **Vannevar Bush pode ser considerado o precursor da ciência da informação e 1945 a data fundadora, com a publicação de seu artigo;** ele indicou uma mudança de paradigma para a área de informação em ciência e tecnologia, que envolvia: profissionais, instrumentos de trabalho para armazenagem e recuperação da

informação; argumentou sobre o desuso das condições teóricas da representação da informação para processamento e armazenagem e recuperação. (BARRETO, 2002, p. 69. Grifo nosso)

Segundo Barreto (2002, p. 69), Bush “introduziu a noção de associação de conceitos ou palavras na organização da informação”, apontou a intuição e as limitações existentes à época nos sistemas de classificação e indexação. As soluções apontadas por Bush eram a operacionalização associando os conceitos, ou seja, “como nós podemos pensar” (*As we may think*), no processo de armazenamento e recuperação da informação, e a formação do profissional da informação. Essa era vista como conservadora na época. Outro problema apontado por Bush era a literatura sobre a construção dos sistemas de organização da informação, que estava ultrapassada e errada, e para isso, ele propôs um apetrecho tecnológico que tinha como função o armazenamento e recuperação de documentos mediante associação de palavras (BARRETO, 2002).

Após essa breve exposição de alguns preceitos historiográficos acerca das gêneses da Ciência da Informação, cabe a enumeração de alguns marcos históricos ligados diretamente a essa ciência. Álvares e Araújo Júnior (2010) fazem um trajeto histórico da Ciência da Informação, cujos primeiros indícios na direção dos estudos da informação na sociedade são encontrados em meados dos Anos 1970.

No Brasil, a narrativa historiográfica da Ciência da Informação está intrinsecamente ligada à Documentação quando foi criado, em 1954, o Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação – IBBD. No entanto, foi a Biblioteconomia, segundo Nunes (2009), que teve um novo período no que se refere ao tratamento documentário através do IBBD.

Diante do exposto, o surgimento da Ciência da Informação pode ser considerado pela soma de fatores/eventos que vêm se configurando na sociedade desde o final do Século XIX. Eventos esses que trazem em sua essência princípios inerentes à configuração do campo disciplinar dessa ciência. Sendo assim, a gênese da Ciência da Informação pode ser encontrada nos objetivos de armazenagem e disposições das informações produzidas por todo mundo, nos adventos da explosão informacional, nos debates entre as áreas da documentação/bibliografia, da recuperação da informação e da biblioteconomia.

### 2.2.2 A Epistemologia da Ciência da Informação

No campo científico, a discussão sobre a classificação das áreas que “são ciências” ou “não são ciências” demandou, e ainda demanda, um dispêndio de energia social muito forte. Isso porque quem detiver o controle dos discursos científicos poderá fixar as regras do jogo, como apontou Foucault (1999, p. 36): “A disciplina é um princípio de controle da produção do discurso. Ela lhe fixa os limites pelo jogo de uma identidade que tem a forma de uma reutilização permanente das regras”. Desse modo, as ciências monopolizam o discurso que lhes pertence para estabelecer o que é dito e, assim, o que deve ser aprovado pelos pares.

A disciplina científica é um domínio de objetos e, segundo Foucault (1999, p.31), para que ela exista é necessária que exista a possibilidade de formulação indefinida de proposições novas, pois “uma disciplina não é a soma de tudo o que pode ser dito de verdadeiro sobre alguma coisa; não é nem mesmo o conjunto de tudo o que pode ser aceito, a propósito de um mesmo dado, em virtude de um princípio de coerência ou de sistematicidade”. Logo, há, nesse conflito entre as disciplinas Biblioteconomia e Documentação/bibliografia, uma disputa pelo controle da produção do discurso científico. No interior dessas disciplinas há o reconhecimento de proposições verdadeiras e falsas, mas cada uma delas pode, teratologicamente, retirar de seus escopos o discurso que inviabilize suas hegemonias.

Assim se comportaram as ciências naturais, detendo o poder dos discursos científicos e estabelecendo os critérios para classificar uma área de domínio científico, conforme um modelo engessado positivista no qual uma ação, para caracterizar-se como ciência, deveria ter uma justificação, método, metodologia, epistemologia, ontologia e filosofia, como foi explicitado por Rendón Rojas (2008).

As ciências humanas e sociais travaram uma luta para receber o *status ciência*, localizando seus objetos fenomenológicos dentro de cada subárea desse esquema modelado. As duas grandes áreas têm como objeto de estudo a realidade humana, evitando, como aponta Rendón Rojas (2008), a mera descrição e atenção de converter o sujeito em objeto, proporcionando também a justificação de seu conhecimento com uma metodologia que fundamenta a verdade de seus enunciados.

Retomando a Foucault (1999), cada época tem suas instituições às quais são dadas a hegemonia e as quais são responsáveis pela disseminação discursiva em prol do que consideram certo e compatível com seus interesses. Nesse sentido, o filósofo francês indaga quem são as instituições que decretam o que é ciência e quem pode falar em nome dela.

Logo, ao se inserir no contexto de qualquer ciência, não somente na Ciência da Informação, os cientistas que estão vinculados a instituições hegemônicas, que por sua vez disseminam discursos em prol do que consideram verdadeiro, têm o acesso à publicação de seus textos (carregados de discursos) nos meios que institucionalizam o poder, tais como os meios de distribuição da informação – revistas, eventos, etc.

Segundo Bourdieu (1983), no campo científico se trava a luta pelo monopólio da competência científica, o que pode ser remetido ao domínio do discurso da área. Como já afirmado por diversos autores, a ciência não é desinteressada nem tão pouca a Ciência da Informação que, na maioria dos países, teve a sua institucionalização fomentada pelos Estados. Para Bourdieu (1983), os dominantes são os que conseguem impor uma definição da ciência e, dessa forma, exercem o poder sobre os discursos dos outros.

O campo científico é sempre o lugar de uma luta, mais ou menos desigual, entre agentes desigualmente dotados de capital específico e, portanto, desigualmente capazes de se apropriarem do produto do trabalho científico que o conjunto dos concorrentes produz pela sua colaboração objetiva ao colocarem em ação o conjunto dos meios de produção científica disponíveis. Em todo campo se põem, com forças mais ou menos desiguais segundo a estrutura da distribuição do capital no campo (grau de homogeneidade), os dominantes, ocupando as posições mais altas na estrutura de distribuição de capital científico (BOURDIEU, 1983, p. 136).

Isso posto, entende-se que a ciência é um campo de trabalho social onde se torna mais evidente essa luta pelo domínio do discurso do outro, pois também envolve as questões políticas em que as ideologias a serem seguidas devem estar materializadas no discurso dos cientistas ditos influentes (dominantes), isso é a ordem, as regras, o que não impede de serem quebradas e refeitas, dependendo sempre do contexto que envolve os sujeitos sociais.

Nada obstante, todas as ciências, como argumenta Kuhn (2013), experimentam crises, rupturas e revoluções, construindo e reconstruindo paradigmas. Dessa forma, as ciências vêm evoluindo em conceitos e outros construtos epistemológicos. Fumerton (2014) reforça esse argumento ao afirmar que a história da ciência é constituída pelos descartes de uma teoria após a outra. Ainda com Kuhn (2013), percebe-se que as interpretações se tornam discursos e, em determinado momento, se impõem às comunidades científicas, classificando-se como as mais rigorosas para a investigação de uma determinada área, sendo, ainda, aceitas como modelos de pesquisa — na fala de Kuhn (2013), como paradigmas. Para este autor, a noção de *episteme* se assemelha à de *paradigma*, pois o que é caracterizado como a ordem do progresso é identificado com a ordem do devir científico, em outras palavras, no processo de desenvolvimento de uma

ciência há momentos em que a investigação é feita sem nenhuma teoria pré-estabelecida, dando origem a diferentes interpretações sobre o mesmo objeto (ALMEIDA, 2012).

Como em qualquer outra área do conhecimento, as relações de poder na Ciência da Informação são instituídas pelas organizações e organismos que fomentam a produção, a distribuição e o consumo dos conhecimentos produzidos na área. Os cientistas da informação não ficaram indiferentes às evoluções conceituais observadas nas ciências, principalmente nas ciências sociais e humanistas no século XX, tendo em seu campo de atuação o surgimento de várias problemáticas possibilitadas pelo mundo da tecnologia digital. Novos termos nasceram e com eles novos problemas conceituais, além de disputa entre as ciências pelo uso de tais termos.

Talvez, a epistemologia não dê conta de trabalhar essa relação de poder nos discursos da Ciência da Informação, contudo, qualquer percepção filosófica deve trabalhar a convergência entre os domínios que fundamentam a Ciência da Informação, abarcando as facetas do fenômeno informacional e o espectro acerca dos conceitos, teorias e metodologias.

Diante disso, a próxima seção trará os conceitos discursivos acerca dessa ciência, numa construção historicista dos discursos dominantes da área.

### 2.3 A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO POR SEUS CONCEITOS

As discussões que cercam os conceitos da Ciência da Informação estão estritamente ligadas à sua função, sua história e sua natureza. Sendo assim, o que move esse domínio, segundo, Griffith (1980 citado por CAPURRO, 2003, *on-line*) é preocupação com o processo de “produção, seleção, organização, interpretação, armazenamento, recuperação, disseminação, transformação e uso da informação”. Diante disso, pode-se afirmar que uma ciência que trabalha com as propriedades, comportamentos, relações, desenvolvimento e concepções conceituais da informação.

Nessa perspectiva, Borko (1968, p.3), sintetizando as definições apresentadas por Robert Taylor em 1963, nas conferências do Georgia Institute of Technology (GeorgiaTech), apresenta definição clássica conceitual da área, quando afirma que a Ciência da Informação

[...] é a disciplina que investiga as propriedades e o comportamento informacional, as forças que governam os fluxos de informação, e os significados do processamento da informação, visando à acessibilidade e a usabilidade ótima. A Ciência da Informação está preocupada com o corpo de conhecimentos relacionados à origem, coleção, organização, armazenamento, recuperação, interpretação, transmissão, transformação, e utilização da informação. Isto inclui a pesquisa sobre a representação da informação em

ambos os sistemas, tanto naturais quanto artificiais, o uso de códigos para a transmissão eficiente da mensagem, bem como o estudo do processamento e de técnicas aplicadas aos computadores e seus sistemas de programação. É uma ciência interdisciplinar derivada de campos relacionados, tais como a Matemática, Lógica, Linguística, Psicologia, Ciência da Computação, Engenharia da Produção, Artes Gráficas, Comunicação, Biblioteconomia, Administração, e outros campos científicos semelhantes. Têm ambos componentes, de ciência pura visto que investiga seu objeto sem considerar sua aplicação, e um componente de ciência aplicada, visto que desenvolve serviços e produtos.

Ainda nesse período, Goffman (1970, p.591) propõe uma perspectiva conceitual a partir da reunião de conceitos científicos das Ciências Naturais, Humanas e Tecnológicas com conceitos da própria Ciência da Informação:

O objetivo da disciplina de Ciência da Informação deve ser o de estabelecer um enfoque científico homogêneo para estudo dos vários fenômenos que envolvem a noção de informação, sejam eles encontrados nos processos biológicos, na existência humana ou nas máquinas criadas por humanos. Consequentemente, o assunto deve estar ligado ao estabelecimento de um conjunto de princípios fundamentais que direcionam o comportamento em todo processo de comunicação e seus sistemas de informação associados

Na década de 1970, o foco da Ciência da Informação muda para uma perspectiva mais social, estudando, na visão de Cardoso (1994) a historicidade dos sujeitos cognoscente e dos objetos cognoscíveis, a totalidade dos fenômenos sociais, a “tensionalidade” constante presente na sociedade. Assim, “a realidade está permanentemente em movimento e em construção, e que todo processo de conhecimento é apenas uma possibilidade, dentre outras, de aproximação da verdade, consideramos que o objeto de estudo da área de informação social deve ser apropriado tendo como referência. (CARDOSO, 1994, p. 111-112).

De modo similar, Wersig e Nevelling (1975) já apontavam que o fundamento da Ciência da Informação está na sua responsabilidade social, pois sua função é facilitar a transmissão do conhecimento para aqueles que dele necessitam. Isso permite afirmar que a Ciência da Informação seria uma ciência social que se preocupa em esclarecer problemas concretos no campo da informação, voltada para um sujeito social que busca informação. Entende-se *informação* como um conceito intrínseco à sociedade moderna e que possui um valor científico, político, histórico e socioeconômico.

No entendimento de Pinheiro (2005), a Ciência da Informação é social e também de natureza interdisciplinar, de forma que seus pressupostos disciplinares tendem a definir suas fronteiras constituintes. Anteposto a essa colocação, Saracevic (1996, p. 60) já argumentava



que as contribuições sociais da Ciência da Informação influenciaram a maneira como a informação é usada na sociedade por meio da tecnologia, permitindo melhor “compreensão para um rol de problemas, processos e estruturas associados ao conhecimento, à informação e ao comportamento humano frente a informação”. Dessa forma, a Ciência da Informação está direcionada a uma perspectiva social, constituindo-se como:

[...] um campo dedicado às questões científicas e à prática profissional voltadas para os problemas de efetiva comunicação do conhecimento e de seus registros entre os seres humanos, no contexto social, institucional ou individual do uso e das necessidades de informação. No tratamento destas questões são consideradas de particular interesse as vantagens das modernas tecnologias informacionais. (SARACEVIC, 1996, p. 47)

Para se definir alguns elementos da área, Rendón Rojas (2012) elenca três categorias para a Ciência da Informação:

- a) sujeitos – usuário, profissional da informação, autor, comunidade, entre outros;
- b) objetos – informação, documento, fonte, fundo, linguagem documental, unidade de informação, tecnologia da informação, entre outros;
- c) processos – geração de informação, coleta de informação, processamento de informação, armazenamento da informação, busca e recuperação da informação, disseminação da informação, uso da informação, leitura, educação ou formação de usuários, políticas de informação, avaliação e desenvolvimento de coletas, valorização dos documentos, entre outros.

Por sua vez, Bates (1999) destaca três questões em três categorias:

- a) paradigma físico – Quais são as características e as leis do universo, as informações gravadas?
- b) paradigma social – Como as pessoas se relacionam, buscam e utilizam informações?
- c) design – Como pode ter acesso a informações gravadas de forma mais rápida e eficaz?

Bates (1999) conclui que a Ciência da Informação não pode ser considerada apenas como um paradigma explícito do estudo da seleção, coleta, organização, acesso e recuperação da informação, deve-se considerar os elementos desarticulados também.

Em outro direcionamento, há um debate dentro da área sobre a interdisciplinaridade, uma vez que muitos autores exortam esse comportamento da ciência da informação enquanto outros se posicionam contrariamente.

Na perspectiva interdisciplinar, Foskett (1980, p. 84) constrói o objeto de estudo da Ciência da Informação entrecruzando as perspectivas biblioteconômica, computacional, comunicativa, psicológica e linguística, sendo

[...] uma disciplina que surge de uma 'fertilização cruzada' de ideias que incluem a velha arte da biblioteconomia, a nova arte da computação, as artes dos novos meios de comunicação e aquelas ciências como psicologia e linguística que, em suas formas modernas, têm a ver diretamente com todos os problemas da comunicação – a transferência do conhecimento organizado.

Segundo Borko (1968) e Saracevic (1996), a Ciência da Informação é de natureza interdisciplinar, em outras palavras, ela estuda seu objeto aplicando métodos e técnicas próprias ou originárias de outras ciências. A Ciência da Informação, no seu estado atual, parece ter um comportamento holístico e de unificação, fazendo com que surjam alguns novos conceitos como epistemologia social e alguns estudos da Ciência da Informação sendo referenciados em outras áreas do conhecimento. Nessa direção, Pombo (2003) define interdisciplinaridade como a convergência entre as disciplinas a partir de um olhar heterogêneo sobre determinado objeto, levando-se em consideração seus contextos de situações, realidades, hipóteses e objetivos.

Adepta da concepção da interdisciplinaridade, Pinheiro (1999, p. 156), como já mencionado, argumenta que a Ciência da Informação, além de interdisciplinar, é de natureza social que está “relacionada à tecnologia da informação e do novo papel da informação na sociedade e na cultura contemporânea”, ou seja, está preocupada com os problemas da sociedade atual que estão relacionados às questões como o acesso e uso da memória coletiva possibilitado pelas Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC).

Nessa linha de pensamento, Rendon Rojas (2008) afirma que a interdisciplinaridade da área é complexa devido ao fenômeno do domínio (a informação), pois, para compreender a informação como objeto de estudo, necessitam-se apreender as inter-relações e cooperação de algumas teorias. Assim,

[...] la interdisciplina [Ciência da Informação] NO es un invento o una moda, sino es respetar la realidad de un fenómeno para comprenderlo em sus diferentes facetas y de esta manera poder conorcerlo más o menos em su totalidad. Tampoco es la extrapolación de una visión científica de una disciplina a outra [...], ni el ocultamiento de la falta de identidad de una disciplina, la cual se esconde detrás de muchas ciencias sin ser realmente una de ellas. (RENDON ROJAS, 2008, p. 5)

Diferentemente dos demais pesquisadores, Zins (2011) redefine a Ciência da Informação para a Ciência do Conhecimento, pois ela estaria direcionada para os aspectos do metac conhecimento do conhecimento objetivo, principalmente as questões tecnológicas e mediadoras, explorando os fenômenos, objetos e condições de facilidade do acesso ao conhecimento. Dessa forma, a Ciência da Informação ainda estabelece sua fundação pela Epistemologia, Filosofia, Sociologia do Conhecimento e Metodologia Científica. Sendo assim,

para Zins (2011, p.162), “a Ciência da Informação é o ramo do conhecimento que estuda os aspectos tecnológicos e mediadores do conhecimento objetivo, ou seja, a produção, a representação, a organização, o processamento, a armazenagem, a disseminação e a recuperação do conhecimento”, sendo a informação considerada um tipo de conhecimento, tendo o autor sugerido uma mudança de nomenclatura.

A partir da discussão acerca da epistemologia da Ciência da Informação, observa-se que essa ciência tem dois grandes fundamentos, como apontou Souza (2011): o primeiro está relacionado à pretensão de unidade da ciência, e o segundo relaciona-se à colaboração desse campo científico no processo de domínio da informação. Desse modo, para compreender a Ciência da Informação alguns autores constroem uma reflexão acerca dessa ciência por meio de paradigmas, abordagens, classificações periódicas, entre outras.

Para esse debate, Pinheiro (1997) distingue a Ciência da Informação em três períodos:

- na Fase 1 (1962-1969), dá-se o surgimento do domínio e os primórdios discursivos acerca da origem, território, denominação, conceitos e definições;
- na Fase 2 (1970-1989), área persegue a formação dos princípios, aspectos metodológicos e teorias da área, delimitando o terreno epistemológico, a inserção das novas tecnologias;
- A partir de 1990, tem-se a Fase 3, quando houve algumas consolidações acerca das denominações e princípios, métodos e teorias e as relações interdisciplinares.

Em outra vertente, Capurro (2003) compreendia que a Ciência da Informação construiu seu conhecimento a partir de percepções coletivas do que seria importante para direcionar os estudos, dividindo a historicidade da Ciência da Informação em paradigmas, modelos abstratos para compreensão das áreas de conhecimento. Remetendo a Kuhn, Capurro (2003) dizia que o paradigma é uma crise que leva à revolução científica. Dessa forma, apresentou três paradigmas, que seriam responsáveis pelo construto teórico e metodológico da Ciência da Informação. São eles:

- o paradigma físico: refere-se à visão tradicional de informação como algo ‘concreto’, em alguma medida, passível de ser retirado de um lugar hipotético e colocado em outro, a informação seria simplesmente algo enviado de um emissor a um receptor;
- o paradigma cognitivo: está relacionado ao inserir o sujeito cognoscente no processo de aquisição do conhecimento;
- o paradigma social: evidencia a informação como um construto social que contextualmente é fruto das relações sociais. Com essa concepção, nega-se a necessidade de informação como uma prioridade ou uma funcionalidade. (CAPURRO, 2003).

Embora tenha percebido que existe uma linearidade cronológica direcionando os paradigmas, Capurro (2003) enfatizou que esse fator não é uma regra. Ele sugeriu uma influência cada vez maior das tecnologias modernas na Ciência da Informação. Outros autores, como Wersig (1993), se opõem à construção da epistemologia dessa ciência a partir de paradigmas, pois essa visão conduziria a trabalhos que não são, de fato, motivados por mudanças de paradigmas (crises, rupturas e revoluções) ou competição entre eles.

Para uma perspectiva paradigmática, Le Coadic (2004, p.109-111) apresenta sua visão epistemológica. Aludindo ao ciclo da informação (produção – comunicação – uso), o autor apresenta quatro paradigmas que estão relacionados às revoluções referentes aos três tempos do ciclo. O primeiro paradigma é o trabalho coletivo, que está inferido nas práticas informacionais e nas técnicas que permitem realizá-las. O segundo paradigma é o do fluxo que está relacionado à gestão documental, quando ocorre uma mudança de suporte, o que faz acontecer infinito número de estoque informacional, de maneira que se deve fazer, agora, é o gerenciamento dos fluxos “ininterruptos e diluvianos de informações e captar a informação relevante”. O terceiro paradigma é o do uso: está relacionado à revolução da passagem progressiva da ênfase no documento para a ênfase na informação, “de uma orientação ao sistema para uma orientação para o usuário”. O último paradigma é o do elétron, que está na mudança de suporte, de modo que modifica o “espaço-tempo da informação e que parece se estabelecer de modo duradouro [...] até a próxima revolução”.

## 2.4 O CAMPO CIENTÍFICO

O campo científico da Ciência da Informação também se configura como estudo dos seus elementos de composição, como a produção e comunicação científica, as técnicas métricas da informação para apontar indicadores de produção, assim como os artefatos de publicação das produções científicas da área. Dessa forma, apresentam-se os conceitos essenciais desses elementos nessa seção.

### 2.4.1 Comunicação Científica

A comunicação científica é uma das mais relevantes temáticas abordadas no campo da Ciência da Informação, e isso acontece porque os cientistas da informação trabalham na vasta tipologia da informação, especialmente as informações sobre a produção científica. Na definição de Lourenço (1997), produção científica se caracteriza pela produção documental,

independentemente do suporte, abordando temáticas de interesse de uma determinada área científica e promovendo o desenvolvimento da Ciência em sua episteme. Targino (2000, p. 10) corrobora com essa definição ao dizer que

[...] a comunicação científica é indispensável à atividade científica, pois permite somar os esforços individuais dos membros das comunidades científicas. Eles trocam continuamente informações com seus pares, emitindo-as para seus sucessores e/ou adquirindo-as de seus predecessores. É a comunicação científica que favorece ao produto (produção científica) e aos produtores (pesquisadores) a necessária visibilidade e possível credibilidade no meio social em que produto e produtores se inserem.

Nas palavras de Costa (2000), a pesquisa é principal atividade dos cientistas, independentemente da área de conhecimento, a qual necessita de mecanismos para comunicação dos resultados de suas investigações. Para Bastos (2005, p. 72),

Sem produção científica, a disseminação do conhecimento científico se torna limitada, dificultando o avanço da ciência. A disseminação da produção científica permite maior visibilidade aos estudos e pesquisas realizados, impulsionando o desenvolvimento intelectual e a geração do conhecimento.

Diante disso, Le Coadic (2004, p. 27) ressalta a importância das atividades científicas, tendo como o insumo para a comunicação e atividade científica a informação, sem as quais seria impossível o desenvolvimento de novos conhecimentos, sendo assim,

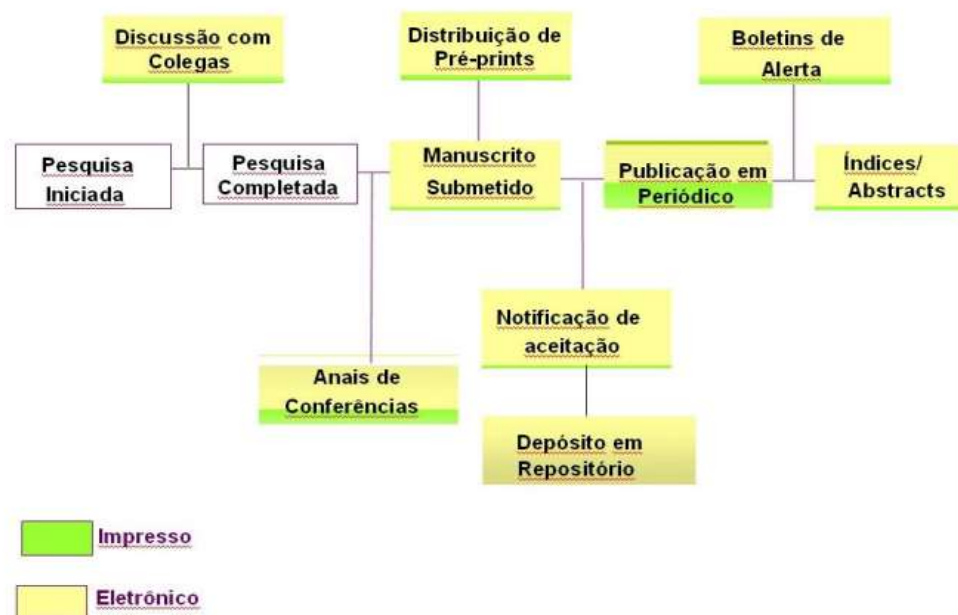
As atividades científicas e técnicas são o manancial de onde surgem os conhecimentos científicos e técnicos que se transformarão, depois de registrados, em informações científicas e técnicas. Mas, de modo inverso, essas atividades só existem, só se concretizam, mediante essas informações. A informação é o sangue da ciência. Sem informação, a ciência não pode se desenvolver e viver. Sem informação a pesquisa seria inútil e não existiria o conhecimento. Fluido precioso, continuamente produzido e renovado, a informação só interessa se circula, e, sobretudo, se circula livremente.

Quando se observa a história da comunicação científica, percebe-se que não há uma exatidão para o momento em que ela surgiu, contudo Meadows (1999) afirma que as discussões acadêmicas remontam a um lugar específico de Atenas, a Academia, na Grécia Antiga, onde se debatiam questões filosóficas. Mesmo na tradição da pesquisa comunicada, o autor argumenta que a Grécia Antiga também é referência, tendo à frente Aristóteles com seus debates presenciais no Liceu e em manuscritos.

Já no modelo tradicional desenvolvido por Garvey e Griffith, a comunicação da produção científica era voltada para o meio impresso, mas que em 1979 sofreu alterações quando foram incorporadas as tecnologias da informação a esse processo. Esse modelo foi adaptado por Hurd, em 1996, quando as fases do processo de comunicação científica foram

influenciadas pelas tecnologias da informação. Outra adaptação sofrida foi a integração dos meios impressos e eletrônicos sugeridos por Costa, em 2008 (SCHWEITZER; RODRIGUES; RADOS, 2011).

**Figura 1** - Adaptação dos modelos de Garvey, Griffith e Hurd para ambiente baseado nos meios impresso e eletrônico e no acesso aberto



Fonte: Costa (2008, p. 225)

Adiante, com o advento da internet e sua popularização, acontecendo na década de 1990, formas inovadoras de publicação, por meio eletrônico, animam os pesquisadores, pois facilitam tanto o acesso quanto a divulgação de pesquisas realizadas no mundo inteiro, permitindo a maior circulação de textos e compartilhamento dos resultados das pesquisas quase que instantaneamente após a finalização da pesquisa.

O marco na utilização dos meios eletrônicos para publicações científicas deu-se com o artigo *Scholarly Skywriting and the Prepublication Continuum of Scientific Inquiry*, de Stevan Harnard, em 1991. Nesse artigo, aparece pela primeira vez o termo “skywriting” que, segundo Harnard, significa “escrever nos céus”, ou seja, dar visibilidade universal as publicações e permitir que todos tenham acesso e possam deixar suas contribuições (MUELLER, 2006). A partir de então, vários esforços foram feitos para que o acesso às publicações científicas fosse livre para todos. Algumas iniciativas nesse sentido começaram a surgir, com destaque para os arquivos de *pré-prints* de Paul Ginsparg, em 1991, em Los Alamos (MUELLER, 2006). O

sistema de Los Alamos permitiu que cientistas do mundo inteiro enviassem suas produções para um repositório central, ficando disponível para acesso (MUELLER, 2006).

No entanto, toda essa facilidade e abundância de trabalhos depositados na internet trouxe preocupações quanto à qualidade e validade dos materiais que circulam na rede, visto que uma das características mais relevantes da ciência é a confiabilidade e a fidedignidade dos resultados, sendo que essa confiabilidade é o que separa o conhecimento científico do senso comum (MUELLER, 2000). Do leigo ao pesquisador mais renomado, todos buscam publicações que tenham o respaldo da ciência, que tenham passado por avaliações prévias para constatar o rigor da pesquisa em questão.

As primeiras publicações, ainda na década de 1990, “não foram, de início, recebidas como formas legítimas de certificação da ciência e comunicação científica” (MUELLER, 2006, p. 33), ainda assim, foram comemoradas, pois retiravam das mãos das editoras e dos membros avaliadores parte do poder, ou assim se pensava. No entanto, como não seguiam os moldes tradicionais, as publicações eletrônicas enfrentaram a falta de legitimidade por parte da comunidade científica, já que a avaliação por pares não estava contemplada, a princípio (MUELLER, 2006).

O sistema de avaliação por pares consiste em avaliar previamente os artigos submetidos para publicação nos periódicos, feita por pesquisadores especialistas que compõe o seletivo grupo dos mais prestigiados da área, o que são denominados de “pares”. Embora seja o sistema avaliativo de maior destaque, o sistema de pares enfrenta algumas críticas (COSTA, 2000). A maior crítica refere-se à morosidade do processo avaliativo, criando um hiato de tempo entre a conclusão do trabalho e sua divulgação dos resultados nos meios de comunicação científica.

Ao utilizar as novas tecnologias eletrônicas de comunicação, buscava-se dar mais celeridade ao processo de avaliação sem, no entanto, perder a qualidade das publicações. O processo se tornaria mais rápido, pois teria em cada pesquisador/leitor um avaliador em potencial. Muitas propostas foram apresentadas, como a avaliação de comentários pelos pares, que aconteceria após a publicação dos resultados, mas nenhuma delas foi aceita, pois não garantiam a qualidade dos artigos publicados como na avaliação pelos pares (PAVAN; STUMPF, 2009).

É importante destacar que, segundo Meadows (1999), a comunicação dos resultados da pesquisa de um cientista depende do meio empregado (periódico ou evento), da natureza das informações compartilhadas e do interlocutor (usuários – pesquisadores que buscam informações especializadas). Com base na observação feita pelo autor supracitado, pode-se

afirmar que os processos de comunicação científica podem ser classificados como formais e informais, sendo os primeiros relacionados à apresentação para um público amplo, com a informação registrada e armazenada por muito tempo, dos quais o periódico científico é o melhor exemplo. Já o segundo processo está relacionado a um público mais restrito, limitado aos participantes de eventos em áreas científicas específicas, sendo, em sua maior parte, um processo oral ao qual se pode acrescentar a publicação de anais.

Para Le Coadic (2004), esse processo não possui a mesma confiabilidade daquele em que a informação é comunicada através de periódicos, já que há a perspectiva dessa informação ser modificada na troca de informações pelos cientistas, durante o evento. Na mesma perspectiva, Mueller (2000a, p. 19-20) conceitua os mecanismos de comunicação científica esclarecendo que:

A comunicação informal utiliza os chamados canais informais e inclui normalmente comunicações de caráter mais pessoal ou que se referem à pesquisa ainda não concluída, como comunicação de pesquisa em andamento, certos trabalhos de congressos e outras com características semelhantes. A comunicação formal se utiliza de canais formais, como são geralmente chamadas as publicações com divulgação mais ampla, como periódicos e livros.

Nesse contexto, o GT-1 da ANCIB se configura como canal informal de comunicação científica, na medida em que as comunicações orais dos resultados de pesquisas permitem o debate sobre o conteúdo apresentado entre os pesquisadores, cujos resultados geralmente não são registrados; mas, do mesmo modo, pode ser visto como canal formal de comunicação científica, uma vez que os anais do ENANCIB não somente são publicados como também detêm registro no International Standard Serial Number (ISSN) como publicação periódica, sendo classificados como B1 pelo Qualis de Periódicos da Capes.

#### 2.4.1.1 Periódicos científicos

O século XVII foi uma época marcada por mudanças significativas em todos os aspectos, mas em especial no campo científico, em virtude da dedução deixar de ser aceita como método científico. A comunidade científica passou a ser mais rigorosa, exigindo “evidências baseadas na observação e na experiência empírica para que os conhecimentos resultantes pudessem ser considerados científicos” (MUELLER, 2000a, p. 69), nascendo, assim, a ciência moderna. Da mesma forma que houve alteração quanto à validade das pesquisas, a comunicação dos resultados das pesquisas também acompanhou essa mudança de paradigma, passando das



cartas trocadas entre cientistas para livros e tratados científicos, que decorriam sobre o conhecimento que se tinha sobre o assunto.

O primeiro periódico que se tem notícia, segundo Mueller (2000a), data de 5 de janeiro de 1665 com a publicação do primeiro número do *Jornal de Sçavans* (Paris), fundado por Daneis de Sallo. O segundo periódico, publicado no mesmo ano, surgiu da iniciativa de um grupo de filósofos ingleses associados à *Royal Society*: o *Philosophical Transactinon* dedicava-se exclusivamente a publicação de experiências científicas, o que diferia do francês. O *Philosophical Transactinon* além de ser o primeiro periódico exclusivamente científico e servir de modelo para as revistas científicas da atualidade, ainda permanece ativo, com plataforma *on line* e publicado pela mesma *Royal Society*.

No entanto, os periódicos não têm como missão apenas a divulgação dos resultados de pesquisas. Segundo Mueller (2000a), a *Royal Society* atribui aos periódicos quatro funções: a primeira e original função dos periódicos é a comunicação dos resultados originais das pesquisas, especialmente para a comunidade científica; a segunda função refere-se à preservação do conhecimento registrado, “ a preservação e organização dos periódicos, nas bibliotecas do mundo todo, garantem a possibilidade de acesso aos conhecimentos registrados ao longo do tempo” (MUELLER, 2000a, p. 71-72); a terceira função dos periódicos é a garantia da propriedade intelectual, registrando a autoria das descobertas científicas. Por último, os periódicos modernos possuem a missão de manutenção do padrão de qualidade na ciência e, dessa forma, as publicações nos periódicos respeitados conferem confiabilidade por passarem previamente pela avaliação de cientistas notáveis da comunidade científica.

Björk (2007) apresenta quatro tipos de canais para o acesso aberto dos periódicos, tomando por base sua finalidade. O primeiro tipo são os periódicos científicos eletrônicos com avaliação prévia pelos pares: são periódicos que se assemelham aos modelos tradicionais, mas diferem quanto ao pagamento, não que não haja o pagamento propriamente dito, mas variam quanto à forma. Alguns títulos possuem apenas sua versão eletrônica, outros disponibilizam a versão impressa mediante pagamento. Outras formas de pagamento são as que o próprio autor ou a instituição em que trabalha, financie o acesso livre; há, ainda, periódicos que disponibilizam o acesso livre de publicações depois de decorrido algum tempo de sua publicação (WILLINSKY, 2003).

No segundo tipo, encontram-se os repositórios de assuntos específicos, são plataformas que disponibilizam textos apresentados em canais paralelos aos tradicionais. Nessas plataformas, o depósito é realizado pelo próprio autor, reduzindo e muito os custos, mas, em

contrapartida, os responsáveis pela plataforma precisam tomar cuidado com o depósito de materiais irrelevantes (BJÖRK, 2007).

Em seguida, aparecem os repositórios institucionais que objetivam a reunião de documentos produzidos pelas instituições que os mantêm. Os responsáveis por esses depositórios encarregam-se de mantê-los atualizados e de preservá-los. Dos quatro tipos, este é o mais utilizado por instituições dos países em desenvolvimento por sua atualização constante, contribuindo para maior visibilidade e reconhecimento tanto das instituições quanto dos pesquisadores das mesmas (BJÖRK, 2007).

Por último, estão as páginas individuais dos pesquisadores, mantidas pelos próprios pesquisadores, sendo consideradas o canal mais aberto ao acesso livre, uma vez que é do interesse dos pesquisadores a divulgação de suas produções (BJÖRK, 2007).

No Brasil, os periódicos científicos são avaliados pela Capes segundo alguns critérios estabelecidos. Após a avaliação, os periódicos são classificados de acordo com o Estrato Qualis obtido para determinada área, observando que um periódico pode ter diferentes conceitos de acordo com área do conhecimento relacionado. Os Estratos Qualis variam em oito níveis (A1, A2, B1, B2, B3, B4, B5, C), sendo o conceito A1 o mais alto do sistema e o C sendo o conceito mais baixo, que configura a pouca relação existente entre o periódico e determinada área ou o não atendimento aos critérios estabelecidos.

Diante do exposto, é necessário ressaltar a importância de verificar como processo de comunicação científica acontece, para que se possa perceber como se dão as ações que permitem a seleção dos artigos indexados na Brapci, considerados como canal formal de comunicação científica, uma vez que está registrado e disponibilizado, podendo ser consultado por qualquer usuário em qualquer tempo.

#### 2.4.1.2 Estudos Bibliométricos, Cientométricos e Informétricos

No escopo da Ciência da Informação, há um grupo de disciplinas que estudam a metrificação da informação denominado Estudos Métricos da Informação. Esses estudos distinguem a Bibliometria, que tem como objetivo estudar os aspectos quantitativos da produção, disseminação e uso da informação registrada; a Cientometria, que estuda os aspectos quantitativos da ciência enquanto uma disciplina ou atividade econômica; e a Informetria, que, por sua vez, estuda os aspectos quantitativos da informação em qualquer formato e referente a qualquer grupo social (MACIAS-CHAPULA, 1998; MARICATO; NORONHA, 2012)

O surgimento dos estudos métricos se dá em meados de 1930, voltados para a mensuração de livros, derivando o termo Bibliometria do trabalho de Paul Otlet, em 1934 (MARICATO; NORONHA, 2012). Segundo Gomes (2006), ao usar os preceitos bibliométricos identificam-se os indicadores das tendências de pesquisas e, ainda, apontam-se fragilidades das teorias e metodologias da produção científica, contribuindo, assim, para desenvolvimento de meios para ultrapassá-las. Os indicadores que mais se destacam são: número de trabalhos, número de citações, coautorias, número de patentes, número de citações de patentes e mapas dos campos científicos e dos países. A partir desses indicadores, têm-se os seguintes produtos, considerados por Noronha e Maricato (2008, p. 123) como outros indicadores:

- evolução quantitativa e qualitativa da literatura;
- obsolescência da informação e dos paradigmas científicos;
- dinâmica e estrutura da comunicação científica (principalmente formal);
- características e funções de diversos tipos documentais (literatura branca e cinzenta
- ranking de publicações, autores, instituições, países, etc.;
- estudos de citação, fator de impacto;
- relações interdisciplinares, intradisciplinares e multidisciplinares na ciência;
- estudos de colaboração científica (principalmente baseados em coautoria);
- comportamentos de uso e crescimento do acervo em bibliotecas;
- evolução de disciplinas, subdisciplinas e novos conceitos;
- características de frequência de ocorrência de palavras em textos.

Os indicadores supracitados ajudam a avaliar a produtividade e a qualidade das pesquisas cujos resultados foram compartilhados pelos cientistas, com base no número de publicações e citações, e alguns deles são utilizados na presente pesquisa. Já Vanti (2002, p. 155) elenca possibilidades com o uso das técnicas bibliométricas, o que permite avaliar a produtividade dos pesquisadores:

- Identificar as tendências e o crescimento do conhecimento em uma área;
- Identificar as revistas do núcleo de uma disciplina;
- Mensurar a cobertura das revistas secundárias; – identificar os usuários de uma disciplina;
- Prever as tendências de publicação;
- Estudar a dispersão e a obsolescência da literatura científica;
- Prever a produtividade de autores individuais, organizações e países;
- Medir o grau e padrões de colaboração entre autores;
- Analisar os processos de citação e cocitação;
- Determinar o desempenho dos sistemas de recuperação da informação;
- Avaliar os aspectos estatísticos da linguagem, das palavras e das frases;
- Avaliar a circulação e uso de documentos em um centro de documentação;
- Medir o crescimento de determinadas áreas e o surgimento de novos temas.

Ainda em Noronha e Maricato (2008, p. 122), têm-se o detalhamento dos indícios a serem recolhidos, os quais serão observados nessa pesquisa. Sendo assim, no âmbito das pesquisas métricas,

[...] poderão ser estudados aspectos sobre a orientação, a dinâmica e a participação da C&T em escala internacional (através da comparação entre dois ou mais países), nacional (entre dois ou mais estados), local (entre instituições de uma mesma cidade ou região). Cada uma dessas categorias de análise pode ser subdividida e aprofundada, surgindo novas variáveis e abordagens, por campo de atuação (linhas de pesquisa), por pesquisadores (formação, titulação), por colaboração (trabalhos em coautoria, sociabilidade entre os autores), assuntos, tipos documentais (periódicos, teses, dissertações, eventos, etc), instituições (universidades, centros de pesquisa, empresas), departamentos, cursos, disciplinas, etc.

No entanto, Santos (2003) ressalta que as ações e o comportamento dos cientistas estão diretamente ligados ao contexto e, dessa forma, esses fatores não são considerados neutros e nem extemporâneos. Assim, as ações são consideradas na concentração do labor representado nos aspectos da produção científica certificada, o que favorece, com seus resultados, o regime de produção econômica vigente.

Diante do exposto, é necessária a descrição das três dinâmicas tradicionais dos estudos métricos da informação. No primeiro momento, tem-se a bibliometria, termo que, segundo Vanti (2002) e Maricato e Noronha (2012), foi utilizado pela primeira por Paul Otlet na obra *Traité de documentation*, de 1934, mas cuja popularidade veio através de Alan Pritchard, em 1969, no Seminário anual do *Documentation Research and Training Centre* (DRTC).

A referida disciplina trabalha com um conjunto de leis e princípios empíricos clássicos que são: a Lei de Lotka, que trabalha com a quantificação da produção dos autores contextualizada em um modelo de distribuição; a Lei de Bradford, que trabalha com a informação veiculada em periódicos científicos, estabelecendo o núcleo importante e as áreas de dispersão sobre determinado assunto; e a Lei de Zipf, que mede a frequência das palavras em diversos documentos, gerando um índice de palavras relevantes em uma disciplina. (GUEDES, 2012; VANTI, 2011; SANTOS; KOBASHI, 2009).

A Lei de Lotka (Lei do Quadrado Inverso), de 1926, mede a distribuição do tamanho frequência dos diversos autores em um conjunto de documentos, ou seja, a produtividade dos cientistas. Sua premissa diz que uma grande quantidade de trabalhos científicos é produzida por um pequeno número de autores, enquanto um grande número de pequenos pesquisadores se iguala, no quantitativo em produções, ao pequeno grupo de autores (URBIZAGASTEGUI

ALVARADO, 2008). Sua fórmula se dá:  $Y = \frac{C}{x^2}$ , onde **Y** é número de autores publicando número **X** de trabalhos e **C** é um valor constante para cada campo científico.

A premissa foi aperfeiçoada por Solla Price (1976), ao concluir que 1/3 da literatura é produzida por menos 1/10 dos autores mais produtivos e 60% dos autores produzem uma única pesquisa. Segundo, Araújo (2006), a partir daí Solla Price criou a Lei do Elitismo: o número de membros da elite corresponde à raiz quadrada do número total de autores, e a metade do total da produção é considerado o critério para saber se a elite científica é produtiva ou não.

Dessa forma, a Lei de Lotka ajuda o pesquisador a conhecer quais os autores mais importantes de uma determinada área, possibilitando que a pesquisa seja fundamentada naqueles que mais publicam sobre o assunto. De fato, isso leva ao elitismo como apontou Solla Price (citado por Araújo, 2006), pois bem se sabe que aquele que tem mais publicação tem seus trabalhos aceitos mais facilmente para outras publicações.

Adiante, tem-se a Lei de Zipf (Lei do Mínimo Esforço), de 1949: quantifica a frequência do aparecimento das palavras em vários textos, o que forma ordenadamente uma listagem de termos de uma determinada disciplina ou assunto. As palavras, quando listadas em ordem decrescente de frequência, implicam em que a frequência de uma palavra multiplicada seja considerada uma constante. Para se atingir esse princípio a equação é a seguinte:  $r \times f = k$ , onde **r** é a posição da palavra, **f** a sua frequência e **k** a constante. Assim, Zipf argumenta que existe uma economia do uso de palavras, e se o sujeito tem a tendência de usar o mínimo, significa que as palavras não vão se dispersar. Diante disso, uma mesma palavra será usada muitas vezes, o que se permite dizer que esses vocábulos indicam o assunto do documento (ARAÚJO, 2006). A Lei de Zipf relaciona a frequência de ocorrência de palavras em documentos, permitindo aos sistemas de indexação automática fazerem uma representação do documento e, no intuito da recuperação da informação, que o usuário se sinta satisfeito.

Prosseguindo com as exposições das leis, tem-se a Lei de Bradford (Lei da Dispersão): estabelece o núcleo e as áreas de dispersão sobre um determinado assunto em um mesmo grupo de revistas. Isso é feito a partir da mensuração da produtividade das revistas. Seu princípio diz que quando os periódicos são colocados em ordem decrescente de produtividade de artigos em um determinado assunto, identifica-se um núcleo de títulos mais voltados ao tema e vários outros grupos/zonas que fazem a inclusão do mesmo número de artigos que o núcleo que detém a maioria dos títulos. Assim, para se ter o resultado, “o total de artigos deve ser somado e dividido por três; o grupo que tiver mais artigos, até o total de 1/3 dos artigos, é o “core” daquele assunto” (ARAÚJO, 2006, p. 15). Dessa forma, a Lei Bradford objetiva avaliar a produção e a

área de concentração das publicações, possibilitando critérios na seleção de periódicos para uma dada área em uma determinada organização.

Voltando às disciplinas dos estudos métricos, tem-se a cientometria, que é um termo surgido na antiga União Soviética e designa a aplicação de métodos de mensuração para o estudo da ciência e do progresso tecnológico. Para Macias-Chapula (1998), a cientometria estuda os aspectos quantitativos da ciência enquanto uma disciplina ou atividade econômica. Assim a cientometria, sob aspecto da sociologia da ciência, aplica-se no desenvolvimento de políticas científicas.

Diante disso, têm-se indicadores quantitativos, que, para Tague-Sutcliffe (1992), medem os incrementos de produção e produtividade de uma disciplina, grupo de pesquisadores de um domínio, delineando o crescimento de determinada área do conhecimento. Na perspectiva de Van Raan (1997), por meio dela se revelam os laços entre a ciência e a tecnologia, possibilitando o avanço do conhecimento e relacionando estas com as questões sociais e de políticas públicas. A cientometria se comporta de forma multidisciplinar, uma vez que seus métodos vêm, conforme Vanti (2002), das ciências naturais, sociais e comportamentais.

A Solla Price se reconhece o modelo que integrou a bibliometria e os estudos da atividade científica, tendo a formulação do campo teórico da Ciência da Informação e proporcionado o desenvolvimento dos estudos interdisciplinares (SANTOS, 2015, p. 327). Em Solla Price (1965), tem-se que os objetos empíricos da cientometria são os artefatos e os atores das ciências, numa perspectiva cumulativa da ciência à qual se deu o nome de Efeito Mateus, significando, segundo Kroff e Lima (1999), que a quem tem mais lhe será dado.

Para a informetria, tem-se uma disciplina que amplia as fronteiras da bibliometria e da cientometria, tendo sido proposta pela primeira vez por Otto Nacke, em 1979. Seu conceito, por Macias-Chapula (1998, p. 134), é o estudo quantitativo da informação em qualquer formato “e não apenas registros catalográficos ou bibliografias, referente a qualquer grupo social, e não apenas aos cientistas. A informetria pode incorporar, utilizar e ampliar os muitos estudos de avaliação da informação que estão fora dos limites da bibliometria e cienciometria”. Segundo Wormell (1998), a informetria é um subcampo emergente da Ciência da Informação, combinando técnicas de recuperação da informação com estudos métricos dos fluxos da informação.

Percebe-se que, de acordo com os estudos métricos postulados, todas as informações quantificáveis advêm dos artigos científicos. Alguns outros pontos são investigados e tidos como indícios na elaboração de indicadores para mensuração da produção científica, além de

serem considerados indicadores cientométricos, os quais são utilizados como pistas nessa pesquisa. Segundo Vanti (2011), têm-se:

- **índice de citação:** proposto por Garfield, em 1955, constituído por uma lista em ordem alfabética de elementos bibliográficos e que é utilizada para determinar o reconhecimento de um autor na sua área de domínio, podendo também ser usado também para perceber o prestígio de um determinado periódico;
- **fator de impacto:** um indicador que aponta a média de citações recebidas por um periódico para perceber o impacto na comunidade científica. Obtém-se esse fator pelo número de vezes quem o periódico foi citado e o número de artigos que ele publicou num período de tempo determinado.
- **índice de coautoria:** índice obtido por meio de técnicas de análise das relações de colaboração com intuito de verificar redes sociais colaborativas estabelecidas entre os atores, instituições, entre outros.
- **Índice-H:** um índice utilizado para quantificar a produtividade e o impacto dos trabalhos de diferentes pesquisadores. Foi criado por Jorge Hirsch, em 2005, e considera que “um cientista terá um índice  $H_n$  se tiver um número igual ou superior de citações ao número total de artigos publicados, para cada artigo” (VANTI, 2011, p. 24).

A partir do exposto, tem-se a perspectiva do processo de avaliar mensurando também, pois, como aponta Costa (2011), esse ato constitui

- uma questão ontológica, pois captura os números que estão na essência do objeto;
- uma percepção formal já que consiste na ação de atribuir símbolos que viabilizam a manipulação;
- uma questão de informação quando a mensuração consiste em realizar avaliações que atendem a dados objetivos.

Segundo o referido autor, pelo ato de mensurar se enfrenta o problema da subjetividade, pois esse problema do conceito institui dificuldades no entendimento baseado nas razões ontológicas. Sendo assim, fazer a mensuração de informações relacionadas à produção e comunicação dos cientistas da Ciência da Informação que trabalham as questões epistemológicas e históricas dessa ciência, permite perceber como essa temática vem se configurando dentro do GT-1 do ENANCIB e nos periódicos da área.

### 3 TECNOLOGIAS INTELECTUAIS, PARADIGMAS E INDÍCIOS

“Em largos passos, Ele alcançou sua caça, e me pediu...  
Pediu que eu caçasse um meio termo para andar na linha  
Mandou que eu caçasse um jeito de buscar, direito, o que  
caço  
Ordenou que eu nunca fosse caça  
Me ofereceu a arma de caçador, e lá vou eu  
Caçar um jeito de ser Feliz... “

(Roger Cipó)

Nesta seção, serão apresentadas as guisas do processo de busca e análise dos indícios, descrevendo, desse modo, os princípios do método indiciário de Ginzburg e a técnica do brauseio de Araújo, o percurso metodológico e as fontes de informação utilizadas, como os anais do GT-1 dos ENANCIB, a Brapci e a Plataforma Lattes.

#### 3.1 BUSCANDO OS INDÍCIOS

Diante da combinação dos elementos teóricos com os objetos dessa pesquisa, sentiu-se a necessidade de fazer uma pesquisa sem um método fechado, algo que não deixasse o pesquisador engessado no próprio método. Dessa forma, optou-se pelo método do paradigma indiciário de Ginzburg (1989) que, no âmbito da Ciência da Informação, já foi usado em vários trabalhos pela pesquisadora Isa Maria Freire.

Alinhado a essa perspectiva metodológica, usou-se a técnica do brauseio (*browsing*) definida por Araújo (1994, p. 189) como “a arte de não se saber o que se quer até que se o encontre” e que, nas palavras de Freire (2014), é uma atividade de busca, tendo como causa uma necessidade ou interesse de informação percebido.

O método do paradigma indiciário foi apresentado por Ginzburg (1989), o qual consiste num conjunto de princípios que atenta para os detalhes, dados marginais, resíduos, pistas indícios, sinais, vestígios. Em uma linguagem metafórica, é o percurso em que se pode tomar em um tecido, seguindo fio a fio, de modo a se fazer a investigação. Nas palavras de Ginzburg (1989, p. 170), “Trata-se [de remeter, a partir de] de adjetivos não-sinônimos, [...] a um modelo epistemológico comum, articulado em disciplinas diferentes, muitas vezes ligadas entre si pelo empréstimo de métodos ou termos-chave”. A escolha desse método se deu pelo fato do autor da presente pesquisa não acreditar que a Ciência da Informação se encaixe na perspectiva da ciência tradicional estabelecida pela percepção positivista. Sendo assim, o método indiciário permite colocar a referida ciência no



[...] grupo de disciplinas que chamamos de indiciárias [e que] não entra absolutamente nos critérios de cientificidade deduzíveis do paradigma galileano. Trata-se, de fato, de disciplinas eminentemente qualitativas, que têm por objeto casos, situações e documentos individuais, *enquanto individuais* (GINZBURG, 1989, p. 156).

O paradigma indiciário de Ginzburg (1989) é considerado um método interpretativo, no qual o pesquisador é analogicamente o caçador que atenta para os vestígios de sua caça (as pegadas, fezes, pelos) para criar a narrativa das causas e efeitos da passagem da caça. Para o filósofo, é necessário examinar os pormenores mais negligenciáveis e menos influenciados pela instituição a qual pertença o artista/pesquisador/caçador. Quando os rastros não são suficientes para se criar a história, é mister atentar especialmente nos efeitos para reconstruir a narrativa, nas palavras do autor supracitado: "Quando as causas não são reprodutíveis, só resta inferi-las a partir dos efeitos" (GINZBURG, 1989, p. 169).

Para o autor, toda investigação pode ser considerada um tapete com fios ponto a ponto, comportando-se numa trama densa e homogênea. O trabalho com o método do paradigma indiciário permite a elaboração de controle social mais sutis e minuciosos, mas também pode convertê-las em instrumento que dissolva as questões nebulosas da ideologia.

O outro método usado no sistema de busca foi brauseio que, segundo Araújo (1994), é uma estratégia que consiste em andar a esmo, ou deambular, colhendo “*flashes*” de qualquer tipo de informação. Para Naves (1998), brauseio consiste numa atividade não orientada, não sistemática, casual, informal, não programada. Sendo assim, o termo é definido como uma busca que não necessita de critérios e objetivos pré-estabelecidos.

A forma de pesquisa, segundo Araújo (1994), pelo brauseio se dá por um processo de exploração visual, por meio do “acesso direto” sem ajuda de um mediador. Dessa forma, é o encontrar por acaso o que lhe interessa, ou seja, “outra forma de descrever o processo de brausear seria equivalê-lo à ‘arte de não saber o que se quer até que se o encontre’” (ARAÚJO, 1994, p. 108).

Na perspectiva de Freire (2014), brauseio é uma atividade de busca derivada de uma necessidade ou interesse informacional percebido, o que no âmbito dessa pesquisa consiste em buscar pistas sobre as relações de colaboração na produção e comunicação de artigos que tratam da historiografia e epistemologia da Ciência da Informação, publicados nos anais do GT-1 e na Brapci.

Nessa mesma perspectiva, Hassan (2006) argumenta que o processo de brauseio se dá quando o usuário explora visual e espacialmente o conjunto de documentos, sem ter a

necessidade de expressar previamente quais são suas necessidades informacionais, em outras palavras, sem especificar suas necessidades mediante a linguagem de consulta.

### **3.1.1 Percurso Metodológico**

O percurso metodológico dessa pesquisa consiste em valorizar as especificidades e as regularidades da produção e comunicação científica da epistemologia da Ciência da Informação, reconhecendo as formas com que essa área produz o conhecimento. Também se caminha para inferir as causas comportamentais da literatura da área a partir dos efeitos que compõem as relações interpessoais dos pesquisadores. Assim, há um exercício criativo de conjecturas e inferências durante a busca pelos indícios e análise dos sinais observados. Ainda dentro da perspectiva do paradigma indiciário, faz-se uma análise bibliométrica e cientométrica dos detalhes acerca da epistemologia e historiografia da Ciência da Informação, utilizando um pluralismo documental, teórico e metodológico.

Na classificação do tipo de pesquisa em seus diversos aspectos, tomaram-se como princípios os fundamentos da metodologia científica trabalhada por Gil (2002), Marconi e Lakatos (2009), já que trabalham no intuito de explicitar os procedimentos sistemáticos e racionais, condensando a metodologia científica, técnicas de pesquisa e metodologia do trabalho científico.

Essa pesquisa se encaixa na categoria descritiva, pois permite descrever as características da produção e comunicação científica acerca da epistemologia e historiografia da Ciência da Informação a partir da verificação descritiva de um fenômeno. Assim, a produção científica da temática aqui mencionada é analisada a partir da identificação do coletivo de pesquisadores, relações instituídas entre esses e os elementos que compõem a estrutura dessa produção científica, evidenciando também as relações de poder institucionalizadas na área.

Para a forma da abordagem, esse estudo é caracterizado pelos métodos de análise quantitativa e qualitativa. A análise quantitativa se dá na coleta de dados para a aplicação das perspectivas dos estudos métricos da informação como a bibliometria, informetria e a cientometria, pelas quais obter-se-ão alguns principais indicadores de modo genérico expressos por Noronha e Maricato (2008, p. 123), a saber: “evolução quantitativa e qualitativa da literatura”, “dinâmica e estrutura da comunicação científica (principalmente formal)”, “ranking de publicações, autores, instituições”, “estudos de citação” e “estudos de colaboração científica (principalmente baseados em coautoria)”.

O enfoque passa a ser qualitativo quando se faz a interpretação desses resultados quantitativos por meio de análise reflexiva que estabeleça a relação das variáveis, observando o contexto das “condições sociais, institucionais e ambientais em que as vidas das pessoas se desenrolam” (YIN, 2016, p. 7). Para Denzin e Lincoln (2006), essa abordagem consiste na interpretação do mundo, dessa forma o ator pesquisador estuda os fenômenos em seus cenários naturais, investigando como as pessoas conferem os significados aos fenômenos. A ênfase qualitativa contribui “no processo de mudança de determinado grupo” (RICHARDSON, 2012, p. 80), uma vez que o comportamento individual é verificado e refletido a partir do todo.

Em relação aos procedimentos, foram escolhidos a pesquisa bibliográfica e documental, aplicando-se as técnicas do método indiciário de Ginzburg (1989) e a técnica do brauseio de Araújo (1994).

A pesquisa bibliográfica é inerente a qualquer estudo e tem como principal vantagem, segundo Gil (2002), abordar uma gama de fenômenos ampla disponível diretamente aos estudos do pesquisador. Diante disso, a pesquisa em mãos se classifica em bibliográfica porque, para Fonseca (2002), recorre a fontes como livros, teses, dissertações e artigos científicos localizadas em bibliotecas, virtuais ou físicas, ou seja, os conceitos acerca dos termos como epistemologia e historiografia da Ciência da Informação, regime de informação, rede conceitual, estudos métricos, produção e comunicação científica são trazidos da literatura já existente.

Em relação à pesquisa documental, recorrem-se a outras fontes mais diversificadas, além dos gêneros expostos na biblioteca. No caso desta pesquisa, as outras fontes são a Plataforma Lattes (CNPq), a Brapci, sítios dos Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação no Brasil e da ANCIB, programações de eventos, relatórios, e a Plataforma do Diretório dos Grupos de Pesquisas do Brasil (DGP) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Ainda em relação aos procedimentos de coleta de dados, essa pesquisa se caracteriza como um estudo de caso, pois, como define Fonseca (2002, p. 33),

Um estudo de caso pode ser caracterizado como um estudo de uma entidade bem definida como um programa, uma instituição, um sistema educativo, uma pessoa, ou uma unidade social. Visa conhecer em profundidade o como e o porquê de uma determinada situação que se supõe ser única em muitos aspectos, procurando descobrir o que há nela de mais essencial e característico. [...] O estudo de caso pode decorrer de acordo com uma perspectiva interpretativa, que procura compreender como é o mundo do ponto de vista dos participantes, ou uma perspectiva pragmática, que visa simplesmente apresentar uma perspectiva global, tanto quanto possível completa e coerente, do objeto de estudo do ponto de vista do investigador.

Na perspectiva de Gil (2002), com relação à coleta de dados, o estudo de caso é o mais completo porque se vale dos dados em relação à pessoa e dados documentais. Destarte, esta pesquisa restringe sua investigação aos pesquisadores que publicaram trabalhos nos anais do GT-1 dos ENANCIB no recorte temporal de 2003 a 2018 e autores de artigos de periódicos indexados na Brapci no mesmo recorte temporal.

Diante do exposto, o percurso percorrido na pesquisa consistiu no levantamento de dados a partir do Portal de Eventos da ANCIB, do qual são retirados dados referentes ao GT-1 para, desse modo, formar um banco de dados tabulado no *software* Excel versão 14.5.0. Especificamente, os dados que foram retirados dos anais dos ENANCIB publicados de 2003 a 2018. Para essa etapa, também se fez a busca na Brapci por artigos que tratem da epistemologia e/ou historiografia da Ciência da Informação. O desenvolvimento do trabalho se deu pela mensuração dos dados, confecção de gráficos e tabelas para análise.

Vale ressaltar que havia a dificuldade de que muitos dados necessários à pesquisa não se encontraram nos documentos indexados no Portal da ANCIB e na Brapci, o que pôde ser superada mediante buscas em outros portais da área e no Currículo Lattes dos pesquisadores. No primeiro momento, houve problemas com a Brapci, o que foram solucionados com disponibilização de uma nova plataforma por parte da equipe da referida base.

Sendo assim, a análise da produção científica da temática epistemologia e historiografia da ciência da informação se deu pelas seguintes etapas: identificação dos autores que mais produziram sobre a temática Epistemologia da Ciência da Informação, no Brasil; estabelecimento das relações que conectam os autores entre si, instituições de vínculos dos pesquisadores da temática.

A priori, a técnica do brauseio se aplicou aos resultados da busca nas fontes de informação pelos seguintes descritores:

“historiografia”  
“epistemologia”  
“epistemologia da Ciência da Informação”  
“historiografia da Ciência da Informação”  
“história da Ciência da Informação”  
“historiografia e epistemologia da Ciência da Informação”  
“filosofia da Ciência da Informação”  
“filosofia da Informação”

A pesquisa busca, no território da literatura científica:

- os autores, suas ligações institucionais e atributos no campo científico;
- a rede de coautorias por tipo de colaboração (pesquisa, orientação e outros);

Outras atividades foram desenvolvidas simultaneamente à caça aos indícios, ou *a posteriori* a essa ação: aplicações dos estudos métricos como os bibliométricos, cientométricos e informétricos; regime de colaboração entre os pesquisadores do núcleo duro de pesquisadores do campo de pesquisa; construção da narrativa/análise a partir das pistas encontradas.

### 3.2 FONTES DE INFORMAÇÃO

Essa seção traz a descrição do universo dessa pesquisa, ou seja, o espaço onde está inserida a população a ser investigada – núcleo de pesquisadores mais produtivos no contexto da temática epistemologia e historiografia da Ciência da Informação. Dessa forma, esses ambientes são considerados o cenário natural do qual se obtiveram as pistas, indícios, detalhes de como a produção e comunicação científica acontecem e as relações estabelecidas entre os pesquisadores da referida temática.

#### 3.2.1 História do GT-1 no ENANCIB

Vários domínios do conhecimento estabelecem espécies de GT e de fóruns que permitem debates e reflexões com intuito de promover o progresso das pesquisas e dos trabalhos científicos, tecnológicos e sociais. Com esse mesmo objetivo, os pesquisadores da Ciência da Informação, por meio da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB), estabeleceram o Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB), realizado desde 1994.

O ENANCIB, por meio dos Grupos de Trabalho da ANCIB, é uma das mais importantes vitrines que permitem a visualização das pesquisas que vêm sendo desenvolvidas especialmente nos cursos de pós-graduação em Ciência da Informação acerca das questões epistemológicas e históricas dessa área.

Atualmente, a ANCIB se organiza 11 grupos de trabalho, sendo cada um responsável por uma temática de pesquisa:

- GT-1 - Estudos Históricos e Epistemológicos da Informação;
- GT-02 - Organização e Representação do Conhecimento;
- GT-03 - Mediação, Circulação e Apropriação da Informação;
- GT-04 - Gestão da Informação do Conhecimento;
- GT-05 - Política e Economia da Informação;
- GT-06 - Informação, Educação e Trabalho;
- GT-07 - Produção e Comunicação da Informação em Ciência, Tecnologia & Inovação;

- GT-08 - Informação e Tecnologia;
- GT-09 - Museu, Patrimônio e Informação;
- GT-10 Informação e Memória;
- GT-11 Informação e Saúde.

Essa pesquisa tem como interesse específico estudar o GT-1, que apresenta a seguinte ementa:

Paradigmas da Ciência da Informação, constituição do seu campo científico e questões epistemológicas subjacentes. Inclui discussões sobre disciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade da área, bem como a construção do conhecimento em Ciência da Informação do ponto de vista histórico. (ANCIB, 2016, *on line*)

Com apoio dos Programas de Ciência da Informação, a ANCIB promove anualmente o ENANCIB, evento no qual são levados a fórum resultados e reflexões acerca das pesquisas desenvolvidas na área. Já aconteceram 19 edições do ENANCIB, conforme Quadro 1:

**Quadro 1 – As Edições do ENANCIB (1994-2018)**

ENANCIB	ANO	LOCAL
I	1994	Belo Horizonte – MG
II	1995	Valinhos – SP
III	1997	Rio de Janeiro – RJ
IV	2000	Brasília – DF
V	2003	Belo Horizonte – MG
VI	2005	Florianópolis – SC
VII	2006	Marília – SP
VIII	2007	Salvador – BA
IX	2008	São Paulo – SP
X	2009	João Pessoa – PB
XI	2010	Rio de Janeiro – RJ
XII	2011	Brasília – DF
XIII	2012	Rio de Janeiro – RJ
XIV	2013	Florianópolis – SC
XV	2014	Belo Horizonte – MG
XVI	2015	João Pessoa – PB
XVII	2016	Salvador - BA
XVIII	2017	Marília - SP
XIX	2018	Londrina - PR

Fonte: Elaborado pelo autor

Foi no IV ENANCIB, realizado em Brasília, em 2000, que surgiu o GT-08, tendo como título “Epistemologia da Ciência da Informação”, que abordava as questões epistemológicas e históricas da Ciência da Informação. O GT-08 perdurou no V ENANCIB, realizado em Belo Horizonte em 2003, mas no VI ENANCIB, realizado em 2005, mudou sua posição no quadro de Grupos de Trabalho, passando a GT-1 e adotando uma nova denominação: “Estudos Históricos e Epistemológicos da Informação”. No XI ENANCIB, realizado em 2010, o GT-1 novamente alterou sua denominação, agora para “Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação”, a qual mantém até a data atual. O Quadro 2, a seguir, apresenta uma cronologia do GT-1, com respectivos coordenadores e instituições:

**Quadro 2 – Evolução histórica do GT-1**

<b>ANO</b>	<b>DENOMINAÇÃO</b>	<b>COORDENADOR/INSTITUIÇÃO</b>
2000	Epistemologia da Ciência da Informação	Isis Paim, UFMG
2003	Epistemologia da Ciência da Informação	Isis Paim, UFMG
2005	Estudos Históricos e Epistemológicos da Informação	Maria Nélida González de Gómez, IBICT
2006	Estudos Históricos e Epistemológicos da Informação	Maria Nélida González de Gómez, IBICT
2007	Estudos Históricos e Epistemológicos da Informação	Lena Vania Ribeiro Pinheiro, IBICT
2008	Estudos Históricos e Epistemológicos da Informação	Lena Vania Ribeiro Pinheiro, IBICT
2009	Estudos Históricos e Epistemológicos da Informação	Lena Vania Ribeiro Pinheiro, IBICT
2010	Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação	Lena Vania Ribeiro Pinheiro, IBICT
2011	Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação	Icléia Thiesen, UNIRIO
2012	Estudos Históricos e epistemológicos da Ciência da informação	Icléia Thiesen, UNIRIO
2013	Estudos Históricos e epistemológicos da Ciência da informação	Icléia Thiesen, UNIRIO
2014	Estudos Históricos e epistemológicos da Ciência da informação	Icléia Thiesen, UNIRIO
2015	Estudos Históricos e epistemológicos da Ciência da informação	Isa Maria Freire, UFPB
2016	Estudos Históricos e epistemológicos da Ciência da informação	Isa Maria Freire, UFPB
2017	Estudos Históricos e epistemológicos da Ciência da informação	Isa Maria Freire, UFPB
2018	Estudos Históricos e epistemológicos da Ciência da informação	Isa Maria Freire, UFPB

Fonte: Adaptado de Freire e Alvares (2013).

A ementa atual do GT-1 é “Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação. Constituição do campo científico e questões epistemológicas e históricas da Ciência da informação e seu objeto de estudo — a informação. Reflexões e discussões sobre a disciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade, assim como a construção do conhecimento na área”.

### **3.2.2 A Brapci - Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação**

A Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (Brapci) é uma importante ferramenta de pesquisa na área da Ciência da Informação. Essa base de dados compõe hoje um conjunto de instrumentos que vão de um simples brauseio pelos artigos da área até a sua utilização como recurso metodológico de investigação de temáticas.

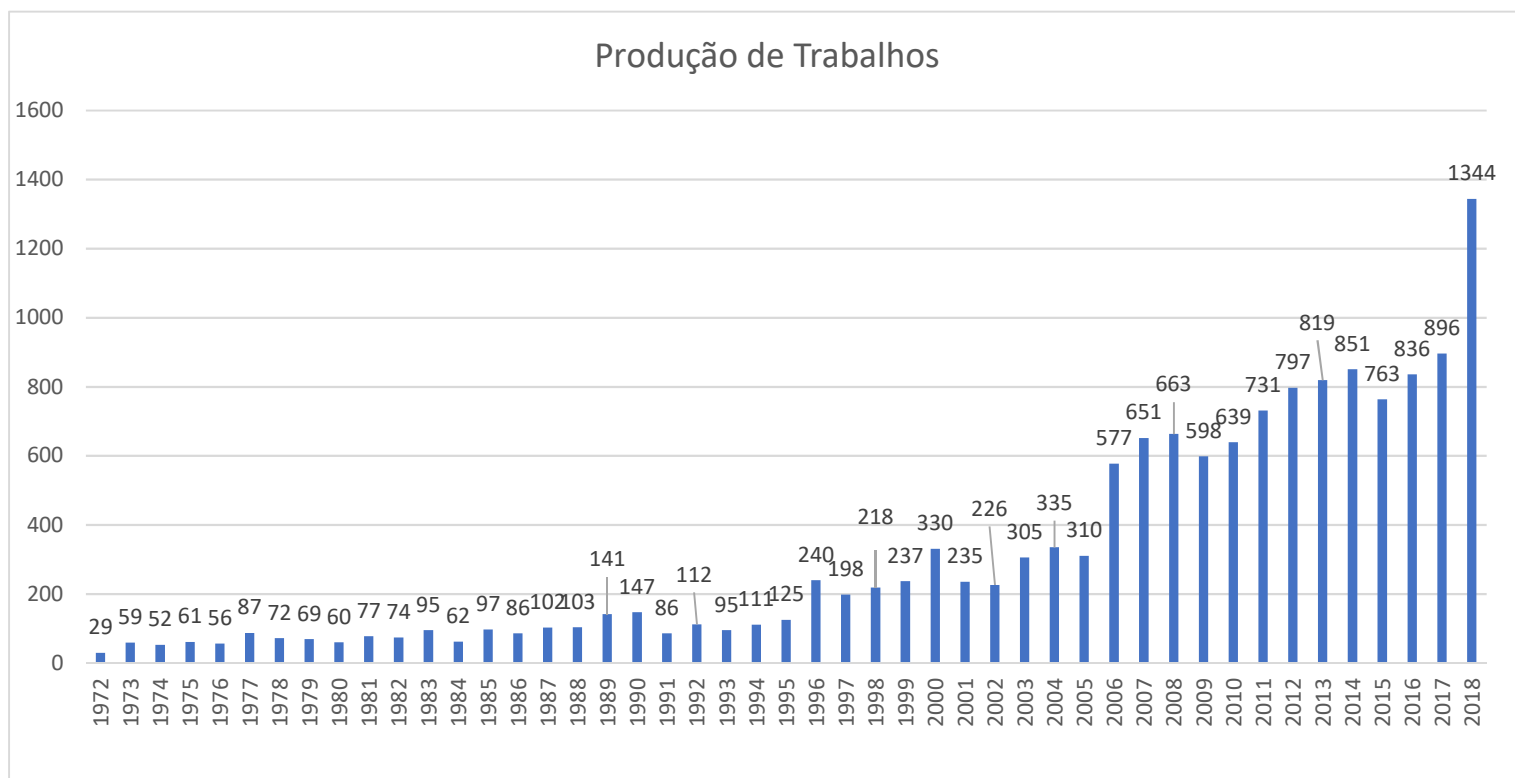
Segundo Gabriel Júnior (2014), a idealização da Brapci se deu na concepção de estudo pós-doutoral da professora Leilah Santiago Bufrem no ano de 1995, tendo como intuito o desenvolvimento de um repertório representativo da produção científica do Brasil e da Espanha. Depois de várias experiências, o projeto tomou uma dimensão muito grande, o que o deixa no patamar de várias outras bases como Scielo, Google Scholar, Scopus, entre outras.

O corpus da base atualmente consiste na composição de 57 periódicos, 19.255 trabalhos publicados em revista científica, 2.481 pesquisas publicados em anais de eventos da área, 16.214 autores, 2 livros e 1 tese. Sua cobertura temporal se inicia em 1972, podendo ser recuperados trabalhos por meio de termos de busca nos campos: autores, título, palavras-chave, resumo e referências.

Pelos dados que a própria base fornece, percebe-se que a publicação de trabalhos vem em uma crescente desde 1972, com 29 trabalhos, com algumas oscilações em determinados períodos. A partir de 2006, as publicações passam a ser superior ao número de 550, atingindo, em 2017, 896 trabalhos publicados e em 2018, obteve a indexação de mais 1.344.



**Gráfico 1-** Indexação de artigos por ano na Brapci



Fonte: Baseado em dados coletados da Brapci (2018)

Isso pode ser explicado por inferências históricas que vão desde o surgimento de vários novos periódicos, abrindo o leque de opções e democratização de publicação para os pesquisadores, até a implementação de novas políticas de desenvolvimento da ciência e da tecnologia pelo Estado, financiando o maior número de pesquisas, aumentando o número de vagas nas universidades – responsáveis pela maioria das pesquisas brasileiras.

A proposta da base é muito interessante, para além de recuperar documentos é possível utilizá-la para obter algumas informações métricas. No entanto, enfrentou-se dificuldades no trabalho com a Brapci, pois algumas de suas funcionalidades não tiveram os resultados esperados, como a não recuperação de documentos quando se optava pela busca dos termos nas palavras-chave, resumo, autor e referências. Daí, foi necessária uma nova realização de busca, que ficou mais fácil com o lançamento da Brapci Beta. Diante disso, o trabalho de filtragem manual foi mais denso, o que dificultou a coleta de dados durante a pesquisa.

### 3.2.3 Plataforma Lattes – Currículo

A Plataforma Lattes é uma base de dados relacionada a currículos de pesquisadores, grupos de pesquisa e instituições, integrados em único Sistema de Informação. Sua criação remota ao final dos anos 1990, para agregar os currículos já disponíveis nas bases do CNPq desde a década de 1980 com os novos a serem produzidos. À frente do projeto estavam o Grupo Stela (vinculado à Universidade Federal de Santa Catarina) e o Grupo C.E.S.A.R (vinculado à Universidade Federal de Pernambuco), a empresa Multisoft e a Superintendências de Informática e Planejamento, que conseguiram padronizar o Currículo Lattes, em agosto de 1999 (PLATAFORMA LATTES/CNPq, 2018).

Dessa maneira, a plataforma se tornou instrumento de planejamento, de gestão, de políticas e de fomento pelo Ministério de Ciência e Tecnologia, universidades, agências de fomento e outras entidades relacionadas à ciência, tecnologia e inovação.

Um dos recursos proporcionado por essa plataforma é o Diretório dos Grupos de Pesquisa, considerado um inventário de grupos em atividades de pesquisa no Brasil. Este diretório foi utilizado nessa pesquisa para identificar os grupos aos quais os pesquisadores do núcleo do GT-1 e da Brapci se relacionam, identificando os grupos, as linhas de pesquisa e setores que trabalham com a temática epistemologia e historiografia da Ciência da Informação.

Também se fez uso dos dados no Currículo Lattes, outra ferramenta que permite analisar o perfil acadêmico dos pesquisadores cadastrados, uma vez que sua utilização se faz obrigatória para ter acesso a financiamento de pesquisa, à formação *stricto sensu*, ao ingresso no magistério superior. Dessa forma, sua abrangência informacional confiável possibilita a análise de mérito e competência por meio de dados estatísticos, bem como a percepção de relações institucionais entre os pesquisadores.

Quanto aos problemas que se enfrentou na utilização da Plataforma, estão relacionados ao preenchimento dos metadados por parte dos próprios pesquisadores, o que causa, dentre algumas situações, duplicação de informações, dados incompletos, além de alguns pesquisadores não manterem o currículo atualizado. Mas os dados estatísticos fornecidos pela plataforma são de uma riqueza ímpar para a comparação de produtividade, por exemplo.

#### 4 “O CIENTISTA É UM CAÇADOR DO INVISÍVEL”<sup>1</sup>

“DA ETERNA PROCURA  
Só o desejo inquieto, que não passa,  
Faz o encanto da coisa desejada...  
E terminamos desdenhando a caça  
Pela doida aventura da caçada.”

(Mario Quintana)

Diferentemente dos que seguem a perspectiva de que o cientista trabalha com fatos, com aquilo que pode ser visto, tocado e medido, colocando em oposição ao senso comum, segue-se a tese de Alves (1981), na qual o cientista é caçador do invisível, como aponta o autor: “A ciência se inicia com problemas. Um problema significa que há algo errado ou não resolvido com os fatos. O seu objetivo é descobrir uma ordem invisível que transforme os fatos de enigma em conhecimento” (ALVES, 1981, p. 31). Dessa forma, referenciando a Mead, Alves (1981) argumenta que o processo de investigação científica não se conclui com os registros de seus dados, mas seu início se dá com eles. Subsequente, o produto científico final é uma teoria ou hipótese de trabalho, não sendo o que se chama de fato.

Às vezes, alguns comportamentos e fatos acontecem sem que haja de imediato uma compreensão por parte dos envolvidos. Muitas coisas estão na esfera da invisibilidade, tanto no ato de não se querer ver quanto se pode, quanto na dificuldade de visibilidade por falta de instrumentos adequados. O indivíduo pode escolher não querer enxergar além do que se mostra holisticamente a sua frente, mas também pode enxergar algo que ninguém consegue. Assim, o cientista é um caçador das coisas invisíveis para torná-las visíveis.

Desse modo, a pesquisa que se apresenta a seguir permitiu coletar indícios da produção literária de um determinado grupo de pesquisadores acerca da temática epistemologia e historiografia da Ciência da Informação. Para tanto, vale lembrar que a busca se deu por meio do método dos indícios (GINZBURG, 1989) e da técnica de *brauseio-browsing* (ARAÚJO, 1994), buscando pistas indícios, detalhes, vestígios, entre outros, que permitiram inferir as circunstâncias para o desenvolvimento das discussões do tema proposto nessa pesquisa. Em outras palavras, fez-se a investigação para perceber como os fios da produção científica dos pesquisadores se entrelaçam na confecção do tecido epistemológico e historiográfico da Ciência da Informação.

---

<sup>1</sup> Rubem Alves, no livro **Filosofia da ciência**: introdução ao jogo e suas regras, 1981, p.31

Dessa forma, na perspectiva de Ginzburg (1989, p. 170), faz-se uma busca articulada com outras disciplinas, numa sintonia de “empréstimo de métodos ou termos-chave”. Alinhado a isso, segue-se a estratégia defendida por Araújo (1994) como coleta de qualquer tipo de informação que permita a posterior análise do contexto estudado. A busca também se dá pelo preceito da serendipidade, do inglês “serendipity”, termo criado por Horace Walpole, em 1774, que diz que o acaso pode proporcionar descobertas felizes.

O objetivo dessa pesquisa, em resumo, é analisar a produção científica acerca da temática Epistemologia e Historiografia da Ciência da Informação a partir dos indícios coletados nos anais do GT-1 dos ENANCIB e nos artigos indexados e recuperados pela Brapci. Nesse sentido, a seção a seguir apresenta os resultados alcançados por esta tese.

Para a coleta dos dados, o recorte temporal se dá, para as publicações de trabalhos nos anais do ENANCIB no intervalo de 2003 a 2018, onde buscaram-se os pesquisadores que mais publicaram no GT-1, assim como nos periódicos indexados na Brapci e, desses, quais mantêm certa regularidade de participação nessas publicações, as instituições que mais se evidenciam na representação de seus pesquisadores. Portanto, atende-se ao objetivo de identificar o coletivo de pesquisadores que dão suporte, continuidade e consistência ao trabalho epistemológico e historiográfico da Ciência da Informação, assim como ao objetivo de investigar o contexto do desenvolvimento da Ciência da Informação a partir das comunicações científicas dos estudiosos da área.

#### 4.1 A BUSCA NOS ANAIS DOS ENANCIB

Desde 2003, o GT-1 apresenta uma variação na quantidade de comunicações de pesquisas, com reflexo na sua publicação nos anais, como pode ser observado no Tabela 1.

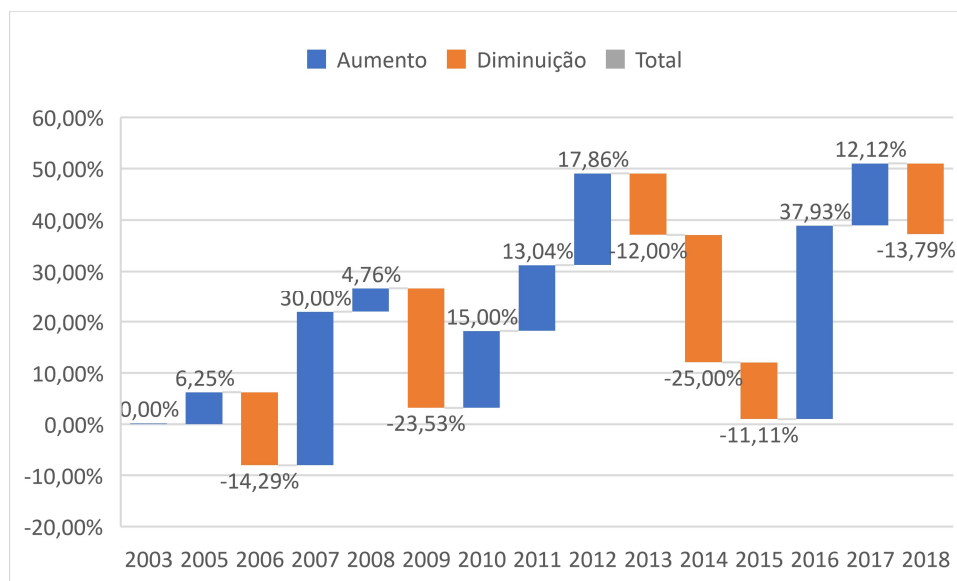
**Tabela 1** – ENANCIB Trabalhos comunicados e publicados (2003-2018)

<b>Ano</b>	<b>Local do ENANCIB</b>	<b>Frequência</b>	<b>Representação</b>
2003	Belo Horizonte – MG	15	0,00%
2005	Florianópolis – SC	16	6,25%
2006	Marília – SP	14	-14,29%
2007	Salvador – BA	20	30,00%
2008	São Paulo – SP	21	4,76%
2009	João Pessoa – PB	17	-23,53%
2010	Rio de Janeiro – RJ	20	15,00%
2011	Brasília – DF	23	13,04%
2012	Rio de Janeiro – RJ	28	17,86%
2013	Florianópolis – SC	25	-12,00%
2014	Belo Horizonte – MG	20	-25,00%
2015	João Pessoa – PB	18	-11,11%
2016	Salvador – BA	29	37,93%
2017	Marília – SP	33	12,12%
2018	Londrina - PR	29	-13,79
<b>Total</b>		<b>328</b>	

Fonte: Dados da pesquisa, 2018

Nesse contexto, as publicações se mantiveram a partir de 20 ocorrências em 2007, 2008, 2010 a 2014, tendo um pequeno decréscimo em 2015, voltando a subir em 2016. Percebe-se que o pico de publicações aconteceu em 2017, no ENANCIB de Marília, com o total de 33 publicações, equivalendo a 10% do total de todas as publicações nos últimos 16 anos. Vale ressaltar que o ENANCIB de Salvador, em 2016, e o ENANCIB de Londrina, em 2018, com 29 publicações cada, representam juntos 18% do total de todas as publicações no referido GT. No Gráfico 2, pode-se perceber o comportamento da frequência de trabalhos no GT-1 do ENANCIB, no recorte temporal de 2003-2018, com a cor azul indicando quando houve o crescimento em relação ao ano anterior e a cor laranja quando houve o decréscimo.

**Gráfico 2** – Frequência de trabalhos publicados no GT-1 no recorte temporal de 2003-2018



Fonte: Dados da pesquisa, 2018

Nas duas vezes em que o ENANCIB foi realizado em João Pessoa, 2009 e 2015, o quantitativo de trabalhos publicados ficou abaixo de 20, com 17 e 18 trabalhos, respectivamente. Isso significa que em 2009 houve um decréscimo de 23,5% em relação ao ano de 2008, e uma queda de 11% em relação ao ano de 2015. Contudo, mesmo estando mais distante do eixo sul sudeste, onde se concentra a maioria dos pesquisadores da área e da temática, conforme Tabela 1, os ENANCIB realizados em João Pessoa apresentaram uma significativa quantidade de trabalhos, permitindo que Universidade Federal da Paraíba – UFPB conseguisse um lugar de destaque no *ranking* de instituições que mais foram indicadas nos trabalhos publicados nos anais do GT-1.

#### 4.1.1 Instituições no GT-1

As instituições às quais os pesquisadores que apresentaram comunicações no GT-1 estavam vinculados, no período estudado, podem ser observadas na Tabela 2.

**Tabela 2 - Publicação por Instituição GT-1 (2003-2018)<sup>2</sup>**

<b>Ano Instituição</b>	<b>03</b>	<b>05</b>	<b>06</b>	<b>07</b>	<b>08</b>	<b>09</b>	<b>10</b>	<b>11</b>	<b>12</b>	<b>13</b>	<b>14</b>	<b>15</b>	<b>16</b>	<b>17</b>	<b>18</b>	<b>Total</b>
IBICT	3	-	3	6	4	5	2	7	5	4	4	3	8	5	5	59
UFMG	3	1	3	4	5	2	1	4	3	1	-	1	3	6	2	37
UFRJ	-	2	3	-	-	5	7	2	5	2	-	1	1	1	8	37
UFF	2	-	2	4	1	2	-	1	3	3	5	3	4	3	1	33
UFPB	1	2	1	1	-	1	1	1	1	3	1	4	4	7	5	33
UNIRIO	2	2	1	1	4	4	1	3	3	3	3	-	1	4	-	32
UnB	1	1	-	4	3	1	2	3	1	1	4	1	4	3	1	30
USP	2	1	1	1	1	-	4	1	2	2	1	2	2	2	2	24
UNESP	1	-	1	-	1	1	-	1	2	1	1	-	-	4	1	14
UFAL	-	-	-	-	-	1	-	-	1	1	1	1	1	4	4	14
UFBA	-	2	-	1	1	-	2	1	1	1	-	1	-	1	1	12
UFSC	-	1	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1	2	-	2	7
UFRGS	-	-	2	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	6
UFCA	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	1	2	1	6
UFPE	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	2	-	-	-	2	6

Fonte: Dados da pesquisa, 2018

As instituições com Programas de Pós-graduação na área que mais se destacam em publicações no GT-1 estão concentradas na Região Sudeste, com quatro instituições do Rio de Janeiro (Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia – IBICT; Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ; Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO; e Universidade Federal Fluminense – UFF); uma de Minas Gerais (Universidade Federal de Minas Gerais); e duas de São Paulo (Universidade de São Paulo – USP e Universidade Estadual Paulista – UNESP). Nessa região, nos estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais, surgiram os cursos de doutorado em Ciência da Informação, evento que se pode tomar como referência histórica para entender o domínio da referida região na produção da temática.

A Região Centro-Oeste está representada pela Universidade de Brasília (UnB), enquanto a Região Sul se representa por meio da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). O Nordeste está representado pela já mencionada Universidade Federal da Paraíba (UFPB), pela Universidade Federal da Bahia

<sup>2</sup> Os dados completos estão no Apêndice A.

(UFBA), pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL), além da Universidade Federal do Cariri (UFCA) e da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

Deve-se ressaltar que muitos pesquisadores indicaram o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) como instituição de origem e, ao mesmo tempo, indicavam outras instituições como Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e a Universidade Federal Fluminense (UFF). Nesse sentido, vale esclarecer que no período em estudo o Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do IBICT, em convênio com a Universidade Federal do Rio de Janeiro e Universidade Federal Fluminense, era o único a oferecer uma linha de pesquisa dedicada aos temas abordados no GT-1. Destarte, muitos pesquisadores da UNIRIO e, mesmo, da UFMG, estiveram vinculados ao IBICT durante a fase de formação no doutorado.

Faz-se menção à participação de pesquisadores de dois museus — Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST) e Museu da República —, de secretarias e de órgãos de governo, da Câmara Federal, além de participação das instituições privadas de ensino e outros centros públicos de pesquisa, como a Fiocruz. Identifica-se, no levantamento de dados sobre o GT-1, a participação de 45 instituições de diferentes seguimentos.

Outros dados merecem destaque, como a participação, em 2012, 2013, 2016 e 2017, de cinco instituições internacionais: a *University of Baltimore* (Estados Unidos), a *Universidad del Zulia* (Venezuela), a *Universidad de la Salle* (Colômbia), a Universidade do Porto (Portugal) e a Universidad de Granada (Espanha). Esses dados demonstram o grau de contribuição do GT-1, no âmbito do ENANCIB, para o processo de internacionalização da Ciência da Informação brasileira.

#### **4.1.2 Os Autores do GT-1**

Em relação ao número de pesquisadores que apresentaram suas comunicações, identificam-se 312 pesquisadores da Ciência da Informação que participaram do GT-1, ao longo do período, podendo-se inferir, a priori, a existência de um espaço democrático onde os pesquisadores podem comunicar e debater suas pesquisas. Ainda sobre a quantidade de autores, observa-se que, para se caracterizar como espaço democrático para comunicação de pesquisas, há uma grande rotatividade de pesquisadores no GT-1. O Quadro 3, a seguir, apresenta a frequência de comunicação de pesquisas dos autores de acordo com o quantitativo de publicações do GT-1 nos anais do ENANCIB, no período do recorte (2003-2018).



**Quadro 3 – Pesquisadores mais atuantes no GT-1 (2003-2018)<sup>3</sup>**

<b>Autor</b>	<b>f/x</b>	<b>Ano de publicação</b>
Edivânio Duarte de Souza	16	2008, 2009, 2011, 2012, 2013, 2014, 2015, 2016, 2016, 2017, 2017, 2017, 2018, 2018, 2018, 2018
Gustavo Saldanha	16	2008, 2008, 2009, 2010, 2011, 2012, 2013, 2014, 2015, 2016, 2016, 2016, 2017, 2017, 2018, 2018
Georgete Medleg Rodrigues	13	2005, 2007, 2008, 2009, 2010, 2013, 2014, 2014, 2016, 2016, 2017, 2017, 2018
Lena Vania Ribeiro Pinheiro	13	2005, 2006, 2007, 2008, 2009, 2010, 2010, 2011, 2013, 2015, 2016, 2017, 2018
Maria Nelida Gonzalez de Gomez	13	2003, 2003, 2006, 2006, 2007, 2007, 2009, 2011, 2013, 2014, 2014, 2016, 2017
Isa Maria Freire	12	2003, 2010, 2012, 2013, 2014, 2015, 2016, 2017, 2017, 2017, 2018, 2018
Icléia Thiesen	10	2005, 2008, 2009, 2010, 2011, 2012, 2012, 2013, 2017, 2017
Angelica Alves da C. Marques	9	2005, 2007, 2008, 2009, 2010, 2011, 2012, 2014, 2014
Jonathas Luiz Carvalho	9	2011, 2012, 2013, 2014, 2015, 2016, 2017, 2017, 2018
Lídia Silva de Freitas	7	2003, 2007, 2008, 2009, 2012, 2016, 2017
Zayr Cláudio Gomes da Silva	7	2014, 2015, 2015, 2016, 2017, 2017, 2018
Claudia Bucceroni Guerra	6	2009, 2010, 2013, 2014, 2016, 2018
Eduardo Ismael Murguia	6	2008, 2009, 2010, 2012, 2012 2015
Evelyn Goyannes Dill Orrico	6	2003, 2005, 2006, 2007, 2008, 2009
Marcia Heloisa T. de F. Lima	6	2005, 2012, 2012, 2013, 2015, 2017
Cristina Dotta Ortega	5	2007, 2008, 2010, 2012, 2017
José Mauro Matheus Loureiro	5	2008, 2009, 2010, 2011, 2012
Luciana de Souza Gracioso	5	2005, 2006, 2007, 2009, 2016
Rodrigo Rabello	5	2006, 2009, 2014, 2016, 2018
Sabrina Damasceno Silva	5	2008, 2009, 2010, 2011, 2012

Fonte: Dados da pesquisa, 2018

Nota: Alguns autores publicaram mais de uma vez no mesmo ano.

Como visto no Quadro 3, os pesquisadores que mais contribuíram com publicações no GT-1 foram Edivânio Duarte de Souza (UFAL), que vem trabalhando a interdisciplinaridade da área desde sua tese, em 2011, e Gustavo Saldanha (IBICT) que participa ininterruptamente desde 2008, direcionando seus trabalhos para perspectivas mais filosóficas. Ambos os autores apresentam 16 trabalhos publicados nos anais do referido GT.

<sup>3</sup> Os dados completos estão no Apêndice B.

Destaca-se, também, a professora Maria Nélida González de Gómez, citada recorrentemente nos trabalhos apresentados, com uma discussão direcionada aos aspectos mais filosóficos no delineamento teórico e metodológico da Ciência da Informação. A referida pesquisadora coordenou o GT-1 por duas vezes. Outra pesquisadora que mais participou com publicações foi Lena Vânia Ribeiro Pinheiro que, com exceção de 2012 e 2014 quando publicou no GT-7, teve resultados de pesquisas comunicados no GT-1, tornando-se referência na área quando se trata da temática epistemologia e histórica da Ciência da Informação. Outro dado relevante sobre essas autoras é que elas pertencem, juntamente com Gustavo Saldanha, ao mesmo programa de pós-graduação, o do IBICT, o que demonstra a grande importância dessa instituição para a temática.

Destacam-se, também a professora Georgete Medleg Rodrigues (UnB), que trabalha as questões conceituais para a arquivologia e documentação; a professora Icléia Thiesen (UNIRIO), que trabalha os conceitos de memória, política e história para a Ciência da Informação; e a professora Isa Maria Freire, que desenvolve pesquisa sobre a aplicação do regime de informação em experimentos como o Laboratório de Tecnologias Intelectuais, focando nas ações de informação.

Percebe-se que uma percentagem significativa dos trabalhos sobre epistemologia e historiografia da Ciência da Informação é produzida regularmente por um pequeno número de autores, mesmo que esses produtores juntos ultrapassem a quantidade de trabalhos publicados pelos demais pesquisadores, os que têm poucas pesquisas publicadas nos anais do GT-1 no ENANCIB, e dessa forma a maioria apresentou apenas uma produção no período. Assim, pode-se registrar a validação da primeira hipótese desta tese, que se configura como afirmação de que os indícios de produção científica acerca da temática em tela remetem a um pequeno grupo de pesquisadores que mantêm regularidade de publicações. Tal constatação entra em consonância com os preceitos da Lei de Lotka, quando se verifica que a proporção de quem fez uma única contribuição é de mais ou menos 60%. Como pode ser checado a seguir.

Levando em consideração apenas os pesquisadores que publicaram quatro trabalhos ou mais, têm-se apenas 10% dos pesquisadores publicando com certo grau de regularidade, no período; sendo que 4,5% de pesquisadores publicaram três trabalhos; outros 13,5% publicaram duas vezes; e 72% publicaram apenas uma vez, evidenciando a alta rotatividade de pesquisadores que apresentaram comunicações no GT-1.

Questões acerca dessa rotatividade surgem direcionadas a refletir o porquê de tantos indivíduos fazerem uma única contribuição e o porquê de relações serem estabelecidas entre os

pesquisadores do referido grupo. Essas indagações puderam ser confrontadas com os resultados da caçada feita na Plataforma Brapci. Com esse intuito, a próxima seção faz uma busca das mesmas pistas até aqui usadas como indicadores para verificar a produção científica dentro do GT-1.

## 4.2 A BUSCA NA BRAPCI

Na Brapci, uma busca foi feita no primeiro momento, contudo foi necessária descartá-la uma vez que a antiga plataforma apresentava inconsistência de dados, repetindo os artigos diversas vezes, replicando-os em inglês. Houve determinados momentos em que as caixas de filtro da referida plataforma não funcionavam. No entanto, em 2018, num trabalho conjunto entre a Universidade Federal do Paraná e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, foi disponibilizada uma reestruturação técnica, visual e funcional da plataforma supracitada. Agora com o nome de Brapci Beta 4.0, utilizando o ElasticSearch como mecanismo de busca.

Buscaram-se, na plataforma, artigos pelos descritores “epistemologia da ciência da informação”, “historiografia da ciência da informação” “filosofia da informação”, optando pela reunião desses descritores em todos os campos de metadados encontrados (autores, títulos, palavras-chave, resumo e referências). O recorte temporal foi de 2003 a 2018, aplicando-se o mesmo recorte dos anais do ENANCIB. Ressalta-se que essa técnica, a princípio, excluiu alguns autores de grande relevância para área, uma vez que os metadados de seus artigos não correspondiam ao mecanismo de busca automática, contudo, recuperou-se dados significantes para o entendimento da crescente produção na temática por parte de pesquisadores relativamente novos no contexto de discussão da epistemologia e historiografia da área.

Restringiram-se os trabalhos a artigos que tivessem pesquisadores brasileiros e que apenas tratassem da epistemologia/filosofia e historiografia da Ciência da Informação, biblioteconomia, documentação, arquivologia e seus derivados.

Sendo assim, quando se buscou pelo termo “epistemologia da Ciência da Informação”, obtiveram-se 144 resultados, mas, após o filtro manual, ficaram 107 artigos. Na busca pelo termo “historiografia da ciência da informação” foram recuperados 16 artigos, contudo, depois da exclusão dos que já haviam sido recuperados pelo termo “epistemologia da Ciência da Informação” e de historiografias que não tinham relação direta com a Ciência da Informação, biblioteconomia, documentação, arquivologia e seus derivados, restaram-se apenas quatro artigos. Para o termo “filosofia da Ciência da Informação”, foram recuperados 134 artigos, mas, após filtro pelo qual se retiraram os artigos já recuperados por meio dos outros termos e os

escritos exclusivamente por autores estrangeiros e ligados unicamente a instituição não brasileira, ficaram 66 artigos. Dessa forma, os dados para análise das publicações nos periódicos indexados na Brapci Beta 4.0 foram levantados em 177 artigos científicos.

No primeiro momento fez-se mister quantificar a frequência das publicações por ano a partir dos artigos recuperados pela Brapci. Em vista disso, a Tabela 3 apresenta as frequências, além da representação de crescimento ou recuo em relação aos anos anteriores.

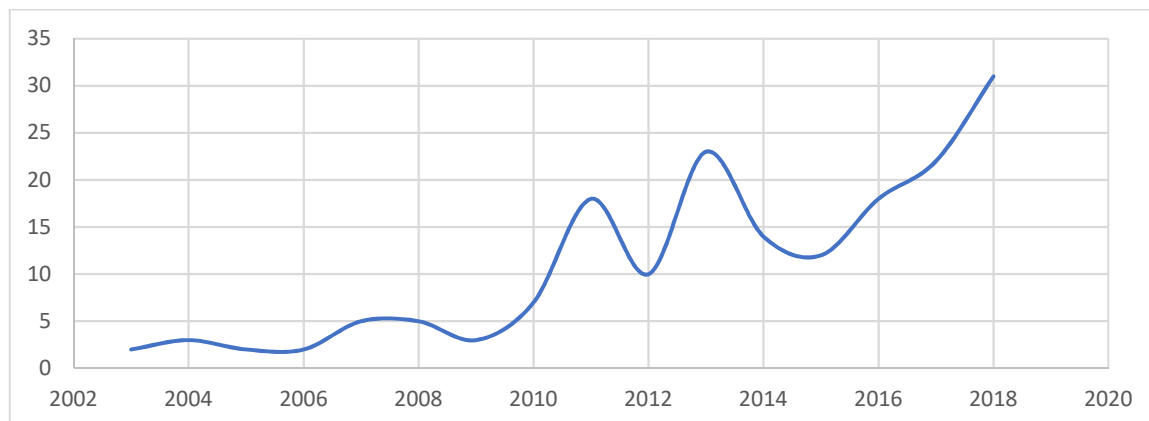
**Tabela 3** – Publicações artigos acerca da epistemologia e historiografia da Ciência da Informação em periódicos indexados na Brapci (2003-2018)

Ano	<i>f/x</i>	Representação
2003	2	0,00%
2004	3	33,33%
2005	2	-50,00%
2006	2	0,00%
2007	5	60,00%
2008	5	0,00%
2009	3	-66,67%
2010	7	57,14%
2011	18	61,11%
2012	10	-80,00%
2013	23	56,52%
2014	14	-64,29%
2015	12	-16,67%
2016	18	33,33%
2017	22	18,18%
2018	31	29,03%
TOTAL	177	

Fonte: Dados da pesquisa, 2018

De acordo com a Tabela 3, a publicação de artigos ficou acentuada a partir de 2010, oscilando nos anos posteriores, tendo seu ápice no ano de 2018, com 31 artigos publicados, representando o total de 17,5% das publicações, sendo que há uma média de 11 artigos por ano, um quantitativo considerado de representação significativa para área. A dispersão de publicações, ao longo do recorte temporal, pode ser visualizada no Gráfico 3.

**Gráfico 3** – Frequência e representação dos artigos acerca da temática indexados na Brapci no recorte temporal (2003-2018)



Fonte: Dados da pesquisa, 2018

De acordo com o Gráfico 3, houve uma progressão de publicações ao longo do recorte temporal, o que significa uma crescente produção científica acerca da epistemologia e historiografia da Ciência da Informação. A oscilação se deu em 2005, 2006, 2009, 2012, 2014 e 2015, sendo que, nos últimos três anos há um indicativo de elevação aguda na produtividade de artigos. Pode-se inferir que um dos fatores para o crescimento dessa produção se deve a criação de novos periódicos com políticas de publicações diferenciadas, que alcançam a todos os tipos de perfis de pesquisadores/autores. Outro fator, deve-se ao aumento de cursos de graduação e pós-graduação na área que permitiu o aumento dos corpos discentes e docentes das instituições de ensino superior.

O Quadro 4 apresenta uma *timeline* de criação de 42 periódicos indexados na Brapci, no período de 2003 a 2018.

**Quadro 4** – *Timeline* (2003-2018) de criação de periódicos indexados na Brapci<sup>4</sup>

Ano	Periódico
2003	Em Questão
2003	Infociência
2003	Revista Digital de Biblioteconomia & Ciência da Informação
2004	Revista Alexandria (Peru)
2005	Arquivística.net
2005	Biblionline
2005	Liinc em revista
2005	Prisma.com (Portugal)
2006	Brazilian Journal of Information Science
2006	Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia
2007	Ponto de Acesso
2008	CRB8 Digital
2008	Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação
2008	Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação
2010	InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação
2010	Inclusão Social
2011	AtoZ: Novas Práticas em Informação e Conhecimento
2011	Bibliotecas Universitárias: pesquisas, experiências e perspectivas
2011	e-Ciencias de la Información (Costa Rica)
2011	Múltiplos Olhares em Ciência da Informação
2011	Palabra Clave (Argentina)
2011	Perspectivas em Gestão & Conhecimento
2012	Biblioteca Escolar em Revista
2012	Huellas en papel (Argentina)
2012	Informação Arquivística
2012	Informação@Profissões
2012	IRIS - Revista de Informação, Memória e Tecnologia
2013	Archeion Online
2013	Revista Analisando em Ciência da Informação
2014	CAJUR - Caderno de Informações Jurídicas
2014	Ciência da Informação em Revista
2014	Informação & Tecnologia
2014	Logeion: Filosofia da Informação
2014	Revista Brasileira de Educação em Ciência da Informação
2014	Revista Informação na Sociedade Contemporânea
2014	Revista P2P e INOVAÇÃO
2015	Folha de Rosto
2016	Informação em Pauta
2016	Revista Conhecimento em Ação
2018	Convergência em Ciência da Informação
2018	Revista Cajueiro
2018	Revista Fontes Documentais

Fonte: baseado na Plataforma Brapci (2018)

<sup>4</sup> Os dados completos (com o ano de fundação e de extinção dos periódicos) estão no **Apêndice C** – Periódicos – Ano de Fundação e Ano de Extinção.

Diante do exposto, considera-se que o aumento de periódicos no período do recorte tenha influenciado no crescimento de publicações, assim como as regularidades na periodicidade de publicações dos periódicos já existentes à época. Novos programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação surgiram a partir de 2010 e com eles seus periódicos institucionalizados. Também surgiram temáticas que necessitaram de periódicos especializados, assim como o número de periódicos (indexados na Brapci) em atividade é cinco vezes maior do que os que foram extintos. Existem na coleção da Brapci 76 periódicos em sua totalidade, dos quais 16 se encontram extintos, e ainda há artigos dos anais dos ENANCIB e dos EBBC – Encontro Brasileiro de Bibliometria e Cientometria. Dessa forma, o sistema de periódicos da área se confira como ambiente com perspectiva de crescimento em virtude da necessidade de abranger os programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação de regiões que ainda dispõem de poucos cursos, a exemplo, a região Norte.

#### 4.2.1 Os Periódicos Indexados na Brapci que publicaram sobre epistemologia e historiografia da Ciência da Informação

No prosseguimento da pesquisa, houve a identificação dos periódicos recuperados pela referida base, apresentando-se o *ranking* dos periódicos que publicaram, no recorte temporal de 2003 a 2018, artigos acerca da epistemologia e historiografia da Ciência da Informação, como pode ser visto no Quadro 5.

**Quadro 5** – Publicações por periódicos no recorte temporal de 2003-2018

Periódicos	f/x	Anos
Informação & Sociedade: Estudos	26	2007, 2008, 2010, 2010, 2011, 2011, 2011, 2012, 2012, 2013, 2013, 2014, 2015, 2015, 2016, 2016, 2016, 2016, 2017, 2017, 2017, 2017, 2017, 2018, 2018, 2018, 2018
Ciência da Informação	19	2003, 2004, 2004, 2007, 2010, 2010, 2011, 2011, 2011, 2013, 2013, 2013, 2014, 2014, 2016, 2016, 2017, 2017, 2018
DataGramaZero	16	2004, 2005, 2007 2008, 2011, 2011, 2012, 2012, 2013, 2013, 2013, 2013, 2013, 2014, 2015, 2015
Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação	16	2003, 2006, 2006, 2007, 2008, 2008, 2009, 2011, 2011, 2012, 2013, 2017, 2017, 2018, 2018, 2018
Perspectivas em Ciência da Informação	10	2005, 2010, 2011, 2012, 2013, 2014, 2018, 2018, 2018, 2018
PontodeAcesso	10	2009, 2010, 2011, 2011, 2012, 2012, 2013, 2013, 2013, 2016
Em Questão	8	2009, 2011, 2016, 2017, 2017, 2018, 2018, 2018
Logeion: Filosofia da Informação	8	2014, 2014, 2014, 2015, 2016, 2018, 2018, 2018

<b>Periódicos</b>	<b>f/x</b>	<b>Anos</b>
Informação & Informação	6	2008, 2014, 2016, 2017, 2017, 2018
Informação Arquivística	6	2012, 2013, 2013, 2013, 2014, 2015
Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia	6	2013, 2015, 2015, 2017, 2018, 2018
RBBB. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação	6	2012, 2017, 2018, 2018, 2018, 2018
InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação	5	2011, 2011, 2016, 2017, 2017
Liinc em Revista	5	2010, 2011, 2015, 2015, 2015
Biblios (Peru)	4	2013, 2013, 2017, 2018
Biblionline	3	2007, 2016, 2016
Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação	3	2011, 2018, 2018
ÁGORA: Revista do Curso de Arquivologia da UFSC	2	2016, 2018
Brazilian Journal of Information Science: Research Trends	2	2017, 2018
Comunicação & Informação	2	2013, 2016
IRIS - Revista de Informação, Memória e Tecnologia	2	2017, 2017
Revista ACB	2	2016, 2017
Revista Conhecimento em Ação	2	2016, 2017
Revista Interamericana de Bibliotecología	2	2013, 2016
AtoZ: novas práticas em informação e conhecimento	1	2014
Ciência da Informação em Revista, Maceió	1	2014
Convergências em Ciência da Informação	1	2018
PÁGINAS a&b	1	2014
Perspectivas em Gestão & Conhecimento	1	2014
Revista Analisando em Ciência da Informação	1	2015

Fonte: Dados da pesquisa, 2018

Segundo o Quadro 5, quem recebe destaque nesse levantamento é o periódico Informação e Sociedade: Estudos (Inf. & Soc.:Est), que é publicado pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba, com 26 ocorrências, sendo que há ocorrências em todos os anos a partir de 2007, exceto em 2009. Ressalta-se que, nos anos de 2016, 2017 e 2018, houve quatro publicações por ano acerca da temática, no referido periódico. Já a revista científica Ciência da Informação, Brasília, apresenta um total de



19 publicações, sendo que em alguns anos não houve publicações. Segundo os documentos recuperados pela Brapci, seu cume de publicações se deu em 2011 com 3 publicações.

A revista DataGramaZero – DGZ apresenta 16 publicações no recorte temporal, número igual ao alcançado pelo periódico Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação. A DGZ, com a exceção dos anos de 2003, 2006, 2009 e 2010, vinha publicando regularmente até 2015, quando, em 2016, suas atividades de publicação foram encerradas. Para o referido periódico, destaca-se o ano de 2013, quando publicou cinco artigos sobre a temática. A revista Encontros Bibli mantém uma regularidade de publicações a partir de 2003 acerca da temática epistemologia e historiografia da Ciência da Informação, com exceções dos anos de 2004, 2010, 2014 e 2015, sendo que, em 2018, atinge seu ápice, em relação à temática, quando publicou três artigos.

Outras revistas que se destacam são a Perspectivas em Ciência da Informação e PontodeAcesso, com 10 publicações cada. O periódico Perspectivas em Ciência da Informação atinge um número expressivo no ano de 2018, com quatro artigos sobre a temática, enquanto o periódico PontodeAcesso se destaca em 2013, com 13 publicações.

O ano de 2018 foi o ano em que houve o maior número de artigos sobre o tema, totalizando 31 trabalhos em 14 periódicos diferentes. Para essa proeza, algumas revistas científicas da área, como Informação & Sociedade: Estudos, Perspectivas em Ciência da Informação, Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação, contribuíram com quatro artigos cada. Outras colaboraram publicando três artigos cada, a saber: Encontros Biblio, Em Questão e Logeion. As revistas que deram suas contribuições com dois trabalhos foram a Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia e a Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação. Ainda podem ser mencionadas a Revista Ciência da Informação, Informação & Informação, ÁGORA, Brazilian Journal of Information Science, Biblios (Peru) e Convergências em Ciência da Informação (fundada em 2018), que contribuíram com um artigo cada uma. Diante disso, o ano de 2018 tem valor de 17,5% de representação de toda produção da temática.

Vale ressaltar que a revista Logeion: Filosofia da Informação vem publicando, desde 2014, sobre o tema que carrega em seu nome. Contudo, o filtro aplicado pelos descritores de indexação dos artigos não permitiu que a Brapci recuperasse muitos artigos. Ainda registra-se que alguns artigos tratam a filosofia da informação de forma não relacionada diretamente à Ciência da Informação, com questões que não estão ligadas ao recorte temático dessa pesquisa e com artigos de autoria exclusiva de pesquisadores estrangeiros, apesar de se reconhecer que

há diversos artigos que poderiam integrar o corpus dessa pesquisa, mas por procedimento metodológico não puderam ser inseridos na coletânea da pesquisa. Essa característica não é exclusiva da referida revista, pois também foi detectada em outros periódicos, os quais poderiam ter outros artigos incorporados ao recorte, principalmente quando se buscava por nome de autores notadamente associados à temática epistemologia e historiografia da Ciência da Informação.

A análise de representação dos periódicos frente à produção total no recorte temporal é procedida de duas maneiras. A primeira leva em consideração apenas o quantitativo de artigos publicados pelos periódicos, em contrapartida, a segunda observa o quantitativo de artigos e o período de vigência dos periódicos dentro do recorte temporal.

Diante disso, o Quadro 6 traz a classificação dos periódicos segundo sua produtividade, representação percentual sobre o total de publicações e aplicação dos preceitos da Lei de Bradford, apresentando-se, desse modo, a classificação dos periódicos de acordo com os agrupamentos.

**Quadro 6 – Periódicos em *Cluster***

Periódico	f/x	%	Zona
Informação & Sociedade: Estudos	26	14,6	1º Agrupamento
Ciência da Informação	19	10,7	
DataGramaZero	16	9	
Enc. Bibli: R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf.,	16	9	2º Agrupamento
Perspectivas em Ciência da Informação	10	5,6	
PontodeAcesso	10	5,6	
Em Questão	8	4,5	
Logeion: Filosofia da Informação	8	4,5	
Informação Arquivística	6	3,3	
Informação & Informação	6	3,3	3º Agrupamento
Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia	6	3,3	
RBBB. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação	6	3,3	
InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação	5	2,8	
Liinc em Revista	5	2,8	
Biblios (Peru)	4	2,2	
Biblionline	3	1,6	
Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação	3	1,6	
ÁGORA: Revista do Curso de Arquivologia da UFSC	2	1,1	
Brazilian Journal of Information Science: Research Trends	2	1,1	
Comunicação & Informação	2	1,1	
IRIS - Revista de Informação, Memória e Tecnologia	2	1,1	
Revista ACB	2	1,1	
Revista Conhecimento em Ação	2	1,1	
Revista Interamericana de Bibliotecología	2	1,1	
AtoZ: novas práticas em informação e conhecimento	1	0,5	
Ci. Inf. Rev., Maceió	1	0,5	

Convergências em Ciência da Informação	1	0,5
PÁGINAS a&b	1	0,5
Perspectivas em Gestão & Conhecimento	1	0,5
Revista Analisando em Ciência da Informação	1	0,5

Fonte: Dados da pesquisa, 2018

No primeiro agrupamento estão os periódicos mais produtivos, em ordem decrescente, significando o *cluster* central para temática, pois, como aponta a lei bradfordiana, o quantitativo de periódicos de cada agrupamento será proporcional a 1: n: n<sup>2</sup>. Sendo assim, a revista Informação & Sociedade: Estudos lidera o grupo central com a representação de 14,6% das publicações, seguida pela Ciência da Informação, com 10,7% de representação, e pela Encontros Biblio, com seus 9% de representação em relação ao total de artigos. Vale ressaltar que a revista DataGramaZero também apresenta 9% de representação sobre o total de publicações, mas foi agrupada no segundo grupo por causa da aplicação da Lei de Bradford que atingiu 1/3 das publicações no periódico Encontros Biblio. Assim, a DataGramaZero ficou numa zona de intersecção entre o primeiro e o segundo agrupamento.

Para o segundo agrupamento, têm-se, além da DataGramaZero, as revistas Perspectivas em Ciência da Informação e PontodeAcesso, com 5,6% cada uma de representação sobre o todo, os periódicos Em Questão e Logeion, ambos com 4,5% de representação. A revista que entra na zona de convergência entre o segundo e terceiro agrupamento é a Informação & Informação, com 3,3% de representação, mesmo percentual das revistas mais novas como a Informação Arquivística, Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia e Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação. Os demais periódicos, sem dúvida aparente, localizam-se no terceiro agrupamento, no qual há 21 periódicos que produzem juntos o quantitativo semelhante/aproximado dos três periódicos que se encontram no núcleo.

Portanto, a Lei de Bradford é evidenciada nessa análise, dado que um grupo de três periódicos é protagonista nos expressivos 34,5% do total da produção científica acerca da epistemologia e historiografia da Ciência da Informação, tendo uma média de 20 artigos por periódico. No segundo agrupamento há o dobro de revistas em relação ao primeiro *cluster*, representando 32,5% da produção, todavia com uma média de 9,5 artigos por periódico. Já no terceiro agrupamento, o grupo é composto por 21 periódicos, contribuindo com 33% da produção total e tendo a média de 2,6 artigos por periódico.

Diante desses resultados, sobreleva-se o alerta que Pinheiro (1982), em sua dissertação de mestrado, já evidenciava, ao dizer que alteração nos resultados podem acontecer caso sejam levados em consideração outros elementos dos periódicos, como a periodicidade das publicações,

pois quanto maior for a frequência de publicação no ano maior será a probabilidade de se ter produtividade entre os periódicos mais prolíficos.

À vista disso, considerando outras variáveis, como a vigência dos periódicos ao longo do recorte temporal, uma vez que alguns periódicos passaram a existir no período enquanto outros tiveram as publicações descontinuadas ou interrompidas por questões de fomento, editoriais, políticas e econômicas, sentiu-se a necessidade de atribuir um valor representativo aos periódicos de acordo com sua efetiva produção, levantando em consideração o início e o fim da vigência das publicações de periódicos dentro do recorte temporal dessa pesquisa. Para tanto, toma-se a razão da quantidade de artigos publicados em um periódico pelo tempo de efetivo trabalho dessa revista científica no recorte de 2003 a 2018<sup>5</sup>.

**Quadro 7** – Valores representativos dos periódicos de acordo com suas publicações acerca da temática

Periódicos	Vigência	Qtde. de anos acadêmicos no recorte	Qtde. de artigos publicados no recorte	Valor representativo
Informação & Sociedade: Estudos	1991 - Atual	16	26	1,62
Logeion: Filosofia da Informação	2014 - Atual	5	8	1,60
Ciência da Informação	1972 - Atual	16	19	1,18
DataGramaZero	1999 - 2016	14	16	1,14
Convergências em Ciência da Informação	2018 - Atual	1	1	1,0
Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação	1996 - Atual	16	16	1,0
Informação Arquivística	2012 - Atual	7	6	0,85
PontodeAcesso	2007 - Atual	12	10	0,83
Revista Conhecimento em Ação	2016 - Atual	3	2	0,66
Perspectivas em Ciência da Informação	1996 - Atual	16	10	0,62
InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação	2010 - Atual	9	5	0,55
Em Questão	2003 - Atual	16	8	0,50
Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia	2006 - Atual	13	6	0,46
Informação & Informação	1996 - Atual	16	6	0,37
RBBB. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação	1973 - Atual	16	6	0,37
Liinc em Revista	2005 - Atual	14	5	0,35
IRIS - Revista de Informação, Memória e Tecnologia	2012 - Atual	7	2	0,28
Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação	2008 - Atual	11	3	0,27

<sup>5</sup> Valor representativo =  $\frac{\text{Quantidade de artigos publicados no recorte temporal}}{\text{Vigência do periódico no recorte temporal}}$

Periódicos	Vigência	Qtde. de anos acadêmicos no recorte	Qtde. de artigos publicados no recorte	Valor representativo
Biblios (Peru)	1999 - Atual	16	4	0,26
Biblionline	2005 - Atual	14	3	0,21
Ciência da Informação em Revista, Maceió	2014 - Atual	5	1	0,20
Revista Analisando em Ciência da Informação	2013 - Atual	6	1	0,16
Brazilian Journal of Information Science: Research Trends	2006 - Atual	13	2	0,15
ÁGORA: Revista do Curso de Arquivologia da UFSC	1985 - Atual	16	2	0,12
AtoZ: novas práticas em informação e conhecimento	2011 – Atual	8	1	0,12
Comunicação & Informação	1998 - Atual	16	2	0,12
Perspectivas em Gestão & Conhecimento	2011 - Atual	8	1	0,12
Revista ACB	1996 - Atual	16	2	0,12
Revista Interamericana de Bibliotecología	1978 - Atual	16	2	0,12
PÁGINAS a&b	1997 - Atual	16	1	0,06

Fonte: Dados da pesquisa, 2018

A partir da razão do Quadro 7, o periódico Informação & Sociedade: Estudos (Inf. & Soc.:Est) também ocupa o primeiro lugar no *ranking* com o valor representativo de 1,62 pontos, uma vez que tem o maior número de publicações, abrange todo o recorte temporal dessa pesquisa e o número de publicação é maior que o recorte temporal. O periódico supracitado é editado pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba, sendo uma referência, pois está incluído no *Journal Citation Reports JCR Web (Institute for Scientific Information - ISI Web of Knowledge)* e ainda tem a periodicidade de publicações quadrimestral. Isto posto, percebe-se que o referido periódico demonstra cumprir sua missão, que é contribuir com a área com grandes trabalhos de abrangência nacional e internacional, principalmente com as discussões acerca da temática epistemologia e historiografia da Ciência da Informação.

O periódico Logeion adita a segunda colocação com o valor representativo de 1,60 pontos. É necessário ressaltar que o periódico é um dos novos da área, mas já se coloca em destaque mesmo com a abrangência de apenas cinco anos no recorte temporal. A aludida revista tem periodicidade de publicações por semestre e é editada pelo Grupo de Pesquisa Filosofia e Política de Informação, grupo este pertencente ao IBICT. Ao publicar trabalhos nos idiomas português, espanhol e inglês, o periódico objetiva acolher as diversas abordagens teóricas e pontos de vista sobre temas filosóficos da área.

Outro destaque é o periódico mais antigo da área no Brasil, *Ciência da Informação de Brasília*, que atingiu o valor representativo de 1,18 pontos referentes às suas 19 publicações durante o recorte temporal. Esse valor representativo poderia ter sido maior, caso o referido periódico não tivesse enfrentado problemas editoriais que afetaram sua regularidade de publicações entre 2012 e 2016. Sua temática está relacionada às atividades do setor de informação na ciência, tecnologia e inovação. A revista supracitada é uma referência histórica e conteudista para área.

A revista *DataGramaZero* teve sua vigência encerrada em 2016, abrangendo 14 anos do recorte temporal dessa pesquisa. Contudo, ela consegue o valor representativo de 1,14 pontos. Sua contribuição para a temática é considerável, uma vez que apresentou 16 artigos sobre a temática no recorte temporal. Vale ressaltar que tinha como editor-chefe o saudoso professor Aldo Barreto, responsável pela formação de alguns doutores e mestres que trabalham com a epistemologia e historiografia atualmente.

O periódico *Encontros Biblios* apresenta 16 artigos nos 16 anos acadêmicos do recorte temporal, atingindo a marca do valor representativo de 1 ponto. O escopo de interesse do referido periódico é de caráter teórico para as perspectivas da Biblioteconomia, Ciência da Informação, Arquivologia e áreas correlatas, sendo que sua periodicidade é quadrimestral.

Diferente de periódicos mais antigos, a revista *Informação Arquivística* abrange apenas sete anos dos 15 anos do recorte temporal dessa pesquisa, com suas 6 publicações atingiu o valor representativo de 0,85 ponto. Esse periódico pertence à Associação dos Arquivistas do Estado do Rio de Janeiro, sendo que seus trabalhos destacam o campo da Arquivologia e suas relações interdisciplinares com perspectivas nacionais e internacionais.

Um periódico que se destaca no levantamento dessa pesquisa, conforme o valor representativo, é o *PontodeAcesso*, com o valor de 0,81 ponto e com 10 publicações sobre a temática em estudo. O referido periódico abrange 12 anos dos 16 anos do recorte temporal dessa pesquisa. É uma revista eletrônica publicada pelo Instituto de Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia e seus artigos estão relacionados a todas as temáticas desenvolvidas na área da Ciência da Informação, sendo um periódico com representatividade dentro da supracitada área.

Outro ponto observado pelos pesquisadores para a publicação de seus artigos é o conceito apresentado pelos periódicos. Esses valores são representados nos estratos Qualis da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. O objetivo do Qualis é relacionar e classificar os periódicos de acordo com sua abrangência (local, nacional ou

internacional) e qualidade para as áreas de avaliação (número de exemplares circulantes, número de bases de dados que os indexam, número de instituições que publicam no periódico, entre outros critérios). Sendo que os estratos estão divididos em 8 níveis, que vão do conceito mais alto para o mais baixo, a saber: A1, A2, B1, B2, B3, B4, B5 e C.

Diante disso, obtiveram-se os dados descritos no Quadro 8, no qual pôde-se observar os periódicos, a quantidade de publicações, a sua representação percentual diante dos 88 artigos recuperados pela busca e os estratos Qualis atribuídos para o período 2013-2016 disponíveis na Plataforma Sucupira<sup>6</sup>.

**Quadro 8** – Estratos Qualis dos periódicos recuperados (2013-2016)

<b>Periódicos</b>	<b>f/x</b>	<b>%</b>	<b>Estratos Qualis 2013-2016</b>
Informação & Sociedade: Estudos	26	14,6	A1
Ciência da Informação	19	10,7	B1
Enc. Bibli: R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf.,	16	9	A2
DataGramaZero	16	9	B3
Perspectivas em Ciência da Informação	10	5,6	A1
PontodeAcesso	10	5,6	B1
Em Questão	8	4,5	A2
Logeion: Filosofia da Informação	8	4,5	B5
Informação & Informação	6	3,3	A2
Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia	6	3,3	B1
RBBB. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação	6	3,3	B1
Informação Arquivística	6	3,3	B5
InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação	5	2,8	B1
Liinc em Revista	5	2,8	B1
Biblios (Peru)	4	2,2	A1
Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação	3	1,6	B1
Biblionline	3	1,6	B5
IRIS - Revista de Informação, Memória e Tecnologia	2	1,1	B3
Revista Interamericana de Bibliotecología	2	1,1	A2
ÁGORA: Revista do Curso de Arquivologia da UFSC	2	1,1	B1
Brazilian Journal of Information Science: Research Trends	2	1,1	B1
Comunicação & Informação	2	1,1	B2
Revista ACB	2	1,1	B2
Revista Conhecimento em Ação	2	1,1	B5
Convergências em Ciência da Informação	1	0,5	-
Perspectivas em Gestão & Conhecimento	1	0,5	B1
AtoZ: novas práticas em informação e conhecimento	1	0,5	B2
PÁGINAS a&b	1	0,5	B4
Ciência da Informação em Revista, Maceió	1	0,5	B5
Revista Analisando em Ciência da Informação	1	0,5	B5

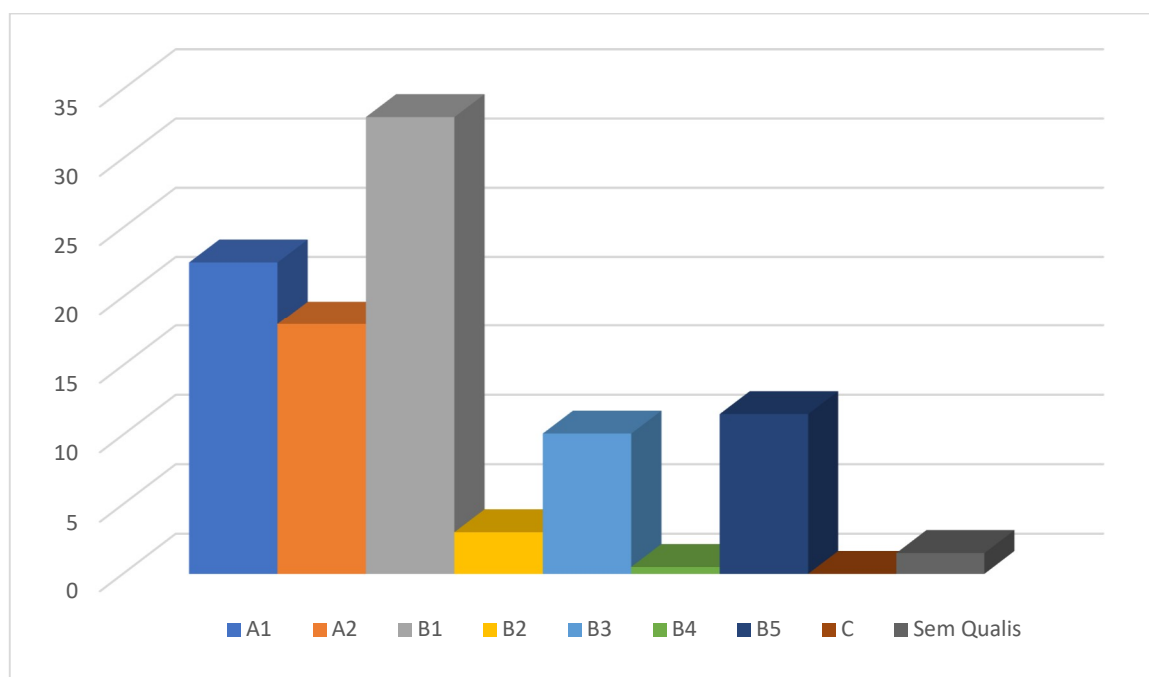
Fonte: Dados da pesquisa, 2018

<sup>6</sup>Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/#>. Acesso em: jan../2019

Observando o Quadro 8, percebe-se que os periódicos de Qualis A1 são responsáveis por 22,5% das publicações, enquanto os classificados como Qualis A2 contribuíram com 18% de publicações de trabalhos. As revistas de estratos Qualis B1 publicaram 33% dos trabalhos recuperados, enquanto as dos estratos Qualis B2, B3, B4 e B5 obtiveram, respectivamente 3%, 10%, 0,5% e 11,5% das publicações. Ressalta-se que o estrato Qualis B3, que atinge 10% da representação, é ocupado neste recorte por dois periódicos, a revista DataGramaZero (9%) e a IRIS – Informação, Memória e Tecnologia (1%). Para o estrato Qualis B4, apenas uma revista o representa, a Páginas A&B – Arquivos e Bibliotecas com 0,5% da produção total de artigos. O único periódico que não apresenta estrato Qualis é Convergências em Ciência da Informação, que se justifica pelo fato do seu surgimento ser *a posteriori* do escopo de avaliação, representando 1% das publicações dos artigos do corpus dessa pesquisa. Também se faz necessário registrar que nenhum periódico de estrato Qualis C foi recuperado na busca dos artigos.

Adiante, o Gráfico 4 demonstra em quais Estratos Qualis estão os artigos acerca da temática epistemologia e historiografia da Ciência da Informação, permitindo a visualização da concentração dos artigos nos conceitos do Estratos Qualis mais renomados.

**Gráfico 4** – Percentual de publicação de artigos de acordo com Estrato Qualis 2013-2016 dos periódicos



Fonte: Dados da pesquisa, 2018



De acordo com o Gráfico 4, as publicações de artigos que tratam da epistemologia e historiografia da Ciência da Informação estão concentradas nos níveis mais altos da escala de estratos do Qualis da CAPES. Para os estratos A1 e A2, têm-se a soma de 40,5% dos artigos e para o estrato B1 têm-se 33% das publicações. Sendo assim, os três principais estratos somam 73,5% das publicações. Em números inteiros, os estratos apresentam 40 artigos em três periódicos para estrato A1, 32 artigos em quatro periódicos de estrato A2, 59 artigos publicados em 10 periódicos de estrato B1, 5 artigos em três periódicos para estrato B2, 18 artigos em dois periódicos de estrato B3, 1 artigo para o estrato B4, 21 artigos em seis periódicos de estrato B5, e para periódico sem estrato Qualis tem-se apenas 1 artigo.

Ressalta-se que a observação a partir dos estratos do Qualis não permite o julgamento da qualidade individual dos artigos, pois artigos excelentes, de grande contribuição para área, podem estar nos estratos mais baixos. O referido instrumento permite analisar a constituição dos periódicos ao atender aos critérios estabelecidos para a avaliação determinados pela Capes. Ainda, como as avaliações são periódicas, pode haver a mudança de posição dos periódicos em relação aos estratos, uns podem avançar para os mais conceituados enquanto outros podem ser rebaixados devido a diversas situações que venham acontecer, como dificuldade de fomento, disponibilidade de revisores, entre outros.

#### **4.2.2 Instituições na Brapci**

Nessa busca, também se verificaram as instituições às quais pesquisadores da área estavam vinculados. Esses dados foram coletados no corpo dos artigos com intuito de se evidenciar as instituições mais representativas para a temática epistemologia e historiografia da Ciência da Informação. Posto isso, apresenta-se a Tabela 4 com os referidos dados no intervalo de 2003 a 2018 e com recorte das instituições que mais se destacam. Contabiliza-se um total de 249 ocorrências para as 42 instituições identificadas.

**Tabela 4** – Publicações por instituições nos periódicos (2003-2018)<sup>7</sup>

Ano Instituição	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	13	14	15	16	17	18	Total
UFMG	1	-	-	-	2	1	1	1	3	1	5	4	1	1	2	5	28
UFSC	-	-	-	-	-	-	-	-	2	1	1	1	-	4	7	8	24
UNIRIO	-	-	-	-	-	-	-	1	4	2		2	1	-	5	9	24
IBICT	-	-	-	-	-	1	-	1	4	3	3	1	2	-	2	6	23
USP	-	2	1	-	-	-	1	-	3	2	2	2	2	2	2	4	23
UnB	-	1	-	-	-	-	-	-	3	1	2	1	1	4	4	2	19
UFRJ	-	-	-	-	-	-	-	-	2	3	-	1	1	-	-	7	14
UFPB	-	-	-	1	-	-	-	-	1	1	3	1	1	2	-	3	13
UNESP- MARÍLIA	-	-	-	-	-	1	-	-	2	1	4	2	-	1	-	-	11
UFBA	-	-	-	-	1	-	-	-	1	1	4	-	2	1	-	-	10
UFPE	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1		1		3	2	7
UFF	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	1	1		2		6
UFC	-	-	-	-	1	-	1	-	-	1	-	-	-	1	-	-	4
PUC- CAMPINAS	1	1	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	3
UFAL	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	2	-	-	3
UFPR	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	1	-	-	-	-	3
UFRGS	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	1	3
UEL	-	-	-	1	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3

Fonte: Dados da pesquisa, 2018

Segundo a Tabela 4, a configuração das instituições que são mais indicadas como vínculos atuais dos autores dos artigos se dá com algumas diferenças de posições no *ranking*, mas com o protagonismo ligado às mesmas instituições que se apresentam nos anais dos GT-1 do ENANCIB. As instituições com programas de Pós-graduação na área de Ciência da Informação que mais se destacam também estão concentradas na região Sudeste, um resultado semelhante encontrado na análise das publicações nos anais do GT-1 do ENANCIB. Contudo, observa-se que poucas instituições do Sul, Nordeste e Centro-Oeste se apresentam nesse núcleo, enquanto a Norte não é representada por nenhuma.

Na liderança do protagonismo, encontra-se a UFMG, citada como vínculo de pesquisadores em 28 artigos, participando em quase todos os anos com no mínimo uma publicação, exceto para os anos de 2004, 2005, 2006 nos quais não foram constatados artigos

<sup>7</sup> Os dados completos estão no Apêndice D.

no corpus dessa pesquisa. A UFMG, que tinha menos ocorrências do que o IBICT nos dados apresentados pelos anais do GT-1, nesse aspecto, consegue um número maior de publicações que o Instituto, o qual tem 23 artigos referenciados nos dados extraídos da Brapci.

Todavia, o IBICT mantém posição de destaque diante do debate acerca da epistemologia e historiografia da Ciência da Informação. Ainda se ressalta que a UFRJ (14 ocorrências) e a UNIRIO (24 ocorrências) compartilham pesquisadores com o IBICT, o que fez com que, em algumas vezes, deixassem de ser indicadas nos corpos dos artigos. Mesmo diante disso, as duas instituições estão entre as que mais publicaram sobre a temática nos periódicos indexados na Brapci. Outra instituição do Estado do Rio de Janeiro é a UFF, com seis artigos também lhe remetendo o vínculo.

Ainda no eixo da Região Sudeste, encontram-se em destaque a UNESP/Marília com 11 artigos e a USP com 23 artigos, indicando vínculos institucionais dos pesquisadores. Ao observar essa alta produtividade da região Sudeste, infere-se que esse sucesso resulta da tradição de serem os pioneiros para área no Brasil, pois os primeiros cursos de Pós-Graduação em Ciência da Informação no Brasil surgiram nessa região, como já informado anteriormente, permitindo o desenvolvimento de pesquisas com relações estritamente epistemológicas cujos os resultados trouxeram os primeiros debates conceituais.

Para a Região Centro-Oeste, tem-se a representação da UnB entre as instituições que mais se destacam nas publicações com 19 artigos lhes atribuindo vínculo. Em relação à região Sul, a UFSC divide uma segunda colocação com 24 artigos de autores vinculados. Percebe-se que nos últimos três anos acadêmicos (2016, 2017 e 2018) a UFSC foi ascendendo exponencialmente, resultando numa concentração de trabalhos visivelmente maior em relação aos anos anteriores.

A região Nordeste apresenta três instituições com programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação que também vêm se colocando em destaque no cenário nacional. A primeira instituição é a UFPB, que apresenta 13 artigos cujos vínculos lhes são atribuídos; a segunda é a UFBA, com 10 artigos e, em seguida, a UFPE, com sete artigos lhe fazendo referências de vínculo institucional. Ressalta-se que nenhuma instituição da região Norte consegue se configurar dentro do núcleo das organizações mais produtivas para a temática, o que pode ser alterado nos próximos anos, pois a UFPA recebeu a aprovação de criação de curso de Mestrado em Ciência da Informação da Capes em 2016.

De um modo geral, das 42 instituições que aparecem no recorte, quatro instituições são estrangeiras, das quais os pesquisadores representantes se configuraram como supervisores de

pesquisa de pós-doutorado de autoria de pesquisadores brasileiros. Vale lembrar que, na estruturação do corpus dessa pesquisa, artigos de autoria exclusiva de autores estrangeiros e não vinculados diretamente a instituições brasileiras não foram considerados artefatos de análise. Identificam-se como instituições estrangeiras a Faculdade de Letras da Universidade do Porto – FLUP/PORTO (Portugal), a Universidade de Coimbra – UC (Portugal) e a Université Toulouse III – Paulo Sabatier – UPS (França), ambas com um artigo cada.

Para as 39 instituições brasileiras, o quadro geral se configura de modo bem diversificado para as cinco regiões políticas do país, tendo contribuições de pesquisadores vinculados a diversos órgãos governamentais, universidades, fundações e, também, instituições privadas de ensino superior, mas que tiveram suas formações ligadas à área da Ciência da Informação no que se refere aos graus de escolaridade superior – graduação, mestrado e doutorado.

Dessa forma, a região Norte foi representada apenas pela UFPA com dois trabalhos. A região Nordeste conta com a representação de nove universidades públicas, a UFPB com 14 artigos, a UFBA com 10 obras, a UFPE com sete estudos, a UFC com quatro trabalhos, a UFAL com três pesquisas, além da UFMA, a UFCA, a UFRN e o Instituto Federal da Paraíba - IFPB com uma publicação cada. Ressalta-se que, deste grupo, apenas UFMA não tem programa específico de Pós-Graduação em Ciência da Informação, tendo curso de pós-graduação em Comunicação.

No prosseguimento da análise, verifica-se que a região Centro-Oeste se vê representada por instituições deveras diversificadas de atividades. Como universidades, destacam-se a Universidade Federal de Goiás – UFG, que apresenta dois artigos, não tendo programa de Pós-Graduação específico em Ciência da Informação, mas possuindo um programa de Pós-Graduação em Comunicação, e a UNB com 19 artigos, estando no núcleo de instituições mais produtoras acerca da temática. A referida região ainda conta com a colaboração da Fundação Biblioteca Nacional, Banco Central - Brasília e do Ministério dos Direitos Humanos, ambos com um artigo cada.

Ainda nessa perspectiva, a região Sul conta com a contribuição de sete instituições, duas são universidades privadas e cinco são universidades públicas. Assim, o destaque se dá para a UFSC, com 24 referências, colocando-se entre as instituições mais dedicadas à temática; a UFPR, UEL e UFRGS com três artigos cada, a Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC com uma publicação, a Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUC-PR com um artigo publicado, além da Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI com duas publicações.

Por último, chega-se à região Sudeste, com o maior número de instituições identificadas no levantamento de dados dessa pesquisa, com 16 instituições de ensino e pesquisa. O Estado de Minas Gerais se apresenta com quatro instituições: a UFMG com 28 artigos, configurada como a mais representativa nesse recorte da Brapci, além da Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF, com uma publicação, assim como duas instituições privadas, o Centro Universitário UNA e o Instituto de Educação Tecnológica – IETEC, que foram indicadas em um artigo cada. O Estado de São Paulo tem o maior número de instituições nesse grupo, é representado por seis instituições como USP com 23 indicações, a UNESP/Marília com 11 artigos, a PUC-Campinas com três publicações, a Universidade de Campinas - UNICAMP com dois trabalhos, além da PUC-SP e a Universidade Federal de São Carlos – UFSCar com uma indicação cada. O Estado do Rio de Janeiro se revela com seis instituições, a UNIRIO com 24 publicações, o IBICT com 24 indicações, UFRJ com 14 trabalhos, a UFF com 6 artigos, além da Fundação Getúlio Vargas – FGV com a indicação de um trabalho na coleta aqui exposta. Por fim, o Estado do Espírito Santo aparece apenas com uma indicação para Universidade Federal do Espírito Santo – UFES.

A indicação das instituições pode demonstrar o quanto seu papel social está sendo cumprido, daí infere-se que há investimentos em pesquisa, “estímulos a produtividade” no seu sentido positivo, entre outros fatores da vida acadêmica. Contudo, muitas vezes, um único autor produz um número considerável de trabalhos na temática, fazendo parecer que há um grande grupo de pesquisadores daquela instituição trabalhando sobre aquele tema. Isso foi constatado nesse recorte, com pesquisadores com alto grau de produtividade fazendo com que parecesse existir um grande grupo de pesquisadores em uma dada instituição. Também se ressalta que uma instituição deixou de ser mencionada em anos posteriores porque o pesquisador da temática que lhe referenciava mudou de instituição.

Sabe-se que as instituições publicam muitos periódicos com alguns objetivos acadêmicos e que estes passam por avaliação, segundo critérios estabelecidos pela Capes, que levam em consideração a periodicidade, avaliação cega por pares, diversidade de instituições às quais estão vínculos os pesquisadores, indexação em renomadas bases de dados. Dentro desses aspectos, os artigos fazem parte dos artefatos da produtividade acadêmica, a qual é um indicador para angariar recursos para fomento de pesquisas, laboratórios, bolsas, eventos acadêmicos de um modo geral.

Dessa forma, as instituições precisam se colocar em evidências por meio de seus pesquisadores, pois, segundo Vanti (2006), as políticas para as atividades científicas são

orientadas pelos níveis de desenvolvimentos alcançados por determinada área, a partir da aferição das taxas de produtividade dos pesquisadores envolvidos, da identificação de instituições e cursos com maiores perspectivas de crescimento e dos determinantes de escalas de prioridades para a distribuição de recursos pelos órgãos financiadores.

#### 4.2.3 Os Autores na Brapci

A verificação dos autores mais atuantes em relação à temática epistemologia e historiografia da Ciência da Informação nos periódicos indexados na Brapci mostrou uma configuração diferente no grupo núcleo de pesquisadores em relação ao núcleo duro do GT-1. Para o melhor entendimento, apresentam-se no Quadro 9 os pesquisadores com as maiores frequências de publicação de artigo acerca da temática, a partir da dos termos descritores inseridos para a recuperação automática na Brapci.

**Quadro 9-** Pesquisadores mais frequentes com a temática epistemologia e historiografia nos artigos publicados em periódicos indexados na Brapci (2003-2018)

<b>Autoria</b>	<b>f/x</b>	<b>Anos</b>
Gustavo da Silva Saldanha	20	2008, 2010, 2011, 2011, 2012, 2012, 2012, 2013, 2014, 2015, 2017, 2017, 2018, 2018, 2018, 2018, 2018, 2018, 2018, 2018
Solange Puntel Mostafa	13	2010, 2011, 2012, 2013, 2014, 2015, 2016, 2017, 2017, 2017, 2018, 2018, 2018
Igor Soares Amorim	8	2014, 2017, 2017, 2017, 2018, 2018, 2018, 2018
Carlos Alberto Ávila Araújo	7	2010, 2013, 2013, 2014, 2014, 2016, 2018
Jonathas Luiz Carvalho Silva	7	2007, 2012, 2013, 2013, 2013, 2015, 2015
Rodrigo Rabello	6	2008, 2010, 2011, 2013, 2013, 2018
Henriette Ferreira Gomes	5	2011, 2013, 2013, 2015, 2016
Marisa Bräscher	5	2011, 2012, 2017, 2017, 2018
Angelica Alves da Cunha Marques	4	2013, 2015, 2016, 2017
Marivalde Moacir Francelin	4	2003, 2004, 2015, 2018
Clarice Fortkamp Caldin	3	2016, 2017, 2018
Elizete Vieira Vitorino	3	2011, 2016, 2018
Isa Maria Freire	3	2014, 2015, 2018
Juliana Lazzaroto de Freitas	3	2010, 2010, 2014
Leilah Santiago Bufrem	3	2010, 2010, 2014
Miriam Paula Manini	3	2016, 2017, 2017
Murilo Artur Araújo da Silveira	3	2017, 2017, 2018
Silvana Drumond Monteiro	3	2006, 2007, 2008
Sônia Elisa Caregnato	3	2017, 2017, 2018
Valéria Cristina Lopes Wilke	3	2011, 2012, 2015
William Barbosa Vianna	3	2016, 2017, 2018

Fonte: Dados da pesquisa, 2018

No total de pesquisadores identificados, têm-se 196 autores de diferentes instituições. O Quadro 9 apresenta 21 pesquisadores que publicaram mais de dois artigos recuperados na Bapci. A liderança do núcleo duro desses pesquisadores está com o professor Gustavo Saldanha (UNIRIO/IBICT), com a marca de 20 artigos publicados acerca da temática. Ressalta-se que o referido pesquisador também divide o protagonismo da liderança do GT-1, demonstrando ser um pesquisador de grande produtividade da área, níveis que o colocam como bolsista de produtividade do CNPq. Em relação à publicação de artigos, o autor vem publicando desde 2008, sendo que em 2009 e 2016 não houve publicações do autor para a temática. Suas pesquisas de mestrado e doutorado foram voltadas para a perspectiva mais filosófica dentro do espectro da Ciência da Informação, colocando-o como um dos novos pesquisadores que mais evidencia a referida temática na área. Em 2018, o autor publicou oito artigos sobre a epistemologia e historiografia da Ciência da Informação.

Com 13 publicações acerca da temática epistemologia, tem-se a pesquisadora Solange Mostafa (USP) que, além dos artigos, publica constantemente livros e capítulos de livros com a referida temática e que são reconhecidos da área. Sua pesquisa de doutorado trabalhou com a epistemologia da biblioteconomia. Prosseguindo a observação do Quadro 10, tem-se Igor Amorim (UFSC), mestre em Ciência da Informação, com a publicação de oito artigos. O pesquisador desenvolve pesquisa sobre a análise de domínio hjørlandiana baseada em Deleuze, além de ter alguns trabalhos em parceria com a professora Solange Mostafa.

Ainda dentro do grupo mais produtivo, têm-se o pesquisador Carlos Alberto Ávila Araújo (UFMG) que apresenta sete artigos recuperados pelos termos de busca dessa pesquisa. O autor é um dos pesquisadores produtivos acerca da historiografia da área, e também já escreveu livros e capítulos de livros acerca da temática. Também com sete artigos publicados, o pesquisador Jonathas Luiz Carvalho Silva (UFCA) vem trabalhando a temática desde suas pesquisas de mestrado e doutorado. Outro pesquisador que se destaca é Rodrigo Rabello (UnB), o qual apresenta seis publicações e trabalha regularmente com a temática desde a pesquisa de doutorado.

Ressalta-se que vários pesquisadores poderiam ter contribuído com outros artigos relacionados à temática se os termos indexadores tivessem coincidido com os utilizados nessa pesquisa: epistemologia, historiografia e filosofia da Ciência da Informação. Isso foi verificado em busca pelos nomes dos autores, que trouxe mais artigos sobre a temática do que os apresentados pela recuperação a partir dos termos já mencionados. Mas, por delimitação do

tempo, não se poderia fazer uma pesquisa individual, até para não se cometer o equívoco de esquecer algum pesquisador.

Exposto isso, nesse contexto, a Lei de Lotka se evidencia novamente, pois percebe-se ainda que um pequeno grupo de autores produz regularmente sobre a temática para os periódicos. Contudo, em percentuais, o número de pesquisadores que publicaram uma única vez se mostra bem mais elevada do que os 60% preceituada pela referida lei. Nesse recorte, 78% dos pesquisadores publicaram uma única vez sobre a temática, 11,2% dos autores contribuíram com dois artigos, 5,6% dos autores apresentaram três artigos, enquanto 5,1% dos pesquisadores publicaram a partir de quatro pesquisas. Uma possível justificativa estaria ligada às políticas de publicações que seguem com regras mais rígidas em relação aos anais de eventos, quando há restrições a diversas características de perfis de autores.

#### 4.3 O GRUPO DE ELITE A PARTIR DO GT-1 E DOS PERIÓDICOS INDEXADOS NA BRAPCI

Ao investigar a produtividade dos pesquisadores por meio de duas fontes, anais do GT-1 e Brapci, constatou-se que dois grupos diferentes se caracterizam como núcleos temáticos da área: um está relacionado aos anais do referido GT, enquanto o outro grupo está vinculado à Brapci. Nesse contexto, levando em consideração a produtividade a partir de cinco artigos em cada instrumento de publicação científica do corpus dessa pesquisa, apenas três pesquisadores participam dos dois grupos: Gustavo Saldanha, Jonathas Carvalho e Rodrigo Rabelo. Se o recorte se der a partir de quatro publicações para cada instrumento, são incluídas ao grupo mais dois autores, Solange Mostafa e Angélica Marques. Evidencia-se, desse modo, que quando se trata da temática, há dois núcleos pequenos que trabalham com regularidade para cada segmento de publicação de pesquisas.

Para criar um *ranking* de autores mais atuantes do GT-1 e de periódicos indexados na Brapci, soma-se a produção em cada um dos artefatos e se apresenta a Tabela 5, demonstrando os pesquisadores que mais se destacam de um modo geral para a temática em tela.



**Tabela 5** – Autores mais atuantes da Ciência da Informação a partir do GT-1 e da Brapci<sup>8</sup>

<b>Autores</b>	<b>f/x GT-1</b>	<b>f/x Brapci</b>	<b>Σ f/x GT-1 e Brapci</b>
Gustavo da Silva Saldanha	16	20	36
Edivanio Duarte de Souza	16	1	17
Solange Puntel Mostafa	4	13	17
Jonathas Luiz Carvalho	9	7	16
Isa Maria Freire	12	3	15
Lena Vania Ribeiro Pinheiro	13	2	15
Maria Nelida Gonzalez de Gomez	13	2	15
Angelica Alves da Cunha Marques	9	4	13
Georgete Medleg Rodrigues	13	0	13
Icléia Thiesen	10	1	11
Rodrigo Rabello	5	6	11
Carlos Alberto Ávila Araújo	2	7	9
Igor Soares Amorim	0	8	8
Cristina Dotta Ortega	5	2	7
Eduardo Ismael Murguia	6	1	7
Henriette Ferreira Gomes	2	5	7
Lídia Silva de Freitas	7	0	7
Zayr Cláudio Gomes da Silva	7	0	7
Claudia Bucceroni Guerra	6	0	6
Evelyn Goyannes Dill Orrico	6	0	6
Luciana de Souza Gracioso	5	1	6
Marcia Heloisa T. de Figueredo Lima	6	0	6
Marivalde Moacir Francelin	2	4	6
Marlene de Oliveira	4	2	6

Fonte: Dados da pesquisa, 2018

Para uma análise mais geral da produtividade dos pesquisadores da temática epistemologia e historiografia da Ciência da Informação, contabilizaram-se 442 pesquisadores, sendo que, desses, 246 (55,5%) pesquisadores apenas publicaram nos anais do GT-1 dos ENANCIB, enquanto 130 (29,5%) dos autores publicaram apenas nos periódicos indexados na Brapci. Sendo assim, 66 (15%) dos pesquisadores conseguiram publicar nos dois tipos de veículos de comunicação científica. Vale ressaltar que 312 pesquisadores publicaram nos anais do GT-1 e 196 autores publicaram nos periódicos indexados na Brapci.

Ainda na análise descritiva, e evidenciando os preceitos da Lei de Lotka, os pesquisadores que apresentam apenas uma contribuição totalizam o número de 316 indivíduos, ou seja, 71,5% dos pesquisadores; 54 (12%) autores publicaram dois artigos cada; 22 (5%) pesquisadores contribuíram com três artigos; 14 (3%) pesquisadores publicaram quatro artigos; e, a partir de cinco publicações, têm-se 36 (8%) pesquisadores.

<sup>8</sup> Os dados completos estão no Apêndice E.

Diante do exposto, ao mesmo tempo em que denotam uma característica de inserção de novos pesquisadores, os dados evidenciam um grau de rotatividade muito forte nos dois artefatos de comunicação científica, o que pode ser compreendido como um elemento de participação de autores compartilhando os resultados de pesquisas em autoria única ou em regime de colaboração. E que pode ressaltar, também, o caráter democrático das participações dos pesquisadores nas publicações, em especial no que diz respeito ao acompanhamento dos resultados de pesquisas na pós-graduação.

Numa coordenada cartesiana, a distribuição da produtividade dos autores se deu de forma muito inclinada, o que remete a Lei do Elitismo de Solla Price (1965), a qual se aplicou o princípio da raiz quadrada ao número total de pesquisadores, para saber o grupo de elite de uma determinada disciplina. Para o grupo formado a partir da soma da produtividade nos anais do GT-1 dos ENANCIB e nos periódicos indexados na Brapci, tem-se o resultado de 21 indivíduos para  $\sqrt{442}$  de pesquisadores. Contudo, o autor que ocupa a 21ª posição, na Tabela 5, publicou seis trabalhos e, dessa forma, todos os outros pesquisadores que apresentarem o mesmo quantitativo de obras deveriam estar inseridos no grupo de elite da temática, o que levou a ter o número de 24 pesquisadores.

Para estar no grupo da elite e os demais pesquisadores, o campo científico se torna um ambiente altamente competitivo, onde, conforme Bourdieu (1983), a luta pelo monopólio da autoridade científica acontece, autoridade científica entendida como a capacidade de falar e agir legitimamente no contexto da ciência e como poder social. Na leitura a partir de Silva e Hayashi (2012), é o espaço do conflito e da concorrência, onde se busca esse monopólio pela capacidade técnica e pelo poder social, e também se configura como luta pela conservação e/ou transformação do *status quo*.

Por isso, não se deve observar a produção só a partir da alta produtividade, pois trabalhos de autores não localizados no elitismo podem oferecer significantes contribuições para a ciência. O pesquisador pode não ser tão produtivo para a temática em questão, mas pode estar no grupo de elite de uma outra temática, assim como pode pertencer ao grupo de frente de pesquisa (os mais citados) com apenas um único trabalho. Por isso, as questões de aspectos sociais devem ser observadas, como aponta Urbizagastegui-Alvarado (2009).

Algumas vezes, as regras do jogo não são tão democráticas, uma vez que os corpos editoriais dos periódicos estão concentrados no grupo de elite. Os maiores produtores de artigos publicados têm a titulação de doutor e estão vinculados a uma instituição que lhes proporciona

o poder institucional e, conseqüentemente, concede-lhes o poder específico, conceitos apropriados de Bourdieu por Urbizagastegui-Alvarado (2010).

O capital científico (reconhecimento pelos pares), conforme Bourdieu (1983, p. 172), monetiza-se pelas contribuições que efetivamente se faz ao campo, trazidas pelos pesquisadores, pois “não há ‘escolha’ científica (...) que não seja uma estratégia política de investimento objetivamente orientada para a maximização do lucro propriamente científico, isto é, a obtenção do reconhecimento dos pares concorrentes”. Romper as barreiras do elitismo para também participar dele é o objetivo de muitos jovens pesquisadores que devem, segundo o referido autor, atender aos comportamentos imperativos da área, “sendo-lhe reconhecido um papel ou posição que lhe permita falar autorizadamente sobre determinado objeto ou tipo de realidade” (BOURDIEU, 1983, p. 122). Isso quando não lhes são expostas a algumas relações de poder constituídas pelos comportamentos aéticos.

Diante disso, o conhecimento científico é construído em campo de luta, por meio de relações institucionalizadas, o que confere ao pesquisador um capital científico, a partir da construção de conhecimentos no interior das ciências, tanto por um ambiente colaborativo quanto competitivo, para o seu avanço.

A maioria dos trabalhos recuperados nos anais do GT-1 e nos periódicos indexados na Brapci foi construída em regime de colaboração, o que será visto em seção posterior, sendo que muitos dos pesquisadores que apresentam poucas publicações na temática são orientandos dos pesquisadores que estão no grupo de elite ou que dele se aproximam. Isso caracteriza um ambiente mais colaborativo quando é visto de forma mais intrínseca, mas quando se observa de um ponto de vista mais holístico, considerando todos os componentes dessas relações, é perceptível a competição, pois quando se destaca dentro de um grupo o capital científico lhe é outorgado e a compensação se materializa em bolsas de produtividade, bolsas de pesquisa, entre outros, uma vez que as políticas de fomento estabelecem cotas para as áreas, estimulando a competição.

Se o recorte das agências de fomento se desse a partir do corpus desta pesquisa, o efeito Mateus de Merton (1977) privilegiaria os pesquisadores expostos na Tabela 5, dando-lhes vantagens e prestígio diante dos outros pesquisadores que não se encontram no grupo de elite da referida temática. Esse efeito é uma alusão ao Evangelho segundo Mateus, o qual versa que a todos que têm mais lhe será dado em abundância, enquanto aquele que não tem, até aquilo que tem lhe será tirado. Merton (1977) traz isso para o estudo da sociologia das ciências, dizendo que o reconhecimento acadêmico é galardoado aos pesquisadores mais produtivos.

Além disso, o autor demonstra que há uma estratificação no sistema científico, do qual, nesta pesquisa, faz-se o recorte para a comunicação científica, com honorífico prestígio, recursos científicos e poder sobre os meios de comunicação da ciência. A estratificação é quem coloca esse comportamento como produtor de desigualdades, pois coloca à marginal, também, aqueles que possuem um alto grau de produtividade, mas cujas instituições não têm renome social, o que deixa seus possíveis concorrentes com vantagens para obter as benesses da vida acadêmica.

Os resultados alcançados por parte da pesquisa foram almeçados com o intuito de identificar o coletivo de pesquisadores que dão suporte, continuidade e consistência ao trabalho epistemológico e historiográfico da Ciência da Informação. Assim, a Hipótese 1 dessa tese foi lidimada com a confirmação de que há um pequeno grupo de pesquisadores que trabalham regularmente a temática epistemologia e historiografia da Ciência da Informação, denominado de grupo de elite.

A Hipótese 3 também obteve a ratificação do seu enunciado, ao se constatar que o grupo de elite dos anais do GT-1 dos ENANCIB tem uma configuração diferente do grupo de elite dos periódicos da Brapci, sendo que apenas quatro pesquisadores se encontram nos dois grupos: Gustavo Saldanha (UNIRIO/UFRJ/IBICT), Jonathas Carvalho (UFCA), Isa Maria Freire (UFPB) e Angélica Marques (UnB).

Duas perguntas da problemática já foram respondidas: a primeira, sobre a identificação dos pesquisadores que mantiveram regularidade de publicações acerca da temática nos dois tipos de veículos de comunicação científica; a segunda questão estava direcionada à verificação de quais periódicos indexados na Brapci vem publicando acerca da temática. Para tanto, foram feitos os *rankings* das instituições e dos pesquisadores, os agrupamentos, conforme a produtividade, dos periódicos, verificação do desenvolvimento das publicações nos meios de comunicação científica e verificação do *status quo* dos periódicos por meio dos estratos Qualis 2013-2016.

Isto posto, segue-se para a continuidade da pesquisa, trazendo na próxima seção a identificação dos autores do grupo da frente de pesquisa da temática a partir dos anais do GT-1 e dos periódicos indexados na Brapci.

#### 4.4 O GRUPO FRENTE DE PESQUISA A PARTIR DO GT-1 E DOS PERIÓDICOS INDEXADOS NA BRAPCI

A produtividade dos pesquisadores pode lhes proporcionar o capital científico, a autoridade científica, prestígio, reconhecimento e celebridade, bem como suas derivações. Esses são recursos científicos que, no acumulado, aumentam a notoriedade do pesquisador e/ou de seus trabalhos. Nesse sentido, percebe-se que quanto maior a quantidade de trabalhos do pesquisador mais próximo do grupo da elite sobre determinada temática ele estará, e quando se trata das perspectivas qualitativas do seu trabalho, ele pode estar no grupo de pesquisadores que compõem o grupo de frente de pesquisa. Segundo Urbizagastegui-Alvarado (2009, p. 78), “existe alta correlação entre a qualidade e a quantidade das publicações, em razão de que o êxito na publicação renova os esforços para mais publicações”, mas quando os trabalhos são rejeitados por um instrumento de comunicação científica pode fazer com que haja inibição de uma possível submissão de trabalhos novamente.

Ser um autor produtivo tem sua glória, o que lhe confere possibilidade de ter fomento para suas pesquisas, mas protagonizar juntamente com os pesquisadores a produção de trabalhos mais citados pelos demais pares é o paraíso acadêmico em sua essência, o reconhecimento da qualidade do trabalho para validar uma ideia ou refutar outra, assim como contextualizar o andamento do seguimento de uma pesquisa. Sendo assim, essa seção tem como finalidade identificar a comunidade que se configura como grupo de frente de pesquisa da epistemologia e historiografia da Ciência da Informação, a partir das citações dos trabalhos dos anais do GT-1 dos ENANCIB e dos periódicos indexados na Brapci.

Nessa perspectiva, nos anais do GT-1 foram identificadas 7.842 referências nos trabalhos publicados no recorte temporal desta pesquisa (2003-2018), entre autores, instituições, leis, dicionários e *sites* que configuraram corpus de pesquisas. Já os artigos de periódicos indexados na Brapci apresentaram um total de 5.362 referências a trabalhos, nos mesmos moldes do GT-1. Essas referências passaram a fazer a composição do corpus desta pesquisa, e, para seu tratamento com vistas à análise, foi necessário fazer a exclusão de referências que traziam como autores principais as entidades, leis, dicionários e sites que não configuravam a autoria (ou coautoria) pessoal de uma obra, uma vez que o objetivo é identificar o grupo frente de pesquisa da temática. Também foram retiradas dos dados da análise as autocitações.

Na identificação desses autores constatou-se a existência de dois perfis para análise, um de autores brasileiros, que é a essência dos objetivos desta pesquisa de doutorado, e outro grupo

de pesquisadores internacionais cujos trabalhos influenciam diretamente os trabalhos dos pesquisadores brasileiros. Nos anais do GT-1 foram identificados 2.829 autores e coautores diferentes citados nos trabalhos, e nos periódicos indexados na Brapci foram identificados 2.572 autores e coautores. Diante da dificuldade temporal para análise desses dados, aplica-se aqui o princípio da raiz quadrada ao número total de pesquisadores citados, remetendo mais uma vez à Lei do Elitismo de Solla Price (1965), mas, nesse contexto, usada para identificar a frente de pesquisa. Assim, para o GT-1, considerando  $\sqrt{2.829}$ , o grupo frente de pesquisa é constituído pelos referenciados até a 53ª posição, posições ocupadas por autores que foram referenciados 25 vezes ou mais. Já para os artigos de periódicos indexados na Brapci, considera-se a  $\sqrt{2.572}$  e o grupo frente de pesquisa será formado pelos autores até a 51ª posição. Como o pesquisador que ocupa essa posição foi referenciado 16 vezes, número igual ao que ocupa a 53ª posição, a escala será abrangente a essa posição também.

Diante disso, apresentam-se os grupos sob esses dois aspectos, a começar pela influência internacional nas citações dos trabalhos publicados nos anais do GT-1 dos ENANCIB, como pode ser visto no Quadro 10.

**Quadro 10** - Autores internacionais mais citados nos anais do GT-1

<b>Autores</b>	<b>Referências</b>		<b>Autores</b>	<b>Referências</b>
CAPURRO, R	156		BELKIN, Nicholas J	38
SARACEVIC, T	131		DELEUZE, G	38
FOUCAULT, Michel	121		LATOUR, B	36
HJORLAND, B	108		BROOKES, Bertram	35
FROHMANN, Bernd	103		WITTGENSTEIN, Ludwig	35
WERSIG, Gernot	80		LE COADIC, Yves-François	34
BOURDIEU, Pierre	78		KUHN, Thomas Samuel	33
HABERMAS, Jürgen	63		ZINS, Chalm	33
BUCKLAND, Michael Keeble	62		RENDÓN ROJAR, Miguel Angel	32
BORKO, Harold	55		SOUSA SANTOS, Boaventura de	30
LÉVY, Pierre	50		BURKE, Peter	28
OTLET, Paul	50		CASTELLS, Manuel	28
SHERA, Jesse H	44		COUTURE, Carol	28
SILVA, A.M.	44		DURANTI, Luciana	26
LE GOFF, J	41		NEVELING, U	26
FLORIDI, L	40		MIKHAILOV, A. I.	25
MORIN, Edgar	40			

Fonte: Dados da pesquisa, 2018

O Quadro 10 apresenta 33 pesquisadores de instituições estrangeiras, mas suas ideias estão em forma de interdiscursos na literatura brasileira. Alguns desses pesquisadores não trabalham diretamente com a Ciência da Informação, contudo fornecem insumo conceituais para os debates acerca dos processos e as relações a partir do objeto informação (diversos

autores), compreensão do campo científico (Pierre Bourdieu), relações de poder a partir do discurso (Michel Foucault), agir comunicativo (Jürgen Habermas), concepções da História sobre a memória (Jacques Le Goff), epistemologia da complexidade (Edgar Morin), conceitos de rede (Manuel Castells), rizoma como movimento de criação (Gilles Deleuze), estudos sociais da ciência (Bruno Latour), filosofia da linguagem (Ludwing Wittgenstein), filosofia da ciência (Thomas Kuhn), epistemologia (Boaventura de Sousa Santos) e as concepções historiográficas e conceituais da história social do conhecimento (Peter Burke). Esses são pensadores que influenciaram as concepções conceituais da Ciência da Informação, permitindo que as ideias da área se configurem no contexto das ciências sociais.

Dos 33 pesquisadores internacionais, 22 (66,5%) têm relações diretas com o desenvolvimento da Ciência da Informação, são os maiores pensadores da área, referências para os demais pesquisadores. Suas ideias, de certo modo, colocaram a Ciência da Informação em um desenvolvimento contínuo e em um patamar de respeitabilidade diante de outras ciências. O professor Rafael Capurro é o pesquisador que, no GT-1, teve o maior número de referências (R), foram 156 artigos lidos referenciando, principalmente ao seu trabalho de 2003, publicado nos anais do IV ENANCIB, para trabalhar exclusivamente a epistemologia da Ciência da Informação a partir das concepções paradigmáticas. Em seguida tem-se Tefko Saracevic, com 131 referências a seus trabalhos sobre a evolução da Ciência da Informação, principalmente o texto de 1996, publicado no periódico *Perspectivas em Ciência da Informação*. Outro autor bem referenciado na área é Birger Hjørland com 131 ocorrências de referências para seus trabalhos. O autor também estabeleceu parcerias com Rafael Capurro para produção de uma pesquisa sobre a epistemologia da área. Birger Hjørland é convocado para, além tratar de questões epistemológicas da área, discutir a análise de domínio nas concepções da organização do conhecimento.

Adiante, tem-se o pesquisador Bernd Frohmann com 103 ocorrências de referências, trabalhando os discursos e a documentação, concebendo a informação com caráter social, material e público. Na perspectiva de perceber a Ciência da Informação sob as concepções das teorias sociais, é chamado Gernot Wersig, referenciado 80 vezes nesse recorte e que elaborou um modelo de rede conceitual. Juntamente com Wersig, Ulrich Neveling (com 26 referências) investigou o fenômeno de interesse da Ciência da Informação, o que inspirou Isa Maria Freire a procurar a consciência possível da área em sua tese de doutorado. Michel Buckland, com 62 referências a seus trabalhos, vem discutir a natureza da Ciência da Informação, enquanto Harold Borko, com 55 referências, é usado como fonte do primeiro conceito da Ciência da Informação.

Na discussão acerca da relação entre informação e sociedade, no conceito de tecnologias intelectuais, a abordagem é baseada em Pierre Lévy, tendo 50 referências a seus trabalhos.

Paul Otlet, referenciado 50 vezes, é percebido na historiografia e questões conceituais da documentação. Nessa perspectiva, aparecem Carol Couture (28 R) com os fundamentos da arquivologia, Luciana Duranti (26 R), contribuindo com os estudos dos registros documentais contemporâneos, e Armando Malheiros e Silva (44 R), com o conceito pós-custodial na arquivística. Outro pesquisador com bastante ocorrências de referências para seus trabalhos é Jesse Shera (44 R), que trabalha os conceitos da corrente humanística da Escola de Chicago para Biblioteconomia e para Ciência da Informação.

Em uma concepção mais filosófica, Luciano Floridi (40 R) é usado para conceituar a filosofia e ética da informação, conceitos em alta na área, sendo o referido autor precursor desses conceitos. Nessa discussão epistemológica, Zins (33 R) é utilizado para se contrapor o termo ciência da informação, pois o referido filósofo defende o conceito ciência do conhecimento. Já o professor Miguel Rendón Rojar (32 R) defende o aprofundamento dos estudos acerca dos preceitos epistemológicos da área. Nesse direcionamento, ainda se tem Yves-François Le Coadic (34 R) para estabelecer uma historiografia para área, além de enriquecer a discussão sobre a epistemologia a partir da visão paradigmática. Também adicionam, às discussões, as visões teóricas da Ciência da Informação de viés soviético a partir dos trabalhos teóricos de Alexander Ivanovich Mikhailov (25 R) e as concepções dos fundamentos teóricos da Ciência da Informação por Bertram Brookes (35 R). Por fim, Nicholas Belkin (38 R) é utilizado para os conceitos de biblioteca digital e os preceitos de recuperação da informação.

Nessa direção de observação das referências para os autores internacionais, o Quadro 11 traz os pesquisadores mais referenciados a partir dos artigos de periódicos indexados na Brapci. Alguns autores se repetem, enquanto outros emergem para uma diversificação maior de discussões teórico-metodológicas. As referências se deram no contexto de conceitualização de perspectivas da área.



**Quadro 11** - Autores internacionais mais citados nos artigos de periódicos indexados na Brapci

<b>Autores</b>	<b>Referências</b>		<b>Autores</b>	<b>Referências</b>
CAPURRO, Rafael.	119		BOURDIEU, P	24
DELEUZE, Gilles	85		SANTOS, Boaventura de Sousa	24
HJØRIAND, B	82		SILVA, Armando Malheiro da	22
SARACEVIC, T.	60		LÉVY, P	21
WERSIG, Gernot	50		MIKHAILOV, A	20
FLORIDI, Luciano	49		POMBO, Olga	20
SHERA, Jesse H	43		POPPER, Karl Raimund	19
BUCKLAND, Michel K	41		RENDÓN ROJAS, M. Á	19
GUATARRI, F.	41		WITTGENSTEIN,	19
BROOKES, B. C	40		BELKIN, N. J	18
MORIN, E	37		CASTELLS, Manuel	18
FROHMANN, B	35		BUNGE, M	17
FOUCAULT, M	32		RIBEIRO, Fernanda	17
BORKO, Harold	30		BURKE, P	16
KUHN, T. S	30		CRONIN, B	16
LE COADIC, Yves-François	30		DAY, Ronald	16
HABERMAS, J	27		HOFKIRCHNER, Wolfgang	16
RAYWARD, W	25		LATOUR, B	16

Fonte: Dados da pesquisa, 2018

Apresentam-se 36 pesquisadores internacionais, dos quais 28 formaram também o grupo de frente internacional de pesquisa dos anais do GT-1. Um dos autores é Rafael Capurro, com 119 referências (R) a seus trabalhos nos artigos de periódicos indexados na Brapci, ocupando a primeira posição em ambos os grupos, mesmo em relação aos pesquisadores brasileiros. Juntam-se a esse grupo Gilles Deleuze (85 R), Birger Hjørland (82 R), Tefko Saracevic (60 R), Gernot Wersig (50 R), Luciano Floridi (49 R), Jesse Shera (43 R), Michel Buckland (41 R), Bertram Brookes (40 R), Edgar Morin (37 R), Bernd Frohmann (35 R), Michael Foucault (32 R), Harold Borko (30 R), Thomas Kuhn (30 R), Yves-François Le Coadic (30 R), Jürgen Habermas (37 R), Pierre Bourdieu (24 R), Boaventura de Sousa Santos (24 R), Armando Malheiro da Silva (22 R), Pierre Lévy (21 R), Alexander Ivanovich Mikhailov (20 R), Miguel Ángel Rendón Rojas (19 R), Ludwig Wittgenstein (19 R), Nicholas Belkin (18 R), Manuel Castells (18 R), Peter Burke (16 R) e Bruno Latour (16 R).

Diferentemente dos autores anteriormente citados, os pesquisadores a seguir são autores internacionais que pertencem apenas ao grupo internacional de frente de pesquisa dos artigos de periódicos indexados na Brapci. Primeiramente, tem-se o psicanalista e filósofo Félix

Guatarri, com 41 referências, com trabalho para Ciência da Informação em coautoria com Deleuze, que trazia os conceitos da filosofia para a referida área. Outro pesquisador nesse grupo de frente de pesquisa é Rayward (25 R), bibliotecário e bibliográfico de Paul Otlet, e seus trabalhos contribuem com a historiografia da Ciência da Informação.

Nesse direcionamento, Cronin (16 R) contribui para área com críticas à perspectiva interdisciplinar da área, defendendo a Ciência da Informação como estudo teórico das propriedades da informação. Ronald Day (16 R) também segue uma linha mais historiográfica da informação, conhecimento, comunicação e documentação. Wolfgang Hofkirchner (16 R) influencia os pesquisadores da área com uma teoria emergente, a da informação unificada. Já Olga Pombo (20 R) é referenciada para os conceitos de interdisciplinaridade e transdisciplinaridade. Com caminhos semelhantes, Karl Popper (19 R) e Mario Bunge (17 R) influenciam os pesquisadores brasileiros com os preceitos da filosofia das ciências, enquanto Fernanda Ribeiro (17 R) tem seus trabalhos direcionados a preceitos epistemológicos da Ciência da Informação e formação teóricas das disciplinas arquivísticas.

A frente brasileira de pesquisa é composta por pesquisadores, muitos deles componentes do grupo elite sobre a temática, como pode ser visto na Tabela 6 para o GT-1 e artigos de periódicos indexados na Brapci.

**Tabela 6** - Frente brasileira de pesquisa sobre a temática a partir do GT-1 e dos artigos de periódicos indexados na Brapci

<b>Autores</b>	<b>Referências GT-1</b>	<b>Referências Brapci</b>	<b>ΣGT-1 e Brapci</b>
GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N.	207	94	301
PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro	128	56	184
JAPIASSU, Hilton Ferreira	57	35	92
ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila	42	36	78
BARRETO, Aldo de Albuquerque	47	26	73
MOSTAFA, S. P	31	26	57
SMIT, Johanna W	36	20	56
FREIRE, I. M	38	13	51
FONSECA, Maria Odila	33	15	48
JARDIM, José Maria	29	15	44
MARTELETO, Regina Maria	25	18	43
TÁLAMO, Maria de Fátima G. M	25	17	42
LOUREIRO, José Mauro Matheus	27	14	41
ORTEGA, Cristina D	25	13	38
KOBASHI, N. Y	21	16	37
LARA, M. L. G	15	18	33
OLIVEIRA, Marlene	23	10	33
NOVA CRUZ, Denise. V	10	21	31
ROBREDO, Jaime	16	15	31
FREIRE, Gustavo Henrique de Araújo	15	13	28
SILVA, Manoel Cícero Peregrino da	27	-	27
RABELLO, Rodrigo	11	15	26
FREIRE, P	8	16	24
SALDANHA, Gustavo S	19	5	24
FREITAS, Lídia S	18	-	18

Fonte: Dados da pesquisa, 2018

No grupo que se apresenta na Tabela 6, alguns autores não fazem parte da produção acadêmica da Ciência da Informação e são referenciados na área sob a mesma perspectiva que as demais ciências o fazem, utilizar as ideias gerais desses autores para a compreensão da realidade sob o ponto de vista da Ciência da Informação.

O pesquisador Hilton Ferreira Japiassu foi referenciado 57 vezes nos anais do GT-1 e 35 vezes nos artigos de periódicos indexados na Brapci, apesar de não fazer parte dos docentes da Ciência da Informação, suas obras influenciam constantemente a área com perspectivas epistemológicas das ciências, concepções de interdisciplinaridade. O referido autor foi coorientador de doutorado de um dos pesquisadores do recorte de 50 autores. Já o Patrono da

Educação Brasileira, Paulo Freire, referenciado 16 vezes em artigos da área e 8 vezes nos anais do GT-1, não teve uma relação profissional tão próxima da Ciência da Informação, mas seu legado para área está direcionado, principalmente, para perceber a relação entre a Ciência da Informação e a Educação por meio dos preceitos conceituais da socialização.

Os demais pesquisadores têm relações diretas com a Ciência da Informação, sendo que alguns trabalham com a temática epistemológica da área, na medida em que outros tiveram passagem sobre a temática, mas direcionam suas pesquisas para outras áreas da área, levando os elementos conceituais dos domínios para os quais se dedicam.

Na linha epistemológica, a frente de pesquisa é ocupada também por pesquisadores pertencentes ao grupo de elite, como Maria Nélida González de Gómez, Lena Vania Pinheiro, Isa Maria Freire, Solange Puntel Mostafa, Carlos Alberto Araújo, Rodrigo Rabelo, Cristina Ortega, Gustavo Saldanha, Marlene Oliveira e Lídia Freitas.

A professora Maria Nélida González de Gómez é a autora mais referenciada, tanto nos anais do GT-1 quanto nos artigos de periódicos, pelos demais pesquisadores da área. Nos anais do GT-1, obteve a marca de 207 referências, já nos periódicos atinge 94 ocorrências de referências. A pesquisadora é considerada a referência filosófica para área, e seus trabalhos estão direcionados, na sua maioria, aos preceitos de políticas de informação, desenvolvendo o arcabouço para visualização dos elementos do regime de informação. Em seguida, tem-se a professora Lena Vania Ribeiro Pinheiro, que também se destacou nos dois corpora, GT-1 e Brapci, sendo referenciada 128 vezes nos anais do GT-1 e 56 vezes nos artigos de periódicos indexados na Brapci. Os seus trabalhos debatem as questões de interdisciplinaridade e transdisciplinaridade a partir dos preceitos epistemológicos das ciências, além de, também, contribuir para a construção da historiografia da área.

Nessa perspectiva, ainda se tem Carlos Alberto Araújo (42 R no GT-1 e 36 R na Brapci) com trabalhos que embasam a construção de análises epistemológicas e historiográficas da Ciência da Informação, assim como a relação desta com as disciplinas Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia.

Para os preceitos historiográficos, conta-se com a colaboração de Gustavo Freire (15 R no GT-1 e 13 R na Brapci) que vem trabalhando sobre a temática com um grupo de pesquisa direcionada à área, com orientações de pós-graduação e com publicações de livros.

Ainda nesse direcionamento, encontra-se a professora Isa Maria Freire, a qual foi referenciada 38 vezes no GT-1 e 13 vezes na Brapci, sendo fonte para busca da consciência da Ciência da Informação, observando as aplicações práticas da análise a partir dos elementos do

regime de informação e desenvolvendo formas de tecnologias intelectuais. Já a pesquisadora Solange Mostafa (31 R no GT-1 e 26 R na Brapci) vem trabalhando questões da filosofia da informação, publicando alguns trabalhos que acabaram sendo referências para área.

Nessa mesma linha, segue o docente Gustavo Saldanha (19 R no GT-1 e 5 R na Brapci) com trabalhos de caráter bem filosófico e epistemológicos para a Ciência da Informação, características que também se encontram em Rodrigo Rabello (11 R no GT-1 e 15 R na Brapci), ao trazer visões epistemológicas e historiográfica para área.

A pesquisadora Cristina Ortega (25 R no GT-1 e 13 R na Brapci), do mesmo modo, oferece indicações conceituais e historiográficos para a documentação como disciplina da área.

Com contribuições para a construção de definição de conceitos, alguns autores são convocados à frente de pesquisa, como a pesquisadora Johanna Smit (36 R no GT-1 e 20 R na Brapci), para identificar temáticas emergentes da área e os preceitos conceituais para a organização do conhecimento. Nesse sentido, identifica-se Nair Kobashi (21 R no GT-1 e 16 R na Brapci) com contribuições também para a organização e recuperação da informação. Em outra concepção, Regina Marteleto (25 R no GT-1 e 18 R na Brapci) é citada para trazer suas concepções acerca da relação entre informação, redes sociais e produção científica. Para análise documentária e perspectivas da organização da informação, são referenciadas as professoras Maria de Fátima Tálamo (25 R no GT-1 e 17 R na Brapci) e Marilda Lara (15 R no GT-1 e 18 R na Brapci).

Os artigos acerca das concepções arquivísticas apresentam as contribuições da pesquisadora Maria Odila Fonseca (33 R no GT-1 e 15 na Brapci), que trabalhou as relações da Ciência da Informação com a arquivologia e o direito ao acesso à informação, a partir das instituições arquivísticas. Para a Arquivologia, os trabalhos teórico-metodológicos do professor José Maria Jardim (29 R no GT-1 e 15 na Brapci) são referenciados, principalmente para debater a formação arquivística e políticas públicas de informação. Já as relações entre Biblioteconomia e Ciência da Informação são debatidas com a contribuição das ideias de Marlene Oliveira (23 R no GT-1 e 10 R na Brapci).

Uma abordagem para a Ciência da Informação é a concepção do conceito informação-afeto, em desenvolvimento na parceria da professora Solange Mostafa com sua aluna Denise Viuniski da Nova Cruz (10 R no GT-1 e 21 R na Brapci). Dessa parceria também se tem contribuições para as linguagens documentárias. Em outra vertente, a pesquisadora Lídia Freitas (18 R no GT-1) vem contribuindo com preceitos da análise do discurso para a Ciência da Informação. Já o professor José Mauro Loureiro (27 R no GT-1 e 14 R na Brapci) trabalha a

relação entre a Ciência da Informação e a Museologia, além dos conceitos de memória para área.

Como referência mais histórica para Biblioteconomia, Manoel Cícero Peregrino da Silva é referenciado 27 vezes no GT-1, pois seus relatórios e livros são fontes que remetem às origens da Biblioteconomia e Documentação no Brasil. Similarmente, o autor Jaime Robredo (16 R no GT-1 e 15 R na Brapci) foi um dos primeiros a fazer uma revisão acerca da epistemologia e historiografia da Ciência da Informação, além de contribuir com preceitos para a recuperação da informação. Por fim, o professor Aldo de Albuquerque Barreto (47 R no GT-1 e 26 R na Brapci), considerado um pioneiro para Ciência da Informação no Brasil, debateu com afincos as concepções conceituais da informação.

Essa frente de pesquisa se destaca de um grupo, do qual, no GT-1, tem-se uma representação de 63,5% (1.794 indivíduos) de autores que foram referenciados uma única vez, sendo que essa frente de pesquisa representa 2% (53) dos pesquisadores referenciados (2.829). Para autores referenciados entre 2 e 10 vezes, percebeu-se a configuração de 16% (459), já para os pesquisadores que foram indicados entre 11 e 24 vezes nas referências dos trabalhos, identificou-se o percentual de 2,5% (72) de autores.

No tocante aos artigos de periódicos indexados na Brapci, a frente de pesquisa também representa 2% (53) de todos os pesquisadores referenciados (2.572). Em relação aos pesquisadores que foram referenciados apenas uma vez, obteve-se o percentual de 68,5% (1.763) de pesquisadores; os que foram referenciados entre 2 e 10 vezes alcançam o percentual de 28% (721). Os autores referenciados entre 11 e 15 vezes representam 1% (32) dos pesquisadores.

Alguns autores que compuseram a frente de pesquisa neste recorte também fazem parte do grupo de elite da temática epistemologia e historiografia da Ciência da Informação, o que pode levar a refletir se quantidade de trabalhos publicados, nesse contexto, tem relação com a qualidade dos trabalhos, uma vez que citação é um indicador de referência do autor para determinada área.

Sendo assim, os pesquisadores na luta científica buscam uma maior produtividade e consequentemente ser uma referência para área. Nesse sentido, Silva e Hayashi (2012, p. 19) argumentam que a sustentação do exercício do poder político nas instituições de pesquisa se dá pelo capital institucional, numa narrativa de relações simbólicas de força que podem admitir aos pontos mais elevados da academia nas esferas administrativas e/ou de pesquisas. Como já defendia Urbizagastegui-Alvarado (1993), a frente de pesquisa tende a ser composta pelos

primeiros pesquisadores de uma determinada área, os quais contribuíram com as primeiros inserções teóricas acerca de uma temática. Na frente de pesquisa identificada nesse trabalho, com exceções de alguns poucos pesquisadores, os autores mais referenciados possuem mais de 25 anos de academia e quatro autores não estão mais vivos, comprovando assim a ideia inicial defendida por Urbizagastegui-Alvarado (1993).

#### 4.5 PERFIS DOS PESQUISADORES

Essa seção faz um levantamento de dados com o intuito de descrever o perfil dos 50 pesquisadores que tiveram, na soma de produtividade do GT-1 e dos periódicos indexados na Bapci, a partir de quatro trabalhos publicados nos referidos veículos, tendo a exposição das instituições mais frequentes, orientadores de mestrado e doutorado, número de bolsistas, formação inicial dos pesquisadores, quantidade de trabalhos de pesquisa que concedem a titulação de grau aos pesquisadores com a temática da epistemologia e historiografia da Ciência da Informação.

Os 50 pesquisadores possuem características acadêmicas com estreitamento de afinidades nos processos de formação *strict sensu*, o que os aproximam da temática em tela com o desenvolvimento de pesquisa de mestrado, doutorado ou de pós-doutorado. Contudo há alguns comportamentos peculiares que poderão ser percebidos adiante.

No primeiro momento, como pode ser visto na Tabela 7, identificaram-se as instituições às quais esses pesquisadores estão vinculados.

**Tabela 7** - Instituições de vinculação atual dos 50 pesquisadores

<b>Instituição</b>	<b>Estudantes</b>	<b>%</b>
UNIRIO	7	14
UFMG	5	10
IBICT	4	8
UFPB	4	8
USP	4	8
UFF	3	6
UnB	3	6
UFSC	3	6
UFAL	2	4
UFRGS	2	4
Assembleia Legislativa RS	1	2
FURG	1	2
Instituto de Pesquisa Jardim Botânico/RJ	1	2
UDESC	1	2
UEL	1	2
UFBA	1	2
UFCA	1	2
UFG	1	2
UFSCar	1	2
UNESP	1	2

Fonte: Dados da pesquisa, 2018

Nesse contexto, a UNIRIO detém 14% dos pesquisadores no seu quadro, entre docentes e estudantes, enquanto a UFMG obtém 10% desses autores, seguida pelo IBICT, UFPB e USP com 8% cada uma. A partir da Tabela 7, a Região Sudeste é responsável pela vinculação de 52% desses pesquisadores, a Região Sul por 18%, o Nordeste tem 16%, o Centro-Oeste apresenta 8%, e a Região Norte não apresenta nenhum pesquisador. Vale ressaltar que três pesquisadores do recorte são falecidos, representado 6% desses pesquisadores. Desses, um era vinculado à UnB, um pertencia ao quadro da UFF e outro compunha o quadro da UFMG.

Desse recorte, 44 (88%) pesquisadores estão ou estiveram ligados a um programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, enquanto que 4 (8%) ainda são estudantes da pós-graduação e 2 (4%) são pesquisadores com a titulação de doutor, mas que desempenham suas atividades em outras instituições governamentais como Assembleia Legislativa e instituto de pesquisa não relacionada à área de Ciência da Informação.

Na formação da graduação, as instituições responsáveis também se concentram na Região Sudeste, tendo na liderança a UFRJ com nove ocorrências, a UFMG com seis



formações, a UNESP com quatro situações, a UNIRIO com três ocorrências. Ainda se registra a UFRGS com quatro ocorrências, como pode ser visto na Tabela 8.

**Tabela 8** - Instituições responsáveis pela graduação dos 50 pesquisadores

<b>Instituição</b>	<b>Ocorrências</b>	<b>%</b>
UFRJ	9	16,3
UFMG	6	10,9
UNESP	4	7,2
UFRGS	4	7,2
UNIRIO	3	5,4
USP	2	3,6
UnB	2	3,6
UFRN	2	3,6
UEL	2	3,6
USU	1	1,8
UNR ARGENTINA	1	1,8
UNICENTRO	1	1,8
UFSC	1	1,8
UFPB	1	1,8
UFPA	1	1,8
UFG	1	1,8
UFSCar	1	1,8
UFC	1	1,8
UFBA	1	1,8
UFAL	1	1,8
UERJ	1	1,8
UCDB	1	1,8
PUC SP	1	1,8
PUC DEL PERU	1	1,8
UAM- Madrid	1	1,8
FUOM	1	1,8
FESPSP	1	1,8
FEI	1	1,8
ESTÁCIO FAL	1	1,8
ALMA MATER STUDI – ITÁLIA	1	1,8
<b>Total</b>	<b>55</b>	<b>99,5</b>

Fonte: Dados da pesquisa, 2018

A partir da Tabela 8, percebe-se que mesmo havendo destaque no número de ocorrências para algumas instituições, como UFRJ (16,3%), UFMG (10,9%), UNESP (7,2%) e UFRGS (7,2%), há uma dispersão maior em relação as instituições que concederam o grau de graduação

aos pesquisadores, tendo representação para cada região política do país, além da contribuição de instituições estrangeiras da Itália, Espanha, Peru e Argentina.

Mesmo com essa dispersão, a Região Sudeste apresenta 56% das ocorrências, a Região Sul tem 14,5% das graduações concedidas, a Nordeste alcança 12,5%, a Região Centro-Oeste atinge 7,5% e a Norte alcança apenas 2% das titulações concedidas. Também, para a representação estrangeira, têm-se 7,5% das ocorrências. Nesse contexto, o Sudeste é responsável pela maioria das 55 ocorrências que apareceram no recorte. Esse número ultrapassa o número de pesquisadores porque um autor apresentou três graduações e outros três pesquisadores apontaram para dois cursos de graduação.

Assim, os cursos que obtiveram o maior número de ocorrências foram Biblioteconomia e Letras, seguidos de Filosofia e Museologia, conforme a Tabela 9.

**Tabela 9** - Graduação dos pesquisadores do recorte

<b>Curso</b>	<b>Ocorrências</b>	<b>%</b>
Biblioteconomia	25	45,4
Letras	6	10,9
Filosofia	4	7,2
Museologia	3	5,4
História	3	5,4
Arquivologia	2	3,6
Ciências Sociais	2	3,6
Ciências Econômicas	1	1,8
Comunicação Social	1	1,8
Direito	1	1,8
Engenharia Elétrica	1	1,8
Facultad de Ciencias	1	1,8
Comunicação Social - Jornalismo	1	1,8
Lettere Moderne	1	1,8
Matemática	1	1,8
Medicina	1	1,8
Secretariado	1	1,8

Fonte: Dados da pesquisa, 2018

Na sua maioria, os cursos de graduação considerados nas áreas afins da Ciência da Informação abrangem quase a totalidade dos pesquisadores desse recorte. Há um pesquisador que é formado em Medicina, contudo tem ainda o curso de Letras e leciona em área relacionada à Memória Social. Como a Ciência da Informação é tida como social e interdisciplinar, permite que esses pesquisadores, entrelaçando o conhecimento da sua formação de origem com as

advindas dos programas de pós-graduação na área, tenham resultados satisfatórios que permitam o desenvolvimento científico acerca da informação. A Biblioteconomia, com seus 45,4% de representação, mantém uma relação saudável com Letras (10,9%), no tocante aos estudos de termos descritores para organização da informação. Para as áreas de exatas, como Matemática e Engenharia Elétrica, há um direcionamento acerca dos estudos métricos. Ainda no que diz respeito à Medicina, a área hoje se relaciona a partir das concepções trabalhadas no GT-11 – Informação e Saúde da ANCIB. Os cursos de Arquivologia (3,6%) e Museologia (5,4%) ainda têm um árduo trabalho para aumentar sua representação no contexto da área, devido o menor tempo de existência como graduação, assim como a oferta do curso por poucas instituições.

Destaca-se também o curso de Filosofia (7,2%), dando embasamento teórico-metodológico para quatro professores que trabalharam questões mais filosóficas da área de Ciência da Informação nos cursos de mestrado e doutorado.

Após a abordagem da graduação, para a especialização têm-se 17 (34%) pesquisadores certificados com *lato sensu*, sendo que desses 9 (53%) monografias trataram de preceitos epistemológicos e historiográficos da Ciência da Informação.

Em relação ao mestrado, foram detectadas 49 ocorrências, o que significa que há uma diferença no número de pesquisadores e de títulos de mestrado. Destaca-se que um mestrado foi interrompido, mas o aluno passou a desenvolver uma pesquisa de doutorado-direto na temática epistemologia e historiografia da Ciência da Informação. Um dos pesquisadores desse recorte tem dois títulos de mestrado, um em área afim e outra na área de Ciência da Informação. Dois pesquisadores desenvolveram suas pesquisas de mestrado em instituições estrangeiras. Sendo assim, a Tabela 10 apresentam os cursos de mestrado realizados pelos pesquisadores desse recorte.

**Tabela 10** - Mestrados cursados pelos pesquisadores

<b>Curso de Mestrado</b>	<b>Ocorrências</b>	<b>%</b>
Ciência da Informação	30	62
Comunicação Social	2	4
Educação	2	4
Engenharia de Produção	2	4
Filosofia	2	4
História	2	4
Administração	1	2
Biblioteconomia	1	2
Botânica	1	2
Comunicação e Informação	1	2
Gestion de l'Information et de la Connaissance	1	2
Information Management	1	2
Linguística	1	2
Memória Social	1	2
Museologia e Patrimônio	1	2

Fonte: Dados da pesquisa, 2018

Conforme a Tabela 10, a Ciência da Informação tem 62% de representação frente às demais áreas, mas se forem considerados os mestrados em Biblioteconomia (2%), Comunicação e Informação (2%), Gestão da Informação (4%), obtêm-se o percentual de 70% das ocorrências em mestrados na área de Ciência da Informação, ainda com a possibilidade de abrangência percentual com Comunicação Social (4%), Memória Social (2%) e Museologia e Patrimônio (2%). Dos grupos que se apresentam, o que mais se distancia da área é o Mestrado em Botânica e, para Engenharia de Produção, há uma vertente na Ciência da Informação que abarca as discussões de alguns preceitos conceituais da área de Engenharia de Produção.

Dentro desse recorte, destaca-se um pesquisador que obteve dois títulos de mestrado, um na área de História e outro foi alcançado devido a dissertação defendida em Ciência da Informação, especificamente na temática epistemológica da área. Outro pesquisador também desenvolveu duas pesquisas de mestrado, uma em Engenharia de Produção e a outra em Gestão da Informação, sendo esta relacionada à gestão da informação digital e do conhecimento. Ainda há um outro pesquisador que também apresenta dois títulos de mestre, um em Administração e outro em Engenharia de Produção, sendo que nenhuma das dissertações trabalharam temáticas do escopo da Ciência da Informação.

Para a concessão desses títulos de mestrado, 15 instituições brasileiras e duas estrangeiras foram responsáveis pela formação desses pesquisadores, segundo a Tabela 11.

**Tabela 11** – Instituições responsáveis pela titulação de mestres dos pesquisadores

Instituição	Ocorrências	%
IBICT/UFRJ	13	26,5
PUC CAMPINAS	4	8,1
UFMG	4	8,1
UFPB	4	8,1
UFSC	4	8,1
UnB	4	8,1
UFRJ	3	6,1
UFBA	2	4
UFRGS	2	4
UNIRIO	2	4
JBRJ	1	2
MONTPELLIER, França	1	2
SHEFFIELD, Inglaterra	1	2
UNESP	1	2
UNIP	1	2
USF	1	2
USP	1	2

Fonte: Dados da pesquisa, 2018

Para os 49 mestrados identificados, o convênio IBICT/UFRJ é responsável por 26,5% das titulações, tendo um percentual que o deixa distante das demais instituições no *ranking*, pois as instituições que o seguem são a PUC-CAMPINAS, UFMG, UFPB, UFSC e UnB com a representação de 8,1% dessa formação. Em aspectos regionais, o Sudeste é responsável por 63% dos mestrados desse recorte, o Nordeste e o Sul têm 12% cada um, da responsabilidade sobre a concessão de títulos de mestrado, enquanto o Centro-Oeste é responsável por 8% dos títulos de mestrado do recorte. Para as instituições internacionais, têm-se a representação de 4% da responsabilidade sobre a titulação de mestrado.

Nesse enfoque, contabilizam-se 32 dissertações no âmbito da Ciência da Informação, sendo que 17 estão diretamente vinculados à temática da epistemologia e historiografia da Ciência da Informação, o que significa que 53% dessas dissertações seguiram vieses cunhadas pelos preceitos conceituais e historiográficos da área. Na orientação das dissertações há uma diversidade de professores orientadores, não havendo concentração demasiada para um pequeno grupo de professores, como pode ser visto no Quadro 12. Ressalta-se que coorientadores foram considerados como orientação.

**Quadro 12 - Orientadores dos Mestrados**

<b>Orientadores</b>	<b>Orientandos</b>	<b>Orientadores</b>	<b>Orientandos</b>
Heloísa Tardin Christovão	4	Ivone Marques Dias	1
Lena Vania Ribeiro Pinheiro	2	José Augusto C. Guimarães	1
Maria Nélida González de Gómez	2	José Mauro Matheus Loureiro.	1
Solange Puntel Mostafa	2	Leonardo Ensslin	1
Alexander Berndt	1	Lígia Maria Arruda Café	1
Ana Maria Marques Cintra	1	Maria Aparecida Moura	1
Antonio Lisboa C. de Miranda.	1	Maria de Fátima G. M. Tálamo	1
Ariane Luna Peixoto	1	Marta Araújo Tavares Ferreira.	1
Carlos Cândido de Almeida	1	Miriam Terezinha F. de Carvalho	1
Carlos Xavier de A. Netto	1	Nair Yumiko Kobashi.	1
Edivanio Duarte de Souza.	1	Nanci Elizabeth Oddone	1
Eulina da Rocha Lordelo	1	Nigel Ford	1
Evelyn Goyannes Dill Orrico	1	Nilson de Moraes Xavier	1
Francisco das Chagas de Souza	1	Patrick Gilli	1
Frederick Wilfrid Lancaster	1	Paulo de Martino Jannuzzi	1
Georgete Medleg Rodrigues	1	Richard Right	1
Gilda Maria Braga	1	Sebastião Josué Votre	1
Gilvando Leitão Rios	1	Sonia de Conti gomes	1
Gustavo Andrés Caponi	1	Tereza Cristina Kirshner	1
Gustavo Henrique de A. Freire	1	Tibério Cescon	1
Hagar Espanha Gomes	1	Ulf Gregor Baranow	1
Heloísa Buarque de Holanda	1	Vania Maria R. Hermes de Araujo	1
Ida Regina Chittó Stumpf	1	Vera Regina Vieiga França	1

Fonte: Dados da pesquisa, 2018

Ainda que não haja uma concentração considerável, quatro professoras se destacam na orientação de estudantes de mestrado. A primeira é a professora Heloísa Christovão, na orientação de três trabalhos cujas temáticas não estão direcionadas à epistemologia e à historiografia da Ciência da Informação. A professora Solange Puntel Mostafa orientou duas dissertações, mas eram direcionadas a outras temáticas da Ciência da Informação. Já a professora González de Gómez orientou uma dissertação sobre a temática epistemológica da área e uma dissertação com outro viés temático da Ciência da Informação. Nesse mesmo grupo, a professora Lena Vania Pinheiro orientou duas dissertações cujas temáticas estão diretamente relacionadas à epistemologia e historiografia da Ciência da Informação.

Em relação ao doutorado, permanece disparada a Ciência da Informação na formação desses pesquisadores, com a ocorrência de 36 títulos de doutoramento, em conformidade com a Tabela 12.

**Tabela 12** - Doutorados cursados pelos pesquisadores

Curso	Ocorrências	%
Ciência da Informação	36	72
Ciência da Comunicação	3	6
Educação	3	6
História	2	4
Comunicação e Informação	1	2
Comunicação e Semiótica	1	2
Facultad de Ciencias	1	2
Engenharia de Produção	1	2
Filosofia	1	2
Tecnologia Nuclear	1	2

Fonte: Dados da pesquisa, 2018

Desde já se ressalta que um dos pesquisadores não tem o título de doutor e nem está desenvolvendo pesquisa de doutorado em nenhuma área. Sendo assim, considerando os pesquisadores que ainda estão desenvolvendo a tese, a Ciência da Informação é responsável pelo grau de doutoramento de 72% das ocorrências, seguidos pela Ciência da Comunicação com 6%, tendo, no âmbito das teses de doutorado desse programa, uma que trabalha os preceitos historiográficos e conceituais para os estudos métricos da informação, uma relação direta com a Ciência da Informação. Tal tese foi desenvolvida quando ainda não havia curso *strict sensu* em Ciência da Informação.

A Ciência da Educação também consegue registrar suas marcas nesse recorte, seus doutores tiveram formação inicial em Biblioteconomia e desenvolveram pesquisas de doutorado direcionadas à prática de leitura, às bibliotecas públicas populares e às instituições de pesquisa. Os pesquisadores que têm o doutorado em História, o que representa 4% do recorte, tiveram uma cronologia acadêmica dentro da referida área, mas que hoje se dividem na regência de disciplinas em programas de pós-graduação na referida área e na Ciência da Informação para trabalhar questões conceituais da memória social e dos artefatos históricos como fontes de informação. Um desses pesquisadores teve a graduação em Biblioteconomia.

A tese desenvolvida no âmbito do curso de Comunicação e Informação trabalhou as interfaces da informação nos programas de pós-graduação, já a tese construída no curso de Comunicação e Semiótica abordou a normalização dos livros brasileiros. As referidas teses mantiveram relações estreitas com as temáticas desenvolvidas no escopo da Ciência da Informação.

Nessa abordagem, algumas características peculiares devem ser destacadas como a identificação de um pesquisador que tem um doutorado em Filosofia e está com pesquisa de

doutorado em andamento em Ciência da Informação. Outros dois mestres em Ciência da Informação estão em cursos de doutorado da mesma área como discentes, mas já divulgando os primeiros resultados de suas pesquisas. Desse recorte, três doutorados foram cursados em instituições estrangeiras, tendo duas teses desenvolvidas em curso da Ciência da Informação.

Sendo assim, entre instituições e convênios responsáveis pelos títulos de doutorados para esses pesquisadores, 17 entidades tiveram ocorrências registradas, com destaque para o convênio IBICT/UFRJ com 13 titulações nesse recorte, conforme a Tabela 13:

**Tabela 13** - Instituições concedentes de títulos de doutorado

Instituição	Ocorrências	%
IBICT-UFRJ	13	26
USP	9	18
UFMG	5	10
UnB	4	8
UNESP	3	6
IBICT/UFF	2	4
PUC/SP	2	4
UFBA	2	4
UFRJ	2	4
PARIS 4	1	2
SHEFFIELD, Inglaterra	1	2
UC SYSTEM – EUA	1	2
UFF	1	2
UFRGS	1	2
UFSC	1	2
UNICAMP	1	2
UNIVERSIDAD DE MADRID	1	2

Fonte: Dados da pesquisa, 2018

Nesse grupo, percebe-se o papel fundamental do IBICT que, somando sua produção nos convênios IBICT/UFRJ e IBICT/UFF, tem a representação de 30% sobre a concessão de título de doutores. A USP e a UFMG também possuem uma considerável representatividade, com 18% e 10%, respectivamente. Observa-se que, em relação ao doutorado, a Região Sudeste possui uma supremacia na formação de doutores ainda maior do que o caso dos mestres, 76% de representação enquanto para mestres é de 63%. O Centro-Oeste têm 8% dos títulos concedidos as regiões Sul e Nordeste estão representadas por 4% dos títulos, cada. A representação estrangeira está reconhecida em 8% das concessões de títulos de doutor, sendo dois doutoramentos em Ciência da Informação.



Em relação às orientações de doutorado, cinco pesquisadores se destacam, de acordo com o Quadro 13, ressalta-se que alguns coorientadores foram considerados no mesmo nível dos primeiros orientadores.

**Quadro 13 - Orientadores de doutorado**

<b>Orientadores</b>	<b>Orientandos</b>	<b>Orientadores</b>	<b>Orientandos</b>
Maria Nélida González de Gómez	7	Juan C. Fenández Molina	1
Jose Augusto Chaves Guimarães	3	Kátia de Queirós Mattoso	1
Aldo de Albuquerque Barreto	2	Lena Vania Ribeiro Pinheiro	1
Eduardo José Wense Dias	2	Leonardo Ensslin.	1
Marlene Oliveira	2	Maria Aparecida Baccega	1
Ana Maria Pereira Cardoso	1	Maria Cecília de M. Mollica.	1
Constança César Marcondes	1	Maria de Nazaré Freitas Pereira.	1
Eliana M. dos Santos Bahia Jacinto	1	Maria Helena Pires Martins	1
Emir José Suaíden	1	Marilda Lopes Ginez de Lara	1
Enilde Faulstich	1	Nair Yumiko Kobashi.	1
Eulina da Rocha Lordelo	1	Nicolau Sevcenko	1
Georgete Medleg Rodrigues	1	Nigel Ford	1
Gilda Maria Braga	1	Nilson Dias Vieira Junior	1
Gustavo Silva Saldanha	1	Rogério da Costa Santos	1
Heloisa Tardin Christovão	1	Rosa Inês de Novais Cordeiro	1
Henriette Ferreira Gomes	1	Suzana Pinheiro Machado Mueller	1
Hilton Ferreira Japiassu	1	Tânia da C. Clemente de Souza	1
Ida Regina Chittó Stumpf	1	Vania Maria R. Hermes de Araujo	1
Isa Maria Freire	1	Vania Moreira Kenski	1
João Paulo Gomes Monteiro.	1	Vicente Aleixandre Ferrandis	1
Jeanne Marie Machado de Freitas	1	William Fisher	1
José Maria Jardim.	1		

Fonte: Dados da pesquisa, 2018

De acordo com o Quadro 13, a professora Maria Nélida González de Gómez orientou sete teses de doutorado, sendo que seis teses trabalharam exclusivamente com a temática epistemologia da Ciência da Informação enquanto uma trabalhou com o processo de curadoria de museus. O professor José Augusto Chaves Guimarães orientou três estudantes de doutorado, sendo que duas pesquisas eram sobre as concepções teórico-metodológicas para a organização do conhecimento e uma era sobre, exclusivamente, a epistemologia da Ciência da Informação.

Os professores Aldo Barreto e Eduardo Dias orientaram duas teses cada. Para o primeiro, tem-se uma tese relacionada à comunicação da informação em redes de aprendizagem e outra sobre a informação relacionada a inovação e democratização. O professor Eduardo Dias orientou uma tese com temática específica para a epistemologia e historiografia da Ciência da Informação, outra tese analisou a produção científica a partir de um sistema classificatório facetado.

Ainda se destaca, nesse recorte, a professora Marlene de Oliveira, com a orientação de duas pesquisas de doutorado, sendo que as duas mantêm relações estreitas com a temática abordada nessa pesquisa. Enfim, sobre as 50 teses desse recorte, pode-se afirmar que 28 (56%) retratam como objeto de pesquisa a temática epistemologia, filosofia e historiografia da Ciência da Informação. Isso permite inferir que a referida temática se encontra em destaque na esfera das discussões teóricas, especificamente em projetos de pesquisas reconhecidamente como mais profundas, as teses de doutorado.

Dos 50 pesquisadores, apenas 3 (6%) obtiveram a titulação de livre-docente em Ciência da Informação, sendo que a USP é responsável pela concessão de dois títulos e a UNESP concedeu um título de livre-docente a um desses pesquisadores. Em relação a relatório de pesquisa pós-doutorado, 22 (44%) realizaram pesquisa, sendo que cinco pesquisadores desenvolveram duas pesquisas cada. Destaca-se que nesse estágio houve uma participação com mais ênfase de instituições estrangeiras.

**Quadro 14** - Instituições de estágios de pós-doutorado

<b>Instituição</b>	<b>Ocorrências</b>	<b>%</b>
UFMG	2	7,4
UFRJ	2	7,4
UnB	2	7,4
Universidade do Porto, Portugal	2	7,4
Université Toulouse III Paul Sabatier, UPS, França.	2	7,4
Centro Studi e Archivio della Comunicazione – CSAC, Itália	1	3,7
Escole Nationale des Chartes - Sorbonne, ENC, França.	1	3,7
IBICT	1	3,7
Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares - IPEN, Brasil.	1	3,7
Kent Law School, University of Kent, Canterbury - KLS, Grã-Bretanha.	1	3,7
Politechnic Of North Of London - PNL, Inglaterra	1	3,7
PUCRS	1	3,7
UERJ	1	3,7
UFBA	1	3,7
UFF	1	3,7
UNESP	1	3,7
Universidad Carlos III de Madrid - UC3M, Espanha.	1	3,7
Universidad de Salamanca - USAL, Espanha	1	3,7
Universidad Politécnica de Madrid, Espanha	1	3,7
Universidade de Saarbruecken, Alemanha	1	3,7
Université de Paris X – Nanterre - UPX, França.	1	3,7
Universidad Zaragoza – UNIZAR, Espanha	1	3,7

Fonte: Dados da pesquisa, 2018

A partir da Quadro 14, observa-se que os pesquisadores procuraram desenvolver seus estágios de pós-doutorado em instituições estrangeiras. Em representação percentual, as instituições brasileiras que oportunizaram a pesquisa de pós-doutorado somam 48% dos estágios, sendo superadas pelas instituições estrangeira com 52% das certificações de pós-doutorado.

Dentre as instituições estrangeiras, destacam-se a Universidade do Porto – Portugal e a UPS – França com 7,4% das certificações cada. Vale ressaltar que todas instituições estrangeiras se encontram em países europeus, instituições essas consideradas centenárias e com grande representação e capital intelectual para o mundo ocidental. A Espanha é a nação com o maior número de instituições concedentes de certificados de pós-doutorados para os pesquisadores desse recorte, com quatro instituições responsáveis por 15% das certificações. Nesse mesmo aspecto, a França também imprime um grau de importância maior, com três instituições concedentes de 15% das certificações. O Reino Unido apresenta duas universidades sendo certificadoras de 7,5% dos pós-doutorado, já Portugal com um único instituto concedeu também o mesmo percentual de certificados (7,5%). A Itália e a Alemanha, ambas com uma instituição cada no recorte, obtiveram individualmente a representação de 3,7% da concessão de certificados de pós-doutorado. Isso demonstra que está havendo um intercâmbio entre instituições brasileiras e estrangeiras, política possibilitada pela fomentação de órgãos públicos brasileiros, como pode ser visto na Tabela 14, que apresenta dados sobre a concessão de 76 bolsas de pesquisa na graduação, especialização, mestrado, doutorado e pós-graduação por agências de fomento.

**Tabela 14** - Quantidade de pesquisadores que tiveram bolsas de pesquisa por órgãos de fomento

Agência	Graduação	Especialização	Mestrado	Doutorado	Pós-doutorado	Total	%
CAPES	2	-	12	17	11	42	55
CNPq	-	-	16	5	4	25	33
FAPESP	-	-	1	1	1	3	4
BRITISH COUNCIL	-	1	-	-	-	1	1,3
FAPEAL	-	-	-	1	-	1	1,3
FAPEMIG	-	-	-	1	-	1	1,3
FAPESB	-	-	1	-	-	1	1,3
UFRGS	-	1	-	-	-	1	1,3
UFSC	-	-	-	1	-	1	1,3

Fonte: Dados da pesquisa, 2018

Dos 50 pesquisadores, 40 receberam algum tipo de bolsa em um dos níveis de formação acadêmica, 10 pesquisadores não apresentam nenhum dado que demonstre a contemplação com

financiamento de pesquisa por meio de bolsa acadêmica. Nesse caminhar, a CAPES foi o órgão de fomento que mais financiou as pesquisas desses pesquisadores, atingindo o percentual de 55% sobre as 76 bolsas concedidas, em seguida vem o CNPq com 33% das bolsas concedidas, ambas são instituições atreladas ao Governo Federal. As demais bolsas, que somam 12%, foram concedidas por agências de fomentos estaduais, universidades federais e uma instituição pública do Reino Unido. No mestrado, 30 dos estudantes tiveram bolsas de pesquisa, enquanto no doutorado, o número de estudantes atendidos por bolsas decresce para 26, já no pós-doutorado, o número chega a 16 bolsas no atendimento aos 23 professores que chegaram a desenvolver esse estágio.

Ainda na perspectiva de bolsas, atualmente 12 (25%) dos que ainda estão vinculados às instituições de pesquisa recebem bolsa de produtividade pelo CNPq, com vigência até 2020. Outros pesquisadores, em outros momentos, já foram contemplados com esse reconhecimento pela referida entidade de acordo com o destaque dos pesquisadores entre seus pares, valorizando, assim, as suas produções científicas. Dentre as 12 bolsas de produtividade, 9 (75%) são da categoria Bolsista de Produtividade em Pesquisa nível 2, e para os níveis 1D, 1B e 1A, tem-se 1 (8,5%) para cada um desses níveis.

Nesta sessão, foi possível verificar que academicamente os pesquisadores desse recorte são dotados de qualidades refletidas em seus trabalhos de pesquisa, pelo recebimento de bolsas cujas exigências para entrar no perfil é bem competitiva. A maioria se encontra na regência, nas pesquisas e projetos de extensão das universidades brasileiras. Tem-se um número considerável de pesquisadores que foram além do título de doutorado, 22 pesquisadores alcançaram o estágio de pós-doutorado, três pesquisadores conquistaram título de livre-docência. Assim, foram constatados perfis com alto domínio de conhecimento específico acerca da área, professores e pesquisadores que, além do título, demonstram constante qualidade no aspecto profissional.

Os resultados dessa seção puderam validar a Hipótese 2 dessa tese, uma vez que, dentro desses 50 pesquisadores, alguns pesquisadores trabalharam a epistemologia e a historiografia da Ciência da Informação a partir de suas dissertações e teses, enquanto outros começaram a desenvolver a temática a partir de participação em grupos de pesquisa e a orientação de estudantes que tinham trabalhos diretamente ligados aos preceitos epistemológicos.

Depois dessa verificação, para responder a uma das perguntas dessa pesquisa sobre as relações estabelecidas entre os pesquisadores que publicaram no GT-1 e nos periódicos indexados na Brapci, a seção que se segue se faz necessária.

#### 4.6 RELAÇÕES ENTRE OS PESQUISADORES

Como qualquer atividade humana, a academia exige do pesquisador o estabelecimento de relações entre os demais sujeitos do campo científico. Essas conexões se estabelecem pelos preceitos políticos, sociais e culturais, permitindo, dessa forma, o enriquecimento curricular do pesquisador, uma vez que produtos acadêmicos podem surgir dessas relações. O desenvolvimento da ciência depende desse contexto que pode se configurar como ambiente de cooperação, assim como um espaço de competição, mas dependendo da salubridade de ambos, há os indicadores favoráveis a inovação.

Muitos trabalhos são publicados em coautoria oriunda de algum tipo de relação estabelecida na academia, como pesquisadores de domínios específicos e/ou distintos que se juntam para desenvolver pesquisas com objeto comum a ambos. Nesse contexto, ainda existem as relações de interesses com objetivos estritamente de colação de grau e de produtividade, como a de estudantes e orientadores, na qual para o primeiro é a necessidade para obtenção do título acadêmico, pelo qual almeja, já para o segundo, é a oportunidade de incrementar seu currículo para uma concorrência por financiamento de pesquisa. São relações como qualquer outra humana, não são desprovidas de interesse mútuo.

Sendo dessa forma, essa sessão retrata como estabeleceram as relações entre os 442 pesquisadores que publicaram no GT-1 e em periódicos indexados na Brapci, levando em consideração os artigos de autoria única e os escritos em regime de colaboração. As parecerias, na publicação dos artigos em coautoria, são percebidas a partir da identificação das relações de orientações e da cooperação entre membros de grupos de pesquisa.

Nesse primeiro momento, verifica-se as publicações dos trabalhos nos anais do GT-1 dos ENANCIB, nas quais se constata a predominância de pesquisas em regime de colaboração, como pode ser visto na Tabela 15.

**Tabela 15** – Artigos em regime de colaboração e autoria única no GT-1 (2003-2018)

<b>Ano</b>	<b>Trabalho de apenas uma autoria</b>	<b>Trabalho realizado em coautoria</b>
2003	8	7
2004	-	-
2005	11	5
2006	9	5
2007	8	12
2008	12	9
2009	9	8
2010	13	7
2011	12	11
2012	15	13

<b>Ano</b>	<b>Trabalho de apenas uma autoria</b>	<b>Trabalho realizado em coautoria</b>
2013	15	10
2014	9	11
2015	9	9
2016	7	22
2017	9	24
2018	8	21
Total	154	174

Fonte: Dados da pesquisa, 2018

Com exceção de 2007, os artigos em autoria única eram predominantes até o ano de 2013, quando o quadro se inverteu. Nos últimos três anos, o número de trabalhos em regime de colaboração chega a ser quase três vezes maior do que o registro de autoria única. Em termos percentuais, os artigos de autoria única alcançam 47% do total de publicações no referido GT-1, enquanto o percentual atingido pelos artigos em regime de colaboração é de 53% das publicações. É o reflexo do comportamento moderno da ciência, o estímulo a publicação por meio de parcerias acadêmicas para que se proporcione o desenvolvimento desta. Esse mesmo comportamento foi percebido nas publicações sobre a epistemologia e historiografia da Ciência da Informação dos periódicos indexados na Brapci, segundo Tabela 16.

**Tabela 16** – Artigos em regime de colaboração e autoria única nos periódicos da Brapci (2003-2018)

<b>Ano</b>	<b>Trabalho de apenas uma autoria</b>	<b>Trabalho realizado em coautoria</b>
2003	2	0
2004	2	1
2005	2	0
2006	2	0
2007	3	2
2008	3	2
2009	2	1
2010	4	3
2011	7	11
2012	5	5
2013	12	11
2014	9	5
2015	8	4
2016	4	14
2017	6	16
2018	6	25
Total	77	100

Fonte: Dados da pesquisa, 2018

A partir da Tabela 16 verificou-se que até o ano de 2015, com exceção de 2011, havia predominância dos artigos de autoria única para a temática epistemologia e historiografia da Ciência da Informação e, a partir de 2016, houve um crescimento considerável das publicações em regime de colaboração, chegando a ultrapassar a produção de autoria única. Assim, para a temática em questão, 43,5% dos artigos recuperados, no recorte temporal são de autoria única, à medida em que 56,5% foram produzidos em regime de coautoria.

Sabe-se, então, que dos 505 trabalhos desse corpus (328 do GT-1 e 177 da Brapci), 54% foram produzidos em regime de colaboração, do qual relações foram estabelecidas a partir de projetos de pesquisa, grupos de pesquisa, cursos, bancas de avaliação e concursos, eventos acadêmicos, trabalhos de consultoria, o que contribui para o desenvolvimento do conhecimento científico.

Em face do exposto, também se investigaram as ocorrências referentes às relações estabelecidas pelos pesquisadores na construção de seus trabalhos. Dessa forma, foram contabilizadas as ocorrências em que os trabalhos foram comunicados em parceria de pesquisadores da mesma instituição e em parceria de pesquisadores de instituições diferentes, primeiramente nos anais do GT-1, como pode ser observado na Tabela 17, a seguir.

**Tabela 17 – Parceria entre pesquisadores no GT-1 (2003-2018)**

<b>Ano</b>	<b>Colaboração com parceiros da mesma instituição sem considerar os orientandos</b>	<b>Colaboração com parceiros de outras instituições</b>
2003	2	2
2005	2	0
2006	1	2
2007	5	1
2008	1	2
2009	2	3
2010	1	3
2011	3	2
2012	4	1
2013	2	2
2014	1	3
2015	2	4
2016	3	2
2017	2	15

2018	4	5
<b>Total</b>	<b>35</b>	<b>47</b>

**Fonte:** Elaborado pelo autor

De acordo com a Tabela 17, com exceção do ano de 2017 não havia grande discrepância entre as parcerias com colaboradores da mesma instituição e de com instituições diferentes. Contudo, em 2017, dos trabalhos em coautoria 15 foram em regime de colaboração com outras instituições, valor quase oito vezes maior que os trabalhos desenvolvidos em coautoria com parceiros de mesma instituição. Em valores percentuais, a coautoria com parceiros de mesmo instituição, sem considerar os orientandos, soma 42,5%; já as parcerias interinstitucionais atingem 57,5% dos trabalhos. Em relação aos periódicos indexados na Brapci, o número de trabalhos em regime de colaboração com parceiros da mesma instituição é muito próximo do registro de trabalhos em regime de colaboração interinstitucional, conforme Tabela 18.

**Tabela 18** – Parceria entre pesquisadores na Brapci (2003-2018)

<b>Ano</b>	<b>Colaboração com parceiros da mesma instituição sem considerar os orientandos</b>	<b>Colaboração com parceiros de outras instituições</b>
2003	0	0
2004	0	1
2005	0	0
2006	0	0
2007	1	0
2008	2	0
2009	1	0
2010	1	0
2011	2	2
2012	3	1
2013	1	1
2014	1	3
2015	0	0
2016	3	4
2017	2	4
2018	4	7
<b>Total</b>	<b>21</b>	<b>23</b>

**Fonte:** Elaborado pelo autor



De acordo com a Tabela 18, as publicações em parceria com autores de instituições diferentes ultrapassaram as de autoria de parceiros das mesmas instituições. Adiante, verifica-se as parcerias entre pesquisadores da mesma instituição chegam ao patamar de 48%, já as relações interinstitucionais atingem 52% dessas relações.

Academicamente, as trocas de ideias e experiências por meio de trabalhos de autoria coletiva demonstram sintonia fina para um determinado tema, o que enriquece o trabalho e permite a difusão de novas ideias em no mínimo duas instituições. Esse aumento de coautoria, em anos recentes, pode ser um indicador de uma maior qualidade nos trabalhos produzidos, representando o princípio da reciprocidade no qual todos trabalham por um desejo em comum.

Na colaboração entre orientadores e estudantes, identifica-se que as pesquisas desenvolvidas no mestrado, doutorado e pós-doutorado são fontes primitivas para os trabalhos publicados tanto nos anais do GT-1 dos ENANCIB quanto nos periódicos indexados na Brapci, o que está contribuindo para a grande produtividade de alguns pesquisadores da área, semelhante a comportamentos detectados em outros domínios do conhecimento. A Tabela 19 apresenta o quantitativo de trabalhos em regime de colaboração com orientandos publicados nos anais do GT-1 dos ENANCIB e nos periódicos indexados na Brapci.

**Tabela 19** - Trabalhos em regime de colaboração com orientandos

Ano	GT1	Brapci
2003	4	0
2004	-	0
2005	3	0
2006	3	0
2007	4	1
2008	8	1
2009	7	0
2010	6	2
2011	8	8
2012	11	2
2013	8	10
2014	7	2
2015	6	4
2016	19	9
2017	15	11
2018	17	19
Total	126	69

Fonte: Dados da pesquisa, 2018

De acordo com a Tabela 19, há uma incidência maior de relação entre professores e orientandos nos anais do GT-1, com 64,5% das publicações, se comparados aos periódicos indexados na Brapci, com 35,5%. Isso pode ser explicado pelo objetivo principal do ENANCIB, que é a divulgação de resultado de pesquisa de mestrado e doutorado, com regras mais flexíveis do que os periódicos. Esses, para atender às regras que lhes favoreçam quanto a obtenção do estrato Qualis mais alto, adotam processos de submissão com muitos pontos a serem atendidos, o que faz com que algumas pesquisas não sejam submetidas a alguns periódicos. A relação entre professores e orientandos é uma via de mão dupla, a qual pode proporcionar benesses a ambos quando o ambiente é saudável.

Para o enriquecimento curricular, os pesquisadores tendem a se comportar na busca da autoridade científica, poder acumulado e transmissão do conhecimento, sendo que para chegar ao *status quo* de pesquisador é necessário que o estudante construa uma rede de relações que o possibilite ascender na carreira ou lhe proporcione um cargo. Então, o que se pode observar nessa relação entre os pesquisadores é o interesse mútuo: o estudante almeja titulações em níveis mais elevados, ou obter um cargo de professor ou pesquisador; o professor orientador compete pela produtividade e obter a autoridade científica.

Para essas características, Silva e Hayashi (2012, p. 12) afirmam que o professor depende de sua reputação, frente aos demais colegas, para atrair estudantes de qualidade que lhes possibilitem conseguir “bolsas, convites, distinções, etc”. Nessa perspectiva, foram identificados nessa pesquisa muitos pesquisadores, de *status* bolsista de pesquisa CNPq, que tiveram alunos com alta produtividade, em relação aos demais estudantes, e que os levaram a publicar mais de 10 artigos em diversos periódicos em um ano.

## 4.7 PERFIS DOS PESQUISADORES MAIS ATUANTES DA ÁREA

Na caça aos indícios, escolheram-se, dentre os autores da produção literária sobre a temática epistemologia e historiografia da Ciência da Informação, 12 pesquisadores atuantes e participantes do grupo de elite da referida temática. Para manter princípios éticos de pesquisa, a eles foram dados codinomes relacionados aleatoriamente ao alfabeto. Esta parte da pesquisa almeja descrever as características peculiares e gerais de alguns autores do recorte.

### 4.7.1 Descrição dos autores

A seguir, apresentam-se as características do perfil dos pesquisadores, denominados de Autor A, B, C, D, E, F, G, H, I, J, K e L. Sendo assim, a seguir.

#### 4.7.1.1 Descrição do AUTOR A

O Autor A pode ser considerado um renomado pesquisador da nova geração da área da Ciência da Informação e sua produção permeia pelas questões conceituais da epistemologia/filosofia e historiografia da Ciência da Informação. O pesquisador é membro de um programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, além de bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq, assim como líder de grupo de pesquisa e participante de vários grupos sobre a temática em tela. É membro do corpo editorial de um periódico e revisor de outros cinco, e todos os periódicos trabalham com exclusividade com a Ciência da Informação.

Em seu Currículo Lattes, o autor apresenta cinco linhas de pesquisas, sendo que todas estão direcionadas para os estudos filosóficos da área. Em relação a projetos, o Autor A tem registrado 12 projetos, sendo que quatro são de pesquisa e estão em andamento sob sua coordenação e três foram concluídos sob sua coordenação, além de outros três dos quais era integrante como pesquisador e, ademais, há registro de um projeto de extensão concluído, do qual era colaborador e, por fim, a coordenação de um projeto de desenvolvimento, já concluído. Todos os projetos de pesquisa estão direcionados à epistemologia e historiografia da Ciência da Informação. Já os projetos de extensão e desenvolvimento estão voltados para a conservação e processos de biblioteca.

#### 4.7.1.2 Descrição do AUTOR B

O Autor B também pode ser considerado um renomado pesquisador da nova geração da área da Ciência da Informação e sua produção está direcionada para os preceitos epistemológicos da Ciência da Informação, trabalhando os conceitos essenciais da área. O referido autor é membro de um programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, membro de corpo editorial de um periódico e revisor de outros três periódicos que trabalham temáticas da área.

A partir de seu Currículo Lattes, verifica-se que o pesquisador segue cinco linhas de pesquisas, todas trabalham com questões epistemológicas da Ciência da Informação. Para os projetos em andamento, o Autor B apresenta quatro projetos, sendo que dois estão sob a sua coordenação e dos outros dois participa como pesquisador integrante. Já para os projetos concluídos, o referido autor participou de três, não tendo coordenado nenhum dos projetos. Dos sete projetos apresentados, três são direcionados para as discussões epistemológicas/historiográficas/filosóficas. Ele também desempenha a função de revisor de projetos em duas agências de fomento de dois estados brasileiros.

#### 4.7.1.3 Descrição do AUTOR C

O Autor C também pode ser considerado um renomado pesquisador da área da Ciência da Informação e sua produção está direcionada para os preceitos filosóficos da Ciência da Informação. O referido autor, atualmente não está vinculado a um programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, sendo que já teve ligações com programas de pós-graduação da área e áreas afins. Contudo, o Autor C desenvolve trabalhos acerca dos parâmetros filosóficos aplicados à Ciência da Informação.

As linhas de pesquisas apontadas pelo referido autor não trabalham com as questões epistemológicas da área, contudo as linhas de pesquisa de grupos, os quais integra como pesquisador, direcionam para uma aproximação com o recorte temático dessa pesquisa. Em relação a projetos de pesquisa, o Autor C participa como integrante em um projeto em andamento sobre a Filosofia da Ciência da Informação. Para os projetos já concluídos, o autor supracitado participou como integrante de 10, sendo que, desses, quatro trabalharam com a epistemologia da Ciência da Informação. Vale ressaltar que o autor não é identificado como coordenador de nenhum projeto de pesquisa. Não desempenha a função de revisor de projetos em agências de fomento. O Autor C é membro de corpo editorial de quatro periódicos, sendo

que dois estão ligados diretamente a área, enquanto os outros dois são relacionados a áreas afins.

#### 4.7.1.4 Descrição do AUTOR D

O Autor D é considerado pela área como um renomado pesquisador da área da Ciência da Informação e sua produção está direcionada para os preceitos epistemológicos da referida ciência, assim como permeia pelos estudos métricos da informação científica e pelas questões da memória e cultura pelo viés da Ciência da Informação. O referido pesquisador é membro de dois programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação e membro de cinco corpos editoriais de periódicos que trabalham exclusivamente com as temáticas da Ciência da Informação.

Identifica-se que o pesquisador segue cinco linhas de pesquisas, sendo que duas trabalham com questões epistemológicas da Ciência da Informação, outras duas linhas discutem os preceitos das tecnologias da informação, além de uma linha que se relaciona com vieses conceituais de memória.

Em relação aos projetos de pesquisa em andamento, o Autor D apresenta um projeto que trabalha com exclusividade a temática epistemológica. Há, também, um projeto de desenvolvimento em andamento que está relacionado à subárea da organização da informação. Existem nove projetos de pesquisa concluídos, desses seis estão relacionadas à temática de interesse desta tese, à medida que três estavam direcionados à comunicação científica. O Autor D desempenha a função de revisor de projetos em uma agência internacional de fomento.

#### 4.7.1.5 Descrição do AUTOR E

O Autor E tem uma produção de grande relevância para área e seus trabalhos são constantemente referenciados quando a temática é epistemologia da Ciência da Informação, o que faz jus à Bolsa de Produtividade em Pesquisa do CNPq. É membro de dois programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação, membro de quatro corpos editoriais e revisor de três periódicos. Desses, dois periódicos é caráter multidisciplinar enquanto os outros quatro são de exclusividade da Ciência da Informação.

O referido pesquisador atua em três linhas de pesquisas que trabalham as questões epistemológicas da Ciência da Informação. Quando se fala dos projetos de pesquisa em andamento, o pesquisador supracitado vem trabalhando em dois, e ambos tratam das questões epistemes da área. Quanto aos projetos concluídos, o Autor E apresenta três projetos sob a

temática em tela. Vale ressaltar que todos esses estiveram, ou estão, sob a coordenação do referido pesquisador. Ainda desempenha a função de revisor de projetos em uma agência nacional de fomento.

#### 4.7.1.6 Descrição do AUTOR F

O Autor F se insere no grupo de pesquisadores da nova geração da área da Ciência da Informação, trabalhando para um direcionamento mais historiográfico e conceitual de disciplinas do campo científico da área, focando seus estudos nos preceitos da documentação para a Ciência da Informação. É membro de um programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação e membro de quatro corpos editoriais de periódicos exclusivos da área.

O pesquisador segue duas linhas de pesquisas que investigam os preceitos epistemológicos de disciplinas da Ciência da Informação. Coordena três projetos de pesquisa que estão relacionados a duas linhas de pesquisa, assim como coordenou um outro projeto, já finalizado, na mesma vertente.

#### 4.7.1.7 Descrição do AUTOR G

O Autor G tem uma grande produção acadêmica na área e se situa entre os pesquisadores que mais se evidenciam no recorte dessa pesquisa. É professor convidado em instituição estrangeira, membro de um programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. O referido autor é membro de cinco corpos editoriais de periódicos, sendo que quatro desses periódicos se relacionam diretamente com a Ciência da Informação. Como revisor de periódicos, o autor supracitado colabora com 13, sendo que dois desses periódicos são da área de formação inicial do pesquisador, mas possuem relação metodológica com a Ciência da Informação. Também desempenha a função de revisor de projetos de pesquisa em duas agências nacionais e uma agência estadual de fomento.

O Autor atua em três linhas pesquisa, das quais duas se relacionam com a temática do recorte desta tese. Em relação aos projetos em desenvolvimento, três estão relacionados aos preceitos epistemológicos, enquanto três trabalham temas de disciplinas da área da Ciência da Informação. Dos seis projetos em andamento, quatro estão sob a sua coordenação. Dos projetos concluídos, identificam-se sete, sendo que seis o tiveram como coordenador. Nesse aspecto, os cinco projetos se relacionavam diretamente com a temática aqui exposta.

#### 4.7.1.8 Descrição do AUTOR H

O Autor H é uma das grandes referências para o GT-1 e se dedica a dois programas de pós-graduação diferentes: um é profissional em Biblioteconomia e outro é acadêmico em área afim da Ciência da Informação. Sua produção se volta para preceitos conceituais e históricos da memória. É membro de oito corpos editoriais de periódicos, dos quais três são da Ciência da Informação, assim como compõe a revisão de 18 periódicos dos quais oito são editorados por programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação.

O referido pesquisador segue cinco linhas de pesquisa, sendo que uma delas está diretamente ligada à construção epistemológica da área. O autor vem desenvolvendo dois projetos de pesquisa sob a sua coordenação, sendo que um é sobre a epistemologia da Ciência da Informação e outro sobre sua área de dedicação. Sobre os projetos concluídos, o autor supracitado trabalhou em oito, dos quais três trabalham com a temática da episteme da Ciência da Informação. Vale ressaltar que todos os projetos estavam sob a coordenação do referido pesquisador.

#### 4.7.1.9 Descrição do AUTOR I

O Autor I se caracteriza como um renomado pesquisador da nova geração da área da Ciência da Informação e seus trabalhos acadêmicos estão voltados para questões conceituais que envolvem a episteme da área. Tornou-se membro de um programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação recentemente. É membro de corpo editorial de um periódico e atua como revisor de outros quatro periódicos, todos trabalham com os conteúdos da Ciência da Informação.

O Autor I está coordenando um projeto de extensão que trata do perfil profissional da área. Já para os projetos de pesquisa em andamento, existem três no currículo do autor, sendo que, desses, dois são sobre o recorte temático dessa tese. Dos projetos em andamento, dois estão sob a coordenação do pesquisador em tela, sendo que um trata da epistemologia e o outro sobre o perfil profissional da área. Em relação aos projetos concluídos, participou de três projetos como pesquisador e coordenou outros dois, sendo que destes apenas um tratava da episteme da área.

#### 4.7.1.10 Descrição do AUTOR J

O Autor J compõe o grupo de pesquisadores da nova geração da área da Ciência da Informação e tem uma vasta produção acerca de questões conceituais da área, trabalhando a historiografia da área com afinco, além de debater as relações interdisciplinares da biblioteconomia, documentação e arquivismo. É membro de um programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação e membro de três corpos editoriais que tratam exclusivamente as disciplinas da área. Desempenha a função de revisor de oito periódicos também da área.

O pesquisador segue três linhas de pesquisa, das quais duas são efetivamente sobre a episteme da área. Está coordenando um projeto de pesquisa sobre a temática em tela. Concluiu 12 projetos de pesquisa, sendo que cinco desses eram sobre epistemologia da Ciência da Informação. O autor coordenou nove projetos dos quais quatro eram sobre a temática aqui exposta.

#### 4.7.1.11 Descrição do AUTOR K

O Autor K pode ser considerado um renomado pesquisador da área da Ciência da Informação e sua produção consegue permear por vários campos desta ciência, tendo muito destaque para suas obras que tratam da epistemologia da Ciência da Informação e de tecnologias voltadas para a produção intelectual da área.

Já foi bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq, o Autor K exerce várias atividades na academia: é membro de dois programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação e membro do colegiado de um programa de mestrado profissional; também faz parte do corpo editorial de cinco periódicos brasileiros, e destes apenas um não está relacionado exclusivamente à Ciência da Informação, além de atuar na revisão de 17 periódicos, todos exclusivos para os temas da Ciência da Informação.

Já na análise do currículo Lattes do pesquisador, identifica-se que o autor segue cinco linhas de pesquisa que não trabalham exclusivamente com o tema epistemologia e/ou historiografia da Ciência da Informação. Em relação aos projetos de pesquisa, foram identificados 16, e destes apenas um tratava exclusivamente da temática aqui exposta, sendo que o Autor K participou como pesquisador convidado. Dentre esses projetos, três aplicavam concepções epistemológicas à ação formativa de usuários de informação ou à produção de tecnologias para o desenvolvimento intelectual de acesso à informação.



#### 4.7.1.12 Descrição do AUTOR L

O Autor L, como alguns pesquisadores dessa amostra, também pode ser considerado um renomado pesquisador da nova geração da área da Ciência da Informação, com consideráveis publicações sobre os preceitos epistemológicos da Ciência da Informação e a formação do profissional bibliotecário. É membro de um Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia com curso de Mestrado Profissional na área, membro de cinco corpos editoriais e revisor de 13 periódicos, todos direcionados para área da Ciência da Informação.

Verifica-se que o referido professor coordena dois projetos de pesquisa direcionados à formação profissional e aos preceitos teórico-reflexivos da área, um outro projeto de pesquisa finalizado também foi coordenado pelo pesquisador em tela, além de ter concluído outros dois projetos de extensão sob sua coordenação.

#### **4.7.2 A caçada: produção dos autores**

Nessa caçada, tendo os artefatos nas mãos, seguiram-se os periódicos nos quais os 12 autores utilizaram para comunicar suas pesquisas, cruzando com os dados do currículo Lattes, o que evidenciou comportamentos bem distintos entre os pesquisadores mais novos e os que detém uma maior tradição na área.

Quanto à produtividade de artigos ao longo da carreira, percebeu-se que o tempo de carreira acadêmica não foi um fator forte para garantir que os pesquisadores mais antigos tivessem um número maior de artigos publicados. Constata-se que os pesquisadores mais novos estão em graus de ascendência quanto a produção de artigos, enquanto boa parte dos pesquisadores da vanguarda estão diminuindo o ritmo de publicação. Alguns mantêm um padrão de publicação como publicar em média dois artigos por ano, no entanto, há pesquisadores que chegaram a publicar 15 artigos em um ano. A Tabela 20 demonstra a produção de artigo por parte dos 12 autores, assim como a média de artigos por ano e a média de artigos por periódico para cada pesquisador.

**Tabela 20** – Publicações dos 12 autores do recorte

<b>Pesquisador</b>	<b>f/x artigos</b>	<b>Intervalo*</b>	<b>f/x periódicos</b>	<b>Média aritmética de artigos pelo intervalo</b>	<b>Média aritmética de artigos por periódico</b>
AUTOR A	48	10	22	4,8	2,1
AUTOR B	18	14	9	1,2	2
AUTOR C	65	37	33	1,7	1,9
AUTOR D	35	49	23	0,7	1,5
AUTOR E	41	34	21	1,2	1,9
AUTOR F	21	13	17	1,6	1,2
AUTOR G	53	20	37	2,6	1,4
AUTOR H	28	23	17	1,2	1,6
AUTOR I	15	10	8	1,5	1,8
AUTOR J	84	19	37	4,4	2,2
AUTOR K	125	34	34	3,6	3,6
AUTOR L	49	11	29	4,4	1,6

Fonte: Dados da pesquisa, 2018

\* Intervalo de tempo iniciado com a publicação do primeiro artigo do pesquisador.

Os detentores do maior número de artigos são o Autor K com 125 artigos, o Autor J com 84, o Autor C com 65, o Autor G com 53, o Autor L com 49 e o Autor A com 48 artigos. Quanto à média de artigos por ano, destacam-se o Autor A com 4,8 artigos por ano, o Autor J e o Autor L, ambos com 4,4 artigos por ano. Uma característica marcante dos pesquisadores da vanguarda é que sua média de publicações de artigo não ultrapassam 2,6 artigos por ano, exceto o Autor K, que consegue manter uma média 4,4 artigos por ano.

O fato de os pesquisadores ditos da nova geração terem a sua disposição um maior número de periódicos, nos quais podem publicar com mais facilidade, pode ter consequência direta na produção, uma vez que as políticas públicas implementadas nos últimos anos no Brasil para a Educação Superior permitiram o avanço na área da ciência e tecnologia.

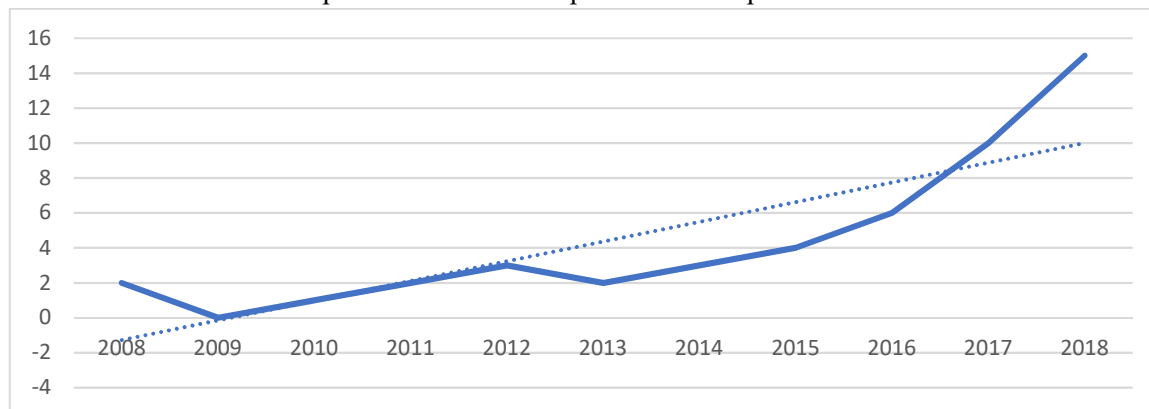
Alguns autores da vanguarda demonstram, a partir do Currículo Lattes, que estão diminuindo o ritmo da produção acadêmica, tendo poucos orientados, em relação aos mais novos, nos programas de pós-graduação, um indicador muito significativo, pois parte significativa dos artigos tem origem nas produções de dissertações e teses.

A partir da Tabela 20, e tendo em vista que o processo de avaliação de artigos, na maioria dos periódicos brasileiros, dá-se pelos pares com processo *ad hoc* chamado de “às cegas”, há uma demonstração da relevância dos trabalhos dos referidos pesquisadores para a ciência, ressaltando-se o grau de importância nas relações interpessoais e políticas que os autores estabelecem com diversos outros atores da área. Para isso, uma característica detectada é que todos os 12 pesquisadores participam de vários conselhos de revisores de periódicos, além serem membros de vários corpos editoriais.

Alguns intervalos sem publicação foram caracterizados como períodos de busca de titulação de pós-graduação por parte dos pesquisadores. Outras variáveis que afetaram a publicação de alguns pesquisadores do sexo feminino foram os períodos de maternidade, fazendo com que muitos intervalos de publicações se evidenciassem em suas *timelines*.

Nos gráficos de 5 a 16,<sup>9</sup> a seguir, pode-se notar a dispersão dos trabalhos publicados nos periódicos ao longo tempo, chegando no recorte final de 2018,<sup>10</sup> para os 12 pesquisadores. A referida figura é formada por 12 gráficos de dispersão, constituindo, assim, uma representação gráfica para cada pesquisador. Os pesquisadores que começaram suas publicações a partir da década de 1960 foram considerados nessa pesquisa como os de vanguarda, enquanto os que começaram suas publicações na década 2000 foram denominados de pesquisadores da nova geração. Constata-se que na década de 2000, o acumulado de periódicos e com a política de acesso aberto, permitiram uma ascensão de publicações, o que elevou o número de artigos publicados por ano.

**Gráfico 5 – AUTOR A - Dispersão dos trabalhos publicados em periódicos no intervalo de 2008-2018**

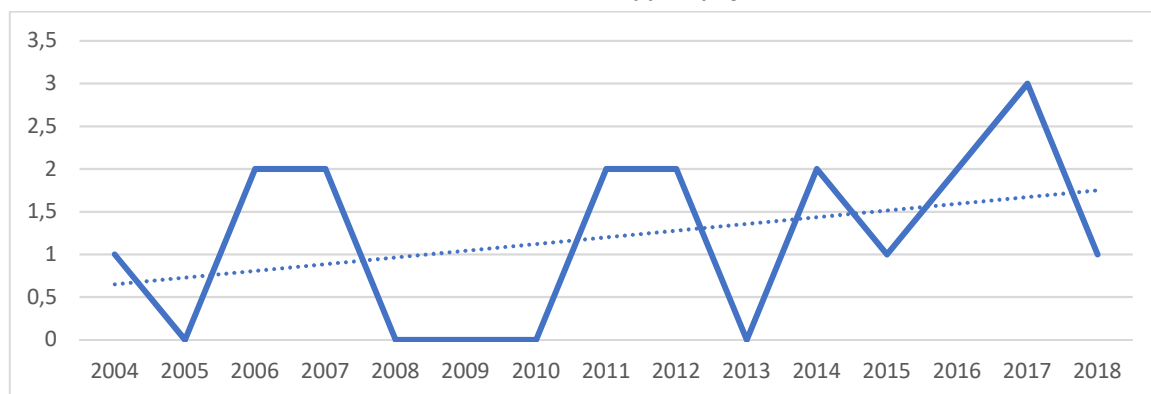


Fonte: Elaborado pelo autor

<sup>9</sup> Poder-se-ia utilizar os gráficos elaborados pela Plataforma Lattes, contudo foram identificadas algumas situações em que a automação não poderia solucionar. Por exemplo, alguns periódicos têm dois ISSN, oriundos de uma possível mudança de nome ou da publicação de impressa para eletrônica. Fez-se a checagem dos artigos e conferiu-se que os artigos pertencem ao mesmo periódico, dessa forma não se poderia contabilizar dois periódicos diferentes. Outra situação que poderia ser mencionada é a existência de um número de periódico em duas versões (impressa e *on line*), e, como tem-se o mesmo conteúdo, considerou-se o artigo/periódico apenas uma única vez, nesse contexto. Além de existir o mesmo artigo publicado em periódicos diferentes, tendo apenas os resumos um pouco diferenciados, mas os demais itens igualmente publicados.

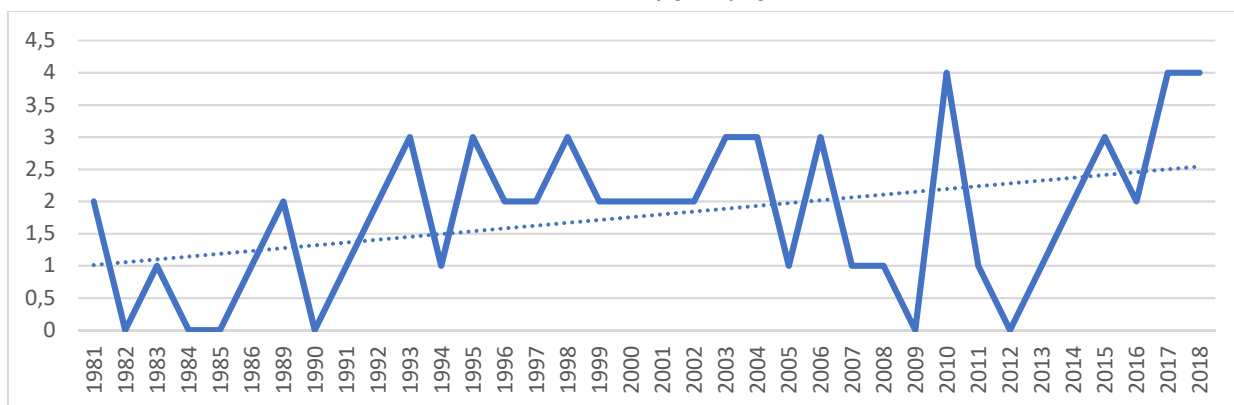
<sup>10</sup> Acesso em: jan. de 2019.

**Gráfico 6 – AUTOR B - A Dispersão dos trabalhos publicados em periódicos no intervalo de 2004-2018**



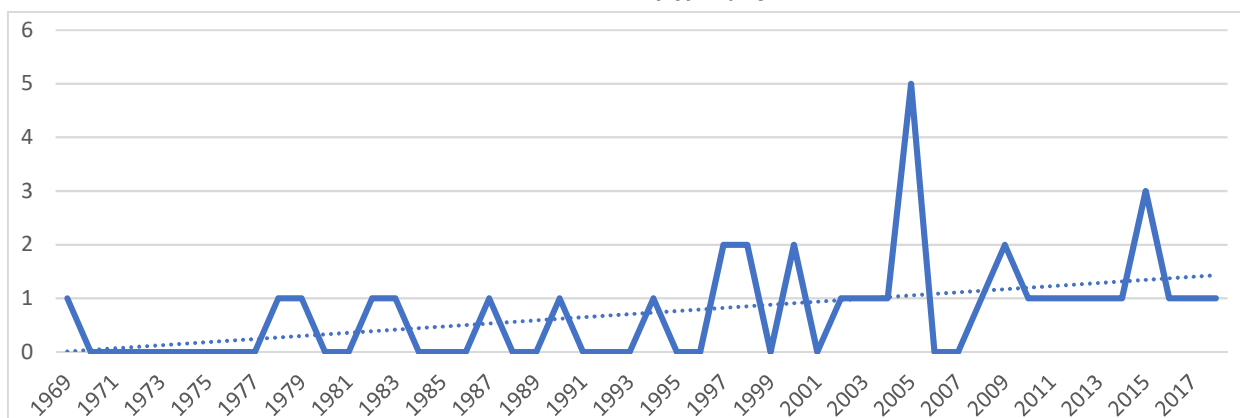
Fonte: Elaborado pelo autor

**Gráfico 7 – AUTOR C - A Dispersão dos trabalhos publicados em periódicos no intervalo de 1981-2018**



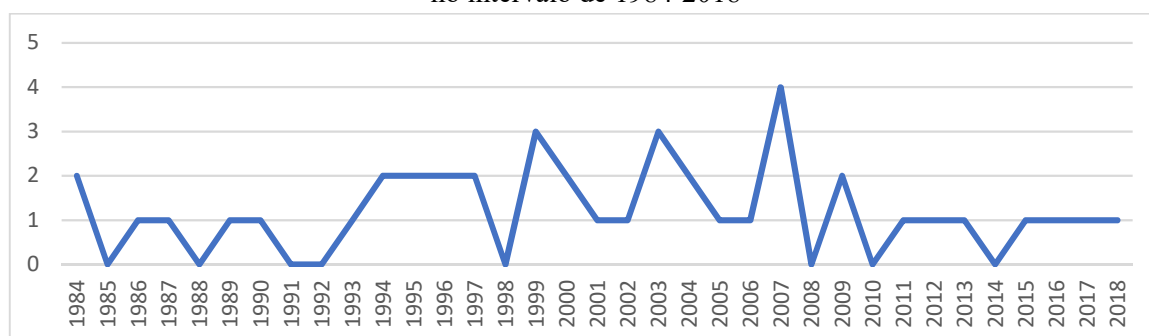
Fonte: Elaborado pelo autor

**Gráfico 8 – AUTOR D - A Dispersão dos trabalhos publicados em periódicos no intervalo de 1969-2018**



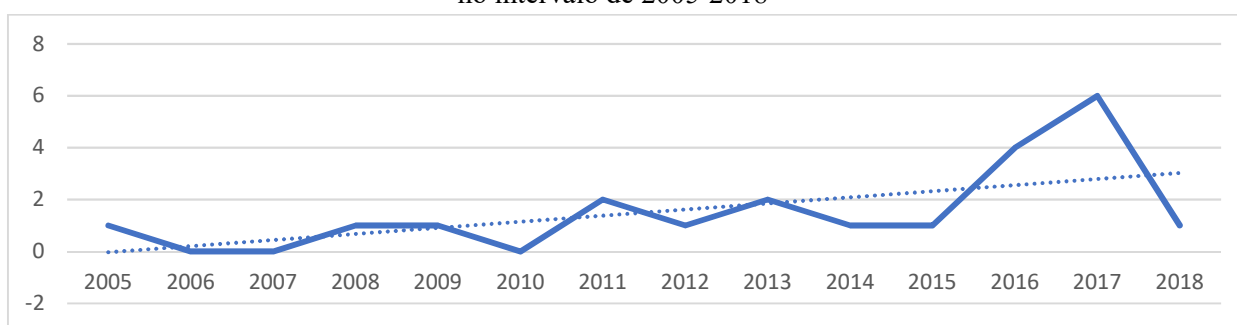
Fonte: Elaborado pelo autor

**Gráfico 9 – AUTOR E - A Dispersão dos trabalhos publicados em periódicos no intervalo de 1984-2018**



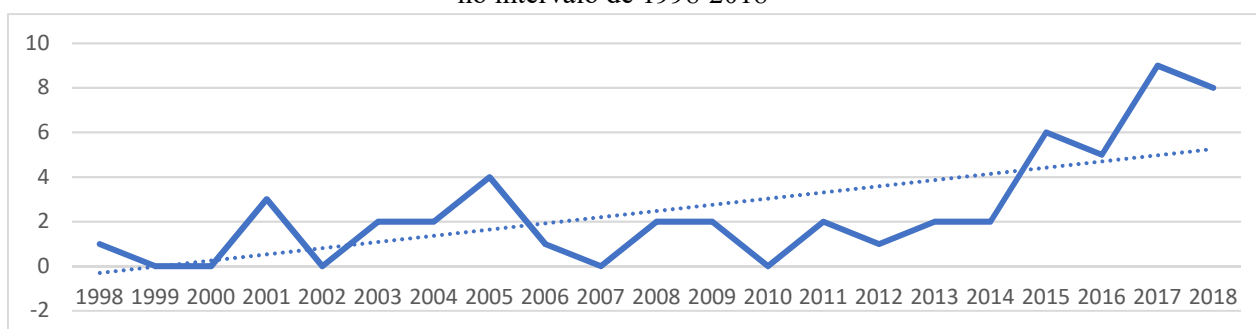
Fonte: Elaborado pelo autor

**Gráfico 10 – AUTOR F - A Dispersão dos trabalhos publicados em periódicos no intervalo de 2005-2018**



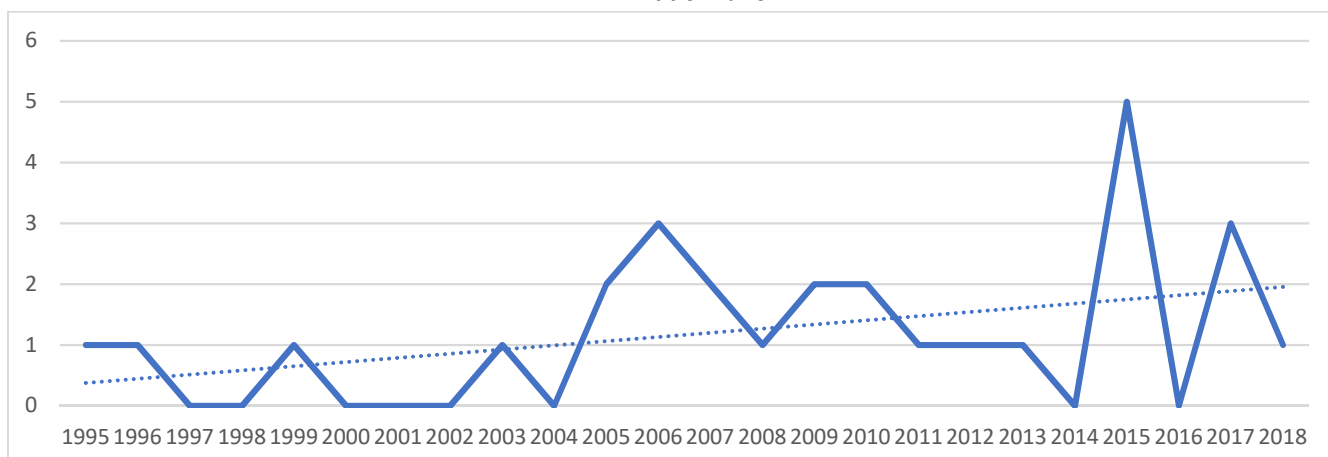
Fonte: Elaborado pelo autor

**Gráfico 11 – AUTOR G - A Dispersão dos trabalhos publicados em periódicos no intervalo de 1998-2018**



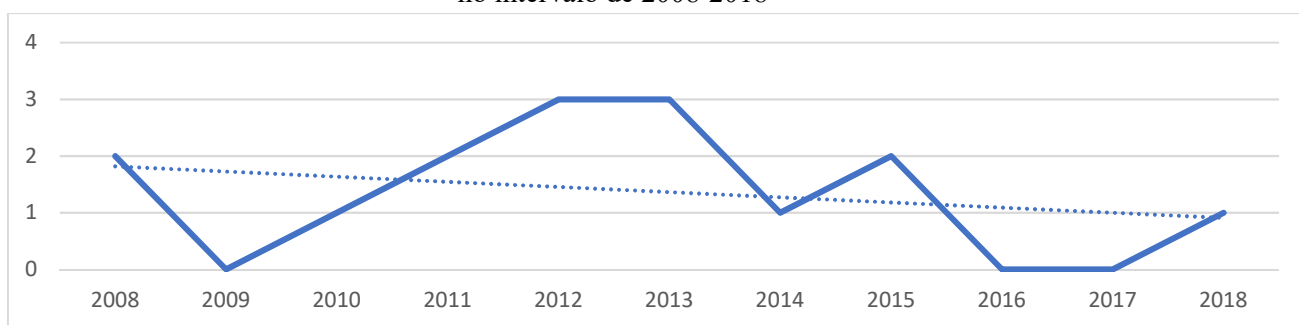
Fonte: Elaborado pelo autor

**Gráfico 12 – AUTOR H - A Dispersão dos trabalhos publicados em periódicos no intervalo de 1995-2018**



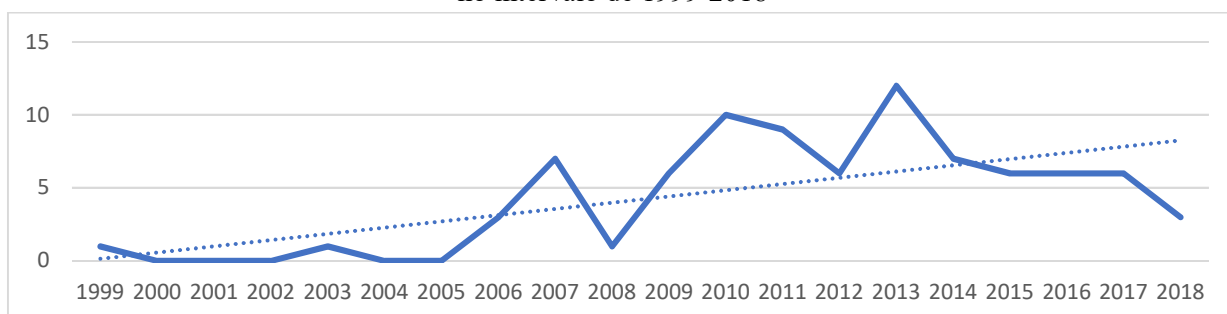
Fonte: Elaborado pelo autor

**Gráfico 13– AUTOR I - A Dispersão dos trabalhos publicados em periódicos no intervalo de 2008-2018**



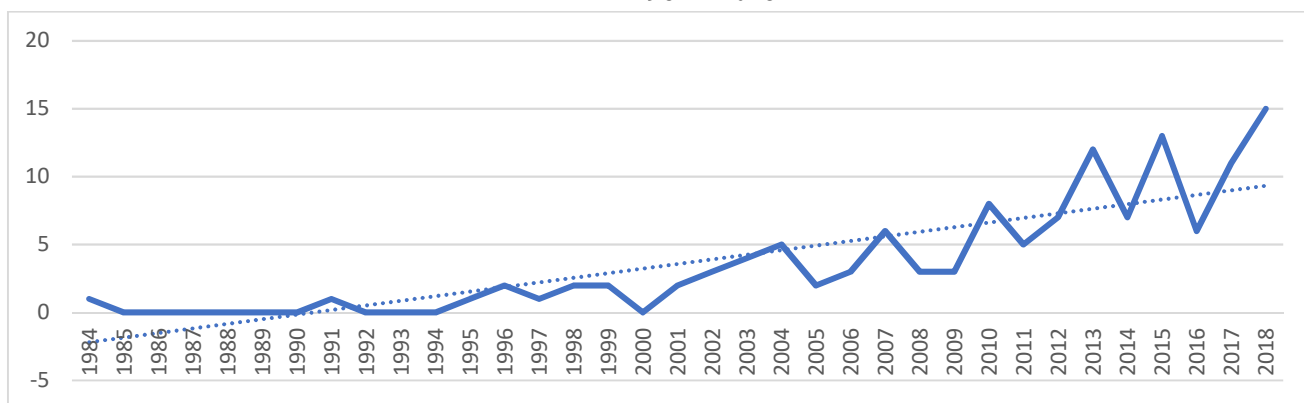
Fonte: Elaborado pelo autor

**Gráfico 14 – AUTOR J - A Dispersão dos trabalhos publicados em periódicos no intervalo de 1999-2018**



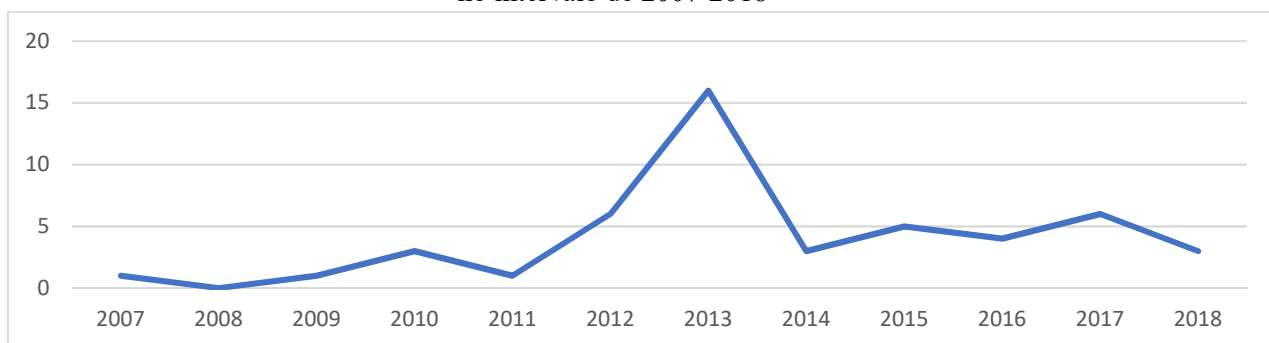
Fonte: Elaborado pelo autor

**Gráfico 15 – AUTOR K – A Dispersão dos trabalhos publicados em periódicos no intervalo de 1984 a 2018**



Fonte: Elaborado pelo autor

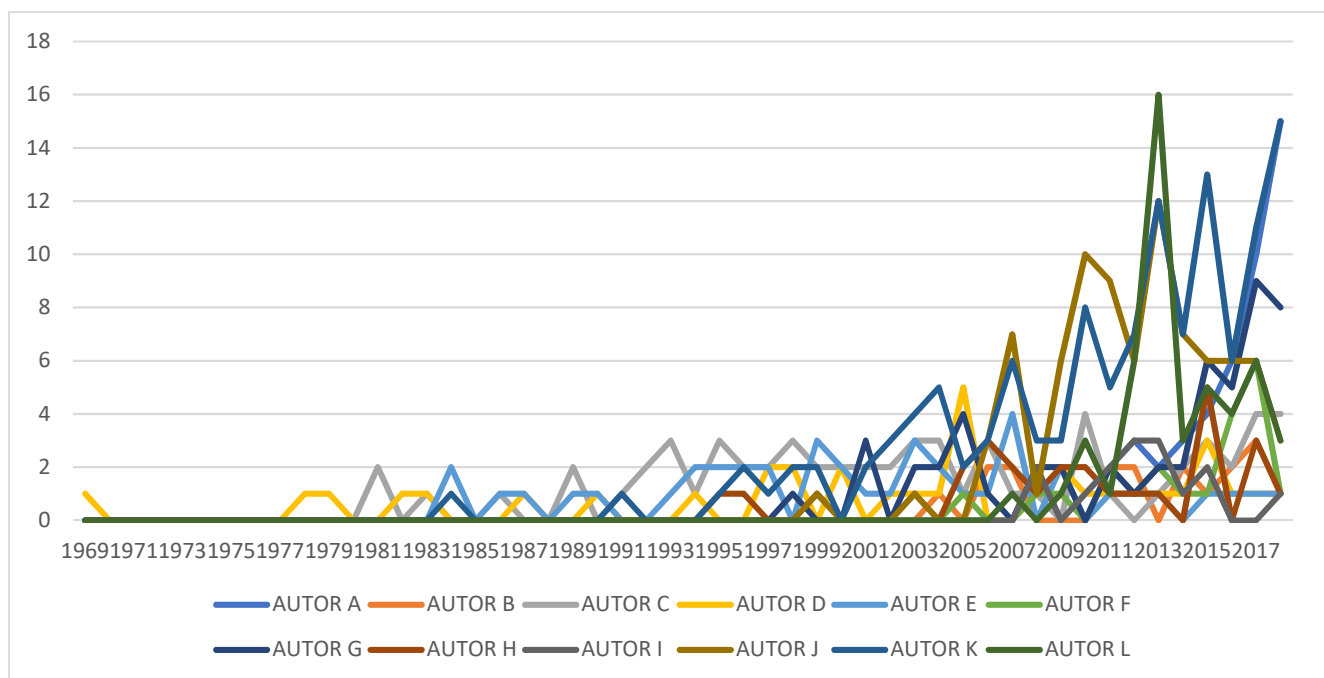
**Gráfico 16 – AUTOR L - A Dispersão dos trabalhos publicados em periódicos no intervalo de 2007-2018**



Fonte: Elaborado pelo autor

O Gráfico 17 demonstra que a partir da década de 2000 a publicação de artigos dos 12 pesquisadores se acentuou, uma vez que uma parte desses pesquisadores começou a vida acadêmica no final da década de 1990 e início dos anos 2000.

**Gráfico 17** – Publicação de artigos pelos pesquisadores na *timeline*



Fonte: Dados da pesquisa, 2018

Os ápices da produção para cada autor se dão de forma diversificada, mas para todos o cume das publicações se deu nos anos 2000. O Autor A tem o ápice de publicações de artigos no ano de 2018, com 15 publicações. A maioria dos artigos de 2017 e 2018 foi feita em coautoria. Observa-se também que a quantidade de artigo se eleva consideravelmente a partir de 2012, período em que obteve o título de doutorado, tendo um pequeno decréscimo em 2013.

O Autor B atinge o ápice em 2017 com três publicações, enquanto o Autor C tem o cume de publicações de artigos em periódicos nos anos de 2009, 2017 e 2018, com quatro publicações cada. O Autor D alcança o número em 2005 com cinco publicações; o Autor E, de característica semelhante, consegue quatro publicações em 2007; o Autor F atinge maior ponto de sucesso em 2017, com seis publicações.

O Autor G atinge o ponto mais produtivo em 2017 com nove publicações, ao passo que o Autor H consegue em 2015 com cinco publicações. Ainda nessa descrição, o Autor I atinge o ápice de publicações de artigos nos anos de 2012 e 2013, com três publicações cada. Já o Autor J, o Autor K e o Autor L conseguem passar a margem de dois dígitos, sendo que o primeiro atingiu 12 artigos em 2013 enquanto o segundo teve 15 publicações em 2016. Ainda o Autor L, perfaz a conquista de 16 artigos em 2013.

É evidente que o conhecimento das políticas de submissões em periódicos incrementa a possibilidade de alcançar um maior número de publicações, contudo é necessário também estar na elite das relações de poder estabelecidas no sistema de publicação e divulgação científica.



Como já mencionado, os 12 autores participam da editoração de periódicos e para estar nessa elite cada um concebeu uma carreira de sucesso e, por mérito ou “indicação”, constituem o grupo da frente de pesquisadores da área.

Os 12 autores tendem a publicar nos periódicos mais conceituados, embora os autores de vanguarda tenham publicado em revistas que tiveram a vigência encerrada, apresentando assim um número considerável de publicações em periódicos sem estrato Qualis 2016. A Tabela 21 traz a quantidade artigos publicados nos periódicos pelos 12 autores do recorte, sendo que a revista Ciência da Informação tem 56 ocorrências com os referidos autores.

**Tabela 21** – Abrangência dos periódicos sobre os autores do recorte<sup>11</sup>

<b>Periódicos/ Autores</b>	<b>A</b>	<b>B</b>	<b>C</b>	<b>D</b>	<b>E</b>	<b>F</b>	<b>G</b>	<b>H</b>	<b>I</b>	<b>J</b>	<b>K</b>	<b>L</b>	<b>Total</b>
Ciência da Informação	-	2	7	8	10	1	2	1	3	5	16	1	56
Informação & sociedade	2	5	4	3	2	1	2	2	1	7	8	3	40
PBCIB	1	3	1	-	-	2	2	2	1	-	25	3	40
Encontros Bibli	2	-	-	1	-	1	2	1	3	8	6	1	24
Transinformação <sup>8</sup>	1	-	9	1	2	-	2	-	-	1	6	2	24
Informação & informação	6	-	-	1	-	1	4	1	-	5	4	1	23
Datagramazero	3	-	5	3	2	-		4	-	-	2	1	20
Perspec.em Ciência da Informação	1	-	1	-	1	-	1	-	3	6	6	-	19
InCID	6	-	2	-	1	-	1	-	-	3	2	3	18
PontodeAcesso	3	-	-	-	-	3	1	-	-	5	2	2	16
RBBB	5	-	1	1	-	-	1	-	-	3	3	2	16
Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação	3	1	-	-	1	-	2	1	-	1	5	1	15
Em Questão	1	1	1	-	-	1	2	-	-	4	3	1	14
Liinc em Revista	1		1	2	2		3	1					10
BRAZILIAN JOURNAL OF INFORMATION SCIENCE	3	-	-	-	-	1	2	-	-	1	2	-	9
Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação	-	1	-	-	1	-	-	-	-	3	5	4	9
Revista de Biblioteconomia de Brasília	-	-	3	2	3	-	-	-	-	-	-	-	8
Biblionline (João Pessoa)	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	4	1	7
Informare (Rio de Janeiro)	-	-	-	-	5	-	-	2	-	-	-	-	7
Folha de Rosto	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	4	6
Logeion: Filosofia da Informação	1	-	2	-	-	-	-	-	-	1	1	1	6
Múltiplos Olhares em Ciência da Informação	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	5	6
REVISTA ACB	-	-	1	-	-	-	-	-	-	3	-	2	6
Contrapontos	-	-	5	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5
Informação arquivística	1	-	-	-	-	1	1	-	1	1	-	-	5

<sup>11</sup> Tabela completa no Apêndice F.

Periódicos/ Autores	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	Total
Informação em Pauta					1					4			5
Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação	-	-	-	-	-	1	2	-	-	-	2	-	5
Tempo Brasileiro	1	-	-	1	1	-	-	1	-	1	-	-	5

Fonte: Dados da pesquisa, 2018

O único periódico que consegue abranger todos os 12 pesquisadores é a revista Informação & Sociedade: Estudos, mas com a frequência de ocorrências de 40, abaixo da Ciência da Informação que, por sua vez, abrange 11 pesquisadores e tem 56 ocorrências com esses pesquisadores. A revista PBCIB atinge nove pesquisadores, sendo que, para o Autor K, ela contabiliza 25 ocorrências.

A revista Encontros Bibli também abrange 9 pesquisadores e com 24 ocorrências, enquanto a Transinformação abrange 8 autores com 24 ocorrências. Ainda no quesito abrangência, as revistas Informação & Informação, Tendências e Em Questão abrangem individualmente 8 pesquisadores, mas a ocorrências ficam em 23 para a primeira, enquanto a Tendências e Em Questão ficam um pouco distante com 15 e 14 ocorrências, respectivamente.

Vale ressaltar que alguns pesquisadores deste recorte já publicaram em colaboração, identificando-se cinco relações distintas. Os periódicos do recorte são os que têm mais tendência a terem mais submissões por parte dos pesquisadores, configurando-se, desse modo, que esses periódicos têm mais probabilidade de oferecer mais insumos para a área, e especificamente para temática, pois uma representação significativa dos autores mais produtivos os escolhe para publicar suas pesquisas.

No aspecto individual, cada pesquisador, a partir do estrato Qualis, busca os meios mais conceituados para publicar seus trabalhos, o corrobora para uma maior qualidade das pesquisas, uma vez que as políticas de publicações dos periódicos seguem indicadores de qualidade para poder se manter no grupo de elite dos periódicos e, assim, ter a sua disposição financiamento e reconhecimento por parte da Academia.

Diante do exposto, o Autor A pode até direcionar suas publicações para o topo do estrato Qualis 2016, contudo suas publicações estão mais concentradas no estrato Qualis B, como pode ser visto na Tabela 22, tendo como base que o Autor A obteve a publicação de 48 trabalhos em 22 periódicos, no intervalo de 10 anos.

**Tabela 22** – Percentual de artigos do Autor A por estrato Qualis 2016 para periódicos

<b>Estrato Qualis 2016</b>	<b>Total publicações</b>	<b>% total publicações</b>
A1	6	12,5
A2	9	18,5
B1	23	48,0
B2	0	0
B3	4	8,5
B4	0	0
B5	4	8,5
C	0	0
Sem Qualis	2	4,0

Fonte: Dados da pesquisa, 2018

A partir desses dados, observa-se que 31% das publicações do Autor A estão relacionadas aos periódicos mais conceituados da área, ou seja, os periódicos do Qualis A1 e A2, além de ter 48% no topo do estrato B. Dessa forma, o Autor A tem 79% de seus artigos publicados em periódicos de renome, o que demonstra o alto grau de relevância desse autor para os programas de pós-graduação na área.

O Autor B apresenta uma quantidade menor de publicações, em relação ao Autor A, sendo atribuindo 18 artigos publicados em 9 periódicos, no intervalo de 14 anos, concentrando 13 artigos no topo do estrato, sendo que 7 se localizam no Estrato B1, como pode ser visto na Tabela 23.

**Tabela 23** – Percentual de artigos do Autor B por estrato Qualis 2016 para periódicos

<b>Estrato Qualis 2016</b>	<b>Total publicações</b>	<b>% total publicações</b>
A1	5	28,0
A2	1	5,5
B1	7	39,0
B2	0	0
B3	0	0
B4	2	11,0
B5	2	11,0
C	0	0
Sem Qualis	1	5,5

Fonte: Dados da pesquisa, 2018

Os dados apresentados na Tabela 23 direcionam a observação de que 33,5% das publicações do Autor B estão localizados nos periódicos mais conceituados da área, os periódicos do Qualis A1 e A2. O Autor B ainda apresenta 39% das suas publicações no topo do estrato B, tendo, dessa forma, 72% de seus artigos publicados em periódicos mais valorados.

Já o Autor C, em percentuais, apresenta características diferentes dos demais, principalmente porque os periódicos sem estratos Qualis têm uma maior representatividade na publicação de artigos, no momento para o referido autor, mais bem detalhado na Tabela 24. No intervalo de 37 anos, o autor supracitado publicou 65 artigos em 33 periódicos.

**Tabela 24** – Percentual de artigos do Autor C por estrato Qualis 2016 para periódicos

<b>Estrato Qualis 2016</b>	<b>Total publicações</b>	<b>% total publicações</b>
A1	15	23,0
A2	1	1,5
B1	13	20,0
B2	5	7,6
B3	5	7,6
B4	0	0
B5	5	7,6
C	0	0
Sem Qualis	21	32,5

Fonte: Dados da pesquisa, 2018

Em face do exposto, percebe-se que o Autor C tem 32,5% de suas publicações de artigos em periódicos sem Qualis para área de Comunicação e Informação. Isso pode ser justificado pela descontinuidade de periódicos, além do referido autor também direcionar publicações para periódicos de interesse da sua outra área de atuação. Contudo, ainda é significativa o percentual para os periódicos de grande representatividade para a Ciência da Informação, pois para os periódicos de Qualis A1 e A2, tem-se 24,5% e para Qualis B1, tem-se 20% das publicações. Sendo assim, o Autor C tem 44,5% de seus artigos publicados em periódicos de renome.

Outra característica diferente dos demais é apresentado pelo Autor D que tem uma parcela significativa de publicações em periódicos de Qualis C, que é caracterizado pela distância temática da área de Comunicação e Informação, contudo mantém a maioria de seus 35 artigos nos estratos mais elevados, conforme Tabela 25.

**Tabela 25** – Percentual de artigos do Autor D por estrato Qualis 2016 para periódicos

<b>Estrato Qualis 2016</b>	<b>Total publicações</b>	<b>% total publicações</b>
A1	5	14,0
A2	2	6,0
B1	12	34,0
B2	0	0
B3	5	14,0
B4	1	3,0
B5	0	0
C	10	28,5
Sem Qualis	0	0

Fonte: Dados da pesquisa, 2018

Ao longo de 49 anos, o Autor D publicou artigos que se configuram como 20% localizados nos periódicos de estratos A1 e A2, enquanto 34% estão associados a periódicos de Qualis B1, somando, dessa maneira, 54% das publicações no topo dos estratos da Qualis. Contudo, como já indicado anteriormente, 28,5% dos artigos se encontram no nível mais baixo dos estratos, estrato C.

De característica um pouco diferente, o Autor E concentra uma significativa parte dos seus 41 artigos em periódicos que não apresentam estrato Qualis 2016, uma vez que muitos periódicos tiveram suas vigências encerradas. A Tabela 26 traz os dados quanto aos estratos Qualis para as publicações do Autor E.

**Tabela 26** – Percentual de artigos do Autor E por estrato Qualis 2016 para periódicos

<b>Estrato Qualis 2016</b>	<b>Total publicações</b>	<b>% total publicações</b>
A1	5	12,0
A2	0	0
B1	16	39,0
B2	0	0
B3	3	7,5
B4	2	5,0
B5	1	2,5
C	0	0
Sem Qualis	14	34,0

Fonte: Dados da pesquisa, 2018

A partir da Tabela 26, observa-se que o Autor E tem 12% das suas publicações em periódicos mais conceituados da área de Qualis A1, além de ter 39% no topo do estrato B, tendo, assim, 51% de seus artigos publicados em periódicos de renome. Ressalta-se que 34% dos artigos estão em periódicos que não têm registro no estrato Qualis 2016. O Autor E, após 34 anos de publicação de artigos, dá indicativos de que está diminuindo o ritmo de publicações, tanto em periódicos quanto em anais de eventos.

No prosseguimento da descrição dos resultados, o Autor F tem no seu arcabouço acadêmico 21 artigos publicados em 17 periódicos, no intervalo de 13 anos. O referido autor, conforme Tabela 27, concentra a maioria de suas publicações no topo dos estratos Qualis 2016.

**Tabela 27** – Percentual de artigos do Autor F por estrato Qualis 2016 para periódicos

<b>Estrato Qualis 2016</b>	<b>Total publicações</b>	<b>% total publicações</b>
A1	1	4,7
A2	3	14,2
B1	10	47,6
B2	1	4,7
B3	2	9,5
B4	1	4,7
B5	1	4,7
C	0	0
Sem Qualis	2	9,5

Fonte: Dados da pesquisa, 2018

Segundo a Tabela 27, constata-se que 19% das publicações do Autor F estão relacionadas aos periódicos mais conceituados da área, denominados de periódicos do Qualis A1 e A2, além de ter 47,6% no topo do estrato B. Os percentuais somados dos três níveis permitem verificar que o pesquisador tem 66,5% de seus artigos publicados em periódicos mais considerados para publicação.

Já o Autor G traz em sua carreira acadêmica 53 artigos, no intervalo de 20 anos, em 37 periódicos, mostrando um alto grau de produtividade. A concentração de suas publicações está nos periódicos mais renomados, contudo, como pode ser visto na Tabela 28, há uma percentagem significativa em periódicos sem estratos Qualis.

**Tabela 28** – Percentual de artigos do Autor G por estrato Qualis 2016 para periódicos

<b>Estrato Qualis 2016</b>	<b>Total publicações</b>	<b>% total publicações</b>
A1	9	17,0
A2	8	15,0
B1	17	32,0
B2	2	3,7
B3	2	3,7
B4	1	2,0
B5	1	2,0
C	0	0
Sem Qualis	13	24,5

Fonte: Elaborado pelo autor

O Autor G apresenta 32% de suas publicações nos periódicos de Qualis A1 e A2, como também 32% em periódicos no topo do estrato B da Qualis, evidenciando, então, 64% dos artigos publicados em periódicos bem-conceituados. Vale ressaltar que os artigos do Autor G são referenciados constantemente na área, o que demonstra a importância dos trabalhos do referido autor.

Já o Autor H tem uma característica peculiar em relação aos demais pesquisadores desse recorte. O autor é bem atuante na área da Ciência da Informação, mas divide sua atenção com outra ciência, considerada área afim da primeira. Isso justifica o fato de o autor referenciado apresentar mais de 40% dos seus 28 artigos em periódicos sem Qualis para área de Comunicação e Informação, como pode ser visto na Tabela 29.

**Tabela 29** – Percentual de artigos do Autor H por estrato Qualis 2016 para periódicos

<b>Estrato Qualis 2016</b>	<b>Total publicações</b>	<b>% total publicações</b>
A1	2	7,0
A2	2	7,0
B1	5	18,0
B2	0	0
B3	6	21,5
B4	0	0
B5	1	3,5
C	0	0
Sem Qualis	12	43,0

Fonte: Dados da pesquisa, 2018

A partir desses dados, observa-se que 14% das publicações do Autor H estão relacionadas aos periódicos mais conceituados da área, os periódicos do Qualis A1 e A2, também se constata 18% no topo do estrato B. Dessa forma, o Autor H possui 32% de seus artigos publicados em periódicos de grande consideração pela academia. Como já informado, o Autor H, por se dedicar também a outra área, apresenta 43% de publicações em periódicos sem Qualis para Comunicação e Informação.

Adiante, tem-se o Autor I, que ao longo de 10 anos publicou 15 artigos, um número relativamente mais baixo que os demais pesquisadores, mas levando em consideração o tempo da conquista do doutorado e a entrada como professor em um programa de Pós-Graduação, tem-se a justificativa para esse número. Posto isso, constata-se que as publicações do Autor I se concentram quase que exclusivamente nos níveis mais altos dos estratos Qualis, como pode ser visto na Tabela 30.

**Tabela 30** – Percentual de artigos do Autor I por estrato Qualis 2016 para periódicos

<b>Estrato Qualis 2016</b>	<b>Total publicações</b>	<b>% total publicações</b>
A1	4	26,6
A2	3	20,0
B1	7	46,6
B2	0	0
B3	0	0
B4	0	0
B5	1	6,6
C	0	0
Sem Qualis	0	0

Fonte: Elaborado pelo autor

Constata-se que, conforme a Tabela 30, o Autor I tem 46,6% das publicações em periódicos mais conceituados da área, os periódicos do Qualis A1 e A2. Também possui 46,6% no nível mais alto do estrato Qualis B. Dessa maneira, 93% de seus artigos foram publicados em periódicos mais desejados pelos pesquisadores da área, o maior percentual entre os 12 pesquisadores do recorte.



O Autor J é um dos maiores publicadores de artigos desse recorte, com 84 artigos em 37 periódicos. Esse quantitativo foi produzido no intervalo de 19 anos. O referido autor tem artigos publicados em periódicos de todos os níveis, como é visto na Tabela 31.

**Tabela 31** – Percentual de artigos do Autor J por estrato Qualis 2016 para periódicos

<b>Estrato Qualis 2016</b>	<b>Total publicações</b>	<b>% total publicações</b>
A1	14	16,5
A2	17	20,0
B1	26	31,0
B2	5	6,0
B3	5	6,0
B4	1	1,0
B5	12	14,0
C	1	1,0
Sem Qualis	3	3,5

Fonte: Dados da pesquisa, 2018

As publicações do Autor J alcançam 36,5% em periódicos de Qualis A1 e A2, como também atendem ao percentual de 26% de artigos em periódicos do topo do estrato B. Consequentemente, seu percentual para os periódicos mais renomados da área se dá para 57% dos artigos.

Já o autor K, o maior produtor de artigos desse recorte, com 125 artigos no intervalo de 34 anos, concentra um pouco mais da metade de seus artigos em periódicos de estrato B1, como pode ser verificado na Tabela 32.

**Tabela 32** – Percentual de artigos do Autor K por estrato Qualis 2016 para periódicos

<b>Estrato Qualis 2015</b>	<b>Total publicações</b>	<b>% total publicações</b>
A1	21	17,0
A2	14	11,0
B1	64	51,0
B2	0	0
B3	3	2,5
B4	1	1,0
B5	15	12,0
C	3	2,5
Sem Qualis	4	3

Fonte: Elaborado pelo autor

A alta produtividade do autor K está distribuída de forma que os periódicos de Qualis A1 e A2 estão com 28% dos artigos, enquanto os periódicos de estrato B1 dispõem de mais da metade dos artigos, 51% das publicações. Dessa forma, o percentual de artigos publicados em periódicos mais conceituadas da área chega a 79% das publicações.

Por fim, tem o Autor L que, no intervalo de 11 anos, publicou 49 artigos, os quais foram publicados em periódicos de vários estratos Qualis, mas que concentrou uma parte significativa nos periódicos com maior prestígio, o que pode ser observado na Tabela 33.

**Tabela 33** – Percentual de artigos do Autor L por estrato Qualis 2016 para periódicos

<b>Estrato Qualis 2016</b>	<b>Total publicações</b>	<b>% total publicações</b>
A1	7	14,0
A2	4	8,0
B1	17	34,5
B2	2	4,0
B3	3	6,0
B4	0	0
B5	13	26,5
C	0	0
Sem Qualis	3	6,0

Fonte: Elaborado pelo autor

Observando o intervalo de tempo e quantidade de artigos publicados, o Autor L também demonstra alta produtividade, refletida em 22,5% das publicações em periódicos mais conceituados da área, ou seja, os periódicos do Qualis A1 e A2, além de ter 34,5% no topo do estrato B. Nesses periódicos com estratos mais altos, o Autor L tem 56,5% de seus artigos publicados.

Em suma percebe-se que, mesmo havendo alguns desvios de padrões em publicações conforme estratos Qualis, a grande parte dos pesquisadores desse recorte tem a tendência de publicar em artigos mais conceituados da área, como pode ser visto na Tabela 34.

**Tabela 34** – Percentual de artigos dos autores por estrato Qualis 2016 para periódicos

<b>Estrato Qualis 2016</b>	<b>Total publicações</b>	<b>% total publicações</b>
A1	94	16,0
A2	64	11,0
B1	217	37,0
B2	15	2,5
B3	38	6,5
B4	9	1,5
B5	56	9,5
C	14	2,5
Sem Qualis	75	13,0

Fonte: Dados da pesquisa, 2018

A partir do exposto, a tendência de publicação dos 12 participantes da frente de pesquisa se concentra nos periódicos mais conceituados nos estratos Qualis, sendo que, dos 582 artigos desses pesquisadores, 64% estão nos três primeiros níveis dos estratos Qualis, o que demonstra a importância das publicações desses autores para área.

Houve registros de diminuição de publicações nos últimos três anos por parte dos pesquisadores Autor D e Autor E. Os pesquisadores Autor A, Autor F, Autor I, Autor J e Autor L tendem a publicar em periódicos mais conceituados ao longo do tempo, com grandes perspectivas de crescimento, uma vez que estão relativamente iniciando as orientações com estudantes de pós-graduação. O Autor K, mesmo estando dentro do grupo de vanguarda, demonstra uma produtividade anual de artigos muito elevada, o que se pode considerar a continuidade desse comportamento por mais alguns anos. O Autor C e o Autor H, por se dedicarem a duas áreas de conhecimento, tendem a continuar com publicações concentradas significativamente em periódicos sem Qualis para área de Comunicação e Informação.

#### **4.7.3 A caçada: epistemologia e historiografia na produção dos 12 autores**

Os autores desse recorte demonstram uma vida acadêmica muito ativa, com exceção de dois pesquisadores, como já mencionado anteriormente, que vêm diminuindo suas atividades, de um modo geral, na universidade. Todos participam de diversos exercícios inerentes ao professor/pesquisador, os quais podem ser representados nas tabelas que se seguem. Há uma

tendência entre esses 12 pesquisadores para produção de capítulos de livros, conforme a Tabela 35.

**Tabela 35 - Produção de livros**

<b>Pesquisador</b>	<b>Livros no geral</b>	<b>Livros sobre a temática</b>	<b>Capítulos de livro no geral</b>	<b>Capítulos de livro sobre a temática</b>
AUTOR A	4	1	22	18
AUTOR B	2	2	7	2
AUTOR C	9	4	28	12
AUTOR D	6	3	18	14
AUTOR E	3	3	21	21
AUTOR F	3	0	2	1
AUTOR G	11	4	27	6
AUTOR H	14	1	14	1
AUTOR I	2	1	8	7
AUTOR J	2	2	21	11
AUTOR K	2	1	11	5
AUTOR L	4	4	6	5
Total	62	26	185	103

Fonte: Dados da pesquisa, 2018

Na produção acadêmica relacionada à escrita de capítulos de livro e de livros completos, assim como organização de livros, os autores tendem a explorar a publicação de capítulos, pois a escrita de um livro completo requer fomento para a publicação e divulgação, tornando-se um instrumento que demanda investimento alto. Contudo, alguns pesquisadores, como os Autores H, G e C, produziram um número considerável entre organização e escrita de livros completos, com 14, 11 e 9 ocorrências, respectivamente. Quando se especifica a temática epistemologia e historiografia da Ciência da Informação, os Autores L, G e C são os pesquisadores que mais publicaram livros sobre a temática em tela, sendo quatro livros para cada um.

Todos os autores deste recorte publicaram ao menos dois livros, de um modo geral, e sobre a temática epistemologia e historiografia da Ciência da Informação. Todos os pesquisadores publicaram pelo menos um livro, com exceção do Autor F, que tem três livros publicados, mas que não tratam da temática em questão. Ter um livro publicado é um privilégio para poucos pesquisadores, os quais possuem relações políticas e conhecimento notório que possibilitem a submissão dos artefatos a editais de fomento ou custeamento da produção com recursos próprios. Dos 62 livros publicados, 26 (42%) eram sobre a epistemologia e historiografia da área.

Em relação aos capítulos de livros escritos e publicados em coletâneas, boa parte desses pesquisadores tem uma vasta contribuição, como pode ser visto na produção do Autor A, com 22 capítulos escritos, do Autor C com 28, do Autor D com 18, do Autor E com 21, do Autor G

com 27 e do Autor J com 21. Vale ressaltar que muitos capítulos fazem parte de coletâneas cujas organizações, muitas vezes, tiveram os próprios autores como organizadores.

Quanto aos capítulos da temática epistemologia e historiografia da Ciência da Informação, os autores que mais se destacam são o Autor A com 18 capítulos, o Autor C com 12, o Autor D com 14, o Autor E com 21 e o Autor J com 11 capítulos, que contribuíram para o enriquecimento das discussões acerca dos preceitos da temática. Dos 185 capítulos escritos, 103 (55,5%) eram relacionados com a temática em discussão, um percentual considerado satisfatório uma vez que obtém a maioria dos capítulos aqui expostos.

Os livros e capítulos de livros também tiveram a atenção desses pesquisadores, colaborando para a expansão desses artefatos, tidos na academia como literatura de maior relevância juntamente aos artigos publicados em periódicos de renome. Ainda vale ressaltar que muitos capítulos foram oriundos de trabalhos já publicados como artigos de periódicos, ou vice-versa, acontecendo, algumas vezes, replicações de um mesmo texto.

Na perspectiva da literatura produzida nos anais de eventos, os trabalhos completos se destacam em relação aos resumos, conforme a Tabela 36.

**Tabela 36** - Publicações em Anais de eventos

<b>Pesquisador</b>	<b>Trabalhos completos em anais de eventos</b>	<b>Trabalhos completos em anais de eventos sobre a temática</b>	<b>Resumos expandidos</b>	<b>Resumos expandidos sobre a temática</b>	<b>Resumos</b>	<b>Resumos sobre a temática</b>
AUTOR A	46	38	0	0	2	2
AUTOR B	31	23	0	0	2	0
AUTOR C	24	6	0	0	5	2
AUTOR D	57	28	0	0	10	5
AUTOR E	31	30	0	0	2	1
AUTOR F	16	9	0	0	1	0
AUTOR G	66	23	5	1	19	4
AUTOR H	40	11	8	0	38	4
AUTOR I	6	5	3	0	13	2
AUTOR J	31	17	6	3	8	4
AUTOR K	66	52	9	2	1	1
AUTOR L	8	8	0	0	1	0
Total	422	250	31	6	102	24

Fonte: Dados da pesquisa, 2018

Os trabalhos completos publicados em anais de eventos são instrumentos bem valorizados entre os pesquisadores, incluindo os anais dos ENANCIB, que recebem status de periódicos, sendo-lhes atribuídos estrato Qualis B1. Os pesquisadores que mais recebem destaque na publicação de trabalhos completos são os Autores K e G com 66 artigos cada, assim

como o Autor D com 57 artigos. Quando se restringe aos trabalhos sobre a temática epistemologia e historiografia da Ciência da Informação, os professores que mais se destacaram foram os Autores K, A, E e D com, respectivamente, 52, 38, 30 e 28 publicações. Os trabalhos sobre a temática em questão configuram 52% das publicações no universo de todos os trabalhos completos publicados em anais de eventos.

Em relação aos resumos expandidos, apresentaram publicações para esse gênero os Autores G, H, I, J e K, sendo que desses apenas os Autores G, J e K têm em seus currículos uma, três e duas publicações, nesta ordem. Os resumos expandidos relacionados à temática epistemológica equivalem a 19,5% da produção total por parte dos pesquisadores. Para os resumos, com exceção dos Autores B, F e L, que não tiveram publicações, os autores que têm os maiores números de trabalhos foram H com 38 resumos, G com 19 publicações e F com 13 resumos publicados. No direcionamento dos resumos sobre a temática em tela, quatro pesquisadores se evidenciam o número de suas publicações: os Autores D, com cinco resumos, G, H e J, com quatro publicações cada. Dos 102 resumos, 23,5% trabalham a temática epistemologia e historiografia da Ciência da Informação.

Nesse direcionamento, em relação às bancas de avaliações de trabalhos de dissertação de mestrado, teses de doutorado, monografias/trabalhos de conclusão de curso (TCC), os pesquisadores, dependendo do tempo de atuação na academia, tendem a ter um maior número de participação em bancas de um determinado segmento, em detrimento de outro.

**Tabela 37 - Participação em bancas de avaliação**

<b>Pesquisador</b>	<b>Bancas de TCC - geral</b>	<b>Bancas de TCC - sobre a temática</b>	<b>Bancas de mestrado - geral</b>	<b>Bancas de mestrado sobre a temática</b>	<b>Bancas de doutorado - geral</b>	<b>Bancas de doutorado sobre a temática</b>
AUTORA	21	2	19	7	16	9
AUTOR B	66	3	9	5	1	0
AUTOR C	7	0	15	1	3	0
AUTOR D	0	0	10	2	14	6
AUTORE	0	0	27	14	38	22
AUTOR F	0	0	3	3	1	0
AUTOR G	8	0	20	3	9	4
AUTOR H	53	1	110	4	20	4
AUTOR I	17	3	3	2	3	1
AUTOR J	12	0	48	11	26	9
AUTOR K	2	0	43	6	24	4
AUTOR L	64	5	17	0	0	0
Total	250	14	324	58	155	59

Fonte: Dados da pesquisa, 2018

Os pesquisadores mais antigos na academia geralmente tendem a participar mais de bancas de avaliação de mestrado e de doutorado, sendo poucos, até mesmo nenhum, os registros

em relação a TCC. Os autores que mais se destacaram para o TCC foram os Autores B com 66 bancas, L com 64 e H, com 53 bancas de avaliação de TCC com temáticas em geral. Para a temática da epistemologia e historiografia da Ciência da Informação, os pesquisadores destacados são os Autores L, B e I com 5, 3 e 3 bancas de TCC cada, nessa sequência. Apenas 5,5% dos TCC foram sobre preceitos epistemológicos da área.

Acerca das bancas de avaliação de mestrado, o número é bem maior de evento, tendo como destaque os professores Autor H com 110 bancas de mestrado, mas tendo apenas quatro bancas sobre epistemologia. Em seguida, vêm os Autores J e K, com o registro de 48 e 43 bancas de avaliação de mestrado, nessa ordem. No aspecto epistemológico, os pesquisadores tiveram os maiores números de participação em bancas de mestrado: os Autores E com 14 bancas, J com 11 eventos e A com 7 bancas. Das 324 bancas de mestrado, 18% das bancas foram relacionadas à temática em tela.

Já quando se verifica a participação dos pesquisadores em bancas de avaliação de tese de doutorado, o Autor L, no momento da coleta de dados, não havia participado de nenhuma banca, já os Autores B e F participaram somente de uma banca. Esse comportamento, aparentemente, não está diretamente ligado ao tempo de dedicação à academia e sim às relações estabelecidas de acordo com a inserção em programas de Pós-Graduação, como membro permanente, e a produtividade científica. Isso pode ser inferido porque o que fez os pesquisadores desse recorte terem mais participação em banca de doutorados, mesmo tendo alguns o mesmo tempo de dedicação à academia, foram as características anteriormente descritas.

Em relação ao número de participação nessas bancas, o Autor E se destaca com 38 participações, o Autor J com 26 contribuições, o Autor K com 24 indicações e o Autor H com 20 trabalhos apresentados. No tocante à temática epistemológica e historiográfica da área, o Autor E revela a participação em 22 bancas de avaliação de teses de doutorado, e outros autores que se destacam são o Autor J e Autor A com 9 participações cada. Esse recorte registra 155 bancas de avaliação de teses de doutorado, sendo que desses 38% são sobre a epistemologia e historiografia da Ciência da Informação, um percentual bem maior do que o que foi registrado para as bancas de mestrado (18%).

Outro ponto observado nesse recorte foi as orientações de trabalhos acadêmicos por parte desses 12 pesquisadores, no qual se verificam as orientações de TCC, mestrado e doutorado. Os comportamentos dos pesquisadores se distinguem em relação ao tempo de regência nos institutos de ensino superior, pois os pesquisadores mais antigos apresentam

poucas orientações de TCC em relação aos pesquisadores mais novos, o que pode ser explicado pela exigência do referido gênero ser um fato recente na academia, especificamente quando aconteceram as reformulações das matrizes curriculares dos cursos, deixando o TCC como requisito parcial para obtenção do grau da graduação. Assim, a Tabela 38 também apresenta os dados referentes as orientações em suas diversas modalidades.

**Tabela 38 - Orientações concedidas pelos 12 pesquisadores**

<b>Pesquisador</b>	<b>TCC - geral</b>	<b>TCC sobre a temática</b>	<b>Mestrado - geral</b>	<b>Mestrado - sobre a temática</b>	<b>Doutorado - geral</b>	<b>Doutorado - sobre a temática</b>
AUTOR A	25	9	10	3	10	8
AUTOR B	32	4	7	4	4	2
AUTOR C	8	5	31	8	0	0
AUTOR D	0	0	79	7	32	16
AUTOR E	0	0	33	14	29	19
AUTOR F	0	0	4	3	2	2
AUTOR G	0	0	20	3	9	4
AUTOR H	40	0	46	0	9	0
AUTOR I	9	3	1	1	0	0
AUTOR J	26	0	15	4	10	5
AUTOR K	21	3	31	3	9	2
AUTOR L	31	4	13	1	0	0
Total	192	28	290	51	114	58

Fonte: Dados da pesquisa, 2018

Como já observado, as orientações dos TCC foram concentradas nos autores doutores com títulos mais recentes e ligados a curso de graduação, uma vez que nesse grupo há pesquisadores que estão apenas como colaboradores nos programas de Pós-Graduação. Contudo, para esses não foi identificado nenhum registro na sua carreira acadêmica. Os autores que tiveram o maior número de orientações de TCC foi o Autor H com 40 registros, o Autor L com 31 e o Autor B com 32 orientações. Os Autores D, E, F e G não evidenciaram registros de orientação da referida modalidade em seus currículos, publicados na Plataforma Lattes.

Para a temática em questão, mesmo sendo considerado algo ainda incipiente na graduação, houve alguns registros de trabalhos. Para esse contexto, os pesquisadores que mais apresentam orientação de TCC são o Autor A, com 9 bancas das 25 das quais participou, e o Autor C, com 5 das 8 bancas de TCC que avaliou. Nesse recorte, há o registro de 192 TCC, dos quais 14,5% tratam dos preceitos epistemológicos da área, com direcionamento para uma revisão de literatura ou levantamento do estado da arte acerca da temática.

Quanto às orientações de mestrado, têm recebido destaque os Autores D com 79 orientações, H com 46, E com 33, assim como C e K com 31 orientações cada. Em relação à temática epistemológica, destacam-se o Autor E com 14 orientações, e os Autores C e D com 8



e 7 orientações, respectivamente. Vale ressaltar que o Autor H, mesmo 46 orientações de dissertações de mestrado, não orientou nenhuma pesquisa de mestrado sobre a epistemologia da área. Já em representação percentual, o Autor B, na condição de ter um número bem menor de orientações de mestrado em relação à maioria dos pesquisadores do recorte (7 orientações), tem 57% de suas orientações relacionadas à epistemologia e historiografia da Ciência da Informação. No recorte geral, 17,5% das 290 orientações de mestrado foram sobre a referida temática.

No grau de orientação de doutorado, os pesquisadores mais antigos da Pós-Graduação, os Autores D e E, têm o maior número de orientação de pesquisas de doutorado, com 32 e 29 orientações, nessa ordem. Esses mesmos pesquisadores foram os que mais se destacaram com as orientações de teses de doutorado relacionadas à temática epistemológica e historiográfica da área, com 19 orientações para o Autor E e com 16 teses orientadas para o Autor D. Ressalte-se que Autor A orientou 10 trabalhos de doutorados, sendo 8 relacionadas à temática em destaque. Os Autores C, I e L ainda não tiveram registrado orientações de pesquisa de doutorado, devido ao tempo em que receberam o título de doutorado e o ingresso em programas de Pós-Graduação. Em um aspecto mais geral, das 114 teses de doutorado registradas 51% das pesquisas foram sobre epistemologia e historiografia da Ciência da Informação.

A partir dessas orientações, os autores estabeleceram relações com seus orientandos e com outros parceiros que permitiram a publicação de artigos em regime de colaboração. Nessa pesquisa, foi constatado que quanto maior a publicação com orientandos maior a produtividade em relação aos demais pesquisadores. A Tabela 39 apresenta o quantitativo de artigos em colaboração e os de autoria única no contexto dos 12 pesquisadores.

**Tabela 39 - Artigos em colaboração e autoria única**

<b>Pesquisador</b>	<b>Artigos</b>	<b>Em colaboração</b>	<b>Autoria única</b>	<b>% artigos em colaboração</b>	<b>% artigos de autoria única</b>
AUTOR A	48	28	20	58,5	41,5
AUTOR B	18	15	3	83,5	16,5
AUTOR C	65	35	30	54	46
AUTOR D	35	17	18	48,5	51,5
AUTOR E	41	6	35	14,5	85,5
AUTOR F	21	12	9	57	43
AUTOR G	53	43	10	81	19
AUTOR H	28	13	15	46,5	53,5
AUTOR I	15	4	11	26,5	73,5
AUTOR J	84	45	39	53,5	46,5
AUTOR K	125	90	35	72	28
AUTOR L	49	30	19	61	39

Fonte: Dados da pesquisa, 2018

Em percentual, os professores que mais se destacaram com relação aos artigos em regime de colaboração foram os Autores B com 83,5%, G com 81% e K com 72% de artigos em colaboração com diversos pesquisadores, oportunizando-se a parceria com o compartilhamento de conhecimentos. O Autor E apresenta o menor percentual, 14,5%, de artigos em colaboração, mesmo tendo um número considerável de artigos publicados (41), seguido pelos pesquisadores Autor I com 26,5% das publicações.

O tipo de relação para os artigos em colaboração pôde se configurar pelas parcerias com pesquisadores da mesma instituição, parecerias interinstitucionais, parcerias entre orientandos e orientadores, conforme pode ser visto na Tabela 40.

**Tabela 40** – Publicações de artigos em coautoria – identificação de relação à época da publicação

<b>Autores</b>	<b>Total de coautores</b>	<b>Total de ocorrências com orientandos</b>	<b>Total de ocorrências de coautoria da mesma instituição</b>	<b>Total de ocorrências de coautoria de instituições diferentes</b>	<b>Total de ocorrências com orientadores</b>
AUTOR A	26	15	7	4	1
AUTOR B	23	6	9	9	2
AUTOR C	25	19	13	17	0
AUTOR D	27	9	10	16	0
AUTOR E	5	1	2	3	0
AUTOR F	11	4	0	7	6
AUTOR G	29	38	2	15	0
AUTOR H	13	5	2	9	0
AUTOR I	3	0	0	3	1
AUTOR J	23	23	27	8	0
AUTOR K	79	66	38	40	10
AUTOR L	39	14	13	15	9

Fonte: Dados da pesquisa, 2018

A priori, pode-se ressaltar que os autores que estão mais inclinados à produção em colaboração têm a maior taxa de publicação de artigos, como é verificado com o Autor K e o Autor J, que são os pesquisadores do recorte com maior publicação de artigos, 125 e 84, respectivamente, e que mantêm um número de colaboração que os destaca de seus pares. Nessa observação, os pesquisadores que apresentaram o maior número de coautores foram os Autores K com 79 colaboradores, L (considerado jovem) com 39 coautores e G com 29 parceiros.

O pesquisador Autor I, considerado ainda incipiente na Pós-Graduação, possui 15 artigos e estabelece parceria com 3 coautores, sendo que um foi seu orientador e os outros dois

foram colegas de curso de doutorado e hoje também são professores universitários. O referido pesquisador tem, dos seus 15 artigos publicados, 26,5% em regime de colaboração, segunda menor taxa do recorte. Com características semelhantes, tem-se o pesquisador Autor E, o pesquisador com maior tempo de academia desse recorte, que possui 41 artigos publicados, sendo que desses o percentual em colaboração é de 14,5%, a menor taxa do recorte, estabelecendo relações com apenas 5 parceiros. Sendo assim, o tempo de academia não é um fator determinante para estabelecer a produção em coautoria.

Os pesquisadores com a maior incidência de coautorias com orientandos são o Autor K com 66 ocorrências, Autor G com 38 e o Autor J com 23, ressaltando que esse número não corresponde à quantidade de orientandos, mas sim ao número de artigos com orientandos. Na contramão, o Autor E apresenta apenas uma ocorrência de publicação de artigo com orientando. As publicações com orientandos foram interessantes para a maioria dos pesquisadores, uma vez que novas políticas de submissão de trabalhos foram implementadas, o que possibilitaram que estudantes juntos a seus orientadores publicassem resultados das suas pesquisas. Um contrato benéfico para ambas as partes, pois os pesquisadores incrementaram seus currículos, aumentando sua produtividade estatisticamente e permitindo a progressão na carreira.

Quando se observam as parcerias entre pesquisadores da mesma instituição, desconsiderando os orientandos, o Autor K também se destaca com 38 ocorrências juntamente com o Autor J com 27. Já no direcionamento de parecerias interinstitucionais, o Autor K também se evidencia, distanciando-se dos demais com o registro de 40 ocorrências, enquanto os mais próximos foram o Autor C com 17 ocorrências, o Autor D com 16, o Autor G e o Autor L com 15 ocorrências de parcerias interinstitucionais. Ainda na perspectiva de publicações em parceria com orientadores, o Autor K se destaca com 10 ocorrências, seguido pelo Autor L com 9 e pelo Autor G com 6 publicações com seus orientadores. Na via contrária, os professores que tiveram o menor número de ocorrência com seus orientadores foram o Autor B com 2 publicações, o Autor A e o Autor I com uma publicação cada, sem citar os pesquisadores que não tiveram nenhum registro com seus mestres, como os Autores C, D, E, G, H e J. Desse grupo, apenas o Autor J é considerado da geração mais recente de pesquisadores da área.

Para a publicação em regime de colaboração, considerando que os Autores C, D, E, G, H e K são considerados pesquisadores de vanguarda, e que os Autores A, B, F, I, J e L são os pesquisadores com a inserção como docentes nos programas de Pós-Graduação nos últimos 10 anos, percebe-se que os pesquisadores mais novos apresentam leve tendência a produzir em

colaboração, pois a média do percentual de artigos em colaboração é maior para esse grupo, 56,5 de média, enquanto que para os pesquisadores de vanguarda a média dos percentuais é de 52,5. Assim, a escolha na forma de estabelecer parcerias entre os pesquisadores se inclina para uma acentuação, em detrimento dos artigos de autoria única. Mas, independente da forma, o que se precisa observar é a qualidade das produções sem que o anseio pela alta produtividade favoreça os desvirtuamentos da finalidade da ciência, como já apontara Machado, Jesus e Silva (2012).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em redor, tudo parado. Estático. No silêncio da madrugada, nem o piar de um pássaro, nem o farfalhar de uma folha. Inclinou-se arquejante. Era o caçador? Ou a caça? Não importava, não importava, sabia apenas que tinha que prosseguir correndo sem parar por entre as árvores, caçando ou sendo caçado. Ou sendo caçado?...

(Lygia Fagundes Telles)

Estudar as estruturas institucionais que fomentam as pesquisas epistemológicas e histográficas da Ciência da Informação foi o alvo desta caçada científica, percebendo as pistas que configuram as instituições, as normas, as parcerias, a produtividade, os canais de comunicação, os perfis dos pesquisadores e as frentes de pesquisa. Uma busca com perspectivas descritivas de todo esse organismo que constitui o campo científico, mesmo consciente de possíveis riscos, como se deparar com um possível *locus* da luta pelo capital científico da concepção de Bourdieu (1983).

A caça à produtividade dos pesquisadores acerca da temática epistemologia e historiografia da Ciência da Informação mostrou tendências de relações na produção dos trabalhos científicos, o que validou alguns preceitos de pesquisadores dos estudos métricos, assim como possibilitou novas configurações relacionadas aos novos modos de publicação científica e como isso influenciou para que a produtividade venha numa forte crescente nos últimos anos.

Dessa forma, percebe-se que os pesquisadores se envolveram numa trama que busca o alinhamento entre ser produtivo e ser referência para os demais pesquisadores, na busca pela autoridade científica, assim como o investimento para o acúmulo do capital científico, necessário, segundo as estruturas normativas, para angariar recursos de fomento para suas pesquisas. Diante desse contexto, essa pesquisa caçou indícios acerca da temática epistemologia e historiografia da Ciência da Informação

Quanto à produtividade dos autores do recorte dessa pesquisa, no contexto geográfico a Região Sudeste tem a supremacia em todos os aspectos avaliados, porque tem, em seu território, os primeiros cursos de Pós-Graduação da Ciência da Informação e os primeiros grupos e linhas de pesquisa sobre a referida temática. Contudo, percebe-se uma ascensão dessa produtividade nas regiões Sul e Nordeste, que vem com um número crescente de novos programas de Pós-Graduação na área. A Região Norte ainda precisa de implementação de políticas públicas para que estudos relacionados à Ciência da Informação sejam desenvolvidas em instituições de

pesquisa da região. A UnB carrega toda responsabilidade produtiva da Região Centro-Oeste, o que demonstra que os outros estados da referida região também precisam da inserção de programas de Pós-Graduação na área.

Foram identificados 442 pesquisadores responsáveis por publicações acerca da temática em questão, sendo que 71,5% desses publicaram apenas uma vez, o que mais uma vez evidenciou a Lei de Lotka. Percebe-se, desse modo, que há uma alta rotatividade entre os pesquisadores no GT-1 dos ENANCIB, como já informava González de Gómez (2007), assim como nos periódicos indexados na Brapci. Isso pode configurar o caráter democrático dos veículos de comunicação científica no que se refere ao acompanhamento das pesquisas concluídas ou em andamento, como também pode caracterizar uma dispersão temática para os autores, ou seja, pesquisadores que se dedicam a outras temáticas que resultaram em uma discussão conceitual, o que permitiu as publicações sob o embasamento epistêmico e historiográfico da Ciência da Informação nesses canais de comunicação científica.

Assim, na produção científica desses autores, o fato de o pesquisador estar no grupo de elite de uma determinada temática não significa que a qualidade do seu trabalho se evidencia. É necessário que sua produção tenha impacto referencial, o que o colocaria também no grupo de frente de pesquisa. Dessa forma, nessa pesquisa, alguns pesquisadores puderam compor, ao mesmo tempo, tanto o grupo de elite da temática em tela quanto o grupo frente de pesquisa, mas as configurações se deram de forma diferente para cada grupo. As primeiras posições do grupo de elite estão ocupadas por pesquisadores que entraram na pós-graduação a menos de 10 anos, enquanto os pesquisadores que ocupam as duas primeiras posições na frente brasileira de pesquisa da temática são professoras com mais de 30 anos de dedicação à docência da área, ambas pertencentes também ao grupo de elite.

Sobre a qualidade das produções, reafirmou-se que os estratos Qualis para periódicos não podem julgar a qualidade individual dos artigos, uma vez que artigos com grandes contribuições para área podem ter sido publicados em periódicos com níveis baixos nos estratos. Contudo, são considerados instrumentos que podem analisar os periódicos no atendimento a critérios estabelecidos de verificação de qualidade e produtividade determinados pela Capes. Em outras palavras, são instrumentos para avaliação coletiva da produtividade.

Observou-se que o crescimento das publicações foi altamente influenciado pelo surgimento de novos periódicos na área, pelas regularidades de periodicidade dos periódicos de um modo geral, bem como a institucionalização de novos programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação, com seus instrumentos de publicação e divulgação científica.

No cumprimento das proposições iniciais dessa pesquisa, considera-se que os objetivos desta tese foram alcançados, pois a investigação sobre a produção e o desenvolvimento da Ciência da Informação, a partir das comunicações científicas dos estudiosos da epistemologia e historiografia da área, permitiu identificar os pesquisadores mais atuantes da temática e a descrição das relações estabelecidas entre os autores, além de levantar vários perfis acadêmicos dos referidos pesquisadores.

Diante disso, identificou-se um pequeno coletivo de pesquisadores que dão consistência e continuidade aos trabalhos acerca da temática, validando, dessa forma, a Hipótese 1 dessa pesquisa.

A Hipótese 2 foi comprovada ao se perceber que, dentro do recorte dos 50 autores, a inserção dos pesquisadores na produção acerca da temática se dá pelas pesquisas de mestrado e de doutorado, quando foi constatado que 53% das dissertações de mestrado e 56% das teses de doutorado abordaram temáticas sobre a epistemologia e historiografia da Ciência da Informação, e a outra parte dos pesquisadores adentraram no tema a partir dos grupos de pesquisa.

Dessa maneira, também houve a validação da Hipótese 3, que atenta para a configuração diferente na composição nos grupos núcleos de pesquisadores mais atuantes do GT-1 e dos artigos de periódicos indexados na Brapci. Acrescenta-se, a essa constatação, a diferença no núcleo dos pesquisadores que pertencem ao grupo de elite e no núcleo dos autores do grupo frente de pesquisa da temática.

Em relação às circunstâncias da produção de trabalhos de autoria única ou em regime de colaboração, a maioria dos trabalhos, nos dois canais de comunicação científica, foi construída em colaboração, estabelecendo-se relações de coautoria entre orientadores e orientandos, além de parcerias entre pesquisadores dos mesmos grupos de pesquisa. Nessa pesquisa, foram identificados autores bolsistas de produtividade de pesquisa CNPq com alta produtividade, sendo que uma parte considerável dos seus artigos foram escritos com orientandos, o que permitiu que pesquisadores chegassem a publicar mais de 10 artigos por ano em periódicos da área.

Dessa maneira, foram estabelecidas relações de interesse mútuo, uma vez que os professores incrementam seus currículos a título de progressão profissional e fomento de suas pesquisas, na medida que os estudantes procuram sua inserção definitivamente no meio acadêmico. Relações essas consideradas de poder, que podem se configurar, quando não inibidas, em ambientes insalubres de assédios morais.

Há também a relação entre parceiros de mesma instituição ou instituição diferente, mas que nutrem interesse comum acerca da temática, participam de mesmo grupo de pesquisa, ou participam conjuntamente de bancas de avaliações de pesquisa que derivam produções em colaboração. Essas relações podem figurar no campo da colaboração, o que contribui para o avanço coletivo da ciência, ou ambiente de competitividade, onde os sucessos são mais individuais do que coletivos.

Adiante, os autores identificados nessa pesquisa procuraram publicar em periódicos cujos estratos Qualis se caracterizam como os mais altos. O estrato Qualis B1 foi o que obteve o maior número de publicações, seguido do estrato Qualis A1 e estrato Qualis A2, o que caracteriza a busca pela submissão de trabalhos a fontes com maiores critérios de qualidade de avaliações, permitindo-se a inferência pela qualidade dos referidos trabalhos.

Esses pesquisadores, na sua maioria, estão em regência nas universidades, participando também de pesquisas e projetos de extensão. Percebeu-se que a Biblioteconomia tem a maior representatividade na formação inicial desses pesquisadores, e a Ciência da Informação é responsável pela maioria das titulações de mestrado e doutorado dadas a esses autores.

A partir dos resultados desta pesquisa, algumas reflexões se fazem necessárias para que o progresso da produtividade sobre a temática tenha uma ascensão bem mais qualitativa do que quantitativa. É necessário um alinhamento com preceitos mais qualitativos na produção científica sobre a epistemologia e historiografia da Ciência da Informação. Essa é uma área muito sensível, cujas verdades se comprovam pelos construtos de ideias compostas por vieses historiográficos e conceituais.

A temática tem uma importância fundamental para a área, pois através dos perfis dos pesquisadores aqui expostos, percebeu-se que as visões interdisciplinares acontecem, uma vez que há o tratamento dos conceitos sobre alguns processos relacionados à informação, possibilitando a transformação e adaptação dos conceitos à Ciência da Informação. É nesse campo que as correntes teóricas são percebidas e suas raízes têm sustentado a copa do conhecimento da área.

Estudar a epistemologia se torna uma caça às ideias ou às características de produção acerca do tema, configura-se como o sustentáculo da essência temática, é a captura de perspectivas de pensamento, desenvolvendo a expansão do conhecimento. Assim, os estudos devem ser contínuos acerca da temática, pois as ideias se conflitam e surgimentos de novas pensamentos se tornam possíveis, pois como argumenta Wilson (2008, p. 14),



Nenhuma teoria pode ser considerada absolutamente verdadeira para sempre, ela somente existe como um conjunto de ideias que funcionam, mas que aguardam refutação. Algumas teorias persistem por séculos antes de serem rejeitadas como resultado de novas descobertas, algumas são muito transitórias e são dominantes por um ano ou dois e então desaparecem.

Isso justifica a extrema necessidade de manter os estudos epistemológicos atualizados, pois são base para o construto teórico e metodológico da área, o que permite visualizar as tendências de concepções conceituais e metodológicas. Essa pesquisa ganha um grau de importância para área quando consegue expor a produtividade acadêmica sobre a área e as múltiplas relações estabelecidas na produção científica.

Para a Ciência da Informação (CI), os estudos sobre questões epistemológicas tornam-se fundamentais, pois [...] ela é dotada de um alto grau de complexidade em função da sua recente consolidação e do seu multifacetado objeto de estudo: a informação. Considerando-se que o desenvolvimento de uma ciência é refletido na produção científica, ou seja, que por meio das publicações a comunidade científica tem acesso a um novo conhecimento e o torna legítimo, o estudo da comunicação científica possibilita o exame e a avaliação dos conteúdos produzidos pelos cientistas, bem como as tendências, métodos e influências teóricas. (ARBOIT; BUFREM; FREITAS, 2010)

A produtividade deve estar associada à qualidade, porque o reflexo que o trabalho produz na ciência permite sua interdiscursividade além das cercas de produto científico, seus resultados resultam em benesses para sociedade como todo. Daí a necessidade de se cuidar para que os pesquisadores não adoeçam de “normose acadêmica”<sup>12</sup>, o que evita a criatividade e a livre iniciativa para o desenvolvimento do novo nas instituições de pesquisa.

O novo que esta pesquisa pode apontar é uma trilha que, a partir do grupo da frente de pesquisa, possa estabelecer as relações temáticas entre os trabalhos, identificando as correntes epistemológicas e a análise discursiva do construto interdiscursivo dos trabalhos científicos. A novidade também pode se dar pelas ligações entre as orientações fornecidas pelos pesquisadores, podendo chegar ao patriarca ou matriarca da Ciência da Informação no Brasil.

Outras perspectivas podem ser observadas depois desta pesquisa, sobre como a produtividade científica tem afetado a qualidade dos trabalhos sobre a epistemologia da área, assim como perceber como as novas conjunturas políticas poderão influenciar os trabalhos acerca da referida temática.

Em suma, esta pesquisa demonstrou a importância dos estudos métricos para a epistemologia e historiografia da Ciência da Informação, e que os pesquisadores dessa temática

---

<sup>12</sup> Termo usado pelo professor Renato Santos de Souza (2014) para se referir à não criticidade do produtivismo acadêmico.

possam se enxergar e se motivar para ver como podem continuar contribuindo com os avanços da discussão desse tema, considerado o alicerce teórico e metodológico dessa ciência social.

Enfim, a caçada é longa, pôde-se aproveitá-la nas estações que já se passaram, agora é inverno, o frio é muito forte, a escassez de alimentos é evidente, o curativo na ferida é necessário ... e, para sobreviver, resta seguir as pegadas dessa caça...

Tiago Silva

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, António Manuel Passos. Epistemologia do conhecimento em Michel Foucault: os museus e as suas coleções. **Ensaio e Práticas em Museologia**, Porto, Departamento de Ciências e Técnicas do Património da FLUP, v. 2, p. 37-56, 2012.
- ALVARES, Lillian; ARAÚJO JUNIOR, Rogério Henrique de. Marcos históricos da ciência da informação: breve cronologia dos pioneiros, das obras clássicas e dos eventos fundamentais. **Transinformação**, Campinas, v. 22, n. 3, p. 195-205, dez. 2010.
- ALVES, Rubens. **Filosofia da ciência**: introdução ao jogo e suas regras. 20. ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- ANCIB - ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO. 2016. Disponível em: Disponível em: <http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/index>. Acesso em: jan. 2017.
- ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Bibliometria: evolução histórica e questões atuais. **Em Questão**. Porto Alegre, v. 12, n. 1, p. 11-32, jan./jun. 2006.
- ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Correntes teóricas da ciência da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 38, n. 3, p.192-204, set./dez., 2009.
- ARAÚJO, Vania Maria Rodrigues Hermes de. **Sistemas de recuperação da informação**: nova abordagem teórico conceitual. 1994. 240 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1994.
- ARBOIT, Aline Elis; BUFREM, Leilah Santiago; FREITAS, Juliana Lazzaroto de. Configuração epistemológica da Ciência da Informação na literatura periódica brasileira por meio de análise de citações (1972-2008). **Perspectiva em Ciência da Informação**, v. 15, n. 1, p. 18-43, jan./abr. 2010.
- BARRETO, Aldo de Albuquerque. A condição da informação. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 16, n. 3, p. 1-12, jul./set. 2002.
- BASE DE DADOS DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (BRAPCI). 2018/2019. Disponível em: <http://www.Brapci.inf.br/index.php>. Acesso em: 10 nov. 2018 e jan./fev. 2019.
- BASTOS, Flavia Maria. **Organização do conhecimento em bibliotecas digitais de teses e dissertações**: análise da aplicabilidade das teorias macroestruturais para categorização de áreas de assunto. 2005. 111 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, UNESP – Universidade Estadual Paulista, Marília, 2005.
- BATES, Marcia J. The invisible substrate of information science. **Journal of the American Society for Information Science**, v. 50, n. 132, p. 1043-1050, 1999.
- BELENS, Adroaldo de Jesus; PORTO, Cristiane de Magalhães. Ciência e tecnologia, uma abordagem histórica na sociedade da informação. In: PORTO, Cristiane de Magalhães (Org.) **Difusão e cultura científica**: alguns recortes [online]. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 23-43.

BJÖRK, Bo-Christer. A model of scientific communication as a global distributed information system. **Information Research**, v. 12, n. 2, jan. 2007.

BORKO, Harold. Information Science: What is it? **American Documentation**, v. 19, n. 1, p. 3-5, jan. 1968.

BOURDIEU, Pierre. O campo científico. In: BOURDIEU, Pierre. **Sociologia**. São Paulo: Atica, 1983. p. 122-155.

CAPURRO, Rafael. Epistemologia e Ciência da Informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB, 5. **Anais [...]** Belo Horizonte: ECI/UFMG, 2003. [não paginado].

CAPURRO, Rafael; HJØRLAND, Birger. O conceito de informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, p. 148-207, jan./abr. 2007.

CARDOSO, Ana Maria Pereira. Pós-modernidade e informação: conceitos complementares? **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 63-79, jan./jun. 1996.

CORREIA, Elisa Cristina. Os artigos científicos em tempos de Web 2.0: uma reflexão teórica. **Revista ACB: Biblioteconomia, Santa Catarina** v. 17, n. 1, p. 42-58, jan./jun. 2012.

COSTA, Francisco José da. **Mensuração e Desenvolvimento de Escalas: Aplicações em Administração**. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2011.

COSTA, Regina Calderipe. construção do conhecimento científico segundo algumas contribuições da epistemologia de Bachelard. In: MORAES, Roque (Org.). **Construtivismo e ensino de ciências: reflexões epistemológicas e metodológicas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000. p. 69-102.

COSTA, Sely Maria de Souza. Abordagens, estratégias e ferramentas para o acesso aberto via periódicos e repositórios institucionais em instituições acadêmicas brasileiras. **LIINC em revista**, v. 4, n. 2, p. 2018-232, set. 2008.

COSTA, Sely Maria de Souza. Mudanças no Processo de Comunicação Científica: o impacto do uso de novas tecnologias. In: MUELLER, Suzana Pinheiro Machado; PASSOS, Edilenice J. L. (Orgs.). **Comunicação Científica**. Brasília: UnB, 2000. p. 85-105.

CRUZ, Robson Nascimento da. História e Historiografia da Ciência: considerações para pesquisa histórica em análise do comportamento. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, v. 8, n. 2, p. 161-178, jul./dez. 2006.

CURRICULO LATTES. Disponível em:

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/busca.do?metodo=apresentar>. Acesso em: jan. 2018.

DANCY, Jonathan. **An Introduction to Contemporary Epistemology**. Blackwell: Oxford, 1985.

DENZIN, Norman Kent e LINCOLN, Yvonna Sessions. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, Norman Kent; LINCOLN, Yvonna Sessions. (Orgs.). **O**

**planejamento da pesquisa qualitativa:** teorias e abordagens. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-41.

DICIONÁRIO AURÉLIO. 2017. Disponível em:  
<https://dicionariodoaurelio.com/epistemologia>. Acesso em: nov. 2017.

DUARTE, Emeide Nóbrega. – **Análise da produção científica em gestão do conhecimento:** estratégias metodológicas e estratégias organizacionais. 2003. 300 f. Tese (Doutorado em Administração) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas, CCSA, UFPB – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2003.

FIGUEIREDO, Nice. Paul Otlet e o centenário da FID. *In*: INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA. **Organização do conhecimento e sistemas de classificação**. Brasília: IBICT, 1996. p. 14-19.

FONSECA, João José Saraiva da. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

FOSKETT, Douglas John. Ciência da informação como disciplina emergente: implicações educacionais. *In*: GOMES, Hagar Espanha (Org.). **Ciência da informação ou informática**. Rio de Janeiro: Calunga, 1980. p. 53-69.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, Pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

FREIRE, Gustavo Henrique de Araújo. Ciência da informação: temática, histórias e fundamentos. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 11, n. 1, p. 6-19, jan./abr. 2006.

FREIRE, Gustavo Henrique de Araújo; SILVA, Jonathas Luiz Carvalho. A configuração do campo da Ciência da Informação: marcas de uma identidade. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 22, p. 161-174, Número Especial 2012.

FREIRE, Isa Maria. **A responsabilidade social da ciência da informação e/ou O olhar da consciência possível sobre o campo científico**. 2001. 166 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação). Convênio CNPq/IBICT – UFRJ/ECO, Rio de Janeiro, 2001.

FREIRE, Isa Maria. Mediação da informação: um olhar sobre o portal LTi a partir literatura indexada na Brapci. **Informação & Informação**, Londrina, v. 19, n. 2, p. 23-45, maio/ago. 2014.

FREIRE, Isa Maria. Um olhar sobre a produção científica brasileira na temática epistemologia da ciência da informação. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v. 1, n. 1, p. 1-31, 2008.

FUMERTON, Richard. **Epistemologia**. Petrópolis - RJ: Vozes, 2014. (Coleção Epistemologia)

GABRIEL JUNIOR, Rene Faustino. **Geração de indicadores de produção e citação científica em revistas de Ciência da Informação**: estudo aplicado à base de dados BRAPCI.

2013. 140 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, UNESP – Universidade Estadual Paulista, Marília, 2014.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GINZBURG, Carlos. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

GOFFMAN, William. Information Science: discipline or disappearance. **ASLIB Proceedings**, Bingley, v. 22 n. 12, p. 589-596, dez. 1970.

GOMES, Maria Yêda Falcão Soares de Figueiras. Tendências atuais da produção científica em Biblioteconomia e Ciência da Informação no Brasil. **DataGramaZero: Revista de Ciência da Informação**, v. 7, n. 3, jun. 2006. [não paginado]

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélida. Escopo e abrangência da Ciência da Informação e a Pós-Graduação na área: anotações para uma reflexão. **Transinformação**, Campinas, v. 15, n. 1, p. 31-43, 2003.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélida. **GT1- ESTUDOS HISTÓRICOS E EPISTEMOLÓGICOS DA INFORMAÇÃO**. Transcrição de Palestra. 2007. Disponível em: <http://slideplayer.com.br/slide/284026/>. Acesso em: dez. 2016.

GRAYLING, Anthony Clifford. Epistemology. In.: BUNNIN, Nicholas; TSUI-JAMES, Eric (Orgs.). **The Blackwell Companion to Philosophy**. Cambridge, Massachusetts: Blackwell Publishers Ltd, 1996.

GUEDES, Vânia Lisboa da Silveira. A Bibliometria e a Gestão da Informação e do Conhecimento Científico e Tecnológico: uma revisão da literatura. **Ponto de Acesso**, Salvador, v. 6, n. 2, p. 74-109, ago. 2012.

HASSAN-MONTERO, Yusef. Visualización y Recuperación de Información. In: ENCONTRO DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIAS DA DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO, 2., 2006. Porto. **Anais [...]**. Porto: Escola Superior de Estudos Industriais e de Gestão (Vila do Conde), 2006. [não paginada]. Disponível em: [http://www.nosolousabilidad.com/hassan/visualizacion\\_y\\_recuperacion\\_de\\_informacion.pdf](http://www.nosolousabilidad.com/hassan/visualizacion_y_recuperacion_de_informacion.pdf). Acesso em: 03 maio 2017.

HJØRLAND, Birger. Epistemology and the socio-cognitive perspective in information science. **Journal of the American Society for Information Science and Technology**, v. 53, n. 4, p. 257-270, fev. 2002.

JAPIASSU, Hilton. **Introdução ao pensamento epistemológico**. 5. ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1988.

KOBASHI, Nair Yumiko; TALAMO, Maria de Fátima Gonçalves Moreira. Informação: fenômeno e objeto de estudo da sociedade contemporânea. **Transinformação**, Campinas, v. 15, n. spe, p. 7-21, dez. 2003.

KROPF, Simone Petraglia; LIMA, Nísia Trindade. Os valores e a prática institucional da ciência: as concepções de Robert Merton e Thomas Kuhn. **História, Ciências, Saúde - Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 3, p. 565-581, fev. 1999.

KUHN, Thomas. Samuel. **A estrutura das revoluções científicas**. Tradução de Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. 12. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

LE COADIC, Yves-François. **A ciência da informação**. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 2004.

LIMA, Larissa de Mello. **A INSTITUCIONALIZAÇÃO COGNITIVA E SOCIAL DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO NO BRASIL: uma análise discursiva com base nos anais do GT-1 ENANCIB em sua primeira década**. 2017. 104 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, UNESP – Universidade Estadual Paulista, Marília, 2017.

LOURENÇO, Cíntia de Azevedo. A automação em bibliotecas: análise da produção via Biblioinfo (1986/1994). In: WITTER, Geraldina Porto (Org.). **Produção científica**. Campinas: Átomo, 1997. p. 25-40.

MACHADO, Ana Maria Netto; JESUS, Paula Clarice Grazziotin; SILVA, Ilse Chaves da. A “carta periódica”: um modelo de publicação interativo para superar o produtivismo acadêmico e qualificar a produção científica. In: CONFERÊNCIA FORGES, 2, 2012, Macau (CHINA). **Anais [...]**. Macau: Instituto Politécnico de Macau, 2012. [não paginado]. Disponível em: <http://www.aforges.org/wp-content/uploads/2017/03/Machado-Ana-et-al-UNIPLAC-BR.pdf>. Acesso em: maio 2018.

MACIAS-CHAPULA, César A. O papel da informetria e da cienciometria e sua perspectiva nacional e internacional. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 27, n. 2, p. 134-140, maio/ago. 1998.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MARICATO, João de Melo; NORONHA, Daisy Pires. Indicadores bibliométricos e cientométricos em CT&I: apontamentos históricos, metodológicos e tendências de aplicação. In: HAYASHI, Maria Cristina Piumbato Innocentini.; LETA, Jacqueline (Orgs.). **Bibliometria e Cientometria: reflexões teóricas e interfaces**. São Carlos: Pedro & João, 2012. v. 1, p. 21-41.

MARTINS, Dalton Lopes. Mapeamento da produção científica e participação dos autores nos anais do ENANCIB: uma análise a partir da correlação entre as redes de coautoria e redes de participação nos grupos de trabalho. **RICI**, Brasília, v. 6, n. 2, p. 71-88, ago./dez. 2013.

MARTINS, Roberto de Andrade. Ciência versus historiografia: os diferentes níveis discursivos nas obras sobre história da ciência. In: AFONSO-GOLDFARB, Ana Maria; BELTRAN, Maria Helena Roxo (Orgs.) **Escrevendo a história da ciência: tendências, propostas e discussões historiográficas**. São Paulo: EDUC/Livraria da Física/Fapesp, 2004. p.115-147.

MATTELART, Armand. **História da utopia planetária**: da cidade profética à sociedade global. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2002.

MAZZOTTI, Tarso Bonilha. **Epistemologia das Ciências da Educação**. 1. ed. Marília, SP: Editora Poiesis, 2013.

MEADOWS, Arthur Jack. **A comunicação científica**. Brasília: Briquet de Lemos, 1999.

MERTON, Robert K. El efecto Mateo en la ciencia. In: MERTON, Robert King. **La Sociologia de la Ciencia 2**. Madrid: Alianza Editorial SA, 1977. p. 554-578.

MORRIS, Edward K.; TODD, James T.; MIDGLEY, Bryan D.; SCHNEIDER, Susan M.; JOHNSON, Lisa M. The History of Behavior Analysis: Some Historiography and a Bibliography. **The Behavior Analyst**, n. 13, p. 131-158, 1990.

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. A ciência, o sistema de comunicação científica e a literatura científica. In: CAMPELLO, Bernadete Santos; CENDÓN, Beatriz Valadares; KREMER, Jeannette Marguerite (Orgs.). **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais**. Belo Horizonte; Ed. UFMG, 2000a. p. 21-34 319p. – (Aprender)

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. A comunicação científica e o movimento de acesso livre ao conhecimento. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 35, n. 2, p. 27-38, maio/ago. 2006

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. Periódicos científicos. In: CAMPELLO, Bernadete Santos; CENDÓN, Beatriz Valadares; KREMER, Jeannette Marguerite (Orgs.). **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais**. Belo Horizonte; Ed. UFMG, 2000b. p.73-96. – (Aprender)

NAVES, Madalena Martins Lopes. Aspectos conceituais do browsing na recuperação da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 27, n. 3, 1998. [não paginado]

NORONHA, Daisy Pires; MARICATO, João de Melo. Estudos métricos da informação: primeiras aproximações. **Encontros Bibli**: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, n. esp., 1º sem., p. 116-128, 2008.

NUNES, Lucilene. **Epistemologia e Ciência da Informação**: Um Estudo das Comunicações do GT-1 do ENANCIB. 2009. 132 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, UNESP – Universidade Estadual Paulista, Marília, 2009.

ORTEGA, Cristina Dotta. Relações históricas entre Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação. **DataGramaZero**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 5, out. 2004. [não paginado]

PAVAN, Cleusa; STUMPF, Ida Regina Chitto. Avaliação pelos pares nas revistas brasileiras de Ciência da Informação. **Encontros Bibli**: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, v. 14, n. 28, p. 73-92, 2009.

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro. **A Ciência da Informação entre sombra e luz**: domínio epistemológico e campo interdisciplinar. 1997. 234 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) - UFRJ/ECO, Rio de Janeiro, 1997.



PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro. Campo interdisciplinar da Ciência da Informação: fronteiras remotas e recentes. In: PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro. **Ciência da Informação, ciências sociais e interdisciplinaridade**. Brasília: IBICT, 1999. p. 155-182.

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro. **Lei de Bradford**: uma reformulação conceitual. 1982. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia - IBICT, Rio de Janeiro, 1982.

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro. Processo evolutivo e tendências contemporâneas da Ciência da Informação. **Informação & Sociedade**, v. 15, n. 1, p. 13-48, jan./jun, 2005.

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro; LOUREIRO, José Mauro Matheus. Traçados e limites da ciência da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 24, n. 1, p. 42-53, jan./abr. 1995.

PLATAFORMA LATTES/CNPq. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/>. Acesso em: 03 jan. 2019.

POMBO, Olga. Epistemologia interdisciplinar. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL INTERDISCIPLINARIDADE, HUMANISMO, UNIVERSIDADE. Porto, 2003. **Anais [...]**. Porto, 2003. p. 1-29.

RABELLO, Rodrigo. A Ciência da Informação como objeto: epistemologias como lugares de Encontro. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 17, n. 1, p. 2-36, jan./mar. 2012.

RABELLO, Rodrigo. História dos conceitos e ciência da informação: apontamentos teórico-metodológicos para uma perspectiva epistemológica **Encontros Bibli**: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, v. 13, n. 26, 2º sem. 2008.

RAYWARD, Warden Boyd. The origins of Information Science and the International Institute of Bibliograph/ International Federation for Information and Documentation (FID). **Journal of the American Society for Information Science**, v. 48, n. 4, p. 289-300, 1997.

RENDÓN ROJAS, Miguel Angel. La ciencia de la información en el contexto de las ciencias sociales y humanas. Ontología, epistemología, metodología e interdisciplina. **DataGramaZero**, v. 9, n. 4, ago. 2008. [não paginado]

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

SANTOS, Raimundo Nonato Macedo dos. Indicadores estratégicos em ciência e tecnologia: refletindo a sua prática como dispositivo de inclusão/exclusão. **Transinformação**, Campinas, v. 15, n. spe, p. 129-140, set./dez. 2003.

SANTOS, Raimundo Nonato Macedo dos. Os indicadores bibliométricos: virtudes e limites no contexto da avaliação em Ciência e Tecnologia. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 21, n. 3, p. 319-335, set/dez. 2015

SANTOS, Raimundo Nonato Macedo dos; KOBASHI, Nair Yumiko. Bibliometria, Cientometria, Infometria: conceitos e aplicações. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, João Pessoa, v. 2, n. 1, p. 155-172, 2009.

SARACEVIC, Tefko. Ciência da informação: origem, evolução e relações. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 41-62, jan./jun. 1996.

SCHWEITZER, Fernanda; RODRIGUES, Rosângela Schwarz; RADOS, Gregório Jean Varvakis. Comunicação científica e as tecnologias de informação e comunicação. **Comunicação & Sociedade**, a. 32, n. 55, p. 83-104, jan./jun. 2011.

SCIENTIFIC ELECTRONIC LIBRARY ONLINE - SciELO. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_home&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_home&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: maio 2017.

SILVA, Márcia Regina da; HAYASHI, Maria Cristina Piumbato Innocentini. O que Bourdieu tem a dizer à Bibliometria? *In*: SEGUNDO, José Eduardo Santarem; SILVA, Marcia Regina da; MOSTAFA, Solange Puntel Mostafa (Orgs). **Os pensadores e a Ciência da Informação**. 1.ed. Rio de Janeiro: E-Papers, 2012. p. 9-24.

SILVA, Tiago José da. **Indexação automática por meio da extração e seleção de sintagmas nominais em textos em língua portuguesa**. 2014, 144 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Centro de Artes e Comunicação – CAC, UFPE – Universidade Federal de Pernambuco, Recife-PE, 2014.

SILVA, Tiago José da; FREIRE, Isa Maria. Historiografia e epistemologia no campo da ciência da informação: um olhar sobre a literatura brasileira. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia**, v. 13, n. 1, p. 1-9, 2018.

SILVA, Tiago José da; FREIRE, Isa Maria; OLIVEIRA, Henry Pôncio Cruz de. Participação de Pesquisadores no Grupo de Trabalho Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - ENANCIB, 18, 2017, Marília, SP. Anais [...]. Marília, SP: UNESP, 2017. v. 1. [não paginada]

SOLLA PRICE, Derek J. Network of scientific papers. **Science**, v. 149, n. 3683, p. 510-515, jul. 1965.

SOLLA PRICE, Derek J. **O desenvolvimento da ciência**: análise histórica, filosófica, sociológica e econômica. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1976.

SOUZA, Edivânio Duarte de. **A Ciência da Informação**: fundamentos epistêmico-discursivos do campo científico e do objeto de estudo. Maceió: Edufal, 2015.

SOUZA, Edivânio Duarte de. **A epistemologia interdisciplinar na Ciência da Informação: dos indícios aos efeitos de sentido na consolidação do campo disciplinar**. 2011. 346f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação, Belo Horizonte, 2011.

SOUZA, Renato Santos de. A normose acadêmica. *In*: NASCIMENTO, Luis Felipe Machado do (Org.). **Lia, mas não escrevia** (livro eletrônico): contos, crônicas e poesias. Porto Alegre: LFM do Nascimento, 2014.

TAGUE-SUTCLIFFE, Jean. An introduction to informetrics. **Information processing & management**, Oxford, v. 28, n. 1, p. 1-3, 1992.

- TARGINO, Maria das Graças. Comunicação científica: uma revisão de seus elementos básicos. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 10, n. 2, p. 1-27, jul./dez. 2000.
- URBIZAGASTEGUI ALVARADO, Ruben. A cienciometria como um campo científico. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 20, n. 3, p. 41-62, set./dez. 2010
- URBIZAGASTEGUI ALVARADO, Ruben. A produtividade dos autores sobre a lei de Lotka. **Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 37, n. 2, p. 87-102, maio/ago., 2008.
- URBIZAGASTEGUI ALVARADO, Ruben. Elitismo na literatura sobre a produtividade dos autores. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 38, n. 2, p. 69-79, ago. 2009.
- URBIZAGASTEGUI ALVARADO, Ruben. **Pierre Bourdieu: a bibliography**. Riverside, CA: Waira Publications, 1993
- VAN RAAN, A. F. J. Scientometrics: state-of-art. **Scientometrics**, v. 38, n. 1, p. 205-218, 1997.
- VANTI, Nadia Aurora Peres. A Cientometria revisitada à luz da expansão da ciência, da tecnologia e da inovação. **Ponto de Acesso**, Salvador, v. 5, n. 3, p. 5-31, jul./dez. 2011.
- VANTI, Nadia Aurora Peres. Da bibliometria à webometria: uma exploração conceitual dos mecanismos utilizados para medir o registro da informação e a difusão do conhecimento. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 31, n. 2, p. 152-162, maio/ago. 2002.
- VANTI, Nadia Aurora Peres. **Métodos quantitativos para a avaliação do fluxo da informação e do conhecimento**: bibliometria, cientometria e informetria. Comunicação e informação: ensaios e críticas. Porto Alegre: Sulina, 2006.
- WERSIG, Gernot. Information science: the study of postmodern knowledge usage. **Information Processing and Management: An International Journal**, Tarrytown-Nova Iorque, v. 29, n. 2, p. 229-239, Mar./Apr. 1993.
- WERSIG, Gernot; NEVELING, Ulrich. The phenomena of interest to information science. **The Information Scientist**. v. 9, n. 4, p. 127-140, 1975.
- WILLINSKY, John. The Nine Flavours of Open Access Scholarly Publishing. **Journal of Postgraduate Medicine**, v. 49, p. 263-267, 2003.
- WILSON, Thomas Daniel. A dimensão epistemológica da informação e seu impacto sobre o ensino em arquivologia e biblioteconomia. **BJIS**, v. 2, n. 1, p. 3-15, jan./jun. 2008.
- WORMELL, Irene. Informetrics: exploring databases as analytical tools. **Database**, v. 21, n. 5, p. 25-30, out./nov. 1998.
- YIN, Robert K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Porto Alegre: Penso, 2016.
- ZINS, Chaim. Redefinindo a Ciência da Informação: da Ciência da Informação para a Ciência do Conhecimento. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 21, n. 3, p. 155-167, set./dez., 2011.

## **APÊNDICES**

# **APÊNDICE A – Publicação por instituição GT-1 (2003-2018)**

**Tabela - Ocorrência de publicação por instituição nos ENANCIB de 2003 a 2018**

Instituição	2003	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	Total
IBICT	3	-	3	6	4	5	2	7	5	4	4	3	8	5	5	59
UFMG	3	1	3	4	5	2	1	4	3	1	-	1	3	6	2	37
UFRJ	-	2	3	-	-	5	7	2	5	2	-	1	1	1	8	37
UFF	2	-	2	4	1	2	-	1	3	3	5	3	4	3	1	33
UFPB	1	2	1	1	-	1	1	1	1	3	1	4	4	7	5	33
UNIRIO	2	2	1	1	4	4	1	3	3	3	3	-	1	4	-	32
UnB	1	1	-	4	3	1	2	3	1	1	4	1	4	3	1	30
USP	2	1	1	1	1	-	4	1	2	2	1	2	2	2	2	24
UNESP	1	-	1	-	1	1	-	1	2	1	1	-	-	4	1	14
UFAL	-	-	-	-	-	1	-	-	1	1	1	1	1	4	4	14
UFBA	-	2	-	1	1	-	2	1	1	1	-	1	-	1	1	12
UFSC	-	1	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1	2	-	2	7
UFRGS	-	-	2	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	6
UFCA	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	1	2	1	6
UFPE	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	2	-	-	-	2	6
UEL	1	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	2	5
MAST	-	-	-	-	1	1	1	1	-	-	-	-	-	-	-	4
UFC	-	1	-	-	-	-	-	1	-	-	1	-	-	1	-	4
UFSCar	-	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	3
UFA	-	-	-	-	-	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	2
Museu da República	-	-	-	-	-	-	1	1	-	-	-	-	-	-	-	2
IPJBRJ	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-	-	-	-	2
FioCruz	-	-	1	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	2
Universidade do Porto	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-	2
USC	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1

Instituição	2003	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	Total
University of Baltimore	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
Universidad de La Salle (Bogotá)	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1
UNIVALI	-	1	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1
UNAM	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1
UFPEL	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1
UFMT	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
UFES	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
UFCG	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
SME- Secr. De Educ. do Rio de Janeiro	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1
PUC-Minas	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
IPHAN	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
FAPESP	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Estácio de Sá	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1
DESU	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
CNPq	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1
Universidad del Zulia (Venezuela)	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1
UESC	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1
FGV	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Universid de Granada	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Câmara dos Deputados	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1

Fonte: Dados da pesquisa, 2018

**APÊNDICE B – Quadro - Pesquisadores no GT-1 (2003-2018) –**

	AUTORES	f/x	ANOS
1.	Edivânio Duarte de Souza	16	2008, 2009, 2011, 2012, 2013, 2014, 2015, 2016, 2016, 2017, 2017, 2017, 2018, 2018, 2018, 2018
2.	Gustavo Saldanha	16	2008, 2008, 2009, 2010, 2011, 2012, 2013, 2014, 2015, 2016, 2016, 2016, 2017, 2017, 2018, 2018
3.	Georgete Medleg Rodrigues	13	2005, 2007, 2008, 2009, 2010, 2013, 2014, 2014, 2016, 2016, 2017, 2017, 2018
4.	Lena Vania Ribeiro Pinheiro	13	2005, 2006, 2007, 2008, 2009, 2010, 2010, 2011, 2013, 2015, 2016, 2017, 2018
5.	Maria Nélida Gonzalez de Gomez	13	2003, 2003, 2006, 2006, 2007, 2007, 2009, 2011, 2013, 2014, 2014, 2016, 2017
6.	Isa Maria Freire	12	2003, 2010, 2012, 2013, 2014, 2015, 2016, 2017, 2017, 2017, 2018, 2018
7.	Icléia Thiesen	10	2005, 2008, 2009, 2010, 2011, 2012, 2012, 2013, 2017, 2017
8.	Angélica Alves da Cunha Marques	9	2005, 2007, 2008, 2009, 2010, 2011, 2012, 2014, 2014
9.	Jonathas Luiz Carvalho	9	2011, 2012, 2013, 2014, 2015, 2016, 2017, 2017, 2018
10.	Lídia Silva de Freitas	7	2003, 2007, 2008, 2009, 2012, 2016, 2017
11.	Zayr Cláudio Gomes da Silva	7	2014, 2015, 2015, 2016, 2017, 2017, 2018
12.	Claudia Bucceroni Guerra	6	2009, 2010, 2013, 2014, 2016, 2018
13.	Eduardo Ismael Murguia	6	2008, 2009, 2010, 2012, 2012 2015
14.	Evelyn Goyannes Dill Orrico	6	2003, 2005, 2006, 2007, 2008, 2009
15.	Marcia H. T. de Lima	6	2005, 2012, 2012, 2013, 2015, 2017
16.	Cristina Dotta Ortega	5	2007, 2008, 2010, 2012, 2017
17.	José Mauro Matheus Loureiro	5	2008, 2009, 2010, 2011, 2012
18.	Luciana de Souza Gracioso	5	2005, 2006, 2007, 2009, 2016
19.	Rodrigo Rabello	5	2006, 2009, 2014, 2016, 2018
20.	Sabrina Damasceno Silva	5	2008, 2009, 2010, 2011, 2012
21.	Carmen I. Correia de Oliveira	4	2005, 2007, 2008, 2009
22.	Francisco Carlos Paletta	4	2015, 2016, 2017, 2018
23.	Geni Chaves Fernandes	4	2013, 2014, 2016, 2018
24.	Ida Regina Chittó Stumpf	4	2006, 2006, 2007, 2008
25.	Jaime Robredo	4	2003, 2007, 2008, 2010
26.	Márcia Feijão de Figueiredo	4	2010, 2011, 2017, 2018
27.	Marco A. Feldman Schneider	4	2014, 2015, 2016, 2018
28.	Marcos Gonzalez Souza	4	2011, 2012, 2013, 2014
29.	Maria Lucia de Niemeyer Matheus Loureiro	4	2008, 2009, 2010, 2011
30.	Marlene de Oliveira	4	2005, 2017, 2017, 2018
31.	Solange Puntel Mostafa	4	2005, 2010, 2010, 2012
32.	Sônia D. Santos Brambilla	4	2006, 2006, 2007, 2008
33.	Ana C. Albuquerque	3	2015, 2018, 2018
34.	Ana Maria Rezende Cabral	3	2003, 2007, 2007
35.	Carlos Cândido de Almeida	3	2005, 2013, 2017
36.	Carlos Henrique Juvêncio	3	2013, 2014, 2017
37.	Eiane M.S. Jovanovich	3	2015, 2017, 2017
38.	Eliany Alvarenga de Araújo	3	2003, 2005, 2007
39.	Giulia Crippa	3	2003, 2005, 2010



40.	Gustavo H. de Araújo Freire	3	2011, 2013, 2016
41.	Lígia Maria Moreira Dumont	3	2003, 2006, 2012
42.	Marcos Luiz Mucheroni	3	2011, 2012, 2015
43.	Monica Nassif Erichsen	3	2003, 2003, 2011
44.	Nanci Elizabeth Oddone	3	2005, 2010, 2010
45.	Rafael A. Moron Semidão	3	2012, 2013, 2014
46.	Renato Pinto Venancio	3	2011, 2016, 2016
47.	Aluf Alba Elias	2	2011, 2012
48.	Andréa Doyle	2	2017, 2018
49.	Armando M. B. M. da Silva	2	2016,2017
50.	Arthur Coelho Bezerra,	2	2017, 2018
51.	Azilton Ferreira Viana	2	2016,2017
52.	Carlos Alberto Ávila Araújo	2	2007, 2011
53.	Cezar Karpinski	2	2018, 2018
54.	Clarissa M. Santos Schmidt	2	2013, 2014
55.	Dalgiza Andrade Oliveira	2	2016,2017
56.	Daniel M. Viana de Souza	2	2010, 2011
57.	Dulce Amélia de Brito Neves	2	2013, 2018
58.	Edcleyton B. Fernandes Silva	2	2016,2017
59.	Eduardo José Wense Dias	2	2009, 2011
60.	Elmira L. Melo Soares Simeão	2	2016, 2016
61.	Fábio Ferreira Batista	2	2007, 2007
62.	Frederico Cesar Mafra Pereira	2	2006, 2007
63.	Henriette Ferreira Gomes	2	2012, 2013
64.	Hercules Pimenta dos Santos	2	2016, 2016
65.	João Batista Ernesto Moraes	2	2003, 2011
66.	Johanna Smit,	2	2003, 2014
67.	José Claudio Morelli Matos	2	2015, 2016
68.	Kátia de Carvalho	2	2007, 2011
69.	Leonardo P. Pinheiro de Souza	2	2017, 2018
70.	Lídia Eugenia Cavalcante	2	2005, 2017
71.	Lillian Alvares	2	2007, 2007
72.	Lucilene Nunes	2	2008, 2009
73.	Lucinéia Bicalho;	2	2003, 2008
74.	Marco Antônio de Almeida	2	2005, 2006
75.	Marivalde Moacir Francelin	2	2013, 2016
76.	Marli Batista Fidelis	2	2012, 2013
77.	Mirian de A. Aquino	2	2005, 2006
78.	Nilton Bahlis dos Santos	2	2003, 2006
79.	Raquel Luise Pret	2	2011, 2012
80.	Ricardo Medeiros Pimenta	2	2016, 2018
81.	Rita do Carmo Ferreira Laipelt	2	2006, 2006
82.	Robson de Andrade Gonçalves	2	2011, 2012
83.	Shirley Carvalhêdo Franco	2	2008, 2013
84.	Silvana Drumond Monteiro;	2	2003, 2007
85.	Sonia Elisa Caregnato	2	2006, 2006
86.	Valeria Gauz	2	2010, 2011
87.	Vinicius Souza de Menezes	2	2010, 2014
88.	Vitor M. Marques da Fonseca	2	2016, 2017
89.	Adriana Carla Silva Oliveira	1	2013
90.	Alberto Calil Júnior	1	2014
91.	Alcenir Soares dos Reis	1	2013
92.	Aleixina M. Lopes Andalécio	1	2009

93.	Alexandre Carlos Gugliotta	1	2017
94.	Alexandre de Souza Costa	1	2012
95.	Alexandre Faben	1	2018
96.	Aline Laureano Suave	1	2018
97.	Américo A.N. Vieira	1	2015
98.	Ana Amélia Lage Martins	1	2013
99.	Ana Célia Rodrigues	1	2018
100.	Ana Cristina Gomes Santos	1	2013
101.	Ana Esmeralda Carelli	1	2007
102.	Ana Maria N. H. e Silva	1	2009
103.	Ana Maria Pereira Cardoso	1	2007
104.	Ana Paula Lima dos Santos	1	2012
105.	Ana Virgínia Chaves de Melo	1	2007
106.	Anderson F. Ferreira Higino	1	2012
107.	Anderson V. B. Cavalcante	1	2018
108.	Andityas S. de M. Costa Matos	1	2012
109.	André F. de Albuquerque Fell	1	2014
110.	Anna Clara Sampaio Ribeiro	1	2003
111.	Antonio Rodrigues Andrade	1	2010
112.	Antonio Saturnino Braga	1	2011
113.	Antonio W. Chacon Silva;	1	2014
114.	Arlene Aparecida Leandro	1	2018
115.	Asy Pepe Sanches Neto	1	2017
116.	Auto T. da Câmara Júnior	1	2008
117.	Beatriz Valadares Cendón	1	2017
118.	Benedito Medeiros Neto	1	2017
119.	Berta Jaqueline Rosa	1	2012
120.	Bianca da Costa Maia Lopes	1	2018
121.	Bianca Rihan	1	2016
122.	Brasilina Passarelli	1	2017
123.	Bruno Macedo Nathansohn	1	2018
124.	Carla Andréa Ribeiro	1	2003
125.	Carlos E. Silva de Oliveira	1	2012
126.	Carlos J.V. Martins	1	2015
127.	Carlos Xavier Azevedo Netto	1	2018
128.	Cássia Regina B. de Moraes	1	2018
129.	Celia Revilândia Costa	1	2016
130.	Cibele Andrade Nogueira	1	2018
131.	Cibele A. C. M. dos Santos	1	2018
132.	Claudiana A. de Souza Gomes	1	2012
133.	Cláudio M. de Castro Filho	1	2017
134.	Clóvis Montenegro Lima	1	2013
135.	Daniel Mendes Barbosa	1	2013
136.	Daniel Ribeiro Merigoux	1	2012
137.	Daniela Francescutti M. Hott	1	2018
138.	Danielle Harlene da S. Moreno	1	2009
139.	Darlene Alves Bezerra	1	2014
140.	Dayo de Araújo Silva Côrbo	1	2016
141.	Deize Albernaz	1	2009
142.	Denise Morado Nascimento	1	2006
143.	Denise Viuniski da Nova Cruz	1	2012
144.	Diana Farjalla Correia Lima	1	2008
145.	Duanne de Oliveira Ribeiro	1	2016

146.	Dulce Bpatista	1	2015
147.	Edison L. Santos	1	2015
148.	Eduardo Mancipe Flechas	1	2012
149.	Elaine Coutinho Marcial;	1	2007
150.	Elaine Oliveira Lucas	1	2010
151.	Eliana Carlan	1	2008
152.	Eliane Braga de Oliveira	1	2008
153.	Eliezer Pires da Silva	1	2010
154.	Elisabete Gonçalves de Souza	1	2014
155.	Eloy Brito	1	2003
156.	Emy P. Bezerra	1	2015
157.	Eurides C.T. Nogueira	1	2015
158.	Fábio Augusto G. Teixeira	1	2008
159.	Fernanda Valle	1	2018
160.	Fernando Skackauskas Dias	1	2011
161.	Flávia Catarino C. Ferreira	1	2017
162.	Flávia Helena de Oliveira	1	2008
163.	Francisco das C. de Souza	1	2011
164.	Francys Delgado	1	2012
165.	Gercina Â. B. de O. Lima	1	2003
166.	Giovani Miguez da Silva	1	2016
167.	Graziela Duarte Beltrami	1	2003
168.	Greyciano Souza Lins	1	2008
169.	Guilherme A. Dias	1	2015
170.	Helena C. Duarte Cordeiro	1	2012
171.	Hélia de Sousa Chaves Ramos	1	2007
172.	Henry Pôncio Cruz de Oliveira	1	2017
173.	Herbert de Oliveira Rêgo	1	2018
174.	Hyllane Maria Salgueiro	1	2014
175.	Iara Vidal Pereira de Souza	1	2003
176.	Irma G. S. C. de Oliveira	1	2009
177.	Jacqueline de Castro Rimá	1	2017
178.	Jailma S. Gonçalves Leite,	1	2017
179.	Janice Pereira de Abreu	1	2018
180.	Jaqueline P. Oliveira	1	2015
181.	Jefferson Veras Nunes;	1	2014
182.	Joana Coeli Ribeiro Garcia	1	2009
183.	Joaquim Cavalcante Oliveira	1	2010
184.	Jobson Francisco Silva Júnior	1	2016
185.	Johann Pirela Morillo	1	2012
186.	José Augusto C. Guimarães	1	2006
187.	José Maria Jardim	1	2008
188.	Julia Nolasco L. de Moraes	1	2008
189.	Julianne Teixeira Silva	1	2018
190.	Keitty Rodrigues Vieira	1	2018
191.	Kettuly Costa Machado	1	2016
192.	Laffayete Álvares Junior	1	2006
193.	Leandro Coelho de Aguiar	1	2011
194.	Leila Beatriz Ribeiro	1	2018
195.	Leonardo Lima Günther	1	2016
196.	Leonardo Vasconcelos Renault	1	2007
197.	Letícia S. dos Santos Estácio	1	2016
198.	Leyde Klebia R. da Silva	1	2016

199.	Lídia Maria B.B. Toutain	1	2005
200.	Lídia M. C. Brandão Salek	1	2012
201.	Lisiane Braga Ferreira,	1	2017
202.	Lourival Pereira Pinto	1	2012
203.	Lucia M. Velloso de Oliveira	1	2016
204.	Luciana Calvo Trevisan	1	2017
205.	Luciana Corts Mendes	1	2013
206.	Luciana Mara Silva	1	2016
207.	Luciana Monteiro Krebs	1	2017
208.	Lucilene C. da Silva Messias	1	2003
209.	Luiz Eduardo Ferreira da Silva	1	2013
210.	Luiz Henrique G. Castiglione	1	2007
211.	Madalena M. Lopes Naves	1	2003
212.	Magno Oliveira Macambira	1	2010
213.	Maíra C. Grigoletto	1	2015
214.	Májory K. F. de O. Miranda	1	2018
215.	Manuel J. Bolaños-Carmona	1	2017
216.	Mara Eliane F. Rodrigues	1	2012
217.	Marcello Peixoto Bax	1	2013
218.	Marcelo Stopanovski Ribeiro	1	2011
219.	Marcio Gonçalves	1	2010
220.	Marcos L. C. de Miranda	1	2009
221.	Marcos Ulisses Cavalheiro	1	2018
222.	Margareth da Silva	1	2016
223.	Maria Aparecida L. Santana	1	2005
224.	Maria Clara Vieira	1	2014
225.	Maria de Fátima G. M. Tálamo	1	2003
226.	Maria de Fátima S. de O. Barbosa	1	2015
227.	Maria Eugênia A. Andrade	1	2003
228.	Maria Guiomar da C. Frota	1	2017
229.	Maria Helena de Lima Hatschbach,	1	2006
230.	Maria Livia P. de Oliveira	1	2018
231.	Maria Yêda Falcão Soares de Filgueiras Gomes	1	2008
232.	Mariana Barros Meirelles	1	2016
233.	Mariana Lousada	1	2017
234.	Mariana Sande Marques	1	2014
235.	Mariangela Rebelo Maia –	1	2013
236.	Marianna Zattar –	1	2013
237.	Marilda Lopes Ginez de Lara	1	2008
238.	Mariza de Oliveira Pinheiro	1	2017
239.	Marli Guedes da Costa	1	2008
240.	Marta Deniszczwicz	1	2016
241.	Maurício B. Almeida	1	2015
242.	Max Cirino de Mattos	1	2012
243.	Max Melquíades Silva	1	2017
244.	Maytê Luanna Dias de Melo,	1	2017
245.	Miguel Ángel Rendón Rojas	1	2012
246.	Milton Shintaku;	1	2007
247.	Moisés Andre Nisenbaum	1	2016
248.	Moisés Rockembach	1	2017

249.	Mônica de Paiva Santos	1	2009
250.	Nadi Helena Presser	1	2013
251.	Nair Y. Kobashi	1	2003
252.	Narjara Bárbara Xavier Silva	1	2018
253.	Neusa Cardim da Silva	1	2011
254.	Paloma Marín-Arraiza,	1	2017
255.	Patrícia Andrade da Silva	1	2008
256.	Patrícia Espírito Santo	1	2008
257.	Patricia Penna Macedo	1	2016
258.	Paula Balbis Garcia	1	2016
259.	Paulo R. Elían dos Santos	1	2012
260.	Priscila Cabral Almeida	1	2017
261.	Priscilla Arigoni Coelho	1	2003
262.	Rafael Barcelos Santos	1	2016
263.	Raimundo N. M. dos Santos	1	2013
264.	Regina Maria Marteleto	1	2009
265.	Renata M.A. Baracho	1	2015
266.	Renata R. Gouvea Barbatho	1	2011
267.	Renato José da Silva	1	2005
268.	Renato S. Rocha	1	2015
269.	Ricardo Crisafulli Rodrigues;	1	2007
270.	Rildo Ferreira Coelho da Silva	1	2017
271.	Roberto L. dos Santos Junior	1	2010
272.	Robson Garcia Formoso	1	2016
273.	Rodrigo Costa Japiassu	1	2016
274.	Rogério H. de Araújo Júnior	1	2011
275.	Ronaldo Ferreira de Araújo	1	2007
276.	Rosa Inês de Novais Cordeiro	1	2008
277.	Rosali Fernandez de Souza	1	2006
278.	Rosilene P.M. de Sousa	1	2015
279.	Rubens Ribeiro G. da Silva	1	2018
280.	Rúbia Martins	1	2011
281.	Samir E.K. Lion	1	2015
282.	Selma L. Capínzaiki Ottonicar	1	2017
283.	Sely Maria de Souza Costa;	1	2007
284.	Silvana A. B. Gregório Vidotti	1	2017
285.	Simone Alves da Silva	1	2011
286.	Simone Faurý Dib	1	2011
287.	Sonia Aguiar Cruz-Riascos	1	2018
288.	Sonia C. Bocardi de Moraes	1	2017
289.	Tamas R. Coelho de Souza	1	2003
290.	Tamires Neves Conceição	1	2018
291.	Tânia Chalhub	1	2013
292.	Tania Peña Vera	1	2012
293.	Tatiana Quadro e Silva	1	2010
294.	Thatiana Amaral de Barcelos	1	2012
295.	Thays Lacerda Ferrando	1	2017
296.	Tiago José Silva,	1	2017
297.	Túlio de Moraes Revoredo	1	2014
298.	Valéria Cristina Lopes Wilke	1	2008
299.	Valmira Perucchi	1	2009
300.	Vanessa Alves Santana	1	2005
301.	Vanessa Zampier Marques	1	2003

302.	Vinícios Souza de Menezes	1	2018
303.	Vinicius Medina Kern	1	2016
304.	Wagner Vasconcelos	1	2007
305.	Welder Antônio Silva	1	2009
306.	Wellington Freire Cunha Costa	1	2014
307.	Wemyllin Giovana Florencio Andrade	1	2016
308.	Wendia Oliveira de Andrade	1	2018
309.	William Barbosa Vianna	1	2016
310.	William Guedes	1	2011
311.	Willian Lima Melo	1	2013
312.	Zeny D. de Miranda	1	2015

Fonte: Dados da pesquisa, 2018

## APÊNDICE C – Periódicos – Ano de Fundação e Ano de Extinção

**Quadro – Timeline** de criação e extinção de periódicos indexados na Brapci

<b>Fundação</b>	<b>Vigência</b>	<b>Periódicos</b>
1963	Atual	Bibliotecas. Anales de Investigación (Cuba)
1963	Atual	Cadernos BAD (Portugal)
1968	Atual	Ciencias de la Información (Cuba)
1969	Atual	Boletín del Instituto de Investigaciones Bibliográficas
1972	1995	Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG
1972	2001	Revista de Biblioteconomia de Brasília
1972	2015	Arquivo & Administração
1972	Atual	Ciência da Informação
1973	1989	Cadernos de Biblioteconomia
1973	Atual	Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação
1978	1983? *	Revista do Departamento de Biblioteconomia e História
1978	Atual	Revista Interamericana de Bibliotecología (Colômbia)
1981	1983	Revista Latinoamericana de Documentación
1982	1986	Estudos Avançados em Biblioteconomia e Ciência da Informação
1985	Atual	Ágora
1985	Atual	BIBLOS - Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação
1986	2000	Revista de Biblioteconomia & Comunicação
1986	Atual	Acervo - Revista do Arquivo Nacional
1986	Atual	Biblioteca Universitaria (México)
1989	Atual	Transinformação
1991	Atual	Informação & Sociedade: Estudos
1993	Atual	Revista Cubana de Información en Ciencias de la Salud (Cuba)
1994	Atual	Métodos de información (Espanha)
1995	2000	Informare: Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação
1996	Atual	Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação
1996	Atual	Informação & Informação
1996	Atual	Perspectivas em Ciência da Informação
1996	Atual	Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina
1997	Atual	Páginas A&B, Arquivos e Bibliotecas
1998	Atual	Comunicação & Informação
1999	2001	Revista Online da Biblioteca Prof. Joel Martins
1999	2016	DataGramaZero
1999	Atual	Biblios (Peru)
2000	2007	Revista Eletrônica Informação e Cognição
2003	2004	Infociência
2003	Atual	Em Questão
2003	Atual	Revista Digital de Biblioteconomia & Ciência da Informação
2004	2014	Revista Alexandria (Peru)
2005	2008	Arquivística.net
2005	Atual	Biblionline
2005	Atual	Liinc em revista
2005	Atual	Prisma.com (Portugal)
2006	Atual	Brazilian Journal of Information Science
2006	Atual	Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia
2007	Atual	Ponto de Acesso

2008	2013	CRB8 Digital
2008	Atual	Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação
2008	Atual	Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação
2010	Atual	InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação
2010	Atual	Inclusão Social
2011	Atual	AtoZ: Novas Práticas em Informação e Conhecimento
2011	Atual	Bibliotecas Universitárias: pesquisas, experiências e perspectivas
2011	Atual	e-Ciencias de la Información (Costa Rica)
2011	Atual	Múltiplos Olhares em Ciência da Informação
2011	Atual	Palabra Clave (Argentina)
2011	Atual	Perspectivas em Gestão & Conhecimento
2012	Atual	Biblioteca Escolar em Revista
2012	Atual	Huellas en papel (Argentina)
2012	Atual	Informação Arquivística
2012	Atual	Informação@Profissões
2012	Atual	IRIS - Revista de Informação, Memória e Tecnologia
2013	Atual	Archeion Online
2013	Atual	Revista Analisando em Ciência da Informação
2014	Atual	CAJUR - Caderno de Informações Jurídicas
2014	Atual	Ciência da Informação em Revista
2014	Atual	Informação & Tecnologia
2014	Atual	Logeion: Filosofia da Informação
2014	Atual	Revista Brasileira de Educação em Ciência da Informação
2014	Atual	Revista Informação na Sociedade Contemporânea
2014	Atual	Revista P2P e INOVAÇÃO
2015	Atual	Folha de Rosto
2016	Atual	Informação em Pauta
2016	Atual	Revista Conhecimento em Ação
2018	Atual	Convergência em Ciência da Informação
2018	Atual	Revista Cajueiro
2018	Atual	Revista Fontes Documentais

Fonte: Baseado na Brapci e sites dos periódicos

\*Não foi encontrada informação que confirmasse o cessamento da revista, sendo colocado o último número disponível na Brapci;

#76 periódicos em atividade;

#16 periódicos extintos (em amarelo)

# Retirados os anais dos ENANCIB – Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação;

# Retirados os anais dos EBBC - Encontro Brasileiro de Bibliometria e Cientometria



## APÊNDICE D – Publicações por instituição nos periódicos (2003-2018)

**Tabela - Ocorrência de publicação por instituição nos artigos recuperados pela Brapci de 2003 a 2018**

Ano Instituição	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	Total
UFMG	1	-	-	-	2	1	1	1	3	1	5	4	1	1	2	5	28
UFSC	-	-	-	-	-	-	-	-	2	1	1	1	-	4	7	8	24
UNIRIO	-	-	-	-	-	-	-	1	4	2	-	2	1	-	5	9	24
IBICT	-	-	-	-	-	1	-	1	4	3	3	1	2	-	2	6	23
USP	-	2	1	-	-	-	1	-	3	2	2	2	2	2	2	4	23
UnB	-	1	-	-	-	-	-	-	3	1	2	1	1	4	4	2	19
UFRJ	-	-	-	-	-	-	-	-	2	3	-	1	1	-	-	7	14
UFPB	-	-	-	1	-	-	-	-	1	1	3	1	1	2	-	3	13
UNESP-MARÍLIA	-	-	-	-	-	1	-	-	2	1	4	2	-	1	-	-	11
UFBA	-	-	-	-	1	-	-	-	1	1	4	-	2	1	-	-	10
UFPE	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1	-	3	2	7
UFF	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	1	1	-	2	-	6
UFC	-	-	-	-	1	-	1	-	-	1	-	-	-	1	-	-	4
PUC-CAMPINAS	1	1	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	3
UFAL	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	2	-	-	3
UFPR	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	1	-	-	-	-	3
UFRGS	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	1	3
UEL	-	-	-	1	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3

<b>Ano Instituição</b>	<b>2003</b>	<b>2004</b>	<b>2005</b>	<b>2006</b>	<b>2007</b>	<b>2008</b>	<b>2009</b>	<b>2010</b>	<b>2011</b>	<b>2012</b>	<b>2013</b>	<b>2014</b>	<b>2015</b>	<b>2016</b>	<b>2017</b>	<b>2018</b>	<b>Total</b>
UFPA	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1	-	-	2
UNICAMP	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1	-	-	-	-	2
UFG	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-	2
UNIVALI	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1	-	-	-	-	-	2
FUND. BIBLIOTECA NACIONAL	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
PUCPR	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1
PUC-SP	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1
UFES	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1
UFMA	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1
UFRN	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1
BANCO CENTRAL DO BRASIL	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
FGV	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
FLUP- PORTO	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
IETEC	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
IFPB	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
MINISTÉRIO DOS DIREITOS HUMANOS	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
UFCA	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
UDESC	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1
UFJF	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1

<b>Ano Instituição</b>	<b>2003</b>	<b>2004</b>	<b>2005</b>	<b>2006</b>	<b>2007</b>	<b>2008</b>	<b>2009</b>	<b>2010</b>	<b>2011</b>	<b>2012</b>	<b>2013</b>	<b>2014</b>	<b>2015</b>	<b>2016</b>	<b>2017</b>	<b>2018</b>	<b>Total</b>
UFSCar	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
UNA	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
UNIVERSIDADE CARLOS III MADRID	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1
UNIVERSIDADE DE COIMBRA (UC	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
UNIVERSITÉ TOULOUSE III PAUL SABATIER	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1

Fonte: Dados da pesquisa, 2018

## APÊNDICE E – Autores mais atuantes da Ciência da Informação e da Brapci

<b>Autores</b>	<b>f/x GT-1</b>	<b>f/x Brapci</b>	<b>Σ f/x GT-1 e Brapci</b>
Gustavo da Silva Saldanha	16	20	36
Edivanio Duarte de Souza	16	1	17
Solange Puntel Mostafa	4	13	17
Jonathas Luiz Carvalho	9	7	16
Isa Maria Freire	12	3	15
Lena Vania Ribeiro Pinheiro	13	2	15
Maria Nelida Gonzalez de Gomez	13	2	15
Angelica Alves da Cunha Marques	9	4	13
Georgete Medleg Rodrigues	13	0	13
Icléia Thiesen	10	1	11
Rodrigo Rabello	5	6	11
Carlos Alberto Ávila Araújo	2	7	9
Igor Soares Amorim	0	8	8
Cristina Dotta Ortega	5	2	7
Eduardo Ismael Murguia	6	1	7
Henriette Ferreira Gomes	2	5	7
Lídia Silva de Freitas	7	0	7
Zayr Cláudio Gomes da Silva	7	0	7
Claudia Bucceroni Guerra	6	0	6
Evelyn Goyannes Dill Orrico	6	0	6
Luciana de Souza Gracioso	5	1	6
Marcia Heloisa T. de Figueredo Lima	6	0	6
Marivalde Moacir Francelin	2	4	6
Marlene de Oliveira	4	2	6
Carlos Cândido de Almeida	3	2	5
Carmen Irene Correia de Oliveira	4	1	5
Eliany Alvarenga de Araújo	3	2	5
Geni Chaves Fernandes	4	1	5
Gustavo Henrique Araújo Freire	3	2	5
Jaime Robredo	4	1	5
José Mauro Matheus Loureiro	5	0	5
Marisa Bräscher	0	5	5
Monica Nassif Erichsen	3	2	5
Sabrina Damasceno Silva	5	0	5
Silvana Drumond Monteiro	2	3	5
Sonia Elisa Caregnato	2	3	5
Eduardo José Wense Dias	2	2	4
Francisco Carlos Paletta	4	0	4
Giulia Cripp	3	1	4
Ida Regina Chittó Stumpf	4	0	4
José Claudio Morelli Matos	2	2	4
Lucinéia Maria Bicalho	2	2	4
Marco André Feldman Schneider	4	0	4
Marcos Gonzalez Souza	4	0	4
Nanci Elizabeth Oddone	3	1	4
Rafael Aparecido Moron Semidão	3	1	4
Sônia Domingues Santos Brambilla	4	0	4
Valéria Cristina Lopes Wilke	1	3	4
Vinícios Souza de Menezes	3	1	4
William Barbosa Vianna	1	3	4
Ana Cristina Albuquerque	3	0	3
Ana Maria Rezende Cabral	3	0	3
Carlos Henrique Juvêncio	3	0	3
Cezar Karpinski	2	1	3
Clarice Fortkamp Caldin	0	3	3

Deise Maria Antonio Sabbag	2	1	3
Denise Viuniski da Nova Cruz	1	2	3
Eiane M.S. Jovanovich	3	0	3
Elizete Vieira Vitorino	0	3	3
Hercules Pimenta dos Santos	2	1	3
Juliana Lazzaroto de Freitas	0	3	3
Leilah Santiago Bufrem	0	3	3
Leonardo Vasconcelos Renault	1	2	3
Lídia Eugenia Cavalcante	2	1	3
Lígia Maria Moreira Dumont	3	0	3
Marcello Peixoto Bax	1	2	3
Marco Antônio de Almeida	2	1	3
Marcos Luiz Mucheroni	3	0	3
Miriam Paula Manini	0	3	3
Mirian de Albuquerque Aquino	2	1	3
Murilo Artur Araújo da Silveira	0	3	3
Renato Pinto Venancio	3	0	3
Aluf Alba Elias	2	0	2
Andityas Soares de Moura Costa Matos	1	1	2
Andréa Doyle	2	0	2
Armando M. B. M. da Silva	2	0	2
Arthur Coelho Bezerra	2	0	2
Azilton Ferreira Viana	2	0	2
Brasilina Passarelli	1	1	2
Carla Sousa	0	2	2
Clarissa Moreira dos Santos Schmidt	2	0	2
Dalgiza Andrade Oliveira	2	0	2
Daniel Mauricio Viana de Souza	2	0	2
Diego Andres Salcedo	0	2	2
Dulce Amélia de Brito Neves	2	0	2
Edcleiton Bruno Fernandes Silva	2	0	2
Elaine Coutinho Marcial	1	1	2
Elmira Luzia Melo Soares Simeão	2	0	2
Fábio Ferreira Batista	2	0	2
Felipe Etelvino Benevenuto	0	2	2
Fernando Skackauskas Dias	1	1	2
Frederico Cesar Mafra Pereira	2	0	2
Jefferson Veras Nunes	1	1	2
João Batista Ernesto Moraes	2	0	2
Jobson Francisco da Silva Júnior	1	1	2
Kátia de Carvalho	2	0	2
Keitty Rodrigues Vieira	1	1	2
Leila Beatriz Ribeiro	1	1	2
Lillian Alvares	2	0	2
Luciana Mara Silva	1	1	2
Lucilene Nunes	2	0	2
Luiz Eduardo Ferreira da Silva	1	1	2
Luiz Henrique Guimarães Castiglione	1	1	2
Marcelo Schiessl	0	2	2
Maria Aparecida Lourenço Santana	1	1	2
Maria Claudia Cabrini Grácio	0	2	2
Marli Batista Fidelis	2	0	2
Maurício Barcellos Almeida	1	1	2
Max Cirino de Mattos	1	1	2
Nilton Bahlis dos Santos	2	0	2
Raquel Luise Pret	2	0	2
Regina Maria Marteleto	1	1	2
Renato Rocha Souza	1	1	2

Ricardo Medeiros Pimenta	2	0	2
Rita do Carmo Ferreira Laipelt	2	0	2
Roberto Lopes dos Santos Junior	1	1	2
Robson de Andrade Gonçalves	2	0	2
Rogério Henrique de Araújo Júnior	1	1	2
Ronaldo Ferreira Araújo	1	1	2
Shirley Carvalhêdo Franco	2	0	2
Thiago Henrique Bragato Barros	0	2	2
Tiago José Silva,	1	1	2
Túlio de Moraes Revoredo	1	1	2
Valeria Gauz	2	0	2
Vinicius Medina Kern	1	1	2
Vitor Manoel M. Marques da Fonseca	2	0	2
Adriana Bogliolo Sirihal Duarte	0	1	1
Adriana Carla Silva Oliveira	1	0	1
Aida Varela Varela	0	1	1
Alan Curcino Pedreira da Silva	0	1	1
Alan de Hollanda Vieira Guerner	0	1	1
Alberto Calil Júnior	1	0	1
Alcenir Soares dos Reis	1	0	1
Aldo de Albuquerque Barreto	0	1	1
Aleixina Maria Lopes Andalécio	1	0	1
Alexandre Carlos Gugliotta	1	0	1
Alexandre de Souza Costa	1	0	1
Alexandre Faben	1	0	1
Alexandre Pedro de Oliveira	0	1	1
Aline Elis Arboit	0	1	1
Aline Laureano Suave	1	0	1
Amanda Salomão	0	1	1
Américo A.N. Vieira	1	0	1
Ana Amélia Lage Martins	1	0	1
Ana Célia Rodrigues	1	0	1
Ana Clara Cândido	0	1	1
Ana Cristina Gomes Santos	1	0	1
Ana Esmeralda Carelli	1	0	1
Ana Luiza Medeiros	0	1	1
Ana Maria N. Henriques e Silva	1	0	1
Ana Maria Pereira Cardoso	1	0	1
Ana Paula Alves Soares	0	1	1
Ana Paula Lima dos Santos	1	0	1
Ana Virgínia Chaves de Melo	1	0	1
Anderson Fabian Ferreira Higino	1	0	1
Anderson Victor Barbosa Cavalcante	1	0	1
André Felipe de Albuquerque Fell	1	0	1
André Januário da Silva	0	1	1
André Porto Ancona Lopez	0	1	1
Andrea Vieira Santos	0	1	1
Angel Freddy Godoy Vieira	0	1	1
Anna Clara Sampaio Ribeiro	1	0	1
Antonio Rodrigues Andrade	1	0	1
Antonio Saturnino Braga	1	0	1
Antonio Wagner Chacon Silva	1	0	1
Arlene Aparecida Leandro	1	0	1
Asy Pepe Sanches Neto	1	0	1
Auto Tavares da Câmara Júnior	1	0	1
Beatriz Valadares Cendón	1	0	1
Benedito Medeiros Neto	1	0	1
Bernardina M. Juvenal Freire Oliveira	0	1	1

Berta Jaqueline Rosa	1	0	1
Bianca da Costa Maia Lopes	1	0	1
Bianca Rihan	1	0	1
Bruno Macedo Nathansohn	1	0	1
Caio Cabral	0	1	1
Carla Andréa Ribeiro	1	0	1
Carla Mara Hilário	0	1	1
Carlos Eduardo Silva de Oliveira	1	0	1
Carlos J.V. Martins	1	0	1
Carlos Xavier Azevedo Netto	1	0	1
Cássia Regina Bassan de Moraes	1	0	1
Celia Revilândia Costa	1	0	1
Cibele Andrade Nogueira	1	0	1
Cibele Araújo C. Marques dos Santos	1	0	1
Cintia Carneiro	0	1	1
Claudiana Almeida de Souza Gomes	1	0	1
Cláudio Marcondes de Castro Filho	1	0	1
Clóvis Montenegro Lima	1	0	1
Daniel Almeida Lima	0	1	1
Daniel Mendes Barbosa	1	0	1
Daniel Ribeiro Merigoux	1	0	1
Daniela Francescutti Martins Hott	1	0	1
Daniela Piantola	0	1	1
Danielle Harlene da Silva Moreno	1	0	1
Darlene Alves Bezerra	1	0	1
Dayo de Araújo Silva Côrbo	1	0	1
Débora Adriano Sampaio	0	1	1
Deize Albernaz	1	0	1
Denise Morado Nascimento	1	0	1
Derek Warwick da Silva Tavares	0	1	1
Diana Farjalla Correia Lima	1	0	1
Diogo Xavier da Mata	0	1	1
Duanne de Oliveira Ribeiro	1	0	1
Dulce Bpatista	1	0	1
Edison L. Santos	1	0	1
Eduardo Mancipe Flechas	1	0	1
Eduardo Silva Alentejo	0	1	1
Elaine Oliveira Lucas	1	0	1
Eliana Carlan	1	0	1
Eliane Braga de Oliveira	1	0	1
Eliane Fioravante Garcez	0	1	1
Eliane Pellegrini	0	1	1
Eliezer Pires da Silva	1	0	1
Elisabete Gonçalves de Souza	1	0	1
Eloy Brito	1	0	1
Ely Francina Tannuri Oliveira	0	1	1
Emanuelle Geórgia Amaral Ferreira	0	1	1
Emy P. Bezerra	1	0	1
Ermeson Nathan Pereira Alves	0	1	1
Eurides C.T. Nogueira	1	0	1
Evandro Jair Duarte	0	1	1
Evelin Melo Mintegui	0	1	1
Fábio Augusto Guimarães Teixeira	1	0	1
Fabrizio Foresti	0	1	1
Fabrizio Martins Mendonça	0	1	1
Fernanda Gomes Almeida	0	1	1
Fernanda Valle	1	0	1
Fernando Hadad Zaidan	0	1	1

Filipe Reis Dias de Jesus	0	1	1
Flávia Catarino Conceição Ferreira	1	0	1
Flávia Helena de Oliveira	1	0	1
Franciele Marques Redigolo	0	1	1
Francisco das Chagas de Souza	1	0	1
Francys Delgado	1	0	1
Frederico de Carvalho Figueiredo	0	1	1
Gercina Ângela Borem de Oliveira Lima	1	0	1
Giovani Miguez da Silva	1	0	1
Grace Quaresma Fugazza	0	1	1
Graziela Duarte Beltrami	1	0	1
Gregório Varvakis	0	1	1
Greyciane Souza Lins	1	0	1
Guilherme A. Dias	1	0	1
Hamilton Rodrigues Tabosa	0	1	1
Helena Cristina Duarte Cordeiro	1	0	1
Hélia de Sousa Chaves Ramos	1	0	1
Henry Pôncio Cruz de Oliveira	1	0	1
Herbert de Oliveira Rêgo	1	0	1
Hildenise Ferreira Novo	0	1	1
Hyllane Maria Salgueiro	1	0	1
Iara Vidal Pereira de Souza	1	0	1
Irma Gracielle S. Carvalho de Oliveira	1	0	1
Ivina Flores Melo Kuroki	0	1	1
Izabel França Lima	0	1	1
Jacqueline de Castro Rimá	1	0	1
Jailma Simone Gonçalves Leite,	1	0	1
Janice Pereira de Abreu	1	0	1
Janinne Barcelos de Moraes Silva	0	1	1
Jaqueline P. Oliveira	1	0	1
Jessica Camara Siqueira	0	1	1
Jetur Lima de Castro	0	1	1
Joana Coeli Ribeiro Garcia	1	0	1
João de Melo Maricato	0	1	1
Joaquim Cavalcante Oliveira	1	0	1
Jobson Louis Santos de Almeida	0	1	1
Johann Pirela Morillo	1	0	1
Johanna Smit,	2	0	1
José Augusto Chaves Guimarães	1	0	1
José Eduardo Santarém Segundo	0	1	1
José Leonardo Oliveira Lima	0	1	1
José Maria Jardim	1	0	1
Julia Nolasco Leitão de Moraes	1	0	1
Julianne Teixeira Silva	1	0	1
Kelley Cristine Gonçalves Dias Gasque	0	1	1
Kettuly Costa Machado	1	0	1
Khaterin Ferreira	0	1	1
Laffayette Álvares Junior	1	0	1
Larissa Santiago Ormay	0	1	1
Leandro Coelho de Aguiar	1	0	1
Leila Cristina Weiss	0	1	1
Leonardo Hermes Lemos	0	1	1
Leonardo Lima Günther	1	0	1
Leonardo Pereira Pinheiro de Souza,	1	0	1
Leonardo Ripoll	0	1	1
Letícia Silvana dos Santos Estácio	1	0	1
Leyde Klebia Rodrigues da Silva	1	0	1
Lídia Alvarenga	0	1	1



Lídia Maria Batista Brandão Toutain	1	0	1
Lídia Martini Coelho Brandão Salek	1	0	1
Lígia Café	0	1	1
Lisiane Braga Ferreira	1	0	1
Lourival Pereira Pinto	1	0	1
Lucas Pazoline da Silva Ferreira	0	1	1
Lucia Maria Velloso de Oliveira	1	0	1
Luciana Bergamo Marques	0	1	1
Luciana Calvo Trevisan	1	0	1
Luciana Corts Mendes	1	0	1
Luciana Monteiro Krebs	1	0	1
Lucilene Cordeiro da Silva Messias	1	0	1
Lucília Maria Abrahão e Sousa	0	1	1
Luís Miguel Oliveira Machado	0	1	1
Luiz Carlos Flôres Assumpção	0	1	1
Luiz Tadeu Feitosa	0	1	1
Madalena Martins Lopes Naves	1	0	1
Magno Oliveira Macambira	1	0	1
Maíra C. Grigoletto	1	0	1
Májury Karoline F. de Oliveira Miranda	1	0	1
Manoel Veras Sousa Neto	0	1	1
Manuel Jorge Bolaños-Carmona	1	0	1
Mara Cristina Salles Correia	0	1	1
Mara Eliane Fonseca Rodrigues	1	0	1
Marcelo Stopanovski Ribeiro	1	0	1
Márcia Feijão de Figueiredo	4	0	1
Márcia Ivo Braz	0	1	1
Márcia Marques	0	1	1
Márcia Regina Silva	0	1	1
Marcílio Crus	0	1	1
Marcio Gonçalves	1	0	1
Marco Donizete Paulino da Silva	0	1	1
Marcos Antonio Alexandre Bezerra	0	1	1
Marcos Aparecido Rodrigues do Prado	0	1	1
Marcos Luiz Cavalcanti de Miranda	1	0	1
Marcos Luiz Lins Filho	0	1	1
Marcos Ulisses Cavalheiro	1	0	1
Margareth da Silva	1	0	1
Maria Clara Vieira	1	0	1
Maria da Graça de Melo Simões	0	1	1
Maria de Fátima G. M. Tálamo	1	0	1
Maria de Fátima S. de O. Barbosa	1	0	1
Maria Eugênia Albino Andrade	1	0	1
Maria Giovanna Guedes Farias	0	1	1
Maria Guiomar da Cunha Frota	1	0	1
Maria Helena de Lima Hatschbach,	1	0	1
Maria Júlia Carneiro Giraldes	0	1	1
Maria Lívia Pachêco de Oliveira	1	0	1
Maria Lucia de N. Matheus Loureiro	1	0	1
Maria Virginia Moraes de Arana	0	1	1
Maria Yêda F. S. de Filgueiras Gomes	1	0	1
Mariana Barros Meirelles	1	0	1
Mariana Lousada	1	0	1
Mariana Sande Marques	1	0	1
Mariangela Rebelo Maia	1	0	1
Mariângela Spotti Lopes Fujita	0	1	1
Marianna Zattar	1	0	1
Marielle Barros Moraes	0	1	1

Marilda Lopes Ginez de Lara	1	0	1
Mariza de Oliveira Pinheiro	1	0	1
Marli Guedes da Costa	1	0	1
Marta Deniszczwicz	1	0	1
Marta Macedo Kerr Pinheiro	0	1	1
Mauro Araújo Câmara	0	1	1
Mauro Lúcio Leitão Condé	0	1	1
Max Melquíades Silva	1	0	1
Maytê Luanna Dias de Melo,	1	0	1
Miguel Ángel Rendón Rojas	1	0	1
Milton Shintaku;	1	0	1
Moisés Andre Nisenbaum	1	0	1
Moisés Rockembach	1	0	1
Mônica de Paiva Santos	1	0	1
Murilo Mauro Silveira	0	1	1
Nadi Helena Presser	1	0	1
Nadia Vanti	0	1	1
Nair Y. Kobashi	1	0	1
Narjara Bárbara Xavier Silva	1	0	1
Natália Bolfarini Tognoli	0	1	1
Nelly Medeiros Carvalho	0	1	1
Neusa Cardim da Silva	1	0	1
Niliane Cunha de Aguiar	0	1	1
Pablo Boaventura Sales Paixão	0	1	1
Pablo Marcos Derqui	0	1	1
Paloma Marín-Arraiza,	1	0	1
Patrícia Andrade da Silva	1	0	1
Patrícia Espírito Santo	1	0	1
Patricia Penna Macedo	1	0	1
Paula Balbis Garcia	1	0	1
Paula Regina Dal'Evedove	0	1	1
Paulo Roberto Elian dos Santos	1	0	1
Priscila Cabral Almeida	1	0	1
Priscila de Souza Figueira Cervo	0	1	1
Priscilla Arigoni Coelho	1	0	1
Rachel de Melo Vellozo Pereira	0	1	1
Rafael Barcelos Santos	1	0	1
Raimundo Nonato Macedo dos Santos	1	0	1
Renata M.A. Baracho	1	0	1
Renata Regina Gouvea Barbatho	1	0	1
Renato Fabiano Matheus	0	1	1
Renato José da Silva	1	0	1
Rene Faustino Gabriel Junior	0	1	1
Ricardo Crisafulli Rodrigues;	1	0	1
Ricardo Tescarolo	0	1	1
Rildo Ferreira Coelho da Silva	1	0	1
Robson Garcia Formoso	1	0	1
Rodolfo Coutinho Moreira Xavier	0	1	1
Rodrigo Costa Japiassu	1	0	1
Rodrigo Fileto Cuerci Maciel	0	1	1
Rodrigo Sales	0	1	1
Roge Cavalcante da Silva	0	1	1
Ronaldo Martins	0	1	1
Ronhely Pereira Severo	0	1	1
Rosa Inês de Novais Cordeiro	1	0	1
Rosali Fernandez de Souza	1	0	1
Rosilene P.M. de Sousa	1	0	1
Rubenildo Oliveira da Costa	0	1	1

Rubens Ribeiro Gonçalves da Silva	1	0	1
Rúbia Martins	1	0	1
Sabrina Martins	0	1	1
Samir E.K. Lion	1	0	1
Selma Letícia Capinzaiki Ottonicar	1	0	1
Sely Maria de Souza Costa;	1	0	1
Silvana A. Borsetti Gregório Vidotti	1	0	1
Simone Alves da Silva	1	0	1
Simone Faury Dib	1	0	1
Sonia Aguiar Cruz-Riascos	1	0	1
Sonia Cristina Bocardi de Moraes	1	0	1
Suely Henrique de Aquino Gomes	0	1	1
Suênia Oliveira Mendes	0	1	1
Taiguara Villela Aldabalde	0	1	1
Tamas Ribeiro Coelho de Souza	1	0	1
Tamires Neves Conceição	1	0	1
Tânia Chalhub	1	0	1
Tania Peña Vera	1	0	1
Tarcisio Zandonade	0	1	1
Tathiane Amaral Marques	0	1	1
Tatiana Quadro e Silva	1	0	1
Thatiana Amaral de Barcelos	1	0	1
Thays Lacerda Ferrando	1	0	1
Valmira Perucchi	1	0	1
Vanessa Alves Santana	1	0	1
Vanessa Zampier Marques	1	0	1
Vera Lucia Dodebei	0	1	1
Vinicius Bezerra	0	1	1
Vitória Gomes Almeida	0	1	1
Viviane Couzinet	0	1	1
Wagner Vasconcelos	1	0	1
Welder Antônio Silva	1	0	1
Wellington Freire Cunha Costa	1	0	1
Wemyllin Giovana Florencio Andrade	1	0	1
Wendia Oliveira de Andrade	1	0	1
Wesley Augusto Nogueira	0	1	1
William Guedes	1	0	1
Willian Lima Melo	1	0	1
Zeny D. de Miranda	1	0	1

Fonte: Dados da pesquisa, 2018

**APÊNDICE F - Tabela - Relação dos periódicos e frequência de artigos dos 12 autores do recorte**

Periódicos/ Autores	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	Total
Ciência da Informação		2	7	8	10	1	2	1	3	5	16	1	56
Informação & sociedade	2	5	4	3	2	1	2	2	1	7	8	3	40
PBCIB	1	3	1			2	2	2	1		25	3	40
Encontros Bibli	2			1		1	2	1	3	8	6	1	24
Transinformação	1		9	1	2		2			1	6	2	24
Informação & informação	6			1		1	4	1		5	4	1	23
Datagramazero	3		5	3	2			4			2	1	20
Perspectivas em Ciência da Informação	1		1		1		1		3	6			19
InCID	6		2		1		1			3	2	3	18
PontodeAcesso	3					3	1			5	2	2	16
RBBB	5		1	1			1			3	3	2	16
Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação	3	1			1		2	1		1		1	15
Em Questão	1	1	1			1	2			4	3	1	14
Liinc em Revista	1		1	2	2		3	1					10
BRAZILIAN JOURNAL OF INFORMATION SCIENCE	3					1	2			1			9
Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação		1			1					3		4	9
Revista de Biblioteconomia de Brasília			3	2	3								8
Biblionline (João Pessoa)										2	4	1	7
Informare (Rio de Janeiro)					5			2					7
Folha de Rosto										1	1	4	6
Logeion: Filosofia da Informação	1		2							1	1	1	6
Múltiplos Olhares em Ciência da Informação										1		5	6
Revista ACB			1							3		2	6
Contrapontos			5										5
Informação arquivística	1					1	1		1	1			5
Informação em Pauta					1					4			5
Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação						1	2				2		5
Tempo Brasileiro	1			1	1			1		1			5
Ciência da Informação em Revista		2									2		4
Investigación Bibliotecológica			1	1			1					1	4
Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro								4					4
Sciences de la Société (Toulouse)	1							3					4
Acervo: Revista do Arquivo Nacional						1	2						3
Agora (Florianópolis)						2					1		3
Biblos (Rio Grande)										2		1	3
Educação Temática Digital			3										3
Ibersid (Zaragoza)							1		2				3
Inclusão Social				1	1						1		3
Morpheus (UNIRIO)				1	1			1					3
Revista Conhecimento em Ação			1								1	1	3
Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG			2	1									3

Revista do Mestrado Profissional Gestão em Organizações Aprendentes										3		3
Revista Museologia & Interdisciplinaridade							1		2			3
Scire (Zaragoza)			1		1			1				3
Archeion online										2		2
Archival Science						1	1					2
Biblios (Lima)							1				1	2
Cenário Arquivístico							2					2
Ciência & Saúde Coletiva					2							2
Ciencias de la Informacion Idict - Havana Cuba			1		1							2
Knowledge Rganization	2											2
Páginas A & B. Arquivos & Bibliotecas						1						2
Patrimônio e Memória (UNESP)						1	1					2
Perspectivas em Gestão & Conhecimento									1		1	2
RBPG						1	1					2
Reciis (Edição em português)				1					1			2
Revista Brasileira de Educação em Ciência da Informação	1									1		2
Revista Brasileira De História						1	1					2
Revista FSA (Faculdade Santo Agostinho)		2										2
Alcance (UNIVALI)			1									1
Alceu (PUCRJ)									1			1
Alexandria (Peru)										1		1
Arquivo Boletim Histórico e Informativo				1								1
Arquivo e Administração							1					1
Biblioteca Escolar em Revista											1	1
Bibliotecas. Anales de Investigación									1			1
Ciência da Informação, Lisboa							1					1
Ciência e Cultura			1									1
Ciências & Cognição (UFRJ)									1			1
Comma: International Journal on Archives							1					1
Communicare (São Paulo)									1			1
Comunicação & Comunidade										1		1
Comunicação & Educação			1									1
Comunicação & Inovação									1			1
Comunicações (Piracicaba)			1									1
Convergências em Ciência da Informação											1	1
Cultura em Recorte: Revista Eletrônica de Museologia e Ação Cultural											1	1
E-Com (Belo Horizonte)									1			1
Educação Unisinos			1									1
Educere et Educare										1		1
Geraes (UFMG)									1			1
Infodiversidad (Buenos Aires)				1								1
Infolac				1								1
Informação & Tecnologia (Itec)										1		1
Informação@Profissões								1				1

Interface (Natal)											1	1
Interface. Comunicação, Saúde e Educação										1		1
International Review of Information Ethics	1											1
IP (Belo Horizonte)						1						1
Jornal das Bibliotecas				1								1
Libri (Copenhagen)										1		1
Memorandum (Belo Horizonte)							1					1
Museologia e Interdisciplinaridade				1								1
Museologia e Patrimônio									1			1
Percursos			1									1
Prisma.Com										1		1
Proceedings	1											1
Quadrilátero						1						1
Revista Analisando em Ciência da Informação									1			1
Revista Anistia Política e Justiça de Transição						1						1
Revista Arhivelor						1						1
Revista Cesumar									1			1
Revista Comunicações										1		1
Revista da Unipe		1										1
Revista de Administração Municipal (Rio de Janeiro)				1								1
Revista de Bibliotecologia, Arquivologia e Informaciones					1							1
Revista de Biblioteconomia e Comunicação						1						1
Revista de Cultura do Pará				1								1
Revista de Educação (Campinas)			1									1
Revista de História (UFES)						1						1
Revista de La Escuela Universitaria de Bibliotecologia y Ciencias Afines			1									1
Revista do Arquivo						1						1
Revista do Livro				1								1
Revista EDICIC										1		1
Revista Educação e Ensino (USF)			1									1
Revista Fermentario			1									1
Revista Gestão e Tecnologia									1			1
Revista Interamericana de Bibliotecologia											1	1
Revista Internacional de Ciencias Sociales Interdisciplinarias										1		1
Revista Internacional de Estudos Políticos					1							1
Revista Online da Biblioteca Prof. Joel Martins			1									1
Revue D'etudes Benthamiennes							1					1
Rumores (USP)						1						1
São Paulo em Perspectiva			1									1
Sapere Aude			1									1
Signo y Pensamiento					1							1
Sociedad de la información										1		1

Universidade e Sociedade (Brasília)												1	1
Verso e Reverso (São Leopoldo)										1			1

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.